

A Nossa
Universidade

Colégio dos Jesuítas
Rua dos Ferreiros - 9000-082, Funchal

Tel: +351 291 209400
Fax: +351 291 209410
Email: gabinetedareitoria@uma.pt

DM

A Herança das Bordadeiras Madeirenses da Ribeira Brava
Contributo para o estudo de um património linguístico regional e local

Andreia da Silva



A Herança das Bordadeiras Madeirenses da Ribeira Brava
Contributo para o estudo de um património linguístico regional e local

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

Andreia da Silva

MESTRADO EM ESTUDOS REGIONAIS E LOCAIS


UNIVERSIDADE da MADEIRA
A Nossa Universidade
www.uma.pt

Setembro | 2015

DIMENSÕES: 45 X 29,7 cm

PAPEL: COUCHÊ MATE 350 GRAMAS

IMPRESSÃO: 4 CORES (CMYK)

ACABAMENTO: LAMINAÇÃO MATE

NOTA*

Caso a lombada tenha um tamanho inferior a 2 cm de largura, o logótipo institucional da UMA terá de rodar 90°, para que não perca a sua legibilidade/identidade.

Caso a lombada tenha menos de 1,5 cm até 0,7 cm de largura o layout da mesma passa a ser aquele que consta no lado direito da folha.



A Herança das Bordadeiras Madeirenses da Ribeira Brava

Contributo para o estudo de um património
linguístico regional e local

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

Andreia da Silva

MESTRADO EM ESTUDOS REGIONAIS E LOCAIS

ORIENTADOR

Maria Helena Dias Rebelo



**A Heranças das Bordadeiras Madeirenses da Ribeira Brava.
Contributo para o estudo de um património linguístico regional e local.**

Dissertação de Mestrado

Andreia da Silva

Mestrado em Estudos Regionais e Locais

Orientadora

Maria Helena Dias Rebelo

Setembro de 2015

Canção ao bordado ¹

As mulheres do Campanário
Tinham a sua tradição
Dedicavam o seu tempo
Bordando trabalhos à mão.

Juntavam-se as vizinhas
Iam a uma casa bordar,
Amanhã iam a outra
No outro dia a outro lugar.

Falavam das suas vidas
E também da vida alheia,
À tarde vinham p'ra casa
Para fazer a ceia.

Cantavam ao despique
Para passar o tempo,
Não faltavam frases cómicas
E falavam no casamento.

Todas as mulheres bordavam
De cá de baixo até à Serra,
Com isto contribuíam
P'ra boa fama da terra.

Hoje os tempos são outros
Os bordados estão a acabar,
As raparigas buscam emprego
Para mais dinheiro ganhar.

Às raparigas de agora
Um conselho vamos dar,
Para o bordado não morrer
Aprende a bordar.

Tipos de bordado

As mães ensinavam às filhas
A linda arte de bordar
Para bordarem o “dote”
Para quando se casar.

Rapariga que estás a bordar
Borda esse caseado,
Borda-o bem feitinho
Que vai ser apreciado.

E também o richeliu
Que depois de recortado,
Fica um trabalho perfeito
Só parece um arrendado.

E então as estrelas abertas
Garanitos e ponto fechado,
Bastido e pespontos
São os nomes dos bordados.

Bordas toalhas para a mesa
Para a sala os naperons,
O lençol para o casamento
Ficam bonitos e bons.

Bordas o vestido de noiva
Toalha e fato para batizar,
E fatinhos para o bebé
E paninhos para o teu lar.

És uma noiva cuidadosa
Outras deviam de imitar,
Mas as raparigas de agora
Não querem a arte de bordar.

1 Composições originais de Margarida Rodrigues, copiadas de: GONÇALVES, João Luís Rodrigues, (2004), Campanário – A freguesia e sua gente (1.ª edição), Campanário, edição da Junta de Freguesia do Campanário, p. 126. (A escrita respeita o original).

Agradecimentos

Foram muitos os que, de variadas formas, contribuíram para este trabalho. Muito obrigada a todos! Como não poderia deixar de ser, há que realçar as pessoas que estiveram sempre presentes nesta caminhada e que ajudaram a torná-la possível:

- Um enorme agradecimento à minha orientadora, Doutora Helena Rebelo, por todo o acompanhamento e os sábios conselhos. Este trabalho é nosso!
- À minha família: pai, mãe, Simone, Arlindo e avó Maria, de quem senti um apoio incondicional e ouvi sempre uma palavra de incentivo. Agradeço-vos por tudo!
- Ao Licínio, por toda a disponibilidade demonstrada e pela atenção: obrigada!
- A todas as pessoas que me ajudaram a contactar com as informantes e às próprias: Muito obrigada pelos contributos! Sem vocês este trabalho não teria o mesmo rumo.
- Obrigada também aos que, representando instituições, facultaram informações, que, de outra maneira, não conseguiria obter:
 - ao D.^r Paulo Bairos, do Instituto do Vinho, do Bordado e do Artesanato da Madeira (IVBAM);
 - à representante sindical Ana Paula Rodrigues, do Sindicato Nacional dos Empregados e Operárias da Indústria de Bordados da Madeira;
 - à D.^{ra} Margarida Gonçalves, da Direcção de Serviços de desenvolvimento Rural – Secretaria Regional do Ambiente e Recursos Naturais;
- Quero ainda agradecer a Filipe Campos, Conceição Martins, Sara Gonçalves, Hilda Rodrigues e Orlanda Macedo.

Dedicatória

Mãe, Simone e avó Maria,
dedico-vos este trabalho
porque foram o ponto de partida,
e nunca me abandonaram até à meta.
Muito obrigada por me ajudarem em tudo e sempre!

Resumo

O Bordado da Madeira representa um património cultural regional inigualável e transporta com ele uma riqueza linguística que importa estudar. São as mulheres que transmitem este saber de mães para filhas, há já várias gerações. No ano de 1924, a indústria dos bordados contava com aproximadamente 60 000 bordadeiras (cf. Decreto-lei n.º 25:643, 1935: 1042). Em 2013, uma estimativa apresentada pelo Instituto do Vinho, do Bordado e do Artesanato da Madeira aponta para um total de 3 376 bordadeiras de casa em toda a Região Autónoma da Madeira. Este dado revela que a profissão de bordadeira de casa, como muitos ofícios artesanais, hoje esquecidos, poderá, nos tempos vindouros, extinguir-se. Com este provável desaparecimento, apagar-se-ão vivências, histórias, canções, quadras, expressões e termos específicos desse labor. Estará em causa toda uma herança que merece ser conservada para as futuras gerações da comunidade.

Assim, para conservar esse rico património regional, com o presente trabalho, realizamos uma recolha do património cultural imaterial que o Bordado da Madeira constitui, com particular incidência linguística. Concebemos um glossário com todos os termos recolhidos no trabalho de campo, quer junto das informantes, quer através de bibliografia consultada. Circunscrevemos esta pesquisa a um dos concelhos onde se mantém um grande número de bordadeiras de casa, o da Ribeira Brava. Embora delimitado geograficamente, por imperiosa necessidade metodológica, o tema é bem mais vasto. Como se depreende, o assunto é motivador e levanta diversas questões que o impulsionam. Qual o papel da bordadeira de casa no século XXI? Será uma profissão com futuro? Há oportunidades para as jovens se interessarem por este ofício artesanal? Podem fazer dele uma profissão ou tornar-se-á uma ocupação de tempos livres? Que conhecimentos e saberes têm as novas gerações? Importará, portanto, recolher dados junto de diferentes gerações, para entender o nível de desaparecimento deste património cultural e linguístico.

Palavras-chave

Bordado da Madeira; Bordadeira (de casa); Património cultural e linguístico; Património imaterial; Ribeira Brava.

Abstract

The Madeira Embroidery is a cultural heritage of the archipelago, which is unique and carries with it a linguistic wealth to be analysed. Women are the ones who transmit this knowledge, which pass from mothers to daughters for generations. In 1924, the industry of embroidery had approximately 60.000 embroiderers (*cf.* Decreto-lei n.º 25:643, 1935: 1042). In 2013, an estimate given by the Instituto do Vinho, do Bordado e do Artesanato da Madeira points to a total of 3376 home embroiderers throughout the Região Autónoma da Madeira. This data reveals that the profession of home embroiderer, as many others handmade crafts now forgotten, may be extinguished. A long with this disappearance, experiences, stories, songs, courts, expressions and specific terms of this labour will be erased. This will put in jeopardy a whole heritage that deserves to be preserved for future generations of the community.

Therefore, to preserve this rich regional heritage, the present research gathered some important information about the Intangible Cultural Heritage that Madeira Embroidery represents, focussing mainly in a linguistic aspect. We created a glossary of all the terms collected in the field work, either from the ones who informed us, or that were mentioned through the bibliography. We confined this research to one of the counties (“concelhos”) where it remains a large number of embroiderers, Ribeira Brava. Although geographically delimited by imperious methodological necessity, the theme is much broader. As implied, it is motivating and raises some questions that propel it. What is the role of the house embroiderer in the twenty-first century? It is a profession with a future? Are there opportunities for young people interested by this handmade craft? Can they turn it a profession or will just become an occupation of leisure? What knowledge and learning will new generations have? Therefore, collecting data from different generations is important to understand the degree of extinction of this cultural and linguistic heritage.

Keywords

Madeira embroidery; Embroiderer (home's); Cultural and linguistic patrimony; Intangible heritage; Ribeira Brava.

Índice

Introdução	2
Capítulo I – Bordado da Madeira: Uma revisão bibliográfica	11
1. Ponto da situação	11
1.1 Síntese histórica	13
1.2 Definição dos conceitos de “bordadeira” e “bordadeira de casa”	19
1.3 As condições profissionais da bordadeira de casa	24
1.4 O Bordado da Madeira: um património em vias de extinção?	30
2. A realidade do Bordado da Madeira em números	35
2.1 Alguns dados estatísticos	36
Capítulo II – Uma investigação a partir da Ribeira Brava	46
1. Descrição Metodológica	46
2. Trabalho de campo, informantes e recolha de dados	50
2.1 Algumas vivências: materiais a valorizar	55
3. Um breve cancionero	58
4. Glossário do Bordado da Madeira	64
4.1 Organização e conteúdo	65
4.2 Entradas alfabeticamente ordenadas	69
Capítulo III – Análise dos materiais sistematizados	123
1. Análise geral do glossário	124
2. O futuro do Bordado da Madeira	140
Conclusão	151
Referências Bibliográficas	156

Introdução

O presente estudo é realizado no âmbito do Mestrado em Estudos Regionais e Locais, da Faculdade de Artes e Humanidades da Universidade da Madeira. Intitulado *A Herança das Bordadeiras Madeirenses da Ribeira Brava: Contributo para o Estudo de um Património Linguístico Regional e Local*, o nosso trabalho pretende dar a conhecer um grupo profissional que, apesar de pouco referido e estudado, é essencial na construção de um produto artesanal que leva e representa a Região Autónoma da Madeira (por diante RAM) um pouco por todo o mundo, o Bordado da Madeira. Falamos, obviamente, das mulheres que se dedicam à arte de bordar, ou seja, as bordadeiras. Para haver alguma precisão terminológica, subdividimos este grupo profissional em dois, tendo em conta o tempo de dedicação ao bordado. É, por isso, necessário distinguir a “bordadeira” (termo genérico): a mulher que borda e a “bordadeira de casa” (termo específico): a bordadeira profissional. A primeira faz do bordado uma ocupação durante o tempo livre, enquanto a segunda o encara como profissão exercida “em casa” e para qualquer “casa de bordados”. Para facilitar, algumas vezes, ao longo do nosso trabalho, juntamos os dois termos, reduzindo-os a: “bordadeira (de casa)”. Quando tal se verifica, significa que corresponde tanto à mulher que borda por lazer, como à que faz desta ocupação profissão. Estas artesãs fazem parte da nossa cultura, marcando a nossa tradição regional e local, sejam ou não profissionais.

Desde muito cedo que assistimos ao trabalho intensivo e exigente de algumas bordadeiras de casa. Bordavam quando podiam e, sobretudo, nos intervalos entre outras actividades. Sempre tivemos curiosidade em conhecer mais de perto a realidade das bordadeiras (de casa) madeirenses. Através de uma comparação geral, pretendíamos saber se, nas diferentes freguesias do concelho, têm os mesmos hábitos e métodos, havendo alguma ligação entre elas. Este tema era uma motivação prévia para o aprofundamento dos Estudos Regionais e Locais.

No primeiro ano do mestrado, nomeadamente na unidade curricular de Património Linguístico, tivemos a oportunidade de começar essa caminhada. Contactámos com três bordadeiras (de casa) da mesma família, mas de gerações diferentes. Iniciámos uma recolha sobre a sua linguagem e o seu saber (fazer e dizer), envolvendo a transmissão dos aspectos culturais, de geração em geração. Numa primeira fase, os dados obtidos junto dessas três informantes, foram suficientes para considerarmos haver matéria para um trabalho mais desenvolvido. Contudo, tratava-se

de uma especulação que só seria comprovada ao fim de algum tempo de pesquisa. Podíamos não encontrar informantes ou, até mesmo, concluir que pouco haveria acrescentar ao trabalho já realizado, não conseguindo, assim, material suficiente para esta dissertação. Prosseguimos, no entanto, e o presente estudo é uma continuação da investigação previamente realizada, que nos deu tanto gosto concretizar. Para a dissertação alargamos as metas e os objectivos. De uma família, passamos para várias, mas limitamo-nos ao concelho da Ribeira Brava, por razões metodológicas óbvias. Aproveitamos os dados que já havíamos conseguindo junto das mulheres que foram o ponto de partida para este estudo, as três bordadeiras (de casa) de um local do Campanário: Lugar da Serra.

Consequentemente, são nossos objectivos: Compreender a importância dos conhecimentos e saberes linguísticos das bordadeiras (de casa) madeirenses oriundas da área da Ribeira Brava para o património madeirense; Conhecer a herança patrimonial das bordadeiras (de casa) madeirenses do concelho da Ribeira Brava e conservar, por meio do registo escrito, algum património linguístico, manifestamente cultural e histórico, das bordadeiras (de casa) deste concelho madeirense; Estudar o património linguístico destas bordadeiras da área geográfica circunscrita, para preservar a sua herança, a parte que dela ainda existe.

O trabalho tem uma vertente prática pelo contacto directo com bordadeiras (de casa) de diferentes gerações, e uma vertente teórica, –resultante, em grande parte, da consulta da bibliografia existente. Organizamos tudo o que fomos conseguindo recolher, saber e aprender em três capítulos principais. No primeiro, está patente uma leitura pessoal, através da revisão bibliográfica, do que existe referente ao Bordado da Madeira e às bordadeiras (de casa). Há uma contextualização da história do Bordado da Madeira e a definição do conceito de “bordadeira (de casa)”. As conquistas sociais e económicas alcançadas por esta classe de trabalhadoras, que ficaram registadas em legislação, são aspectos abordados a partir da bibliografia consultada. Incluímos, ainda, neste capítulo alguns números relativos às bordadeiras de casa, sobre os quais acabamos por centrar um pouco a nossa atenção.

Optamos por dedicar o segundo capítulo aos dados recolhidos junto das informantes, expondo a metodologia utilizada e descrevendo o trabalho de campo. Compilamos dois tipos de herança com os materiais conseguidos. Há, por um lado, os elementos do património cultural e linguístico (um breve cancionero) e, por outro, o léxico específico da arte de bordar, partindo da Ribeira Brava para todo o arquipélago, o

que hoje pensamos ser inevitável. Organizamos com esse material um glossário sobre o Bordado da Madeira. A informação que o antecede explica todo o processo seguido para a sua construção.

A análise global dos materiais sistematizados é feita no terceiro capítulo. Aí, reflectimos sobre os dados recolhidos e que integram o capítulo II, essencialmente o léxico do glossário, já que os dados do cancionero se revelaram em número insignificante. Tratamo-los de forma qualitativa e quantitativa. Procuramos também responder a algumas questões inicialmente colocadas, como as seguintes: Relativamente ao bordado, que conhecimentos e saberes têm, no presente, as novas gerações, as netas das bordadeiras (de casa) da Ribeira Brava? Há interesse institucional para as jovens da Ribeira Brava se dedicarem ao bordado? Que oportunidades lhes são oferecidas? Se o desejarem, podem fazer dele uma profissão ou tornar-se-á uma ocupação, apenas, de tempos de lazer? Qual o papel da bordadeira madeirense no século XXI? Será uma profissão com futuro? Extinguir-se-á como a de boieiro, borracheiro, etc?

Face a este questionamento importa saber qual a importância do nosso estudo? Em qualquer trabalho, é indispensável questionar a sua necessidade e, claro, a pertinência do mesmo. O nosso estudo, como anteriormente referido, é uma opção concebida e desenvolvida por gosto. Fazemo-lo, todavia, porque achamos que é imprescindível. Não havendo nenhum estudo do género, julgamos que é pertinente. Além disso, as bordadeiras (de casa) merecem este reconhecimento. Estamos perante mulheres que dedicam a vida a bordar e que assistem gradualmente, ao desaparecimento da profissão, pelo menos na opinião da maioria. São representantes da nossa cultura, do que foi e que, embora com menos frequência, ainda é comum em alguns pontos da RAM, no dia-a-dia das mulheres. Por tudo o que passam e pelo que sai das suas mãos, uns bordados inigualáveis espalhados por todo o mundo, merecem a nossa pequena homenagem. Esta investigação é apenas um contributo que esperamos ser inspiradora para outros se dedicarem ao estudo da RAM, nomeadamente do que está em risco de se perder. Pretendemos com ela contribuir para o registo de aspectos que devem ser conservados, uma vez que fazem parte do património cultural e imaterial, incluindo linguístico, do Arquipélago da Madeira.

A propósito, o que entendemos por “património”? Este termo é constituído por bens materiais e imateriais que, pela sua importância, devem ser preservados, por forma a manter as histórias a ele associadas e, conseqüentemente, a identidade de um povo. O “património” pode ser de carácter natural e cultural. A Organização para a

Educação, Ciência e Cultura das Nações Unidas (por diante UNESCO), em 1972, redige a “Convenção Geral para a Protecção do Património Mundial, Cultural e Natural”, que determina quais os Patrimónios classificados como Naturais ou Culturais que podem ser incluídos como Património Mundial. Segundo a UNESCO, o Património Cultural pode ser formado por “monumentos”, “conjuntos” de edifícios ou “locais de interesse”. Na continuidade da preservação do património e pela melhor regulamentação e maior abrangência, em 2003, o conceito de “imaterial” é defendido e aprovado como parte de uma cultura que deve ser preservada, respeitada e deve também sensibilizar os demais para a sua representatividade e as histórias a ele associadas. Como explicado no ponto 2 do artigo 2.º desse documento, depreende-se fazerem parte do sentido de “imaterial”: “artes do espectáculo”, “práticas sociais, rituais e actos festivos”, “conhecimentos e usos relacionados com a natureza e o universo” e “técnicas artesanais tradicionais”. É, ainda, incluída nessa definição a vertente oral: “tradições e expressões orais, incluindo a língua como vector do património cultural imaterial”. Essa forma de expressão, a oralidade, é uma manifestação da linguagem. Na regulamentação em questão, segundo Rebelo não se verifica uma alusão directa à linguagem, como se comprova com a seguinte citação:

Não ocorre nenhuma referência directa à linguagem. Porém, crê-se que, do Património Imaterial da Humanidade, por constituir uma das principais realidades da actividade humana, fará parte o património linguístico por si só (e não apenas entendido como “vector”). Poderemos, então, falar em Património Linguístico como o conjunto de “bens linguísticos”, incluindo, sobretudo, o léxico, mas não só, herdados e transmitidos de geração em geração, numa determinada comunidade de falantes. (REBELO, 2012: 106)

Tudo o que é considerado “património” é-o porque apresenta um valor excepcional, quer seja cultural ou natural. Nesse sentido, a sua preservação é fundamental. cremos, por isso, que muitos aspectos que nos passam despercebidos têm valor para serem considerados “património”, embora a UNESCO não os registre porque não têm uma dimensão internacional, mas apenas local, regional ou nacional. É o que sucede em parte com o nosso trabalho. Centra-se no estudo das bordadeiras (de casa) da Ribeira Brava, sobretudo no léxico que utilizam e que, pouco a pouco, com o desuso, acabará por desaparecer, se a actividade não se mantiver ou se sofrer alterações. Posto isto, pretendemos preservar, por meio do registo, todos os elementos de que tivemos conhecimento e que consideramos serem parte integrante da actividade das bordadeiras (de casa), por nós encarada como património cultural da RAM, mesmo se a pesquisa foi essencialmente realizada no concelho da Ribeira Brava.

A propósito de “património” e, sobretudo, de “património linguístico”, importa saber se haverá uma linguagem própria das bordadeiras (de casa). A sociedade está organizada, umas vezes mais subtilmente que outras, em grupos, sejam estes profissionais, etários, políticos, desportivos, etc. Cada grupo possui formas específicas de interacção. No que diz respeito à comunicação verbal, essa varia segundo os diferentes grupos, caracterizando-se, muitas vezes, por determinadas especificidades. Como se pode ler na seguinte citação, a língua possibilita a interacção entre as pessoas e até entre diferentes grupos, sendo sempre um elemento fulcral na comunicação:

Como se pode depreender, é a língua instrumento bastante capaz, senão quase único, de transmitir e representar todas as situações sociais, culturais, religiosas, enfim, de qualquer âmbito, que são reflexos da vida em comunidade, principalmente das sociedades que se estabelecem na contemporaneidade tão marcada pela tecnologia e cientificismo em que as mudanças e transformações são muito rápidas e velozes. (CAPUTO, s/d: 1)

Considerando este tema, Ferdinand de Saussure (1857-1913), linguista suíço, e Noam Chomsky (1928), linguista americano, são dois nomes incontornáveis, quando falamos de Estudos Linguísticos, no século XX. É no início desse século que a Linguística ganha um estatuto científico e esta mudança associa-se a Ferdinand de Saussure. Para este linguista, há a “língua” e a “fala”. Sendo esta última a manifestação daquela de forma individual, a língua é o objecto de estudo da Linguística. Segundo Saussure:

Separando a língua da fala, separamos numa só vez: 1.º, o que é social do que é individual; 2.º, o que é essencial do que é acessório e mais ou menos accidental. A língua não é uma função do sujeito falante, é o produto que o indivíduo regista passivamente; ela nunca pressupõe premeditação (...) A fala é, pelo contrário, um acto individual da vontade e da inteligência, no qual convém distinguir: 1.º, as combinações pelas quais o sujeito falante utiliza o código da língua em ordem a exprimir o seu pensamento pessoal; 2.º, o mecanismo psicofísico que lhe permite exteriorizar essas combinações. (SAUSSURE, 1971: 41)

A diferença entre “língua” e “fala” é evidente no falar das bordadeiras (de casa) da Ribeira Brava, já que se estuda esta para compreender o código linguístico de que fazem parte os termos relacionados com o Bordado da Madeira. Das dicotomias saussurianas, pode destacar-se, tendo em conta o rumo que tomaremos aqui, a da sincronia e da diacronia, escolhendo essencialmente uma perspectiva sincrónica por centrarmos o estudo no presente e nos dados que é possível recolher nesta altura. Todavia, há algumas excepções por haver termos do Bordado da Madeira, frequentes no passado, que caíram em desuso, mas que ainda são recordados. Estes processos permitem estudar a língua. A “sincronia” remete para o estudo da língua sem ter em consideração o factor tempo, especificando o momento a analisar como se de um

aspecto estático se tratasse. Tanto poderá ser um momento do presente ou do passado. A “diacronia” corresponde exactamente ao oposto, isto é, ao estudo da língua tendo em conta a evolução ao longo do tempo, considerando ser um aspecto activo e que se altera. Para Saussure, o estudo científico da língua é feito, sobretudo, através da sincronia, do estudo específico da língua em determinado momento sem ter em conta o vector temporal. Ainda que considere preferível esta perspectiva, o linguista admite que a língua é um aspecto social, reflexo de relações entre elementos pertencentes a um grupo, o que também se pode associar ao léxico do Bordado da Madeira recolhido. Por estas e outras razões, a abordagem de Saussure é referida como “estruturalista”. Para Noam Chomsky, com uma abordagem dita “generativista”, a linguagem é algo inerente ao ser humano. Trata-se do conhecimento que o indivíduo possui da sua língua a partir do momento em que está capaz de utilizar a linguagem. É algo intrínseco à mente humana, sendo o discurso formado a partir de regras que levam à faculdade de utilizar a linguagem. Noam Chomsky defende que a faculdade da linguagem “deve ser entendida como uma componente particular da mente humana” (CHOMSKY, 1994: 22), afirmando:

Pode-se encarar esta faculdade como um «mecanismo de aquisição da linguagem», uma componente inata da mente humana que origina uma língua particular pela interacção com a experiência vivida, ou ainda como um mecanismo que converte a experiência num sistema de conhecimento atingido: conhecimento de uma ou de outra língua. (CHOMSKY, 1994: 23)

Sintetizando, tanto para Chomsky, como para Saussure, a língua é um aspecto abstracto e, no geral, está desprendida de elementos sociais e históricos (cf., por exemplo, COELHO, GÖRSKI, MAY, SOUSA, 2012: 13-14). Podendo ter o património uma vertente linguística, é indispensável compreender até que ponto factores sociais e culturais são importantes para entender plenamente o que é o “património linguístico”. Embora não seja uma temática directamente relacionada com a Sociolinguística, por estarmos a tratar de um grupo profissional regional bem específico como as bordadeiras (de casa), consideramos interessante fazer um apanhado sobre esta área da linguística, apesar de o nosso tema se prender exclusivamente com o património linguístico. Por isso mesmo, fazia todo o sentido consultar o pensamento de um dos fundadores da Sociolinguística². É com William Labov (1927), nos anos 60, do século XX, nos

² “Ramo da linguística que estuda todos os aspectos da relação entre língua e sociedade como, por exemplo, a identidade linguística de grupos sociais, atitudes sociais em relação à língua, o uso das línguas e as variedades sociais e regionais das línguas. (Fonte: CRYSTAL, D. (1985). A Dictionary of Linguistics and Phonetics. Oxford: Basil Blackwell.)” (MATEUS, XAVIER, s/d: 341).

Estados Unidos, que surge esta disciplina como resposta às teorias de Saussure e Chomsky. “Sociolinguística laboviana”, “Teoria da Variação e Mudança” ou “Sociolinguística Quantitativa” são as várias designações atribuídas à teoria de Labov (COELHO, GÖRSKI, MAY, SOUZA, 2012: 15). Este estudioso não concorda com a separação que Saussure estabeleceu entre “língua”/“fala” e “sincronia”/“diacronia”. Aponta, também, a não ligação de elementos externos à língua defendida pelo modelo saussureano. Quanto ao modelo chomskiano, Labov critica, sobretudo, o considerar-se a língua como homogénea, traduzida por um receptor e um emissor ideais (COELHO, GÖRSKI, MAY, SOUSA, 2012: 21). Segundo William Labov, o aspecto social interfere no estudo da língua. Nesse sentido, é necessário estudar os comportamentos sociais para entender a forma de comunicação e o estabelecimento de relações entre os vários intervenientes dentro de um grupo social. É disso que se ocupa a Sociolinguística, do estudo da relação entre a sociedade e a língua. Assim, as variações acontecem. Se mudam as situações, há um maior contacto com elementos heterogéneos e há variações.

Podemos falar de quatro termos de interesse da Sociolinguística – facilmente confundidos entre si: “variação”, “variedade”, “variável” e “variante”. “Variação” é quando, no mesmo contexto, podem ser utilizadas duas expressões distintas para definir a mesma realidade. Nesses casos, devem respeitar-se duas regras. Deve haver permuta das expressões utilizadas entre as partes envolvidas, mantendo sempre o significado inicialmente atribuído. “Variedade” traduz-se nos vários falares existentes dentro da mesma comunidade. Pode ser o falar de um grupo de uma localidade, de um grupo com relações sociais, geralmente designado por “sociolecto”, ou de um grupo pertencente à mesma faixa etária, também referido como “cronolecto”. A “variável” diz respeito ao elemento da língua em que se verifica a “variação”, já as “variantes” são as partes que individualmente são mutáveis (COELHO, GÖRSKI, MAY, SOUSA, 2012: 24-26). Esta terminologia é genericamente aplicável quando concebemos um glossário, como é o nosso caso nesta dissertação. Há, portanto, todo o interesse em dominar estes termos técnicos recorrentes em vários tipos de estudos linguísticos, mesmo se não sociolinguísticos.

Dado ocupar-se da relação entre a língua e a sociedade, a Sociolinguística está também relacionada com outras áreas do conhecimento, nomeadamente com a Sociologia, a Antropologia e a Geografia Linguística. A ligação à Sociologia deve-se exactamente ao facto de esta se dedicar ao estudo da sociedade, realidade que, com a

interligação à língua, completa o objecto de estudo da Sociolinguística. Já com a Antropologia, que se dedica ao estudo do Homem, a Sociolinguística relaciona-se com ela na maneira como se prolonga o seu estudo, incluindo os aspectos culturais manifestados na língua. A relação entre a Sociolinguística e a Geografia Linguística, que nos interessa sobremaneira, acontece na medida em que se pretendem diferenciar as várias formas de linguagem entre áreas geográficas distintas, delimitando grupos sociais e as respectivas características linguísticas variáveis de área para área, de grupo para grupo. Tudo isso se deve aos factores externos (não linguísticos) que intervêm e modificam os aspectos linguísticos. Uma vez que esses factores são elementos diferenciais entre áreas e grupos provocam a variedade linguística. Nesse sentido, é necessário o seu estudo (e registo) por forma a conhecer e, sobretudo, preservar tais variedades.

Visto que o nosso trabalho se centra num grupo profissional, e consequentemente social, as bordadeiras (de casa), tudo o que foi referido quanto à Linguística tem particular interesse. Sendo a nossa área de estudo a do Património Linguístico, não podemos, no entanto, deixar de ter em conta algumas especificidades da Sociolinguística. Estudamos a forma como um grupo social local e regional interage, tentando encontrar resposta à seguinte questão: Haverá uma linguagem própria das bordadeiras (de casa)? Sendo um grupo, tem as suas próprias formas de interacção que, à partida, se distinguem das de outros, dado a especificidade do trabalho que exerce. Assim sendo, as bordadeiras (de casa) têm de possuir uma linguagem específica, manifestada nos nomes que são atribuídos aos objectos, aos elementos do bordado, às fases do processo de bordar, a todo o ambiente e a todos os procedimentos relacionados com o mesmo (cf. glossário).

Posto isto, cabe-nos ainda referir outras duas disciplinas científicas que têm muita relevância para o estudo do património linguístico, principalmente do léxico, dado irem ao encontro do trabalho que aqui apresentamos. Falamos da Lexicologia e da Lexicografia. A primeira, como a própria designação (De *léxico* + *-logia*) o indica, ocupa-se do estudo científico das palavras (o léxico) pertencentes a uma língua. Esta ciência tem em conta o significado, a forma como as palavras se apresentam e como são utilizadas pelos falantes, procurando encontrar a origem das mesmas. Vejamos a definição de Vilela:

A lexicologia costuma ser definida como a ciência do léxico duma língua. Isto é, a lexicologia tem como objecto o relacionamento do léxico com os restantes subsistemas da língua, incidindo sobretudo na análise da estrutura interna do léxico, nas suas relações e inter-relações. (VILELA, 1994: 10)

A segunda (De *léxico* + *-grafia*) complementa a Lexicologia na medida em que se encarrega da parte documental, ou seja, da organização e da composição do léxico em dicionários, glossários, vocabulários. O objectivo é registar as palavras, as suas variações, as suas variantes, os seus significados, assim como as respectivas ambivalências (cf., por exemplo, SILVA, 1994: 11). Portanto, são duas disciplinas distintas, como podemos observar na definição apresentada no excerto que se segue:

A lexicologia não pode ser confundida também a com a lexicografia, o estudo da descrição da língua feita pelos dicionários, a elaboração de dicionários como aplicação dos dados da lexicologia: redacção de dicionários ou reflexão sobre eles (Cfr. Lewandowski 1982: 208 e s., Berruto 1976: 10 e s.) (VILELA, 1994: 11)

Estas disciplinas também são importantes para a nossa investigação, uma vez que, devido aos dados recolhidos, realizamos um estudo centrado, sobretudo, no léxico. Compilamos, num glossário, o que encontramos e aprendemos com as informantes, mas também com a bibliografia consultada. Inicialmente, a investigação era dedicada apenas às bordadeiras (de casa). Porém, ganha maior abrangência, devido às relações terminológicas que se estabelecem entre o vocabulário das bordadeiras (de casa) e o léxico da indústria do Bordado da Madeira. Todavia, no desenrolar do trabalho, percebemos que, provavelmente, ainda poderá haver mais para registar, compilar e preservar. Contudo, sistematizamos aqui uma considerável quantidade de informação, contando o glossário com mais de 300 entradas. Desde a história do Bordado da Madeira, à própria formação do conceito de “bordadeira de casa”, foram surgindo termos/expressões que achamos por bem considerar e reunir. Dessa forma, tematicamente, dedicamos o nosso glossário ao Bordado da Madeira, partindo da recolha directa, conseguida através do trabalho de campo e da bibliografia consultada, assim como das leituras de textos disponibilizados “*on line*”, um recurso informativo que começa a ser incontornável (cf. Recursos da *Web*).

CAPÍTULO I – Bordado da Madeira: Uma revisão bibliográfica

Uma vez que existem trabalhos dedicados ao Bordado da Madeira, para averiguar se haveria dados relacionados com as bordadeiras (de casa) do concelho da Ribeira Brava, levamos a cabo uma pesquisa geral. Fazemos o ponto da situação da actividade profissional integrada no Bordado da Madeira (cf. Ponto 1). Este capítulo está dividido em dois tópicos principais: “Ponto da situação” e “A realidade do Bordado da Madeira em números”. Para a sistematização, fazemos uma “Síntese histórica” (cf. 1.1) que abarca, em traços gerais, os aspectos mais marcantes da História do Bordado da Madeira. Embora não se descubra nada de específico relacionado com a Ribeira Brava, parece-nos importante dar conta do contexto em que se insere a nossa temática. Segue-se o subponto 1.2 intitulado: “Definição dos conceitos de “bordadeira” e “bordadeira de casa”. A informação referente a esta temática encontrava-se dispersa em arquivos e bibliotecas, e muita dela diz respeito a fontes secundárias, como, por exemplo, artigos de publicação periódica, nos quais, com frequência, as fontes primárias não são referidas. Ficamos, assim, sem saber da veracidade destas matérias. Perante esta situação, recorreremos, especialmente, à legislação para a concretização do subponto 1.3: “As condições profissionais da bordadeira de casa”. No sentido de finalizar esta síntese, impunha-se uma questão que é abordada no subponto 1.4: “O Bordado da Madeira: um património em vias de extinção?”. Consequentemente, no ponto 2, debruçamo-nos sobre o impacto das melhorias legislativamente implementadas e a sua reflexão no número de bordadeiras de casa, incluindo dados para a Ribeira Brava. No subponto 2.1: “Alguns dados estatísticos”, expomos alguns números referentes à quantidade de bordadeiras de casa em diferentes anos e colocamos hipóteses interpretativas para os valores existentes, nomeadamente o seu decréscimo.

1. Ponto da Situação

O que se entende por “Bordado da Madeira”? É falar de uma tradição, uma cultura e um povo, ou seja, um aspecto que representa a RAM e a leva pelo mundo fora. No decreto legislativo regional n.º 7/91/M, julgamos estar a primeira definição para “Bordado da Madeira”:

Entende-se por bordado da Madeira aquele que é totalmente executado à mão e que é possuidor de características específicas baseadas na composição do desenho, nos tipos de ponto e nas matérias-primas utilizadas e cuja produção seja efectuada com observância do disposto no presente diploma. (Decreto legislativo regional n.º 7/91/M, 1991)

Várias são as formas utilizadas para escrever “Bordado da Madeira”. Para exemplos de variantes, dão-se as seguintes: “bordado da Madeira”/“Bordado da Madeira” (s/a, 24-2-1990: 12); “Bordado da madeira” (SANTOS, 2005: 18). Com maiúsculas ou minúsculas, o que se pretende identificar é exactamente o mesmo. Por vezes, a diferença não reside nesse pormenor, mas na ausência do elemento “da” que indica a referência ao nome, neste caso “à Madeira”: “Bordado Madeira” (MARTINS, 7-6-2002: 4); “bordado Madeira” (OLIVEIRA, 2-4-2000: 10). Tal sucede em outras situações como podemos constatar na citação que se segue:

Frequentemente, no arquipélago, a preposição “de” (isolada ou contraída com o artigo) não é usada quando equivale a um genitivo, como sucede em “Porto Moniz” (Porto do Moniz), ‘bordado madeira’ (bordado da Madeira) ou ‘vinho madeira’ (vinho da Madeira). (REBELO, 2014: 643)

Ao longo do nosso trabalho, optamos pela utilização de maiúsculas e da preposição com o artigo: “Bordado da Madeira”. A marca “Bordado da Madeira” foi criada pela Lei n.º 55/90, de 5 de Setembro, e tinha por objectivo: “garantir a origem, a tipicidade e a qualidade do bordado da Madeira, características que o distinguem dos produtos similares existentes no mercado.” (Lei n.º 55/90, 1990). É um facto que, frequentemente, as qualidades deste produto são enaltecidas nos diversos meios de comunicação. Vejamos o exemplo:

(...) o Bordado da Madeira ultrapassa horizontes e vai encantar o mundo, com o seu charme criativo e de peça única de artesanato que se distingue pela sua beleza, tornando-o numa peça artística de valor museológico. O Bordado Madeira fazendo parte do bilhete de identidade de um povo impondo-se como documento histórico, património, memória e irá percorrer gerações sem limites de estratos sociais. (SANTOS, 2005: 21)

Na bibliografia consultada, não existe uma data exacta sobre a época em que os bordados começaram a fazer parte da realidade quotidiana madeirense:

Não se sabe muito bem, quando nem como as ‘vilas’ começaram a dedicar-se a confeccionar o delicado Bordado da madeira mas já em 1572 os bordados da ilha mereciam referência. Gaspar Frutuoso, em ‘Saudade da Terra’, cita a Mulher Madeirense como sendo ‘*exímia em labores sobre panos...*’ (SANTOS, 2005: 18)

Como sugere a referência a seguir apresentada, não se pode indicar que as práticas madeirenses, em que se incluí os bordados e outras actividades, são totalmente originárias da RAM:

Estamos cientes de que é ousado falar, à partida, de uma realidade cultural totalmente original na ilha da Madeira. (...), embora haja sem dúvida uma especificidade, resultante da expressão criativa do viver deste povo, que, perante as vicissitudes da história e uma geografia muito peculiar, soube criar um modo sui generis de «perfumar» a existência, transmitindo-o de geração em geração. (FRANCO, SOUSA, 2008: 22)

A nível nacional, sabemos existir várias regiões onde o bordado é uma actividade característica, por exemplo, Castelo Branco e Açores. Contudo, o da RAM parece ter especificidades e não sabemos se se distingue localmente. Apesar da história do Bordado da Madeira já ter sido feita pelo historiador Alberto Vieira (VIEIRA 1999 e 2006) e retomada, pelo menos, em duas dissertações (KLUT, 2003; SANTOS, 2005), importa-nos, no entanto, compreender o que se sabe especificamente sobre o concelho da Ribeira Brava, a área que motiva a nossa investigação no âmbito dos Estudos Regionais e Locais.

1.1. Síntese histórica

Temos de recuar aos primeiros povoadores do arquipélago, pois, com eles, vieram os saberes e as práticas culturais, em que o bordado era ocupação das mulheres, ou melhor de algumas delas. As fidalgas, com suas posses, é que conseguiam comprar as linhas, o linho e todo o restante material necessário para bordar. Contavam com algumas mulheres que as serviam em casa e também as ajudavam a bordar, enquanto outras trabalhavam no exterior. As serviçais destinadas ao exterior, ao verem as outras bordar, e não tendo oportunidade de as acompanhar, devido ao trabalho, acabavam por o fazer sozinhas em casa (IVBAM, Setembro de 2010: 6). Esta actividade era executada nos lares, bordando as donzelas para os seus enxovais. Era, sobretudo, para consumo próprio, servindo, por vezes, também, como ofertas para os mais próximos. As bordadeiras eram as únicas intervenientes no processo, desenhando os seus “riscos” (cf. Glossário: “risco”) para depois os bordarem. Foram os estrangeiros “que em estâncias demoradas em casas e quintas dos madeirenses descobriram o segredo dos labores guardados portas adentro, apaixonando-se” pelas autênticas obras de arte das mulheres que os fizeram (VIEIRA, 1999). Depressa o bordado saiu do âmbito familiar para começar a ser objecto de venda, possibilitando, assim, um pequeno lucro para a bordadeira, que via aumentar o seu rendimento. Vendo aí um negócio, havia quem tentasse, de porta em porta, junto dos estrangeiros, vender o que de melhor fazia. Das arcas (cf. Glossário: “malá”), saíram os mais lindos bordados que tinham passado de

geração em geração. Essas relíquias, até então, eram pessoais, decorativas e familiares. Posteriormente, com as vendas, tornaram-se motivo de esperança de melhores condições de vida.

A 23 de Novembro de 1849, José Silvestre Ribeiro, governador do Funchal, numa tentativa de o arquipélago se assemelhar a países da Europa considerados importantes referências culturais, lembrou-se de organizar uma exposição, convidando todos os artistas da Madeira a nela participar. Essa celebração viria a realizar-se em Abril do ano seguinte. Consta que, a partir dali, foi descoberto o verdadeiro potencial do bordado regional a nível comercial. De 27 a 29 de Junho de 1851, o Bordado da Madeira esteve presente numa exposição em Londres, a convite da Rainha Vitória. Essa participação possibilitou a divulgação do bordado, fazendo sobre ele recair muitos olhares (CLODE, 1970: 32). É, porém, à filha de um comerciante de Vinho da Madeira³, Miss Elizabeth Phelps, que se deve a iniciativa de exportar o bordado, verificando-se, depois, uma procura crescente por este artigo. É o que a seguinte referência indica:

“Miss Phelps, nas suas viagens a Inglaterra levou consigo algumas peças bordadas e ali lançou a semente para um futuro mercado promissor – a pedra basilar duma indústria nova. Assim nasceu a Indústria de Bordados da Madeira.” (PESTANA, 1985: 103)

Estes acontecimentos, entre outros, fazem parte do designado “período inglês” (1859 – 1880). Após esta fase, entre 1880 a 1914, verificou-se, no arquipélago, um predomínio de empresas alemãs, tendo estas sido importantes na indústria do bordado, uma vez que desencadearam uma “revolução” no processo produtivo do mesmo. Esta época é denominada de “período alemão”. Com a Primeira Guerra Mundial, os alemães acabaram por abandonar a região. Todavia, dá-se a chegada de outros negociantes, nomeadamente de sírios, iniciando, assim, o “período sírio”, de 1916 a 1925. Nesses anos, mais precisamente em 1917, devido a uma mudança de condições externas, as exportações realizadas na alfândega do Funchal aumentaram para valores nunca antes registados. Destaca-se, nessas alterações, a posição do governo americano que apenas permitia a importação do Bordado da Madeira, proibindo a de todos os outros mercados. A desvalorização do escudo, foi, também, outro factor fundamental (KLUT, 2003: 18-23). Consta que o bordado atinge o seu pico de prosperidade e desenvolvimento em 1924, enfrentando, após esse tempo, graves dificuldades que advieram de vários

³ Escrevemos “Vinho da Madeira” da mesma forma que “Bordado da Madeira”, com maiúsculas iniciais, uma vez que se trata, igualmente, de uma marca regional.

factores. A concorrência de mercados igualmente produtores de bordados, e com maior mecanização na produção, como os da Alsácia, da Suíça, da Irlanda e da Boémia, contribuiu para esse declínio. A situação económica mundial, debilitada por uma crise, foi outro vector que afectou negativamente a indústria do bordado. (Decreto-lei n.º 25 643, 1935).

Em 1935, com o intuito de restaurar o sector do bordado, no Funchal, é criado o Grémio dos Industriais de Bordados da Madeira (doravante Grémio) através do Decreto-lei n.º 25643. Esta instituição previa agir por forma a trazer, novamente, ao bordado, o sucesso de outrora. Foi discriminado nos estatutos do Grémio o que seria considerado “Industrial de bordados”, para acabar com todos os “vendedores de bordados” sem condições, nem qualidades para o serem. Implementaram-se várias medidas como a obrigatoriedade de o bordado só poder ser comercializado na presença de um selo de garantia (cf. glossário). Pretendia-se, assim, reposicionar o Bordado da Madeira nos mercados e valorizar o trabalho das bordadeiras. Consequentemente, estava a revalorizar-se a indústria dos bordados. Entre os vários fundos que o Grémio possuía, destacamos o Fundo de previdência social (art. 49.º – art. 51.º). Este servia para financiar as progressivas fundações de instituições de carácter corporativo (escolas, cantinas, creches, bairros operários, entre outros) que o Grémio levava a cabo. Destinavam-se a proteger aqueles que dependiam da indústria dos bordados, em momentos de doença, desemprego involuntário e na invalidez, garantindo-lhe também uma reforma. No sentido de beneficiar deste fundo, era necessário estar inscrito no Grémio e exercer funções no sector do bordado. Fazendo parte das receitas do Grémio, era um fundo de carácter permanente, sendo a sua aplicação da responsabilidade da direcção. No capítulo VI do referido decreto, do art.º 69 ao art.º 75, estão descritos os aspectos relativos à bordadeira. Aí, é explicado que: a) serão estabelecidos preços mínimos para a remuneração das mesmas; b) o trabalho se faz acompanhar de um bilhete que deve ser respeitado, sob pena de redução no recebimento; c) podem dirigir-se ao Grémio para efeitos de reclamação, em caso de se sentirem lesadas; d) podem adquirir trabalhos de várias entidades, desde que se comprometam a executá-los nos prazos indicados, e e) devem utilizar os materiais específicos para o trabalho final ser sempre perfeito e sem anomalias.

É em 1937, a 1 de Março, que é fundado, por um conjunto de trabalhadores, o Sindicato dos Trabalhadores da Indústria de Bordados da Madeira. Já na criação do

Grémio, se colocou a necessidade deste sindicato, como se pode verificar na seguinte citação:

Organizado o Grémio dos Industriais, parece lógico que se crie também o Sindicato das Bordadeiras e demais empregados na indústria. Esta última criação não será porém imposta pelo Governo, mas deverá corresponder às naturais aspirações dos interessados. (Decreto-lei n.º 25643, 1935: 1044)

Nesse tempo, dado ser obrigatória a sindicalização, todas as trabalhadoras estavam inscritas. Desse sindicato, apenas faziam parte pessoas que trabalhassem nas empresas, estando excluídas as bordadeiras que trabalhavam em casa porque: “As bordadeiras nem eram contabilizadas pois não eram consideradas trabalhadoras, embora o sector sem elas não conseguisse existir, sendo esta uma verdade que ainda hoje se mantém actual.” (VIEIRA, 2010: 40). A justificação para este facto realça que a bordadeira não tinha subordinação jurídica às empresas. Porém, o sindicato argumentava que: “embora não existisse subordinação jurídica, havia subordinação económica, pois as bordadeiras estavam dependentes das empresas para poderem sobreviver economicamente” (VIEIRA, 2010: 102). A entrada das bordadeiras para o sindicato acontece anos depois da fundação deste, em 1976 (SANTOS, 2005: 32), quando os principais direitos para os que laboravam nas empresas haviam sido conquistados. Unicamente após a Revolução de 25 de Abril de 1974 se verificou uma participação activa das sindicalizadas, que correspondiam a mais de 80% dos trabalhadores do sector. Antes disso, apenas cumpriam formalidades. Nesse ano, o Sindicato passou a chamar-se Sindicato Livre da Indústria de Bordados da Madeira.

Ao longo da história do Bordado da Madeira, diversas instituições foram surgindo e desaparecendo, mas todas equacionaram o lugar da bordadeira no processo produtivo. Inicialmente, não a consideravam como um elo e posteriormente passou a ser considerada um elemento fulcral, como se vê na relação histórica da bordadeira com o grémio, a entidade sindical, os institutos.

Três anos após a extinção do Grémio, que aconteceu em 1974, é criado o Instituto do Bordado, Tapeçarias e Artesanato da Madeira (doravante IBTAM), pelo Decreto Regional n.º 2/77/M. A envolvente deste organismo é, em 1978, aprovada e explicitada no Decreto Regional n.º 7/78/M. Nesse estatuto, apenas um aspecto, o relativo à “produção”, art. 3.º, alínea x)⁴, pode ser direccionado às bordadeiras. Posteriormente, o Decreto Legislativo Regional n.º 23/90/M, acrescentou, no art. 3.º,

⁴ Nesse art. 3.º, alínea x), lê-se: “O IBTAM poderá fixar preços mínimos a pagar à produção.”

alínea r), que os valores mínimos deviam ser revistos todos os anos e que as novas propostas seriam apresentadas ao governo regional para aprovação.

Verificou-se, com o Decreto Legislativo Regional n.º 14/91/M, uma especificação nas competências, em vez de “em preços mínimos a pagar à produção”, consta “a pagar às bordadeiras de casa” [art. 5.º, n.º 1 alínea f)]. No mesmo artigo, n.º 2, alínea d), pode ler-se, também, que era competência do IBTAM a atribuição de prémios de qualidade, não havendo outras indicações sobre este pormenor. Algumas alterações a este decreto surgem em 2004, através do Decreto Legislativo Regional n.º 25/2004/M. Na secção VIII, no artigo n.º 22, vêm enunciadas as competências do Departamento do Bordado e da Tapeçaria. Nas alíneas d) e e), há referência às bordadeiras. Compete, assim, ao IBTAM ter um registo actualizado de quem se dedica a executar Bordado da Madeira e, por meios informáticos, possuir os valores que as bordadeiras recebem para, posteriormente, se apurarem os pagamentos por parte da Segurança Social. Em 2006, este organismo é substituído pelo Instituto do Vinho, do Bordado e do Artesanato da Madeira (doravante IVBAM), resultante da fusão entre o Instituto do Vinho da Madeira e o IBTAM (Decreto Legislativo Regional n.º 18/2006/M). O IVBAM passa a ser o instituto que, nos dias de hoje, pretende dar seguimento ao que até então foi feito nos dois ramos a que está consignado, isto é, o bordado e o vinho. Cabe ao IVBAM propor ao Governo Regional os preços-base a pagar às bordadeiras. No decreto mencionado, em que consta a orgânica desta instituição, é acrescentado que esses valores carecem de audição dos parceiros pertencentes ao sector [art. 7.º, n.º 2 alínea h)]. Os “prémios de qualidade” também são referidos como competência do IVBAM, não havendo outras indicações relacionadas com as bordadeiras. Posto isto, cabe-nos esclarecer o que são os prémios referidos. O Prémio de Qualidade das Bordadeiras de Casa (cf. glossário) é atribuído às bordadeiras de casa por forma a distinguir as que tenham executado um trabalho considerado exemplar, no que diz respeito à concepção do próprio bordado. Esse prémio pretende reconhecer a dedicação das bordadeiras de casa e o seu bom desempenho, incentivando a continuidade desta classe de trabalhadoras. As candidaturas são dirigidas ao IVBAM e podem ser feitas pela própria bordadeira de casa, pela agente ou até pelo industrial. A juntar à apresentação da candidatura (de 1 de Janeiro a 30 de Setembro do ano seguinte), validada mediante a aprovação da entidade receptora que garante a qualidade do trabalho, deve constar o bilhete (cf. glossário) do bordado ou toda a identificação correspondente à bordadeira de casa. A executora da peça, a bordadeira de casa, deverá encontrar-se em actividade, estar inscrita no IVBAM

e residir na RAM. Caso não cumpra estes requisitos e tenha auferido de subsídio de desemprego nos últimos doze meses ou não tenha executado os mínimos anuais da sua actividade, é excluída do concurso. O IVBAM, após receber as candidaturas, dirige-se à casa de cada candidata com o intuito de avaliar o método de execução, bem como a sua qualidade. Esta visita não é previamente anunciada. É designada uma Comissão Técnica que analisa a peça candidata. A primeira classificação atribuída é quantitativa, de 7.00 a 10.00 pontos, sendo a classificação final qualitativa (7.00–8.50: Bom; 8.51–9.50: Muito Bom; ≥ 9.51 : Excelente). Os parâmetros analisados são a “Qualidade de Urdidura”, a “Interpretação do desenho” e a “Qualidade do Ponto de cetim (lançado)”. A vencedora é contactada. Sublinha-se que poderá haver casos em que haja mais do que uma premiada. Nesse acto, são explicados os pressupostos legais, assim como o dia e local da entrega do prémio. O valor pecuniário é estabelecido anualmente, bem como a quantidade de contempladas, dependendo ambos os pontos da capacidade financeira do instituto. As decisões são da responsabilidade do IVBAM e têm de ser aprovadas pelo órgão do governo regional com a sua tutela. Estas informações constam de deliberações internas do IVBAM, disponibilizadas pela própria instituição.

Muito haveria ainda a dizer e a pormenorizar sobre esta temática, mas o que se pretende aqui é apenas uma contextualização das mudanças que o sector foi sofrendo, para, posteriormente as associarmos ao foco do nosso trabalho, a bordadeira (de casa) na Ribeira Brava. Assim sendo, concluímos esta parte com a seguinte citação:

“A história tem influência no desenvolvimento dos bordados, sobretudo os descobrimentos que, conforme sucedeu na literatura e na arquitectura, trouxeram, para este domínio, coloridos e formas novos. Motivos exóticos vieram enriquecer o fundo já existente. Por sua vez, a geografia revela-se nas designações. Muitos géneros são conhecidos pelo nome da região de origem” (GONÇALVES, 1954: 25-26)

Tal sucede com o Bordado da Madeira. Ao longo das diversas fases históricas, mudam as circunstâncias das bordadeiras (de casa), os procedimentos produtivos (formatos, cores, etc.) e as instituições responsáveis por este produto. No entanto, há algo imutável e insubstituível: o seu carácter único, promovido pela mão de quem o executa, isto é, a bordadeira (de casa).

1.2. Definição dos conceitos de “bordadeira” e “bordadeira de casa”

Poderemos dizer tudo o que há a referir sobre a bordadeira numa breve definição? Será difícil. Grande parte dos dicionários contradiz esta ideia, uma vez que as definições apresentadas são realmente muito simples, reduzindo o conceito ao essencial. Socorremo-nos de materiais de consulta geral, expondo algumas entradas apresentadas em dicionários para a definição de “bordadeira”: 1) “s.f. (De *bordar* + suf. *-eira*) Bordador, a, eira Pessoa que faz labores manualmente ou à máquina num tecido, com fio de algodão, lã, seda, ouro...; pessoa que borda. *As bordadeiras da Ilha da Madeira.*” (Academia das Ciências de Lisboa, 2001: 562); 2) “n.f. (masculino bordador) mulher que borda (De *bordar* + *-deira*)” (PERFEITO, *et al*, 2011: 251); 3) “s.f 1. Mulher que executa bordados (...) ETIM rad. do part. *bordado* + *-eira*” (FRANCO, HOUAISS, VILLAR, 2003: 633); 4) “s.f / fem. sing. de bordador – Mulher que borda por profissão.” (PRIBERAM, 2008-2013); 5) “Bordadeira f. Mulher que borda.” (FIGUEIREDO, 1913: 296); 6) “1. Mulher que borda por profissão.” (AURÉLIO, s/d). Obviamente que as entradas apresentadas são meras definições que dão um primeiro contacto com o sentido da palavra. Porém, há tanto para ser dito sobre as bordadeiras e a sua actividade que esperaríamos outras definições e bem mais extensas. É, em parte, com esse intuito que surge o nosso trabalho. Queremos dar a conhecer a realidade das mulheres que bordam. A quem apenas associa a bordadeira à “mulher que borda”, pretendemos mostrar que muito mais há para dizer, incluindo a preservação da tradição considerada, no caso madeirense, como regional. De acordo com a *Nova Enciclopédia Larousse*, “bordadeira” é: “s.f. Pessoa que faz bordados, profissionalmente ou por prazer.” (OLIVEIRA, 1997: 1137). Ao longo do nosso trabalho, referir-nos-emos a dois tipos: “bordadeira” – que borda por lazer, ou quando pode, para consumo próprio ou para terceiros, – e “bordadeira de casa” – que faz disso a sua profissão, trabalhando em casa e para uma casa de bordados. Este último conceito surge explicitamente na legislação madeirense (cf. ponto 1.3). A melhor maneira encontrada para associar estes dois conceitos foi juntando-os em “bordadeira (de casa)”, recorrendo aos parênteses curvos. Usamos esta construção com frequência, na dissertação, porque ambos os conceitos se aplicam às informantes da Ribeira Brava (cf. capítulo. II).

Apesar de nos termos limitado geograficamente ao concelho da Ribeira Brava, encontram-se bordadeiras (de casa) um pouco por toda a RAM. É um facto que as informações existentes não se limitam – salvo, pontualmente, algumas notícias,

reportagens ou até pequenas referências – a uma área concreta. Deste modo, analisamos e utilizamos elementos, quer legislativos, quer bibliográficos, adaptáveis ao nosso estudo, que dizem respeito às bordadeiras (de casa) da RAM. Nenhuma bordadeira (de casa) é igual a outra. Contudo, todas se assemelham porque têm a mesma actividade; utilizam materiais idênticos e sabem executar os pontos de bordar através da “interpretação do desenho” (cf. glossário). Trabalham quando podem e onde podem, acompanhadas ou sozinhas. Embora não haja um regulamento sobre a maneira de bordar, cada uma tem, como é normal, a sua própria forma de o fazer. O aspecto final é que é alvo de análise e prémio. Asseio e boa apresentação são essenciais e imprescindíveis no objecto de trabalho das bordadeiras (de casa).

Esta actividade começou a ser profissão porque as mulheres necessitavam de ganhar algum dinheiro para as despesas e necessidades do lar (cf. 1.1). José Victorino dos Santos, em 1907, no *Boletim do trabalho industrial n.º 5* distingue dois grupos de bordadeiras: “bordadeiras ruraes” e “bordadeiras profissionaes”. Explica que as primeiras se encontram espalhadas pelo “districto”, concentrando-se na costa sul da Madeira, e as segundas são sobretudo residentes em Santa Maria Maior e S. Gonçalo, no concelho do Funchal. Todavia, as diferenças entre estas duas classes não se resumem à zona de residência. Diferem também no estilo de vida que levam e nos rendimentos, sendo a “bordadeira profissional” a que obtém remunerações mais elevadas. A “bordadeira rural” aufere menos que a “bordadeira profissional”, uma vez que, a juntar ao bordado e às actividades domésticas, tem trabalhos agrícolas. Assim sendo, não se dedica à actividade a tempo inteiro. Enquanto a “bordadeira rural” aproveita o tempo que lhe sobra para bordar em casa, a profissional opta por trabalhar na “officina” devido às melhores condições que ali lhe são facultadas: asseio e uma refeição aquando do descanso. Em 1957, Maria da Soledade, não diferenciando tipos de bordadeiras, refere que ao invés do que as pessoas pensam, os bordados não se fazem na fábrica até porque muitas bordadeiras nunca aí entraram. Encontram-se espalhadas pela RAM, laborando em casa, geralmente num espaço exterior da habitação e com companhia, seja de familiares ou vizinhas⁵. A descrição da bordadeira empreendida por Maria da Soledade vai ao encontro do que José Victorino dos Santos designou por “bordadeiras ruraes”. Soledade enfatiza o papel da bordadeira na indústria de bordados, mas considera que tal profissão não está estudada de forma adequada. O que sublinha a relevância do nosso

⁵ Há muitas fotografias, por exemplo, na exposição permanente no IVBAM, que registam esta imagem característica da RAM, utilizada com frequência como promoção do destino (cf. EMONTS, 2015).

trabalho, que pretende ser um contributo para compreender a importância desta profissão no âmbito regional a nível patrimonial. Ao longo dos tempos, a bordadeira foi também conhecida por outras designações: “Bordadeira de campo”, “bordadeiras de casa” e “bordadeiras domiciliárias” ou “bordadeiras domésticas” (SILVA, 1982: 43). A própria legislação contribui para esta diversidade com “bordadeira de campo ou bordadeira doméstica da Madeira e Porto Santo” (Decreto Regional n.º 9/78/M, 1978: 436).

Apesar de, constantemente, utilizarmos o feminino, quando falamos desta classe trabalhadora, há referências concretas a homens que se dedicaram a esta profissão:

Na actualidade, este trabalho é, essencialmente, feminino. A literatura, no entanto, informa-nos de que nem sempre assim foi. Por exemplo a obra de Émile Zola “Le Rêve, da série Rougon-Macquart, cuja acção se situa na Idade Média, tem como fulcro a vida de uma família de bordadores de paramentos litúrgicos. (GONÇALVES, 1954: 21)

No passado, era uma actividade mais facilmente associada aos homens, como demonstra o exemplo: “Ao contrário do que acontecia nos primeiros tempos da prática [sic] (e ainda hoje na China, na Pérsia ou na Turquia) o bordado é geralmente uma tarefa feminina” (OLIVEIRA, 1997: 1137). Todavia, casos houve em que meninos começaram a aprender a bordar para ajudar a mãe e, aos poucos e poucos, foram aperfeiçoando as técnicas, continuando nesta arte. “Sabe aquela música tradicional da Madeira cujo refrão diz: ‘cá em casa todos bordam. E borda o pai, e borda a filha e borda a mãe?’” (s/a, 2015b). Um exemplo disso mesmo é o senhor Agostinho Rodrigues da Silva, mais conhecido por ‘Garanito’, residente na Quinta Grande: «Bordei muito e governei a minha vida com o dinheiro do bordado» (s/a, 2015a: 12). De acordo com a notícia, o IVBAM disponibilizou a informação de que, na base de dados referente a esta profissão, constavam dois senhores “bordadores de casa”. Um deles exerceu a profissão até 1994 e o outro até 1999. A partir daí, não houve outros registos de “bordadores de casa” madeirenses. No sítio do Lugar da Serra, no Concelho da Ribeira Brava, os mais idosos contam que, em tempos, uma senhora, por ter mais filhos do sexo masculino, quando tinha muito trabalho para bordar, colocava um rapaz a ajudá-la. Não se tornou um “bordador”, mas auxiliava a mãe, bordando essencialmente ponto corda (cf. glossário), uma tarefa que se supõe ser do sexo feminino. Não tivemos conhecimento de outros homens que bordassem no concelho a que restringimos a nossa análise, mas, possivelmente, terá havido “com frequência” (s/a, 2015b) outras histórias idênticas. Uma vez que não possuímos informações mais concretas sobre a existência de

bordadeiros, e porque, na legislação, essa realidade é omitida, optamos por privilegiar o mais comum, utilizando o feminino, para a designação geral – a/as bordadeira/s. Contudo, queríamos deixar presente que houve exceções a esta tradição. A questão do género ligado às funções da indústria do Bordado da Madeira foi surgindo no decorrer do trabalho. Pensamos que são essencialmente as mulheres que as exercem mas a legislação contempla o masculino e o feminino, razão pela qual temos em conta as duas possibilidades (cf. glossário).

Prosseguindo com o levantamento de dados para a definição de “bordadeira de casa”, convém procurar informação para a seguinte questão: Como são designadas pela legislação estas trabalhadoras?

Em 1973, com o Decreto-lei n.º 479/73, foi estabelecida uma extensão da caixa sindical de previdência a trabalhadores por conta de outrem, que trabalhassem com algum condicionalismo, diferenciando-se dos grupos profissionais estabelecidos e abrangidos pelo referido decreto. Esta alteração teria que estar regulamentada para cada grupo que fosse incluído, surgindo, no caso das “bordadeiras de campo da ilha da Madeira”, a Portaria n.º 775/73. Segundo este documento, elas passam a usufruir de caixa de previdência, de abono de família do distrito do Funchal e de caixa nacional de pensões, compreendendo algumas protecções como, por exemplo, de doença, invalidez, maternidade, falecimento. É também nesta portaria que as “bordadeiras de campo da ilha da Madeira” são classificadas como todas as mulheres com idade superior a catorze anos, que bordem no seu lar, independentemente da quantidade de empresas a que se destina o seu trabalho ser uma ou mais. No bordar, pode distinguir-se a tela de tudo o que não o seja. Aqui, importa o que não é tela e que a referida “bordadeira de campo da ilha da Madeira” teria de atingir 3250 pontos, “num mês, considerado este como um período de vinte e seis dias” (Portaria n.º 775/73, 1973: 2152).

Alterações à portaria anteriormente apresentada surgem com a Portaria n.º 42/78, que pretendeu incluir “as demais trabalhadoras ligadas ao ramo de bordar” que não haviam sido abrangidas: “bordadeira de casa” (“bordadeira manual de bordados da Madeira”; “bordadeira manual de tapeçaria – tela”⁶; “outras bordadeiras manuais”⁷),

⁶ É “a trabalhadora que borda sobre tela, com o auxílio de agulhas, segundo os modelos originais e que utiliza vários tipos de pontos consoante a obra a executar (ponto grado, miúdo, goblin, alemão e tramé).” (Portaria n.º 42/78, 1978: 431)

⁷ Aquelas que “executam trabalhos apenas em lã e outras fibras com o auxílio de agulhas (tricot).” (Portaria n.º 42/78, 1978: 431)

“filteira”⁸ e “costureira”⁹. No que diz respeito à “bordadeira de casa”, a “bordadeira manual de Bordados da Madeira”, ela continua a necessitar de ter mais de catorze anos, executar o trabalho manualmente, seguindo um desenho, previamente estampado, de acordo com as indicações estabelecidas no que concerne às linhas, às cores e aos pontos. O tecido deverá ser um dos seguintes: algodão, fibras sintéticas ou artificiais, lã, linho, organdi ou seda natural. Verificou-se ainda uma alteração quanto à remuneração. Em vez de esta ser baseada nos 3250 pontos mensais, passa a ser mediante uma percentagem incidente sobre o montante recebido e pago, no valor de 2% para as trabalhadoras e de 6% para as empresas. Por dia, será tido como valor assente o salário de 30\$00 para cálculo dos benefícios monetários. Novas mudanças são fixadas pela Portaria n.º 83/79 e indicam que o regime especial atribuído às bordadeiras de casa é novamente alterado, correspondendo ao que é aplicado no geral. De acordo com a Resolução n.º 2137/86, tendo em conta a remuneração, as empresas contribuem com 9,5% para o Centro Regional de Segurança Social e da Caixa Nacional de Pensões e as trabalhadoras, em que se incluem as bordadeiras, descontam 2%.

Por tudo o que ficou descrito, o conceito de “bordadeira” ultrapassa as breves definições registadas nos dicionários. A legislação é um recurso muito rico para compreender a complexidade de que se reveste. Será, provavelmente, por isso que foram surgindo múltiplas variantes para ir explicando as especificidades desta actividade, nomeadamente quando relacionada com o Bordado da Madeira. Sem qualquer dúvida que a designação de “bordadeira de casa” foi aquela que se foi impondo para a profissional desta indústria que executa o bordado. Todavia, quisemos contemplar a noção genérica de “bordadeira” na nossa temática (cf. título: *A Herança das Bordadeiras Madeirenses da Ribeira Brava*), já que nem todas as informantes das três gerações de bordadeiras gravadas são bordadeiras profissionais (cf. explicação para a opção gráfica de “bordadeira (de casa)”). Para compreender certos detalhes relacionados com a bordadeira de casa em particular, interessa, agora, esmiuçar a legislação regional relacionada com esta trabalhadora. A motivar a pesquisa estão essencialmente duas questões: Quais os direitos e deveres desta classe trabalhadora? Quais as alterações ocorridas ao longo dos anos?

⁸ É “a trabalhadora que à volta de tecidos variáveis enrola bainhas usando para isso linhas da mesma côr do tecido e agulhas especiais.” (Portaria n.º 42/78, 1978: 431)

⁹ É “a trabalhadora que coze e arma à máquina peças de tecidos já bordado ou estampado.” (Portaria n.º 42/78, 1978: 431)

1.3. As condições profissionais da bordadeira de casa

Em 1924, estima-se existirem 60 000 bordadeiras. Em 1975, são apenas 20 000 bordadeiras. A crise económica, então vivida, agrava a situação destas mulheres que já lidavam com muitas dificuldades. Com os baixos rendimentos, verifica-se uma quebra no consumo do bordado, o que tem impacto na mão-de-obra, isto é, na bordadeira (de casa), que auferе cada vez menos: “remunerações infra-humanas” (Resolução do Conselho de Ministros, 1975). Perante isso, faz-se valer a Resolução do Conselho de Ministros de 1975 que pretende desenvolver formas de reorganizar o sector para promover o trabalho da “bordadeira de campo”¹⁰. Daí, surge a atribuição, pelo Gabinete de Gestão do Fundo de Desemprego, de um subsídio no valor de 50 000 contos, gerido, depois, pela Junta de Planeamento da Madeira. A vida da bordadeira de casa cruza-se constantemente com questões económico-financeiras, o que se comprova nas conversas tidas com as informantes. Na legislação, destacam-se duas problemáticas, a do pagamento das linhas e a possibilidade de ter subsídio de desemprego. Sublinham-se também os direitos e deveres da bordadeira de casa expressos pela primeira vez em decreto.

Uma das principais dificuldades das bordadeiras de casa prende-se com as linhas necessárias para a execução do trabalho. Durante muitos anos, são pagas pela própria bordadeira de casa e foi precisa legislação para alterar este facto. Entre 1976 e 1987, trava-se uma grande batalha para uma substancial melhoria na vida da bordadeira de casa. Referimo-nos às tentativas de acabar com a situação de ela ter de pagar as linhas para a execução do trabalho. Para as bordadeiras de casa, este resultado é uma grande vitória. No entanto, esta situação é desfavorável para as empresas, já que a utilidade das linhas não pode ser totalmente contabilizada, ficando, por vezes, a bordadeira de casa a beneficiar de restos. Em 11 anos de luta sindical, muitos prós e contras são discutidos, tendo, em 1987, sido considerado um dever das empresas facultar os materiais necessários para a execução do bordado (VIEIRA, 2010: 130).

Atribuir um subsídio de desemprego às bordadeiras de casa é algo que parece hoje evidente, mas nem sempre foi assim. Com o Decreto Regional n.º 9/78/M, volta-se a referir a situação precária daquela que se dedica a bordar, a “bordadeira de campo”

¹⁰ Vejamos a seguinte citação: “as quais executam o seu trabalho no domicílio, de acordo com instruções fornecidas por intermédio de um elemento de ligação entre estas e a empresa – agente –, que também lhes entrega a remuneração.” (Resolução do Conselho de Ministros, 1975: 887)

também referida como “bordadeira doméstica da Madeira e Porto Santo”. O valor que elas recebem é, nesse decreto, considerado “insignificante” porque é metade do mínimo atribuído a nível nacional, mesmo sendo um trabalho “talvez único em Portugal” (Decreto Regional n.º 9/78/M). Não são protegidas juridicamente e não têm subsídio de desemprego, mas descontam para esse fim, uma imposição do Decreto-Lei 45080, de 20 de Junho de 1963. Para alterar essa situação, é criado o Decreto Regional n.º 9/78/M. Assim, extinguem-se os descontos que não trazem qualquer benefício. Estas medidas são o ponto de partida para que estas trabalhadoras beneficiem do subsídio de desemprego. Outro aspecto que o Decreto Regional n.º 9/78/M visa resolver é a questão da “protecção social dos trabalhadores por conta de outrem”.

Em 1996, com a Lei n.º 43/96, torna-se uma garantia para as bordadeiras de casa o direito ao subsídio de desemprego, financiado pelo Centro Regional de Segurança Social (art. 1º). O valor e a duração do subsídio (art. 5º) devem estar de acordo com o regulamento dos trabalhadores por conta de outrem, não devendo ser inferior a 10 000\$00. Qualquer bordadeira de casa pode auferir deste subsídio, mesmo não tendo descontado para este fundo, nem para a Segurança Social. Apenas necessita de comprovar que não possui uma fonte de rendimento de onde obtém um valor superior ao de uma pensão social (art. 2º). O subsídio de desemprego é conferido quando a bordadeira de casa está sem trabalho há mais de três meses (art. 3º). Têm direito a ele as bordadeiras de casa que, nos últimos três anos tenham exercido a profissão, sendo essa contagem válida a partir de 1 de Janeiro de 1992. Tais factos devem, contudo, ser comprovados pelo IBTAM (art. 4º). Se a bordadeira de casa consegue trabalho, mesmo que temporariamente, ao mesmo tempo que receba o subsídio, ele pode ser suspenso (art. 6º). Esta lei tem de estar regulamentada no limite de 60 dias, pelos órgãos do Governo da RAM (art. 7º). Isso concretiza-se com o Decreto Legislativo Regional n.º 2/97/M. Aí, encontram-se todos os pormenores relativos a este subsídio. As condições de direito mantêm-se como estipulado na Lei n.º 43/96, mas, para receber este subsídio, a bordadeira de casa tem de estar capacitada e disponível para exercer a profissão [art. 3º, 2)]. É considerado “exercício da actividade de forma habitual” quando do trabalho resulte um ganho (cf. glossário) igual ou superior ao dobro da “remuneração mínima regional”. Tal deve verificar-se em cada um dos três anos necessários (art. 4º). Portanto, ela é capaz de exercer a função quando demonstre capacidade de bordar e de conhecer essa arte [art. 5º, 1)]. No que diz respeito à disponibilidade, a bordadeira deve sujeitar-se a um controlo por parte do IBTAM e não recusar nenhum trabalho que lhe seja

atribuído [art. 5º, 2)]. A recusa não será considerada inactividade (art. 5º). O auxílio na situação de desemprego é feito através da atribuição de um valor mensal (art. 7º). Relativamente a esse valor (e a juntar ao que a Lei n.º 43/96 enuncia no art. 2º), o art. 9º determina que o montante diário corresponde a 65% do valor de referência, sendo que este último equivale a R/365¹¹. O subsídio é dado a partir da data em que o requerimento é entregue (art. 10º). A duração passa a depender da idade das requerentes, aquando do pedido (art. 11º). Vejamos, a propósito, o que vem especificado:

- a) 10 meses para as beneficiárias com idade inferior a 25 anos;
- b) 12 meses para as beneficiárias com idade igual ou superior a 25 anos e inferior a 30 anos;
- c) 15 meses para as beneficiárias com idade igual ou superior a 30 anos e inferior a 35 anos;
- d) 18 meses para as beneficiárias com idade igual ou superior a 35 anos e inferior a 40 anos;
- e) 21 meses para as beneficiárias com idade igual ou superior a 40 anos e inferior a 45 anos;
- f) 24 meses para as beneficiárias com idade igual ou superior a 45 anos e inferior a 50 anos;
- g) 27 meses para as beneficiárias com idade igual ou superior a 50 anos e inferior a 55 anos;
- h) 30 meses para as beneficiárias com idade igual ou superior a 55 anos. (Decreto Legislativo Regional n.º 2/97/M, 1997: 1148)

No art. 12º, são apresentadas as razões que levam à suspensão do subsídio de desemprego. São motivos para o efeito: a obtenção de trabalho ou a dedicação a outra área, o ganho de outros rendimentos resultantes, por exemplo, de formações, maternidade, paternidade¹² e adopção, ou em caso de detenção prisional. Esta situação pode reverter-se, reiniciando a atribuição do subsídio, quando o motivo que origina a sua suspensão tenha findado. Exceptua-se a obtenção de trabalho. Nesse caso, a bordadeira de casa tem de se dirigir ao IBTAM e expor a sua situação, sendo o subsídio reestabelecido depois de 60 dias de tal acto. Noutras condições, a comunicação tem de ser feita junto do Centro de Segurança Social da Madeira (por diante CSSM) (art. 13º). Quanto ao termo do pagamento deste subsídio, ocorre antes do fim do prazo estabelecido, se a bordadeira se torna pensionista devido a invalidez ou se tem idade e preenche todos os requisitos para a pensão de velhice. No caso de estar numa fase de suspensão do subsídio e o motivo originador for outra actividade profissional, se se mantiver num período sucessivo de 180 dias, o direito a este recebimento também cessa.

¹¹ A fim de compreender a fórmula, apresentamos a seguinte citação: “R representa o total das remunerações de bordado registadas nos 12 meses imediatamente anteriores ao primeiro mês do período de três meses em que não se verifique qualquer realização de trabalho.” (Decreto Legislativo Regional n.º 2/97/M, 1997: 1148)

¹² Tendo em conta que o decreto “Regulamenta a atribuição de subsídio de desemprego às bordadeiras de casa da Região Autónoma da Madeira”, unicamente às mulheres, não entendemos a referência explícita à “paternidade”, como um dos motivos de cessação do subsídio de desemprego. Apesar de termos referido a existência pontual de bordadeiros de casa, estes não são mencionados pela legislação, daí haver alguma contradição.

São ainda motivos para o acabamento deste ganho, a recusa de trabalho, a interferência ilegal no processo, seja com omissão ou alteração de datas e montantes relativos ao subsídio, seja o não comparecimento no IBTAM ou no CSSM para cumprimento dos seus deveres, sem qualquer justificação, alteração de residência ou ausência da mesma sem comunicação ao IBTAM (art. 14º). As bordadeiras de casa não podem receber outros rendimentos que, como este subsídio, sejam atribuídos para compensar a perda de fonte remuneratória (art. 15º). O requerimento para o subsídio em análise é entregue no IBTAM, mas dirigido ao CSSM (art. 16º), e tem de ser realizado dentro de 30 dias após três meses sem trabalho (art. 17º). Este prazo fica sem efeito, se a justificação do incumprimento for doença, detenção prisional ou maternidade, “paternidade” ou adopção (art. 18º). Junto ao requerimento devem constar declarações emitidas pelo IBTAM, comprovando a execução habitual da actividade de bordadeira durante 3 anos sucessivos e a ausência de recebimento de prestações durante os três meses em que não conseguiu trabalho. A isso, a bordadeira de casa deve ainda adicionar uma declaração, da sua autoria, para esclarecer que está involuntariamente sem trabalho, ou seja, que não recusou ofertas (art. 19º). Relativamente ao prazo de prescrição, este é contado depois do primeiro dia do mês que se seguiu ao do pagamento (art. 20º). A bordadeira de casa deve manter o IBTAM e o CSSM a par da sua situação e apresentar-se sempre que necessário. Se se verificarem irregularidades, a bordadeira de casa será punida.

A conquista do subsídio de desemprego foi um marco para resolver uma parte das dificuldades financeiras das bordadeiras de casa, cuja actividade é singular, pelas próprias circunstâncias em que é exercida. Estas são descritas em alguns decretos, essencialmente os datados dos anos 90 do século XX. Sendo o trabalho da bordadeira de casa realizado em casa, como a própria designação indica, é importante saber as especificidades legais deste tipo de trabalho. As normas sobre o “trabalho no domicílio” foram estipuladas no Decreto-lei n.º 440/91 de 14 de Novembro. Aí, foi deixada margem para as Regiões Autónomas criarem, caso houvesse necessidade, legislação a aplicar a ofícios com características especiais e que se enquadrassem no “trabalho no domicílio”. Em seguimento do estipulado e havendo um exemplo na RAM – a actividade das bordadeiras de casa – é criado o Decreto Legislativo Regional n.º 11/92. Este estatuto enuncia que, em prazo estipulado, será criada regulamentação específica para a actividade das bordadeiras de casa. Concretiza-se com o Decreto Legislativo Regional n.º 12/93/M. Nele, a actividade é distinguida do que, até então, se considera “trabalho domiciliário” porque não pode ser substituída por nenhum trabalho executado

em fábrica. É único e não se rege por horários, mas segundo a disponibilidade da bordadeira. Apesar da ausência de horários para a execução do trabalho, são indispensáveis medidas de protecção para as trabalhadoras. É essencialmente com esse intuito que o já referido Decreto Legislativo Regional n.º 12/93/M surge. A classificação de “bordadeira manual de bordados” mantém-se igual ao que anteriormente foi mencionado [art. 3º, a)]. No que concerne ao trabalho, o empregador tem de fornecer de forma gratuita o material para a actividade (art. 1º). Pode não haver contacto directo entre a trabalhadora e o empregador, uma vez que uma bordadeira de casa pode representar um conjunto de bordadeiras (art. 2º). Quem concede o trabalho, ou quem o representa, deve respeitar o lar da bordadeira de casa e a sua privacidade. A que recebe o trabalho a fazer tem de manter em segredo aspectos da concretização do trabalho, não usufruir das matérias-primas e dos materiais para proveito próprio e cumprir as datas de entrega do trabalho devidamente executado (art. 5º). O art. 6º do decreto em análise refere-se à segurança, à saúde e ao ambiente de trabalho. Proíbe a utilização de produtos e materiais prejudiciais/perigosos por parte da bordadeira de casa (aquando da elaboração da sua actividade) porque podem pôr em causa o seu bem-estar e o de terceiros. Com o trabalho a realizar, a bordadeira de casa deve receber um bilhete onde constem alguns dados (firma do dador de trabalho, número de ordem, desenho, medida, artigo, peças, linhas, pontos, preço, registo, controlo, tecido, data de saída, prazo de execução e representante). O bilhete deverá, depois do trabalho executado, ser dividido em duas partes. Uma é entregue à bordadeira de casa com o pagamento pelo trabalho, onde constem, além de alguns dos dados já referidos, “nome da bordadeira de casa; número de beneficiário da segurança social e número de contribuinte fiscal; importâncias pagas; data do pagamento” (art. 7º). A outra parte do bilhete fica para o dador de trabalho. No que diz respeito ao pagamento esse deve ser efectuado aquando da entrega do bordado elaborado, que deverá estar em boas condições (art. 8º). A atribuição de um valor monetário a um bordado depende dos pontos que nele constem. Anualmente, até 15 de Dezembro, por portaria, são fixados valores correspondentes a cada tipo de ponto (art. 9º). Num período de quatro anos, enquanto está suspenso o subsídio anual previsto no Decreto-lei n.º 440/91 de 14 de Novembro, a bordadeira de casa pode receber um prémio de produtividade, a atribuir pelo empregador e no valor de um duodécimo total do valor auferido. Para tal, a bordadeira de casa tem de conseguir alcançar “75% de um salário mínimo nacional mensal para o trabalhador doméstico” (art. 10º). Relativamente à Segurança Social, tanto a bordadeira de casa como quem lhe

concede o trabalho ficam regulamentados pelo regime geral dos trabalhadores por conta de outrem. O contributo das bordadeiras de casa e do dador de trabalho para esse fim correspondente a 2% e a 10% respectivamente. Estes aspectos deverão ser regulamentados em portaria, sob a responsabilidade do elemento do Governo destacado para a tutela da Segurança Social (art. 11º). É possível uma fiscalização ao local de trabalho da bordadeira de casa. Terá de acontecer perante a presença da bordadeira de casa ou de alguém por ela indicado. A inspecção deve limitar-se a questões de saúde e segurança na área de trabalho e deve acontecer entre as “9 e as 19 horas”, sendo efectuada por um elemento da Inspeção Regional do Trabalho, que, por sua vez, pode pedir auxílio técnico ao IBTAM (art. 12º). Desrespeitando os direitos da bordadeira de casa e não cumprindo o disposto no decreto, como o registo das bordadeiras de casa, a utilização de materiais não perigosos ou mesmo a ausência de pagamento às trabalhadoras, o dador de trabalho está sujeito a coimas variáveis dos “500\$ aos 100 000\$”. A sanção pode ultrapassar este valor, dependendo da gravidade da situação. No caso de não pagamento, o montante a pagar pode ir até ao dobro do valor do pagamento em atraso (art. 13º).

Com o Decreto Legislativo Regional n.º 22/98/M, surgem alterações ao que anteriormente foi regulamentado sobre a actividade das bordadeiras. As modificações incidem, sobretudo, nos valores a receber (relativamente ao subsídio anual e ao subsídio de desemprego), no bilhete que acompanha o bordado e nas situações em que o bordado apresente imperfeições. São também expostas as sanções para o incumprimento do disposto no decreto. Como fica claro, a actividade das bordadeiras de casa, sendo uma profissão com particularidades únicas, vai conquistando algumas diferenciações relativamente à lei geral de trabalhadores por conta de outrem. Aos poucos, há alterações que conduzem a melhorias concretas na vida das bordadeiras de casa. O mínimo alcançado é sempre mais uma conquista e contribuí para atenuar as dificuldades do trabalho delas, já que determinados aspectos intrínsecos a esta profissão não podem ser modificados. Isso é especificado na legislação, como se lê no seguinte trecho:

Trata-se, todavia, de actividade que envolve uma penosidade especial, nomeadamente pelo volume de horas de trabalho que exige, pelo apuramento e precisão de pormenores, pelo grau de qualidade exigido, pelo imobilismo das posições físicas que impõe e que afecta várias zonas do corpo, com particular incidência na visão e na coluna vertebral, acarretando para a trabalhadora consequências extremamente negativas ao nível da sua saúde, física e psicológica. (Resolução da Assembleia Legislativa Regional n.º 21/96/M, 1996: 2999)

Verificando-se essas imposições, para a protecção destas trabalhadoras, são apresentadas duas propostas à Assembleia da República para a antecipação da idade de reforma:

Projecto de lei n.º 284/VII – Antecipação da idade da reforma para as bordadeiras da Madeira (CDS–PP) e a proposta de lei n.º 76/VII – Antecipação da idade de acesso à pensão de velhice para a bordadeira de casa e para trabalhadores de fábrica do sector do bordado (ALRM). (Reunião Plenária, de 2 de Outubro de 1997: 4184)

Até então, para as executantes desta profissão, aplicava-se o regime geral dos trabalhadores por conta de outrem. Depois, como resultado dos projectos apresentados, a idade da reforma passa para os 60 anos e engloba as mulheres que, num período de 10 anos, seguidos ou não, tenham feito as suas contribuições à Segurança Social. Fica, posteriormente, decretado na Lei n.º 14/98. Porém, aí, é indicado que a regulamentação tem de constar num decreto-lei. Essa indicação fica corroborada em 1999, com a publicação do Decreto-lei n.º 55/99. Nesse documento, está exposto que as beneficiárias devem estar de acordo com o estipulado no regulamento da actividade (Decreto Legislativo Regional n.º 12/93/M), não devendo obter rendimentos de trabalho ao mesmo tempo que auferem da pensão de velhice. Caso isso se verifique, a pensão cessa até o fim da actividade.

Quer parecer-nos, pela legislação que acabamos de elencar e outra existente, que, enquanto os direitos das bordadeiras de casa aumentam, o número destas profissionais diminui. É importante compreender este desfasamento e colocar a problemática para perceber até que ponto a actividade, a médio e longo prazo, não irá desaparecer, já que houve algumas melhorias na condição de vida das bordadeiras de casa, mas elas não aparentam ser substanciais para incentivar a renovação geracional. Será que, apesar desta opinião, com as melhorias implementadas, houve um crescimento de mão-de-obra, isto é, do número de bordadeiras de casa?

1.4. O Bordado da Madeira: um património em vias de extinção?

Como acabamos de comprovar, a situação profissional da bordadeira de casa foi evoluindo. Foram sendo criadas medidas reguladoras da actividade, contribuindo para atenuar um trabalho moroso, a ocupação principal de muitas mulheres da RAM. Vejamos a progressão desta actividade pelas suas diversas fases: “Entre 1850 e meados do século XX, praticamente todas as mulheres na ilha se dedicavam à arte de Bordar. A

grande maioria fazia-o como actividade principal e uma minoria, pertencente à burguesia, como actividade de lazer.” (IVBAM, Maio de 2011: 43). Continua, actualmente, sendo a actividade principal do género feminino? Encarar o bordado como profissão só mesmo para quem gosta muito de bordar, ou que, por algum motivo, apenas se pode dedicar a este trabalho. A exigência de estar muito tempo sentada, a constante repetição dos movimentos, o cansaço e, sobretudo, o pouco rendimento que daí advém são os motivos constantemente enunciados, pelas próprias bordadeiras (de casa) e as suas descendentes (cf. capítulo III), para considerar esta profissão uma má ocupação. Claramente, não é a actividade profissional que hoje mais ocupa as mulheres madeirenses. Cada vez mais, verifica-se um decréscimo do número das que se interessam e continuam a dedicar-se a este trabalho.

O rendimento que as bordadeiras conseguem é sempre inferior ao que outras classes operárias auferem. A situação não é nova, como se nota pela seguinte citação: “Já em 1863 a bordadeira era entre todas as actividades que [sic] se ocupavam as mulheres, a mais mal paga sendo apenas de 100 reis no Funchal, enquanto as demais recebiam salários médios superiores a 300 reis.” (VIEIRA, 2006: 70). Apesar de, anualmente, os valores remuneratórios destas trabalhadoras ser revisto e alterado, em portaria, continua a ser considerada uma “profissão de desgaste rápido” (RTP, 28-11-2013), em que o esforço não é financeiramente compensado. Os aumentos no valor a pagar às bordadeiras de casa são pouco significativos, levando a que as beneficiárias continuem a reclamar. As jovens mulheres que assistem a esta situação não desejam identificar-se com ela. Recorrem, por isso, a outras actividades que não à de bordadeira de casa para profissão.

Em finais do séc. XX, o início de uma escolaridade obrigatória tem impacto no decréscimo de jovens bordadeiras de casa. Os estudos são vistos como uma saída, um futuro, que possibilita um pouco mais de liberdade e autonomia. Com mais formação, perante oportunidades de trabalho diversificadas, a hipótese de ser bordadeira de casa passa para segundo plano. Conhecendo as condições de vida de quem borda, os seus baixos rendimentos e o grande esforço que lhe é exigido, e com a possibilidade de, por menos esforço, ou pelo mesmo, ganhar mais, ser bordadeira de casa não é opção. No passado, as mulheres optavam por se dedicar ao bordado porque não havia para elas muitos outros trabalhos remunerados. Com o aparecimento de mais oportunidades profissionais, jovens há que não pensam duas vezes em deixar o bordado de lado e em abraçar uma nova profissão. Elas querem alcançar melhores condições de vida e

umentar os rendimentos, o que não é compatível com a actividade de bordadeira de casa. Essa procura por uma vida considerada melhor acontece tanto com as mulheres mais novas, que geralmente possuem mais formação, mas também com as mais experientes, que, por seu lado, não têm tantos estudos. Há casos em que a mudança, independentemente da faixa etária, resulta em emigração, como comprova o seguinte trecho: “Histórias há de mulheres camponesas que antes preferiam cavar do que bordar, só que eram exploradas pelos senhorios. Por tudo isto é que tanta história de emigração se fez.” (DIONÍSIO, 2002: 107). Pelo cenário a que temos assistido, o salário e o desgaste são os principais motivos de comparação entre profissões. Nessas situações, a actividade da bordadeira de casa acaba, sempre, ou maioritariamente, por ser considerada inferior relativamente às restantes.

Ser bordadeira de casa não dá a possibilidade de evoluir na carreira. Mudam os formatos do bordado, as horas de dedicação, as cores, as linhas, os pontos, mas, no fim de contas, o trabalho é sempre igual. Esperar que haja trabalho; sentar-se; bordar; devolver o trabalho realizado e aguardar a devida remuneração. Mesmo tratando-se de pequenas quantias, as bordadeiras de casa têm de esperar, muitas vezes, meses ou até um ano, pelos seus recebimentos, não sendo a legislação cumprida: “O pagamento atempado às bordadeiras tem sido um problema crónico do sector.” (FREITAS, 2013: 20). Como se não bastasse o baixo rendimento, as bordadeiras de casa, frequentemente, esperam e desesperam pelo ganho do seu trabalho. Estes aspectos, e a reflexão sobre os mesmos, levam-nos a considerar que podemos estar perante uma profissão em vias de desaparecimento. Várias são as referências a isso. Para exemplo, damos as seguintes: a) “se as bordadeiras não precisassem do bordado ninguém bordava (...) acabando as mais velhas acaba-se tudo, pois as mais novas não querem saber de bordados.” (Maria José Correia); b) “O bordado é mal pago e quem borda está sempre à procura de novos trabalhos para ganhar melhor (...). O bordado ainda existe «porque as pessoas antigas não gostam de estar paradas.” (Maria Ganança); c) “A verdade é que a camada jovem não quer aprender porque ser bordadeira é ganhar mal” (Guida Vieira) (FLORENÇA, 17-12-1991: 4). A seguinte citação sintetiza perfeitamente os testemunhos anteriores:

As «Lágrimas correndo mundo» que fizeram do bordado Madeira uma imagem de marca estão em vias de secar. Cada vez mais enrugadas, as mãos que transformaram o bordado em arte desaparecem também lentamente. A idade não perdoa e o tempo em que as fêmeas da família se sentavam junto à lareira pela noite dentro de agulha em riste são hoje só e apenas um retrato. Embora a nostalgia do passado artesanal se manche na visão moderna do trabalho escravo, o

sentimento de perda parece irreversível. Produzir agora como há 30 ou 50 anos é pura ilusão. (MENDES, 1997: 34)

Na Ribeira Brava e nos outros concelhos do arquipélago, consta que as mães ensinavam as filhas a bordar desde cedo para que estas conseguissem algum dinheiro para o enxoval. Ainda se mantém esta tradição? Cremos estar perante uma profissão cada vez com menos adeptas. As próprias bordadeiras de casa, se conseguem outras oportunidades, não as recusam e as mulheres mais novas não se interessam por esta actividade, como fica claro. Os tempos mudaram; as necessidades alteraram-se e novas oportunidades surgiram, continuando a aparecer. As bordadeiras de casa, ao passarem tempos de miséria, por vezes sem trabalho, com muito pouco dinheiro, embora resultante de muito esforço, à partida, não pretendem que as suas descendentes passem pelo mesmo: “Não conheço nenhuma jovem que tenha gosto em aprender a bordar. Quando éramos pequenas, éramos obrigadas a aprender. Hoje, não quero que a minha filha borde. Quem é que trabalha para ganhar 500 escudos por dia?” (VIEIRA, 2010: 39). Aprenderam o labor em criança, mas, no presente, parecem ser poucas as que ensinam as filhas desde pequenas. Cada vez mais se verifica um distanciamento dos jovens relativamente às actividades tradicionais e com a de bordadeira de casa sucede o mesmo. Iniciam o conhecimento e a prática sobre esta arte cada vez mais tarde, ao invés, do passado, em que as mulheres começavam a bordar desde muito cedo: “(...) as raparigas são iniciadas na arte de bordar cada vez mais tarde e com menor mestria” (FERREIRA, 1992: 13). As bordadeiras de casa das gerações passadas não tiveram grandes oportunidades a nível do ensino. Aliás, muitas delas, sobretudo as mais idosas, a faixa etária com, ainda hoje, mais representantes desta profissão, são analfabetas. Não tiveram, mas sonham, lutam e incentivam as filhas a estudar, conseguindo o que elas não puderam obter. Com mais estudos, com o conhecimento das experiências familiares, as mais jovens tendem a encarar o bordado como uma tradição para recordar. É, pelo menos, o que depreendemos da nossa investigação, nomeadamente das leituras realizadas.

Casos há de interesse em aprender, por curiosidade, ou por apelo familiar. Pode também ser por gosto e admiração pelo produto final. Qualquer que seja o motivo que desperta jovens a bordar, é, sobretudo, uma profissão encarada como passatempo, como constatamos em algumas respostas obtidas num questionário (cf. capítulo II, ponto 1). O incentivo da mãe e/ou da avó poderá ser uma das razões mais fortes para iniciar o contacto com o bordado. O convívio com elas, a curiosidade em aprender o que têm

para contar, o querer ouvir e conhecer as suas histórias são elementos que facilitam o iniciar a bordar. Quanto às que bordam por gosto e nos tempos livres, podem incentivar as mais novas, mas, decerto, não são o espelho de quem quer passar a vida a bordar. A influência é mais no sentido de esta arte não acabar e de transmitir alguns conhecimentos às gerações vindouras. As mulheres das gerações mais velhas consideram que é impossível sobreviver, tendo como actividade principal o bordado e não ganhando nada além disso.

Face a tantos aspectos negativos, como se justifica haver ainda quem se dedique ao Bordado da Madeira? Umas são bordadeiras de casa porque sempre o foram. Mesmo já sendo pensionistas, se a visão o permitir, continuam a bordar. Outras há que bordaram e bordam unicamente para alcançar a meta da reforma. Algumas aposentadas continuam a bordar, mas esses trabalhos vão para a casa de bordados com a identificação de outra pessoa que ainda necessite de descontar para a Segurança Social. Isso acontece para ajudar familiares ou amigas que, não tendo trabalho, podem assim continuar a dar as suas contribuições para a Segurança Social. Essas mulheres, não sabendo bordar, contribuem, no entanto, para as estatísticas¹³ como bordadeiras, o que induz em erro (KLUT, 2003: 49). Com mais ou menos gosto, quem trabalhou toda a vida a conceber Bordado da Madeira não teve oportunidades de descobrir e aprender outras profissões. A resposta à pergunta “Bordado da Madeira: um património em vias de extinção?” não é linear, embora tenda para a afirmativa.

¹³ Relativamente a estatísticas, não são consensuais os números respeitantes às bordadeiras, uma vez que variam as definições atribuídas a este conceito. Para exemplo, recorremos a um excerto da dissertação de mestrado de Teresa Catarina dos Santos, onde é possível ler: “Informação do IBTAM que considera bordadeira profissional toda aquela mulher que executa bordados para a “*fábrica de bordados*”. No entanto o Instituto Nacional de Estatística só considera bordadeira profissional o indivíduo que borda pelo menos cinco horas diárias. Ora, muitas mulheres não dedicam esse tempo diários [sic] ao bordado, ficando assim excluídas das estatísticas.” (SANTOS, 2005: 48). No contacto com a Direcção Regional de Estatística, obtivemos a informação de que não efectuavam nenhum estudo tão pormenorizado. Possuíam apenas valores referentes à comercialização de bordados e outros elementos artesanais. Direcționaram-nos para o IVBAM, que já havíamos contactado e que disponibilizou grande parte dos dados numéricos apresentados na dissertação.

2. A realidade do Bordado da Madeira em números

Nas fases em que a agricultura se encontrava em crise, o bordado foi um elemento importantíssimo, uma porta que se abriu para as mulheres conseguirem umas pequenas economias. Porém, progressivamente, o bordado deixou de ser a principal actividade feminina, sendo substituído por diversas áreas de interesse. Actualmente, em que fase se encontra? Será que o bordado não poderá voltar a ser opção para muitas mulheres que não conseguem outros trabalhos? Com o desemprego a aumentar, não será um potencial recomeço, uma nova oportunidade? Certamente que nada está perdido e que estamos bem a tempo de fortalecer esta actividade, aprendendo com as mais idosas o que, em tempos, elas aprenderam das mães e ainda guardam na memória. A questão maior tem que ver com a vontade das jovens gerações. Há que conquistar o interesse delas e isso passa, sobretudo, pela questão monetária, havendo um maior equilíbrio entre o desgaste do trabalho e a recompensa final. Caso contrário, haverá, certamente, quem opte pela condição de desempregada, em vez de ser bordadeira de casa. Convém perguntar em que fase se encontra o bordado e se há necessidades a esse nível. É precisa mão-de-obra? Segundo Paula Cabaço, actual Presidente do IVBAM: “O número de bordadeiras existentes parece-nos adequado à procura. Os empresários que contactámos dizem-nos que não têm tido falta de bordadeiras e, portanto, parece-nos que está ajustado (...).” (BRANCO, 28-3-2014: 10-11). Contrastando com a afirmação da Presidente do IVBAM, várias são as referências ao longo do tempo (cf. capítulo I, ponto 1.4) de que o número de bordadeiras de casa tem diminuído consideravelmente e que, dessa forma, a profissão vai acabar: “Não há jovens a bordar, apenas mulheres de idade já avançada o que leva a que se corra o risco de daqui a 10 anos não haver mulheres que executem o bordado.” (OLIVEIRA, 2-4-2000: 11). A opinião de João Vacas, empresário do sector dos bordados, vai também nesse sentido:

Não é fácil arranjar gente jovem para bordar. (...) Não há uma renovação das bordadeiras. Sinceramente não posso dizer em quanto tempo se extingue, mas é uma tradição que se perde aos poucos e poucos» (PELICANO, 2011)

A justificação possível para esta divergência de opiniões prende-se com o decréscimo da produção e da necessidade de mão-de-obra. A indústria dos bordados já esteve em situações melhores que a actual. Porém, também é sabido que “Sobreviveu a duas guerras mundiais e a uma grande depressão que tiveram um impacto brutalmente negativo nas suas exportações.” (IVBAM, Dezembro de 2012: 36). Houve alturas com mais encomendas, mais exportações, mais trabalho, mais bordadeiras de casa, mas,

mesmo não sendo idêntico o volume do negócio, a indústria ainda se mantém ao longo do tempo e dá trabalho. É indispensável olhar para os dados numéricos existentes.

2.1 Alguns dados estatísticos

Com base na bibliografia consultada, para uma melhor percepção do que temos vindo a referir sobre o decréscimo do número de bordadeiras de casa, dedicamos este ponto para apresentar alguns dados estatísticos que traduzem essa situação. Nesse sentido, definimos, primeiramente, alguns parâmetros relacionados com as bordadeiras de casa e que são utilizados na análise deste grupo profissional, para averiguar diferentes perspectivas. Referimo-nos às seguintes designações: “bordadeiras de casa em actividade”; “Bordadeiras de casa com trabalho executado ao longo do ano”; “Quantidade de Bordadeiras de casa com remuneração” que aparecem nos dados disponibilizados pelo IVBAM. Apesar de não estarem definidas, entendemos, que cada uma delas, tem um determinado significado: “bordadeiras de casa em actividade” representa a totalidade de mulheres, dispersas pela RAM, registadas com a profissão de bordadeiras de casa. Neste total, incluem-se tanto as que efectuaram trabalho como as que não o produziram. “Bordadeiras de casa com trabalho executado ao longo do ano” inclui as mulheres que, estando colectadas como bordadeiras de casa, bordaram durante o ano, tendo esse trabalho sido contabilizado. Muitas mulheres dizem ser bordadeiras de casa, estando assim registadas. No entanto, por vários motivos, podem passar algum tempo, sem bordar, sendo, por isso, excluídas destas estatísticas. Esta designação distingue, as bordadeiras de casa que executaram trabalho durante determinado período das que não o fizeram. Por sua vez, “Quantidade de Bordadeiras de casa com remuneração” diz respeito ao número de mulheres que, exercendo a profissão, recebeu, em determinada data, o devido pagamento do seu trabalho.

Os números não deixam margem para erro: houve um decréscimo na quantidade de bordadeiras de casa, nos últimos dez anos, como é visível na tabela 1.

Anos	Estimativa de bordadeiras de casa em actividade	Bordadeiras de casa com trabalho executado ao longo do ano	Estimativa de bordadeiras de casa em actividade sem trabalho executado ao longo do ano
2004	–	6 036	–
2005	–	5 205	–
2006	–	4 492	–
2007	–	4 319	–
2008	3 928	3 784	144
2009	3 787	3 194	593
2010	3 823	2 605	1218
2011	3 643	2 261	1382
2012	3 498	1 964	1534
2013	3 376	1 749	1627

Tabela 1. Números relativos às bordadeiras de casa da RAM, de 2004 a 2013

(Adaptação dos dados disponibilizados pelo IVBAM)

Na tabela anteriormente apresentada, calculamos a “Estimativa de bordadeiras de casa em actividade sem trabalho executado ao longo do ano”, com base na diferença entre os dados das colunas 2 (Estimativa de bordadeiras de casa em actividade) e 3 (Bordadeiras de casa com trabalho executado ao longo do ano). Observando os dados da coluna 2, é visível uma quebra no número estimado de bordadeiras de casa em actividade, numa diferença de menos 552 mulheres, de 2008 para 2013. É possível associar este decréscimo à falta de trabalho, ou de procura, já que nesses anos nenhuma vez se verificou a completa utilização de mão-de-obra existente. Por exemplo, em 2011, das 3643 bordadeiras de casa em actividade, apenas, 2261, executaram trabalho ao longo do ano, tendência que se repetiu nos diferentes anos. Aumentaram, de ano para ano, as bordadeiras de casa sem trabalho, num acréscimo de 1483 mulheres, em 2013, comparativamente a 2008, como verificamos na coluna 4. Com dados desde 2004, ainda é possível aferir que, em dez anos, há uma diferença de mão-de-obra com trabalho realizado anualmente de 4287 mulheres (cf. coluna 3). Por exemplo, em 2013, segundo os dados, existem mais de 3000 bordadeiras de casa, das quais cerca de 1700 realizaram trabalho. No gráfico 1, visualizamos dados recentes relativos às bordadeiras de casa da RAM. Num período de dez anos, sobressai o decréscimo das bordadeiras de casa com trabalho executado, o que se reflecte no aumento do número de bordadeiras de casa sem trabalho executado.

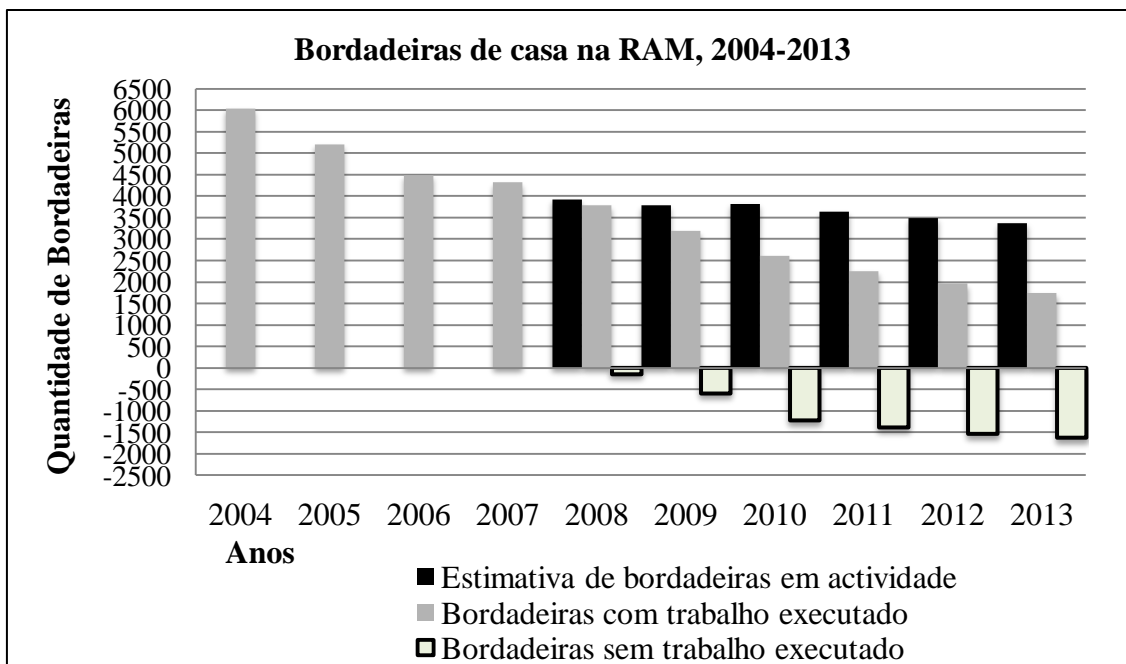


Gráfico 1. Visualização da comparação dos números relativos às bordadeiras de casa da RAM, de 2004 a 2013 (Adaptação dos dados disponibilizados pelo IVBAM)

Tanto pela tabela 1, como pelo gráfico 1, torna-se evidente o decréscimo do número de bordadeiras de casa de 2004 a 2013, bem como o aumento da quantidade de bordadeiras de casa que, estando em actividade, não executa trabalho ao longo dos anos. Estes dados comprovam a visão dos autores que defendem a diminuição e o progressivo desaparecimento da quantidade de mulheres que se dedicam a bordar (cf. 1.4). Contudo, notamos uma estabilização – em torno de 3000 – na estimativa de mulheres que se dedica a bordar, de 2008 a 2013. É nesse último ano, como comprovam a tabela 1 e o gráfico 1, que ocorre a maior diferença entre a quantidade de bordadeiras de casa, assim registadas, e as que executaram trabalho. Assim sendo, debruçarmo-nos apenas sobre a estimativa da quantidade de bordadeiras de casa não traduz a verdadeira situação desta classe trabalhadora porque muitas mulheres estão registadas, mas, na realidade, não exercem a actividade. As justificações para tal podem ser várias, prendendo-se essencialmente com a falta de trabalho e com o facto de privilegiarem outras actividades economicamente mais rentáveis.

Continuamos com a observação dos números a que tivemos acesso. Na tabela 2, consta a quantidade de bordadeiras de casa, nos diferentes concelhos da RAM, que obtiveram remuneração em 2013 e 2014.

Quantidade de bordadeiras de casa com remuneração			
Concelhos	2013	2014	Diferença
Câmara de Lobos	737	712	-25
Ribeira Brava	483	471	-12
Machico	177	189	+12
Funchal	142	110	-32
Calheta	76	74	-2
Ponta de Sol	70	75	+5
Santa Cruz	36	37	+1
São Vicente	14	10	-4
Porto Santo	8	5	-3
Santana	6	6	-
Porto Moniz	-	1	+1

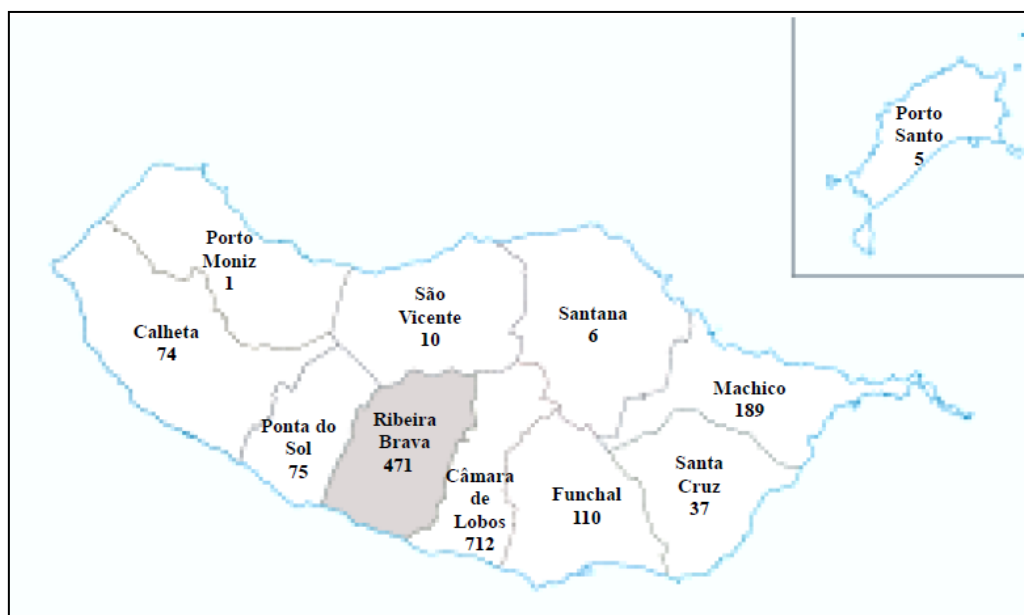
Tabela 2. Quantidade de bordadeiras de casa com remuneração obtida em 2013 e 2014, nos concelhos da RAM (Adaptação de tabelas facultadas pelo IVBAM)

Quanto ao critério da remuneração (cf. tabela 2), numa primeira análise, sobressai a disparidade de dados entre o concelho do Porto Moniz e os restantes, sobretudo quando comparado com o concelho de Câmara de Lobos. Não tendo bordadeiras de casa registadas com remuneração em 2013, os dados do Porto Moniz contam apenas com uma bordadeira de casa em 2014, o que é um número insignificante. Pela leitura da tabela 2, a maior diferença, pela negativa, verifica-se no concelho do Funchal, com uma redução de 32 bordadeiras de casa em apenas um ano. O oposto, ou seja, o maior aumento, de 12 bordadeiras de casa, corresponde ao concelho de Machico. Santana foi o único concelho que não teve alterações, mantendo as 6 bordadeiras de casa com remuneração. Há a salientar ainda que, embora o concelho de Câmara de Lobos ocupe o segundo lugar na baixa de bordadeiras de casa remuneradas (menos 25), este se mantém como o que mais bordadeiras de casa comporta. O concelho da Ribeira Brava (cf. sombreado na tabela 2) vem logo a seguir, com mais de 450 bordadeiras de casa com remuneração nos anos de 2013 e 2014. Algumas freguesias de Câmara de Lobos e da Ribeira Brava são frequentemente apontadas como as que mais bordadeiras de casa possuem, e de onde provêm os bordados de maior qualidade. A quantidade acompanha a qualidade? Não sabemos, mas, já em 1958, tal foi apontado: “(...) em duas freguesias limitrofes, onde, em relação a outras freguesias, se encontra um número apreciável de bordadeiras de casa que se distinguem pela sua boa categoria. Freguesias: Quinta

Grande e Campanário.” (GRÉMIO DOS INDUSTRIAIS DE BORDADOS DA MADEIRA, 1958: 13).

A dispersão das bordadeiras de casa pelos concelhos da RAM, incluindo a Ribeira Brava, concelho destacado, é realçada geograficamente no mapa 1. Com os dados dispostos pelo espaço geográfico, é visível uma predominância das bordadeiras de casa na costa Sul. Não temos explicação para o facto. No entanto, a questão da proximidade ao Funchal é um aspecto que cremos ter importância e influência já que era onde se concentravam as casas de bordados. Comparando os dados entre o Porto Santo e a Madeira, as duas ilhas habitadas do arquipélago, a diferença é substancial. Parecem não ter qualquer relevo os dados da ilha mais pequena, por constituir apenas um concelho, razão pela qual, frequentemente, quando se fala de Bordado da Madeira, se omite implicitamente a sua referência. Alguma legislação tentou contemplar esta ilha, já que nela também existem bordadeiras de casa. Os dados do Porto Santo assemelham-se aos dos concelhos nortenhos da ilha da Madeira, nomeadamente Santana, São Vicente e Porto Moniz. Todos estes têm valores iguais ou inferiores a dez bordadeiras de casa com remuneração em 2014.

Bordadeiras de casa com remuneração em 2014



Mapa 1. Visualização da quantidade de bordadeiras de casa com remuneração, nos concelhos da RAM, em 2014

A disparidade dos dados do mapa 1 para o Norte e o Sul da ilha da Madeira pode ser explicada pelo desaparecimento da profissão de caixeiro (cf. glossário). No passado, e como é relatado por Horácio Bento de Gouveia em *Lágrimas Correndo Mundo*, o caixeiro ia às localidades mais afastadas das fábricas para que lá também se fizesse o negócio do Bordado da Madeira. Vejamos o seguinte excerto, que exemplifica essa situação:

- Eu vinha aqui para ver se arranjava um empregozinho...
 - O gerente, oriundo das cercanias de Beirute, era homem que possuía o instinto do comércio, o qual herdara dos fenícios. Olhos vivos em rosto moreno, o Sr. Jaraba, de relance, numa percepção intuitiva, disse entre si: deste labroste faz-se um bom caixeiro!
 - Conheces algumas freguesias do Norte?
 - Sim, senhor. O Seiçal, São Vicente, Ponta Delgada e Boaventura.
 - Então vamos ver se você será bom fiscal para zelar interesse da Casa.
 - Sim, senhor.
 - Amanhã apresente-se para receber instruções a fim de partir para o campo.
- (GOUVEIA, 1959: 16)

O trabalho do caixeiro, nomeado pelas fábricas, foi progressivamente substituído pelo das agentes. Estas últimas são, actualmente, quem se dirige às fábricas e se encarrega de levar as peças para bordar às bordadeiras que vivem pelas suas redondezas. A ausência de caixeiros e o não interesse por pessoas da localidade para executarem o papel de agente, por exemplo devido aos custos de deslocação, poderão ser motivos para o baixo número de bordadeiras de casa em alguns concelhos, como demonstra o mapa 1.

Incidindo o nosso trabalho sobre o concelho da Ribeira Brava, foi-nos possível obter números mais precisos para as bordadeiras de casa, nas diversas freguesias que o compõem, entre 2011 e 2014. Damos conta dos dados.

Bordadeiras de casa no concelho da Ribeira Brava				
Freguesias	2011	2012	2013	2014
Campanário	282	258	226	231
Ribeira Brava	267	235	227	211
Serra de Água	18	11	10	10
Tabua	30	22	20	19
Total	597	526	483	471

Tabela 3. Quantidade de bordadeiras nas diferentes freguesias do concelho da Ribeira Brava, entre 2011 e 2014, segundo dados disponibilizados pelo IVBAM

Quanto aos dados apresentados na tabela 3, podemos tirar algumas conclusões. A freguesia do Campanário lidera com o maior número de bordadeiras de casa, excepto

em 2013, pela diferença de uma, em que esse posto é ocupado pela freguesia da Ribeira Brava. Na freguesia do Campanário, não houve uma tendência contínua. O número de bordadeiras de casa decresceu entre 2011 e 2013, apresentando menos 56, mas aumentando em 2014 com mais 5. Apesar desse ligeiro aumento, de 2011 para 2014, o Campanário perdeu 51 bordadeiras de casa. No que diz respeito à freguesia da Ribeira Brava, verificamos um decréscimo constante, havendo, no ano de 2014, menos 56 bordadeiras de casa comparativamente a 2011. Os dados relativos à freguesia da Serra de Água indicam ser esta, nestes quatro anos, a que possui menos bordadeiras de casa. Nessa feguesia, a maior redução foi entre 2011 e 2012, de 7 bordadeiras de casa, mantendo-se, posteriormente, em 2013 e 2014 nas 10. É apenas na freguesia da Serra de Água que há inalteração de valores em anos diferentes. Quanto à freguesia da Tabua, foi perdendo continuamente bordadeiras de casa, tendo em 2014 menos 11 que em 2011. Da análise dos dados, sobressaem, por um lado, duas freguesias que têm mais de 200 bordadeiras de casa, referimo-nos à do Campanário e à da Ribeira Brava, e, por outro lado, a Serra de Água e a Tabua, que não alcançam 20 bordadeiras de casa, individualmente. Essa diferença é notória no gráfico 2.

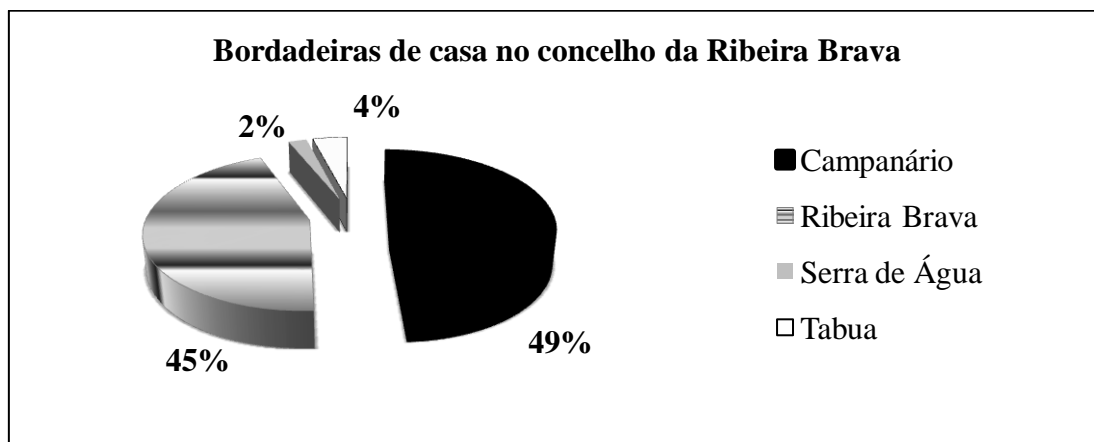


Gráfico 2. Percentagem de bordadeiras de casa nas quatro freguesias do concelho da Ribeira Brava, em 2014

O Campanário e a Ribeira Brava possuem 94% do total da quantidade de bordadeiras de casa do concelho em estudo. Somando a percentagem correspondente à freguesia da Serra de Água e à da Tabua, obtemos 6% da quantidade de bordadeiras de casa desse concelho. Possivelmente, esta grande diferença deve-se à quantidade de população residente em cada uma das freguesias, sendo o Campanário e a Ribeira Brava as

freguesias mais povoadas. Apenas nos foi possível saber a quantidade de mulheres residentes no concelho da Ribeira Brava em 2014, não havendo esta informação distribuída por freguesias. A fim de relacionar a quantidade de bordadeiras de casa do concelho (cf. tabelas 1-3) com a população feminina, recorremos, para esta demonstração, aos dados que a Direcção Regional de Estatística da Madeira (por diante DREM), disponibiliza no seu *Web Site*. Tenhamos em atenção a informação disposta na tabela 4:

População feminina da Ribeira Brava por grupos etários em 2014				
Grupos etários	0-14	15-64	65-85+	Total
Quantidade de mulheres	1027	4481	1470	6978

Tabela 4. Adaptação dos dados da DREM relativos à população feminina residente no concelho da Ribeira Brava, em 2014

Os dados disponibilizados pela DREM aparecem com várias subdivisões para os grupos etários. Porque as bordadeiras de casa exercem, à partida, a sua actividade dos 15 aos 60 anos, temos de reagrupar aqueles valores em três parcelas principais: até aos 14 anos, dos 15 aos 64 (embora a reforma das bordadeiras de casa seja alcançada aos 60 anos) e a partir dos 65. Logo, damos particular atenção ao grupo dos 15 aos 64 anos, pois é nesta parcela que cremos estar o grosso das bordadeiras de casa. Apesar de as informantes da primeira geração referirem que começaram a bordar, muitas delas, antes dos 10 anos, as representantes da terceira geração já o fizeram um pouco mais tarde, por volta dos 15 anos (cf. capítulo II). Segundo a tabela 4, consideramos serem possíveis bordadeiras de casa as mulheres com 15 ou mais anos (cf. parcela 15-64) porque a nível legislativo (cf. Portaria n.º 42/78), para o serem, deviam ter mais de 14 anos. Portanto, para calcular a percentagem de bordadeiras de casa face à totalidade da população feminina para o ano 2014, cruzam-se, fazendo as adaptações necessárias, os dados facultados pelo IVBAM e pela DREM. O concelho da Ribeira Brava conta, em 2014, com 6978 mulheres. Dessas, apenas temos em conta 4481 compreendidas na faixa etária dos 15 aos 64 anos (cf. tabela 4: adaptação dos dados da DREM). Nesse ano, dessas mulheres, unicamente 471 eram bordadeiras de casa (cf. tabela 3: dados do IVBAM). Podemos concluir que, em 2014, no referido concelho, 10% das mulheres têm a actividade de bordadeira de casa como profissão, não sendo, portanto, esta a actividade

feminina principal. No futuro, poderá a percentagem decrescer no concelho e na RAM? Se, por hipótese, houver uma tendência decrescente, então, a profissão de bordadeira de casa está em risco de extinção no concelho da Ribeira Brava.

Há quem considere que a situação é grave, uma vez que as jovens não se interessam por este labor (cf. 1.4). Contudo, quem toda a vida lidou com este trabalho quer acreditar que a profissão se irá manter. Este é o pensamento de Maria Ganança, uma bordadeira de casa: “Tenho esperança que o bordado não irá desaparecer mas que está por um fio, está.” (BRANCO, 2014: 11). No entanto, o desejo é que a arte do Bordado da Madeira continue e se prolongue no tempo, sendo necessária a sua valorização. Isso fica claro na seguinte opinião: “Enquanto houver quem valorize o Bordado Madeira, o trabalho da agulha, o bordado madeirense não deixará de existir.” (BRANCO, 2014: 8).

O Bordado da Madeira é representativo do património cultural da região. Se a tradição acabar é porque a sua execução deixa de ser transmitida no seio familiar, de geração em geração. Os números evidenciam esta tendência decrescente para a transmissão familiar. As instituições estão atentas ao fenómeno e têm arranjado estratégias para o combater. Por exemplo, o IVBAM, em 2009, desenvolveu uma formação que facultou a 12 mulheres a capacidade de serem formadoras da arte de bordar. A continuidade da profissão de bordadeira de casa parece depender destas formadoras. As mães tendem a deixar de ensinar as filhas, ao contrário do que aconteceu com elas. Os estudos e outras actividades laborais são prioridade, surgindo a profissão de bordadeira de casa como último recurso. Desta forma, perde-se a tradição e algum património, nomeadamente linguístico, que lhe está associado.

No que diz respeito a formações, no concelho da Ribeira Brava, quem tem desenvolvido esse papel é a Direcção de Serviços de Desenvolvimento Rural (por diante DSDR), que pertence à Secretaria Regional do Ambiente e Recursos Naturais. Concretiza-se através das Casas do Povo. Para exemplo, conseguimos alguns dados das últimas formações desde 2012 (cf. tabela 5), com um número de participantes que varia entre as 12 e as 22. A freguesia da Serra de Água não foi contemplada por nenhuma formação, por isso, não consta na tabela 5.

Formações de Bordado da Madeira no concelho da Ribeira Brava			
Freguesias	N.º de Participantes	Data	Duração¹⁴
Campanário	13	2012	180 horas
	16	Nov. 2012–Jan. 2014	180 horas
	16	Mar.2014–Set. de 2014	80 horas
Ribeira Brava	22	Mai de 2012–Mai de 2013	180 horas
	12	Set. de 2012–Set. de 2013	180 horas
Tabua	13	Out. de 2013–ainda decorre	180 horas

Tabela 5. Alguns dados sobre formações de Bordado da Madeira realizadas no concelho da Ribeira Brava (dados disponibilizados pela DSDR)

Serão estas formações substitutas do aprender com as avós e mães? Parecem sê-lo. Se desaparecer a transmissão geracional do património, promover as formações é manter viva a arte do Bordado da Madeira. A tradição de aprender junto das familiares, numa roda, ouvindo histórias e cantigas, entre outras informações, parece esquecida e, em princípio, não se aprende numa formação. Essas acções são importantes, mas elas apenas permitem continuar a haver quem borde, sem os conhecimentos e costumes de outrora. Toda a envolvente social e as novas oportunidades afastaram a população de uma tradição e de um saber únicos que progressivamente parece que se vão perdendo. Ensinar a executar o Bordado da Madeira é muito mais do que apenas o saber fazer que as formações dão. É contactar com familiares e reviver as suas histórias, os costumes e as tradições. É conhecer um processo natural de aprendizagem e de como isso aconteceu na própria família. É ter conhecimentos únicos desta tradição, que, ainda presente em algumas famílias, já desapareceu noutras. É aprender a forma que cada mulher adaptou para executar a actividade, desde a preferência por alguns materiais até à própria forma de bordar. É isto e muito mais. É contactar no presente com o que não tivemos oportunidade de conhecer presencialmente e cuja continuidade, assim como preservação, está nas nossas mãos.

¹⁴ Existem dois tipos de formações sobre o Bordado da Madeira: uma tem a duração de 180 horas e outra, que deve ser realizada após esta primeira, de 80 horas. Os programas de cada uma das formações, envolvem essencialmente uma componente prática. As formandas aprendem a técnica executando diversos pontos do Bordado da Madeira. O de 180 horas inicia com uma parte teórica, cujas temáticas são: “O Bordado Madeira e a sua História”, “Apresentação e conhecimento dos materiais” e “Tipologia”.

CAPÍTULO II – Uma investigação a partir da Ribeira Brava

Pelos diversos tipos de bibliografia consultados, de todos os concelhos da RAM, o da Ribeira Brava é, ainda em 2014, um dos mais importantes no que toca à execução do Bordado da Madeira, há, por isso, interesse em, partindo de dados colhidos no terreno, compreender a vitalidade que tem. Esta é a temática do presente capítulo, dividido em quatro pontos. Para preservar a herança das bordadeiras da Ribeira Brava, começamos por dar a conhecer a metodologia utilizada no contacto com as informantes (ponto 1), sendo a concretização dessa etapa referida no ponto 2: “Trabalho de campo, informantes e recolha de dados”. Damos a conhecer algumas das vivências das informantes em 2.1: “Algumas vivências: materiais a valorizar”. De modo a organizar os elementos relativos ao património linguístico regional e local recolhidos, estes são reagrupados em dois grandes tipos. Por um lado, no ponto 3, “Um breve cancioneiro”, apresentamos a parte que integra a vertente recreativa, presente no convívio entre as bordadeiras que cantavam e contavam histórias. Por outro, segue-se o ponto 4 que tem por título: “Glossário do Bordado da Madeira”, que compila o léxico relativo à actividade. Subdivide-se em 4.1 (“Organização e conteúdo”), em que explicamos como decorreu o processo de construção do glossário e a sua organização, e em 4.2 (“Entradas alfabeticamente ordenadas”). Aqui, figura o próprio Glossário do Bordado da Madeira que comporta mais de 300 entradas. Por ordem alfabética, reunimos e definimos os termos relacionados com o Bordado da Madeira que tivemos oportunidade de identificar. Tanto o cancioneiro como os termos do glossário, os dois tipos de património linguístico a que tivemos acesso, constituem a parte palpável da herança das bordadeiras (de casa) transmitida pelas informantes contactadas.

1. Descrição Metodológica

Estando o nosso tema relacionado com as bordadeiras (de casa), ninguém melhor do que as próprias para contar como foi ou é o seu trabalho. Pretendemos recolher os conhecimentos da avó, da mãe e da filha (histórias, costumes, tradições, saberes transmitidos, enfim, tudo o que possa “iluminar” a actividade da bordadeira de casa). Metodologicamente, o contacto directo com as bordadeiras (de casa) e familiares é o nosso ponto de partida para a recolha de informação. Definimos, inicialmente, os pontos de inquérito, tendo que contactar com informantes das quatro freguesias do

concelho da Ribeira Brava: Campanário, Ribeira Brava, Serra de Água e Tabua. Isto para termos uma perspectiva da profissão no concelho. No que diz respeito ao Campanário, e como explicado na Introdução, já temos dados correspondentes a uma família de informantes, o resultado do estudo inicial que deu origem a esta dissertação, executado no âmbito da unidade curricular de Património Linguístico. Foi necessário estabelecer contacto com as restantes informantes. Definimos que seriam vinte e quatro no total. O objectivo é ter duas famílias por freguesia, representadas por três mulheres, sendo cada uma de sua geração. No total, são seis informantes por freguesia. O ideal seria que as representantes das três gerações fossem bordadeiras de casa, mas as mais novas são apenas bordadeiras. Porque esta profissão já não é escolha de muitas mulheres escolarizadas, bem pelo contrário, torna-se complexo haver jovens bordadeiras de casa. Contudo, muitas continuam a ser bordadeiras, mesmo não exercendo a profissão, e são elas que testemunham o estado actual da transmissão da herança das mais idosas.

No seguimento do estudo preliminar, para manter o método aplicado com as restantes informantes, e por considerarmos ser a melhor forma para obtermos o máximo de informação, continuamos a usar o questionário aplicado aquando do estudo preliminar. Assim, obtemos respostas às mesmas perguntas, o que possibilita uma comparação das respostas obtidas. A escolha das questões pretende abranger todos os elementos que envolvem a actividade das bordadeiras de casa. A utilização dessa base não condiciona as entrevistas, nem o trabalho, apenas funciona como guia para uma recolha alargada de informação, possibilitando uma conversa livre. Há sempre margem para as entrevistadas incluírem o que considerem importante, quer sejam ligações do tema em causa a histórias, memórias ou apenas curiosidades. Há, igualmente, espaço para dialogar e tocar em detalhes menos conhecidos, aprofundando, assim, o tema e enriquecendo o trabalho (cf. BELL, 1997).

Depois de elaborado o questionário com perguntas de resposta aberta, gravamos em áudio, formato WAV, a conversa com as informantes informalmente conduzida pelo questionário. Por não implicar um tratamento linguístico detalhado, o dispositivo utilizado é um mp4 (Zipy). A gravação permite voltar às respostas obtidas no questionário as vezes necessárias. Por razões práticas e de salvaguarda das informantes, esses ficheiros não são disponibilizados, mas muitos excertos foram transcritos das gravações (cf. por exemplo capítulo II, ponto 2.1). Quando fazemos a transcrição das gravações para exemplificar alguns dados, decidimos aproximar a grafia da forma de

falar das informantes, como faz, por exemplo, em *Lágrimas Correndo Mundo*, Horácio Bento Gouveia. Por isso, por vezes, há junções e reduções de palavras, o que de uma maneira geral designamos por “corruptelas”, que são próprias da linguagem popular e que se encontram nomeadamente nas duas composições apresentadas de Margarida Rodrigues, extraídas da obra de João Luís Rodrigues. A grafia passa a representar o modo de falar das informantes, sendo este muito importante para o Património Linguístico (cf. glossário: “dedal”/“didal”; “garanito”/“granito”).

Como é compreensível, as respostas das informantes ao questionário são a parte substancial do material recolhido no trabalho de campo. De seguida, damos a conhecer as perguntas do questionário, agrupadas em vinte itens temáticos, que motivaram a recolha de dados, explicando o que pretendemos com cada uma: 1. Qual é a sua relação com o bordado? – Tendo em conta que muitas bordadeiras de casa têm outras actividades, como, por exemplo, a agricultura, queremos compreender com qual dos labores essas mulheres se identificam. 2. Quando (com que idade) começou a bordar? Porquê? Foi sua, a escolha? – A resposta possibilita analisar se as gerações mais novas aprendem a bordar com a mesma idade que suas avós e mães. Permite também entender o motivo que originou essa aprendizagem. Sabemos que, no passado, grande parte das vezes, isso acontecia por inexistência de outras opções. 3. Como aprendeu? Quem lhe ensinou a bordar? – É importante perceber se os métodos se mantêm e, se não perduram, que alterações houve no processo de aprendizagem. 4. Quais são os pontos do Bordado da Madeira? Sabe bordá-los todos? Pode dizer os que sabe fazer e os que não sabe? – Tendo em conta que oficialmente os pontos do Bordado da Madeira são dezoito, segundo o IVBAM, pretendemos saber se todas as bordadeiras (de casa) os conhecem e se os designam de igual forma. 5. Ainda borda? Porquê? Gostava de bordar? Porquê? – Se não, há quanto tempo já não borda? Quanto tempo borda/ bordava por dia/semana? Gostava de bordar? Porquê? – Este último aglomerado de questões é mais direccionado para a informante jovem para perceber o porquê de não estar tão ligada ao bordado e se queria estar mais. Convém compreender de quanto em quanto tempo ela borda, e se mantêm viva a tradição. Pretendemos saber se há, realmente, uma maior propensão para outras actividades que não o bordar. 6. Quais os materiais de que uma bordadeira necessita e os que utiliza na sua actividade? Esta questão é para distinguir possíveis hábitos e formas de os apelidar. 7. Borda/bordava para quem? – As bordadeiras de casa podem bordar para mais de uma casa de bordados e para consumo próprio ou para particulares. Importa-nos compreender qual das situações é mais

frequente. 8. Como adquire/adquiriria os tecidos para bordar? – Muitas mulheres são bordadeiras de casa, mas nunca visitaram uma casa de bordados. Queremos averiguar se as informantes recorrem às agentes ou são as próprias a deslocar-se à fábrica. 9. Os bordados para consumo próprio eram para quê? – Muitas vezes, as bordadeiras (de casa) bordam para si ou para oferecer, presenteando amigos e familiares com algo único. Pretendemos entender que destino dão ao bordado que não é remunerado. 10. Onde borda/bordava? Porquê? Como e quando borda/bordava? – Temos a ideia de que há uma preferência para bordar em assentos baixos. Tencionamos perceber se há um local e um assento próprio para trabalhar. 11. Borda/bordava sozinha? Porquê? e 12. Borda/bordava acompanhada? Porquê? Com quem? Que faziam enquanto bordavam? – Verificamos que, no passado, as mulheres bordavam em grupo e ambicionamos com este conjunto de questões compreender se a situação se alterou ou não. Caso se mantenha, interessa-nos identificar as distrações que têm enquanto trabalham em conjunto. 13. Como é o dia de uma bordadeira? Sempre foi assim? – A opinião das informantes possibilita traçar um retrato do que tem sido a actividade destas mulheres, revelando mudanças e suas consequências. 14. Quanto tempo, em média, é preciso para se fazer um bordado? – No meio de outras actividades, o tempo que sobra é para bordar. É relevante entender se há factores que influenciam o ritmo de trabalho. 15. O que significa o bordado para si? – Algumas mulheres falam da sua actividade com gosto e alegria; outras, por sua vez, enfatizam que não tiveram outra escolha. Esta questão vai permitir ter uma noção de qual das ideias predomina. 16. Considera que o trabalho das bordadeiras é reconhecido? – Achamos que é geral o descontentamento das bordadeiras (de casa) face ao valor que recebem do seu trabalho. Almejamos entender se esse ponto de vista prevalece nas informantes e que opinião têm face aos preços dos bordados que vêm nas montras. 17. Desde que começou a bordar até hoje, acha que o bordado (a sua importância) mudou? Quais as alterações que houve? e 18. Considera que o bordado tradicional está a perder-se? Pensa que pode acabar? Porquê? – Novamente, pretendemos obter a opinião das informantes contactadas sobre o Bordado da Madeira: a sua história e o futuro que lhe está reservado. 19. Se pudesse mudar de actividade/profissão mudava? – Dado, muitas vezes, as bordadeiras de casa referirem que não tiveram outras hipóteses, dedicando-se a bordar simplesmente porque era o que faziam as mulheres das gerações anteriores, tentamos perceber se gostariam de ter exercido outra actividade profissional. 20. Era capaz de ensinar alguém a bordar? Como lhe explicaria o que deve aprender a fazer? – O futuro da profissão de bordadeira de

casa está nas mãos de quem já sabe este labor. Assim sendo, é necessário entendermos se estas profissionais têm vontade de ensinar as futuras gerações. Todas estas questões foram recaindo sobre vários assuntos. Porém, nunca nos desviamos do fio condutor do nosso trabalho, embora incidindo sobre várias perspectivas de encarar o Bordado da Madeira e a actividade de bordadeira de casa. As respostas ao questionário são como uma porta aberta para conhecer termos, expressões e processos que fazem parte do património regional relativo ao bordado. Quando descobrimos que, por vezes, uma mesma realidade é definida em diferentes pontos de inquérito e pelas várias informantes de modo diverso, confirmámos a importância deste estudo para a preservação do património linguístico relativo ao bordado que o estudo preliminar dava a entender.

2. Trabalho de campo, informantes e recolha de dados

Seguindo um método baseado num questionário gravado, descrevemos, agora, a forma como procedemos no trabalho de campo para a recolha dos materiais, junto das informantes. Definidos os objectivos (cf. introdução) e o questionário pronto (cf. capítulo II, ponto 1.), avançamos para o contacto com as informantes das quatro freguesias da Ribeira Brava. Estabelecemo-lo de modo directo – sem o auxílio de terceiros – e indirecto, através de intermediários conhecidos. Esgotadas essas duas hipóteses, recorreremos a instituições, como as Casas do Povo, as Juntas de Freguesia e os Centros de Dia. O trabalho de campo com a aplicação do questionário no contacto com as informantes decorreu, essencialmente, de Setembro a Dezembro de 2014.

Trata-se de um trabalho académico, sem qualquer consequência para as informantes, sendo os seus dados confidenciais. Porém, no terreno, tivemos recusas. Além disso, ouvimos, frequentemente, respostas como: “Isto já não há quem borde”; “Aqui, já só as mais velhas bordam.”; “Já não há bordados. Quem é que borda?”; “Por aqui, não vejo ninguém assim que possa ajudar”. O principal motivo dificultador na identificação das informantes para a aplicação do questionário é a reduzida quantidade de mulheres que se dedica a bordar. No entanto, a emigração e a escolaridade parecem também ser factores que contribuem para a diminuição do número de bordadeiras de casa. Muitas mulheres são-no, mas não têm perto delas, por vários motivos (sobretudo emigração, outro ponto de residência, falecimento, etc.), familiares que também o sejam. Assim, a dificuldade em cumprir com o que, previamente, definimos (duas famílias, três gerações, quatro pontos de inquérito) obrigou a uma pequena revisão

metodológica, essencialmente na Serra de Água e na Tabua. Convém-nos recordar que estas duas freguesias são as que menos habitantes possuem e têm um número reduzido de bordadeiras de casa (cf. capítulo I, ponto 2.). Tivemos de ultrapassar o factor “família”, mas mantivemos o parâmetro “gerações diferentes”. Torna-se possível contar com a colaboração de informantes que, não sendo da mesma família, representam gerações distintas porque mantêm uma ligação com o Bordado da Madeira. São, preferencialmente, bordadeiras de casa, mas, não o sendo, têm mãe e/ou avó com essa profissão. Encontramos, na Casa do Povo do Campanário e na da Tabua, mulheres que estavam a frequentar um curso de Bordado da Madeira, organizado pela própria instituição. Algumas formandas estão nesses cursos para, sobretudo, aperfeiçoarem determinados pontos e aprenderem o que não tiveram oportunidade de fazer no seio da família. Embora em número reduzido, outras, inclusive jovens, aproveitam para iniciar a aprendizagem da arte de bordar. Certas formandas aceitaram responder ao questionário, mesmo não sendo da mesma família, mas representando gerações distintas. No conjunto, com todas as informantes gravadas conseguimos representar as três gerações pretendidas por ponto de inquérito, recolhendo saberes e conhecimentos de que damos conta neste trabalho.

Colocamos a questão: Por que é que as informantes contactadas e que aceitaram ser gravadas respondendo ao questionário são representativas de cada freguesia? Fica a pergunta: porquê aquelas e não outras? São estas porque representam a sua freguesia, onde nasceram e cresceram, assim como a geração a que pertencem. Têm, além disso, uma ligação à actividade de bordadeira de casa e estão disponíveis para serem informantes. De acordo com dados disponibilizados pelo IVBAM, o número de bordadeiras de casa nas diferentes freguesias do concelho da Ribeira Brava em 2014 era o que consta da tabela 6. Adicionamos o número de informantes gravadas e verificamos, nomeadamente para a Serra de Água e Tabua, que, para a totalidade de bordadeiras de casa existentes (cf. números do IVBAM), as inquiridas parecem representar uma grande percentagem. No entanto, essa relação não pode ser estabelecida assim porque as informantes da primeira geração foram bordadeiras de casa (já não o sendo) e as informantes de terceira geração são simplesmente bordadeiras (não exercendo a profissão). À partida, pode parecer, pelo menos nas duas primeiras freguesias apresentadas na referida tabela, que há um vasto número de informantes por onde escolher. Coincidindo com o maior número de bordadeiras de casa apresentado, é no Campanário que sentimos mais facilidade em contactar com mulheres que

correspondem ao perfil pretendido. O facto é que não queremos “bordadeiras ao acaso”, temos condições para a selecção das informantes. No entanto, identificar as informantes jovens – terceira geração – foi a maior dificuldade, incluindo, na freguesia da Ribeira Brava, onde o número de bordadeiras de casa é significativo (cf. tabela 6).

Freguesia	Número de bordadeiras de casa	Informantes gravadas
Campanário	231	6
Ribeira Brava	211	6
Serra de Água	10	6
Tabua	19	6
Total	471	24

Tabela 6. Número de bordadeiras de casa nas freguesias da Ribeira Brava em 2014 e informantes gravadas nesse ano

O factor idade, quando se fala da profissão de bordadeira de casa, é um dado extremamente importante. Ao longo dos anos, como podemos verificar de seguida, várias são as referências que apontam a média de idades das bordadeiras de casa em torno dos quarenta/cinquenta anos. Para exemplo: “São mulheres. Oitenta por cento tem mais de 40 anos e bordam porque não podem fazer outra coisa.” (FLORENÇA, 1991: 4); “(...) a faixa etária mais numerosa é a que se situa entre os 50 e os 60 anos de idade.” (KLUT, 2003: 49); “De acordo com estatísticas de 2009, 1.273 bordadeiras tinham idades compreendidas entre os 41 e os 50 anos e apenas 590 tinham mais de 60 anos. As restantes 354 bordadeiras têm entre 31 e 40 anos e apenas 20 estão entre os 21 e os 30 anos de idade.” (SILVA, 2011: 11); “As bordadeiras actuais têm idades entre os 40 e 50 anos e penso que será com elas o limite da produção” (PELICANO, 2011). Quanto ao presente, foi-nos possível saber que o escalão etário com o maior número de beneficiárias do regime de bordadeiras de casa continua a ser o dos 41-50 anos, seguido do dos 51-60 anos e do dos 31-40 anos (Informação disponibilizada pelo IVBAM). Isto explica o facto de termos sentido uma maior dificuldade em localizar as informantes representativas da terceira geração. Por tudo isto, tendo em conta os requisitos estipulados, apesar dos obstáculos encontrados, as informantes são mesmo representativas das três gerações de bordadeiras de casa da sua freguesia. Os dados

recolhidos no trabalho de campo têm fontes fidedignas que nos permitem valorizar a herança patrimonial das bordadeiras (de casa) da Ribeira Brava.

A identificação global das informantes figura na tabela 7. Nela, constam: a freguesia, as iniciais de cada informante, a geração que representa e a idade. Há ainda uma coluna intitulada “código” que traduz a fórmula como cada informante vai ser mencionada ao longo de todo o trabalho. A primeira inicial do código é a de cada freguesia: C – Campanário, R – Ribeira Brava, S – Serra de Água e T – Tabua. A seguir, seguem-se as iniciais das informantes e, depois, a geração que representam: 1^a – primeira geração (avó), 2^a – segunda geração (filha/mãe) e 3^a – terceira geração (filha/neta). As idades das informantes variam dos 17 aos 87 anos. As freguesias encontram-se ordenadas por ordem alfabética e as informantes pela geração, da primeira para a terceira.

Freguesia	Informante	Geração	Código	Idade
Campanário	MS	1 ^a	C_MS_1	72
	MDS	2 ^a	C_MDS_2	43
	SS	3 ^a	C_SS_3	24
	AR	1 ^a	C_AR_1	87
	GR	2 ^a	C_GR_2	63
	SR	3 ^a	C_SR_3	39
Ribeira Brava	MP	1 ^a	R_MP_1	83
	MA	2 ^a	R_MA_2	44
	DA	3 ^a	R_DA_3	17
	AS	1 ^a	R_AS_1	74
	MM	2 ^a	R_MM_2	48
	HR	3 ^a	R_HR_3	22
Serra de Água	MR	1 ^a	S_MR_1	87
	MD	2 ^a	S_MD_2	67
	LV	3 ^a	S_LV_3	34
	JS	1 ^a	S_JS_1	73
	OF	2 ^a	S_OF_2	59
	AC	3 ^a	S_AC_3	40
Tabua	RV	1 ^a	T_RV_1	73
	DS	2 ^a	T_DS_2	45
	FS	3 ^a	T_FS_3	19
	CF	1 ^a	T_CF_1	70
	VG	2 ^a	T_VG_2	48
	MLP	3 ^a	T_MLP_3	36

Tabela 7. Compilação da identificação geral das informantes entrevistadas

No total, as respostas ao questionário das vinte e quatro informantes (cf. tabela 7) somam 6 horas de gravações. O material áudio é muito rico, tornando-se impossível dar conta de toda essa riqueza. Tivemos necessidade de seleccionar informação para ir ao encontro do nosso tema, o Bordado da Madeira visto como património linguístico. Do material colhido, tivemos de pensar na melhor abordagem a fazer para o conseguir. Inicialmente, a decisão fora adequar o tratamento ao tipo de dados que predominasse, uma vez que não sabíamos o que a recolha revelaria. Devido à experiência que tivemos com o trabalho preliminar, estávamos com expectativas de encontrar muita informação característica da tradição oral, como dos cancioneiros/romanceiros: histórias, rimances, lendas, contos, cantigas, quadras, etc., ligados à actividade das bordadeiras (de casa). É costume ouvirmos dizer que as bordadeiras (de casa), enquanto trabalham, transmitem um saber, sobretudo, oral, às filhas e aprendizes, onde se incluem muitas histórias, lengalengas e contos. Essa ideia é alimentada pela escrita de contos e de narrativas orais. Do nosso trabalho de campo, e consequentemente da nossa experiência, pelo menos na amostra conseguida, não verificamos que esta parte patrimonial seja relevante (cf. capítulo II, ponto 3). As bordadeiras (de casa) falam, contam e cantam. Ouvem histórias umas das outras. Falam, acima de tudo, da vida umas das outras. O que num meio geralmente pequeno é hábito verificar-se. Porém, além disso, não nos conseguiram facultar muitos dados da tradição oral popular. Recolhemos algumas quadras ditas e escritas pelas informantes mais idosas. Tal pode dever-se ao esquecimento em parte induzido pelo tempo limitado das entrevistas. O que podemos conferir é que tentaram recordar. Contudo, recorriam, para este assunto, a vivências pessoais ou de próximos. Isso leva-nos a considerar que, possivelmente, já não passam de geração em geração as histórias e os contos que pensávamos que elas transmitiam. Será que existe mesmo essa tradição? Não podemos generalizar a nossa amostra a todas as bordadeiras (de casa). Todavia, podemos concluir que, fosse por esquecimento devido à não utilização e partilha da informação, fosse por outro aspecto qualquer, não recolhemos grande quantidade desse tipo de património. Não conseguindo responder ao que era esperado, as bordadeiras (de casa) contaram algumas das suas histórias pessoais e certas memórias, que também têm todo o valor porque ultrapassam com frequência a experiência individual. Incluem aspectos e tradições que se vão perdendo e, por isso, merecem toda a nossa atenção.

2.1. Algumas vivências: materiais a valorizar

As informantes revelaram pormenores que ocorriam no dia-a-dia e detalhes mais pontuais, designadamente alguns relativos a épocas festivas. Contaram-nos que bordavam muitas vezes com familiares e amigas, mas que, em certos dias, trabalharam sozinhas, em silêncio. Actualmente, é, aliás, o que mais se verifica. Há uma tendência para as bordadeiras (de casa) trabalharem individualmente, nos seus lares. Os tempos mudaram e elas mudaram os seus hábitos, colocando em risco tradições e saberes que são património. As bordadeiras (de casa) preocupam-se com o valor que auferem, mas também com o futuro do bordado. Há, claramente, uma perda de aspectos tradicionais e uma perda de informação devido aos jovens não manifestarem grande interesse por esta profissão. Apesar de essa perda ser prejudicial para a comunidade, consideramos positivo o progresso que foi acontecendo, comparando o discurso das informantes mais idosas com o das mais jovens. A bordadeira de casa é vista como uma trabalhadora sofredora. Em notícias, reportagens, decretos, é, na maior parte das vezes, referida a situação precária destas profissionais. Contudo, é na voz de quem sente e vive a profissão, e da profissão, que escutamos os lamentos e as preocupações.

Através do relato das vivências, entendemos melhor o que era a vida das informantes mais idosas e da condição das mulheres rurais, nas últimas décadas: “Bordava só mais Deus. Eu não era de ir assim às casas alheias bordar. Bem, às vezes, se tivesse uma pessoa doente, p’ a morrer, eu levava o meu bordadinho, e eu bordava lá um bocadinho p’ a eu acompanhar (...)” (C_AR_1). Ouvimos as bordadeiras falar com alegria das brincadeiras e das gargalhadas que deram no passado, enquanto bordavam acompanhadas: “(...) eu ia mai’ lhas outras pessoas, mais outras raparigas. Era-se cinco ou seis, assentava-se tudo dum monte, dum cantinho e as vacas a comer. (...) e todas a bordar. Era uma festa qu’ a gente se fazia. Cantava-se e ria-se. Era o nosso tempo!” (C_MS_1). Falaram-nos de momentos menos felizes, das dificuldades que passaram, da infância que não tiveram. Não havia tempo para as crianças brincarem: “Era uma foice na mão – logo que abria os olhos – p’ a ajudar a trazer aquele maranhinho às costas. Quando começava a dar uns passinhos, vamos embora. Ah, aquilo era uma vida triste. A gente fala, mas era uma vida cansativa (...) porque também não havia escolas. Os pais tinha que ensinar alguma coisa a eles a fazer.” (R_AS_1). Contam alguns momentos que as marcaram e que, ainda, guardam na memória. Deixam sempre presente que aprenderam, sofreram e que se esforçaram muito: “Eu comprei uns sapatos, nunca me

esquece, eu comprei uma vez uns sapatos (...). Eu fui a pé e vim a pé, à Lombada. Comprei os sapatos e uma saia c'o dinheiro do bordado, mas esforcei-me bastante p'a ter esse dinheiro p'a eu poder comprar a minha roupa p'a vestir (...). A mãe também bordava e não podia dar porque o que ganhava era p'a comprar um quilinho de massa, pãozinho, essas coisas assim (...). O comer era contadinho, um quilinho de massa podia dar p'a duas três vezes com bastante mistura que era-se nove dentro de casa.” (R_MM_2). Descrevem episódios que ficaram por resolver ou que podiam ter tido um final melhor: “Numa altura, a gente queria-se inscrever no fundo de desemprego qu'eles veram por o sindicato. Só que a senhora Rosa não quis qu'a gente se inscrevesse. Se a gente tinha-se inscrevido, se a gente não tivesse bordado, a gente ficava com qualquer coisa, mas ela, na altura, disse assim. Disse p'a gente não se inscrever. A gente não se inscreveu e, depois, teve uma altura que eles davo no Natal. Davo um subsídio.” (S_OF_2); “A senhora que dava bordados [devia] (...) cinquenta e tal contos e nunca me pagou (...). Ela recebia e nunca me pagou. Eu fui à casa de bordados, mas eles já tinha pago a ela (...). Eu fui lá umas três, quatro vezes. Uma hora não tava. Outra hora não tinha dinheiro. Nunca mais fui (...). Já não bordava, mas ia lá procurar p'a ela me pagar” (T_CF_1). Explicam algumas alterações associadas à profissão pelas quais passaram (cf. capítulo I, ponto 1.3): “(...) tínhamos que pagar as linhas no fim do trabalho. Tínhamos que pagar as linhas. Hoje, não! Hoje, já vem descontado no trabalho. Já vem descontado as linhas. A gente paga, mas, no preço do trabalho, já [está] directamente o desconto das linhas” (R_AS_1). Expõem situações mais familiares: “Uma vez uma senhora foi a casa da minha mãe me chamar p'a eu ir bordar p'a casa dela, mas a minha mãe não me queria deixar andar de noite. Que acho que era alparda. Era logo à noite, mas eu disse à mãe, deixe-me eu ir p'ra lá. Ora, levei os tais (...) sacos, qu'era, parece, fronhas. Eu ia p'ra lá e essa rapariga, às vezes, queria brincar, assim, um bocado e eu dizia não. Não que, depois, eu chego a minha casa e minha mãe vai dizer que eu (...) não bordei. E era de noite. (...) No outro dia, a minha mãe dizia: amostra o trabalho que tu fizestes. Eu amostrava e a minha mãe já via que eu (...) que tinha bordado” (S_MD_2); “Eu tenho em casa um pedaço de linho. Foi feito por a minha mãe (...), quando ela era adolescente. Tem muitos, muitos anos e esse linho foi feito p'los pais dela que semearam o linho; recolheram e, depois, ela própria é que teceu (...). Eu guardo isso como recordação.” (T_VG_2).

As informantes jovens, representativas da terceira geração, não tendo experimentado estas vivências, acrescentam a estas informações dados resultantes do

que vão ouvindo. Muitas delas contactam com este labor apenas visualmente. Falam do que sabem porque lhes contaram: “Só sei que a avó saía de manhã. Saía de casa; levava bordado e levava, na mão, o desenho que ela tinha p’ a fazer durante o dia. Tinha que chegar a casa com aquele bocadinho feito e também tinha que tratar da vaca, que ela ia c’ a vaca e bordava.” (C_SS_3); “Pelas histórias que a minha mãe conta e qu’ a minha avó também contava, o antigamente era muito pior. Por exemplo, à noite, era (...), bordavam à volta de uma luz de petróleo. Agora, não há essa necessidade. É a televisão, com luz acesa. Eu acho que mudaram bastante os tempos e mudou a vida da bordadeira.” (R_HR_3).

Aquando do relato das vivências, conseguimos recolher algum material de carácter patrimonial, embora em número reduzido. Em duas freguesias distintas, ouvimos o que podemos considerar ser “ditado popular”, algo que todas as bordadeiras (de casa) sabiam ou pelo menos poderiam comprovar: “minha mãe dizia qu’ a agulha era levezinha, mas q’ era pior q’ uma enxada” (T_CF_1); “Um home não morre c’ a enxada, mas uã mulher morre c’ a agulha. Porque morreu muita gente de trebeculosa, (...) de puxar pela agulha (...). Naquele tempo, não havia estes comeres. Comio pouco. Trabalhavo noites inteiras e não tinham aquele comerzinho que desse p’ a sustentar. E muita gente, mesmo por aqui perto, meus vizinhos, morrero de trebeculosa. Vizinhas minhas, porque não tinham aquilho que comesse e s’ a matar em trabalhar.” (C_AR_1). Descobrimos o que eram os “pregões”¹⁵. Três semanas antes do casamento, na porta da igreja, colocavam um anúncio (um pregão) e quem tivesse algum impedimento para que isso acontecesse tinha de se manifestar.

As memórias relatadas pelas informantes, alusivas ao bordar em conjunto, espelham momentos de alegria, embora as dificuldades do trabalho permanecessem. Falarem umas com as outras alegrava os serões e ajudava a afastar o sono. Uma das temáticas frequentes nas conversas entre bordadeiras (de casa) era o amor. Os tópicos do namoro e do casamento reaparecem nas conversas. São as informantes mais idosas que testemunham as mudanças sociais e de costumes que houve neste âmbito: “os que iam se casar não podiam dar bom dia nem boa tarde, já viu o que era naquele tempo? Agora!” (C_AR_1). A temática amorosa servia também de inspiração para as canções que entoavam enquanto trabalhavam.

¹⁵ O termo “pregões” é utilizado no sentido de “apregoar”: de dar a conhecer determinada informação, sendo, na situação da informante, a anúnciação de um casamento. “Apregoar” é “dizer em voz alta”. Todavia, nos pregões a comunicação era feita através de uma folha de papel colada à porta da igreja. Todos ficavam a saber quem ia casar e podiam manifestar-se, em caso de conhecerem alguma oposição.

3. Um breve cancioneiro

Em grupo, as bordadeiras de casa cantavam “músicas” que todas conheciam. Havia, sobretudo, as religiosas aprendidas na igreja: “Avé, avé, avé Maria/ Avé, avé, avé Maria/ A 13 de Maio na Cova da Iria/ apareceu brilhando/ a Virgem Maria.” (R_AS_1). As músicas populares também eram incluídas no repertório. As mais tradicionais, como “Aldeia da roupa branca”, “A agulha e o dedal” (T_MLP_3) e outras que até fazem parte de rapsódias regionais, como “Primavera das flores” e “Bailinho da Madeira” (T_MLP_3). Cantavam tudo o que ajudasse a alegrar o ambiente e a quebrar a monotonia do trabalho. Cantavam ao sabor da ocasião, do estado de espírito e em resposta às companheiras. Inventavam, rimavam e conseguiam cantigas que, depois, se podiam repetir ou iam dando lugar a outras novas. Como para “despique”, ao desafio, o improviso era a chave para conseguir sobressair. Apesar de contarem que isso acontecia, poucas foram as informantes que se lembraram dessas “cantigas”. A memória e a capacidade de improviso já não são iguais. O que se alterou foi mesmo a convivência e o deixar de cantar. Deixaram de fazer as coisas como no passado: “Tinha mais [cantigas]. Eu é que não me lembro sequer. Naquele tempo, ora, aos anos que eu não canto (...). A gente cantava-se; apupava-se; ria-se qu’era uma alegria. Agora, acabou-se estas alegrias todas. Já não se sabe nada.” (C_AR_1).

Apesar desta manifesta “falta de memória”, conseguimos compilar algumas quadras e canções. A recolha para este tipo de material linguístico ficou aquém das expectativas. Esperávamos encontrar um património oral recreativo mais vasto. Mesmo assim, damos a conhecer o que conseguimos reunir. São elementos importantes porque pertencem a uma cultura popular tradicional, que nos parece poder estar em vias de extinção, pelo menos no que se prende com a herança das bordadeiras (de casa) da Ribeira Brava, como depreendemos da nossa amostra. Não conseguindo lembrar-se na hora do questionário, mas dizendo que sabiam muitas “cantigas”, as informantes C_AR_1 e C_GR_2, mãe e filha, acabaram por, posteriormente, entregar algumas quadras escritas por elas próprias. Reproduzimo-las integralmente, transcrevendo-as como as informantes as disponibilizaram, sem as corrigir (cf. composições apresentadas de Margarida Rodrigues, extraídas da obra de João Luís Rodrigues), o que também fizemos com as quatro composições (conjuntos de quadras soltas e canções) recolhidas oralmente nas gravações. Nesta transcrição, tentamos escrevê-las, seguindo, o mais fielmente possível, a forma de falar (cantar) das informantes, procurando valorizar a

linguagem popular. O material recolhido está organizado por informantes, segundo a sequência da tabela 7.

C_MS_1

Quadras soltas (recolha oral)

Oh, Maria, vamos à erva
Qu'ô cantar da erva alembra.
Oh, Maria não vou à erva
Qu'ô meu pai tem pouca fazenda.

Eu fui ao mar às laranjas
laranjas no mar não tem.
Fiquei toda alagadinha
q'ando as ondas do mar vem.

Acolá daquele mato,
'tá uma pedrinha moliça.
Quando o meu amor se encosta,
é quando vai e vem da missa.

Eu subi a amexieira
p'apanhar a bela ameixa.
Fui falar a rapariga.
O pai quer; a mãe não deixa.

Eu falei à rapariga
quarta-feira c'a lua.
Se ela não me der o sim,
já não falo a mais nenhuma.

Acolá daquele lado,
está um pau p'a castanholas,
para dar às moças bonitas
e também p'os mariolas.

Manuel da vizinha
embarca na segunda-feira.
Mal empregado do rapaz
ir para a ilha Terceira.

Manuel da vizinha
já matou o seu desejo.
Encontrou a sua mãe.
Deu-lhe um abraço e um beijo.

Tua boca fez um tinteiro,
a língua pena parada,
os dentes letra miúda,
os beijos carta cerrada.

Coitado quem tem amores
da ribeirinha p'ra lá
que a ribeirinha vai cheia.
Deus sabe quem passará.

Coitado quem tem amores
que se deita e não os via.
Vai pensando, imaginando,
quando é que amanhecia.

Os nossos dois corações
com água foram ligados.
Já fizeram juramentos
só por morte separados.

Acolá daquele mar,
'tá uma pedra, mas não bole.
Certo que é o meu amor;
quer me falar, mas não pode.

Boneca, minha boneca,
tens um bonito cacó.
Eu queria dormir mais ti
nem que fosse uma noite só.

A boneca vem bonita,
mas não é dela andar.
É para ela sair em rifas,
para o domingo do bazar.

Eu fui ao fundo do mar
buscar a pedra do lodo.
Deus me livre se eu não chamo
ainda teu pai meu sogro.

Fui à fonte beber água,
debaixo do pé da murta.
Fui só p'ra ver os teus olhos
que a sede não era muita.

Não cortes o castanheiro.
Não lhe ponhas o podão.
Debaixo do castanheiro,
tenho o meu amor João.

Ó girassol dobrado,
dobradinho d'inté o pé.
Quem te disse girassol
que o meu amor é José.

Maria, vamos à erva
atrás do poço caído.
Uma mão é uma gavela
e uma troca é um braçado.

Vou aviar o meu bordado,
só me falta um garanito,
p'ra levar a Santo António,
para o caixeiro mais bonito.

Vou bordar depressa
P'o meu bordado acabar,
p'a mandar p'o meu amor
que 'tá aí a chegar.

O meu amor é vadio.
Pendeu para a vadiação
que ele tinha o mau costume
de 'tar ao pé do garrafão.

Tira o brinco das orelhas
e o cordão do pescoço.
Amarra na ponta do lenço
e deita na beira do poço.

Angelina tem um pente;
'tá sempre se a pentear.
Chegou à bendita hora
de Angelina se acabar.

Na rua da Amoreirinha,
se achares um lenço é meu.
Com três beijos amarrados
qu'o meu amor me deu.

Amarrei o sol à lua
na ponta dum guardanapo.
O sol era tão bonito
que fugiu por um buraco.

C_MS_1

Canção (recolha oral)

Manuel, calça as botas.
Anda aqui acima à levada
falar c'a tua prima
p'ra ser tua namorada.

As botas eu procurei
para nos meu pés calçar.

Quando eu cheguei à levada,
com uma dor no coração,
encontrei minha tia.
Deite-me a sua bênção.

Conta-me meu sobrinho, conta.
Tem confiança c'a tia.

Eu venho para aqui casar
c'a minha prima Maria.

A tua prima não 'tá.
Foi tirar o leite à vaca.
Manuel, sai p'a rua
Encosta-te àquela estaca.

A minha prima Maria
já 'tá próxima a chegar.
A minha tia que diga
que eu tenho vergonha de falar.

Maria, não queres teu primo
tu achas-lhe algum senão.
Tem as patas alaradas.
Parece as patas dum cão.

C_MS_1

Canto da barca (recolha oral)

Adeus do canto da barca.
O mais tem uma roseira.
'inda há pouco aqui morreu
uma menina solteira.

Era uma bela menina.
Não sabia namorar.
Pedi remédio ao noivo,
para a morte la levar.

O noivo que assim se viu,
na formosa da calçada,
arranjou limão e canela;
arranjou uma garrafada.

O noivo que assim se viu,
neste mundo sem ninguém
empinou as mãos ao céu;
apareceu sua mãe.

Já lá vem o senhor doutor
c'a sua bota engraxada.
Vai pedindo à enfermeira;
vamos ver a desgraçada.

O hospital tem muitas camas
'inda há pouco las contei.
Deitadinha numa delas,
muitas lágrimas eu chorei.

C_AR_1

Quadras soltas (recolha oral)

Aquele da casa na praça
a muito se assujeitou.
Uns dizem que ela qu' é alta;
outros que de alta passou.

Ó João, meu joãozinho,
de fita verde nos calções,
dizes que casas comigo.
Vamos fazer os pregões¹⁶.

Acolá fora, na barra,
'tá um cachorrinho a ganir
com uma fitinha no rabo
p'a fazer a gente rir.

Eu sumi o meu lencinho
ali'm baixo a brincar.
Minha mãe não me dá outro.
Em cabelo, eu vou andar.

¹⁶ cf. nota de rodapé 15.

C_AR_1/ C_GR_2

Quadras soltas (recolha escrita)

Se fores domingo à missa
fica bem onde eu te veja
não me fassas andar louca
em leilão por toda a igreja.

Ó José muda o teu nome
tens um nome bem cruel
muda o teu nome para António
e de António para Manuel.

Manuel cacho de uvas
Óh quem te depenicasse
desfamador das moças
ó ladrão quem te matasse.

Manuel, Manuel,
Manuel meu irmão,
espero por ti à tarde,
na viagem do avião.

Apanhamos este trigo,
escolhemos o balanço
onde eu fui tomar amor
ao lombinho do pau branco.

Eu domingo fui à missa
e no adro bem te vi
estavas a olhar para as outras
e não olhaste para mim.

Antoninho me namora
eu nele não acho graça
passa pelas raparigas
deita-lhe a língua de fora.

Ficaste de vir não vieste
amor, à minha vindima
não sabes quanto perdeste
o verdelho que lá tinha.

Ó meu amor vem cá hoje
tenho seia para te dar
cafézinho milho frito
beijinhos ao caminhar.

O sol já vai lá baixo
está perto do anoitecer
não vi hoje o meu amor
mas tenho intenções de o ver.

A oliveira da serra
dá-lhe o vento e cai a flor
só queria uma flor dela
para dar ao meu amor.

Ó quem me dera morrer
que para morrer nasci
o que me custa passar
é caminhos que nunca vi.

Ó quem me dera morrer
depois de morta ter vida
para eu ver quem te lugrava
prenda amada tão querida.

Vou embora para a cidade
que o campo já me aborrece
Dentro da cidade eu tenho
quem penas por mim padesse.

Vou-me embora, vou embora
até à semana que vem
quem não me conhece chora
que fará quem me quer bem.

Vou-me embora para a deserta
fazer vida com os peixinhos
já que na terra não tenho
quem me logre os meus carinhos.

Vou dizer à gente nova
o que custou a ganhar o pão,
tudo acarretado às costas
e trabalhado à mão.

O povo muito trabalhou
de manhã ao sol posto.
p'ra sustentar a família
com fome e suor no rosto.

A água era só de poços,
a luz era uma candeia,
então a fome que passamos!
se há almoço não há ceia.

Inesperadamente, esta recolha é constituída por poucos materiais. Pensamos que os textos compilados são uma pequena amostra de um vasto património que poderá estar a cair em desuso. Parecem ter ficado muitas histórias por contar, muitas quadras por lembrar. De geração em geração, pela “perda de memória” de quem as conhecia, deixam de ser transmitidas, como a profissão que já não é como era. Vão-se perdendo estes aspectos, porque não há, na família, quem se interesse em aprender ou pelo menos conhecer o trabalho destas bordadeiras de casa. As cinco composições, que congregam as quadras ditas por informantes, revelam isso mesmo. Observando-as, verificamos que espelham, muitas vezes, o estado de espírito de quem as cantava (mais do que as dizia), do ambiente do momento ou, inclusive, de algo que já tinha acontecido, nomeadamente situações amorosas. As bordadeiras de casa cantam, descrevendo relações de amor, quer seja o namorado ou a namorada a falar. Numa das quadras de C_MS_1 – quadras soltas, verificamos que o sujeito amoroso é masculino: “Eu falei à rapariga/ quarta-feira c’a lua./ Se ela não me der o sim,/ já não falo a mais nenhuma.” Nota-se o contrário em C_AR_1 – quadras soltas, em que é a jovem a dirigir-se ao namorado: “Ó João, meu Joãozinho,/ de fita verde nos calções,/ dizes que casas comigo./ Vamos fazer os pregões.”. O bordado, intimamente relacionado com o amor, por vezes, também era o elemento inspirador, como comprova a seguinte quadra de C_MS_1 – quadras soltas: “Vou aviar o meu bordado,/ só me falta um garanito,/ p’ra levar a Santo António,/ para o caixeiro mais bonito.”

A imagem das bordadeiras (de casa), que surge em algumas composições, tem sido tema de inspiração criativa, tornando-se estas mulheres protagonistas de poemas (cf. ANDRADE, 1986: 47-49; VIEIRA, 2010: 32, 103, 113), romances (cf. GOUVEIA, 1959), crónicas (VERÍSSIMO, 19-10-1997: 11) e até músicas. Faz parte do repertório do Grupo de Folclore da Casa do Povo da Ribeira Brava, uma música intitulada: Baile das Bordadeiras¹⁷, que, também, interliga o amor com o bordado. Este “baile” representa uma homenagem, já que: “Esta dança dignifica todas as bordadeiras da Ribeira Brava, e não só, que passavam dias e dias a bordar para ganhar uns tostões para poderem ajudar no sustento da família.” (Grupo de Folclore da Casa do Povo da Ribeira Brava, s/d).

¹⁷ Na página: <https://www.youtube.com/watch?v=O00w6cUNaD8>, é possível ouvir cantar e ver dançar este “baile”.

Julgamos que algumas das quadras registadas estão relacionadas com o local onde foram recolhidas, já que referem elementos pontuais, por exemplo, um topónimo como o “Lombinho do Pau Branco” em : “Apanhemos este trigo,/ escolhemos o balanço/ onde eu fui tomar amor/ ao lombinho do pau branco.” (C_AR_1/ C_GR_2 – quadras soltas). Pelo contrário, outras não serão específicas das bordadeiras (de casa), nem da zona da Ribeira Brava. É o caso de: “A oliveira da serra/ dá-lhe o vento e cai a flor/ só queria uma flor dela/ para dar ao meu amor.” (C_AR_1/ C_GR_2 – quadras soltas) que parece uma adaptação da canção popular “Oliveira da serra”. Por essa razão, e por várias outras, seria importante analisar, individual e colectivamente, as composições registadas, sobretudo a nível linguístico, para compreendermos até que ponto são património regional. Porém, embora as apresentemos, não o fazemos porque decidimos aprofundar a análise do tipo de material mais representado na recolha realizada: o léxico do Bordado da Madeira, que deu origem ao glossário (cf. capítulo II, ponto 4.2). Parece-nos que o estudo da terminologia, pela sua relevância, necessitava de um tratamento sistemático, visto que, enquanto bordavam, falavam mais do que cantavam, mesmo não se distraíndo, nem se prejudicando no trabalho: “falavam, mas não tiravam os olhos do bordado porque as que estavam a ouvir não paravam de bordar e, quando as que estavam a falar reparavam, as outras já levavam um avanço considerável, daí nunca tirarem os olhos do bordado” (S_MD_2).

4. Glossário do Bordado da Madeira

No decorrer da investigação, impôs-se a concepção de um glossário dedicado à temática do Bordado da Madeira. Para a sua classificação e definição, procedemos ao levantamento da terminologia registada nas gravações com as informantes da Ribeira Brava e alargámo-lo ao vocabulário encontrado na bibliografia, essencialmente relativo ao processo fabril de toda a RAM, incluindo o concelho em estudo. Juntamos, assim, o conhecimento lexical das bordadeiras (de casa) com os conhecimentos de procedimentos realizados na fábrica, uma vez que elas os reproduzem em casa para benefício próprio. O glossário compila, em suma, o importante saber das bordadeiras (de casa), com base nas suas práticas caseiras, e a terminologia das práticas industriais. Engloba a informação geral da indústria que se encontrava dispersa pela bibliografia. A linguagem das bordadeiras (de casa) possui um vasto vocabulário e não se limita aos nomes dos pontos de bordar. Os termos das bordadeiras (de casa) referem-se

essencialmente a: hábitos, materiais, processos, etc. Integramos aspectos ligados ao seu ofício, mas também à sua condição porque intervêm, directa ou indirectamente, no trabalho que desenvolvem. Por exemplo, as entradas “**Bilhardar**” e “**Vida de casa**”, extraídas das gravações, representam circunstâncias que costumam caracterizar as bordadeiras (de casa), mesmo não lhes sendo específicas. No total, a terminologia do Bordado da Madeira do presente glossário soma mais de 300 entradas.

4.1. Organização e conteúdo

Seguindo o modelo de diversos dicionários, designadamente o *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea*, volumes I e II, da Academia das Ciências de Lisboa, 2001, as entradas do glossário apresentam a seguinte ordem, com uma parte informativa anterior à definição e outra a partir desta:

Termo/Expressão [transcrição fonética] classificação morfológica abreviada (etimologia) – “variantes” (código de identificação da informante/referência bibliográfica) – definição: exemplo(s) (código de identificação da informante). (*cf. outras entradas/referências*). **Nota:**

Consideramos umas excepções a esta ordem, para a etimologia e à transcrição fonética, dos nomes das instituições, que estão, ou estiveram, relacionadas com o Bordado da Madeira: *Associação de Produtores de Bordado Tapeçarias e Artesanato e Obra de Vimes da Madeira*; *Grémio dos industriais de bordados da Madeira*; *Instituto do Bordado, Tapeçarias e Artesanato da Madeira (por diante IBTAM)*; *Instituto do Vinho, do Bordado e do Artesanato da Madeira (por diante IVBAM)*; *Sindicato dos Trabalhadores da Indústria de Bordados da Madeira* e *Sociedade José Júlio Rodrigues de Protecção às Bordadeiras Madeirenses*.

Relativamente aos dados que precedem a definição, para as entradas, há casos em que o mesmo termo é utilizado com sentidos diferentes. Nessas situações, decidimos inserir duas entradas, distinguindo-as com a utilização de um número após o termo, no canto superior, para exemplo: “**Chapa**¹” e “**Chapa**²”. A distinção é feita através do valor numérico. Certamente que, entre os termos/as expressões incluídos no glossário, alguns podem ser curiosos ou porque, à partida, parecem desconhecidos ou porque são triviais e fazem parte da linguagem de outras áreas, instituições ou grupos. Porém, o contexto relacionado com o Bordado da Madeira em que são utilizados revela, logo, a

diferença entre os mesmos e o significado em cada situação. Alguns termos contêm informação entre parênteses curvos, por exemplo: “**Arte (de bordar)**” e “**Produtor (de bordados)**”. Apesar de a terminologia se centrar em torno do Bordado da Madeira, optamos por colocar essa informação suplementar, para que se consiga, desde logo, identificar a quem ou ao que nos referimos. Nessas ocorrências, apenas o que está fora dos parênteses é tido em conta na transcrição fonética, na classificação morfológica (cf. *infra* grande parte das “**abreviaturas utilizadas**”) e na etimologia. Estes três parâmetros (transcrição fonética, classificação morfológica e etimologia) são relativos apenas ao elemento que constitui a entrada, e não às suas variantes (essencialmente do nível popular). Para estes três tipos de informação, consultamos vários dicionários, dando maior realce ao *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea* da Academia das Ciências de Lisboa, no qual decidimos apoiar-nos mais por facilidade de consulta. Aliás, isso sucedeu com os símbolos fonéticos usados porque são idênticos, já que a maioria das entradas do glossário está dicionarizada (embora quase nunca relacionada com o Bordado da Madeira), correspondendo, por isso, a sua transcrição a uma pronúncia padrão. Decidimos seguir o modelo deste dicionário, acentuando a transcrição fonética dos monossílabos tónicos e marcando a vogal tónica. Quanto à etimologia, nas situações em que o termo/a expressão levantam dúvidas, consta “De origem obscura”. Houve casos em que os próprios dicionários consultados apresentavam tal informação para a etimologia. Sempre que viável, ultrapassamos esta dificuldade, propondo uma que nos pareceu possível. Ainda antes da definição propriamente dita, nalgumas entradas, encontram-se variantes que foram ditas pelas informantes ou recolhidas nas referências consultadas. Aparecendo primeiro aquelas, seguidas destas. Nas situações em que a mesma informante disse mais do que uma, indicamos uma vez o código da informante e a separação é feita com o ponto e vírgula, por exemplo: “arrendado de caseado; arrendado às carreiras; arrendado aviado” (R_AS_1). Esta separação é ainda utilizada quando indicamos que a mesma variante foi registada em diferentes fontes, como para: “bamboteiro” (SILVA, 1950: 14; PESTANA, 1970: 37). A separação das variantes é feita com uma barra oblíqua (‘/’), como podemos ver em: “arte de manejar a agulha” (GOUVEIA, 1959: 123)/ “arte de bordar” (CLODE, 1986: 250). Quanto aos códigos de identificação da informante, obedecem à ordem descendente, de acordo com a tabela 7.

Na definição de um termo, quando surge algum que também é uma entrada do glossário, a sua primeira ocorrência está sinalizada a negrito. Isso acontece para que se

confrontem as entradas remetendo uma para a outra. Nesse caso, o termo destacado a negrito não consta em “(cf.)”. Aí, apenas aparecem outros termos que constituem entrada e que estão relacionados com o que está a ser definido. Para ilustrar o termo definido, apresentamos alguns exemplos, que o contextualizam, extraídos essencialmente das gravações. Entre parênteses rectos, inserimos informação necessária para esclarecer algo que possa não ser muito claro. Nem todas as entradas possuem exemplos porque houve termos/expressões, sobretudo no caso dos pontos do bordado, que foram apenas enunciados sem outro contexto. Para verificar se os termos e as expressões já haviam sido referidos, “dicionarizados”, por outras obras madeirenses afins, consultamos quatro: *Vocabulário Madeirense* (1950), de P.º Fernando Augusto da Silva; *Dizeres da Ilha da Madeira – Palavras e Locuções* (1950), de Luís de Sousa; *Ilha da Madeira II – Estudos Madeirenses* (1970), de Eduardo Antonino Pestana e *Falares da Ilha: Dicionário da Linguagem Popular Madeirense* (2.ª edição, 1993), de Abel Marques Caldeira. Na consulta destas obras, encontramos termos/expressões que constam do glossário e outros que não. Decidimos incluir estes últimos, uma vez que o pretendido era compilar o máximo de informação possível referente ao tema, tendo, como ponto de partida, a linguagem das bordadeiras (de casa) da Ribeira Brava. Em qualquer destas situações, identificamos a fonte de informação. No caso de transcrevermos definições, como por exemplo dos vocabulários regionais, aparece “rep. def. de:” para assinalar a “reprodução da definição de:”. Quando reproduzimos partes de outras referências bibliográficas, que não sejam propriamente definições, usamos “rep. ínt.” a indicar “reprodução integral de:”. Ao finalizar as entradas, recorremos a “**Notas**” com observações adicionais. Ocorrem apenas nos casos em que consideramos importante uma explicação extraordinária, que não se enquadrava em nenhum dos outros tópicos. Por exemplo, esgotadas as tentativas junto das informantes para encontrar uma explicação sobre a execução de alguns pontos do bordado, recorremos a outras fontes ligadas à indústria. Recolhemos informação suplementar com bordadeiras de casa que atraem turistas nas fábricas/lojas de Bordado da Madeira. Embora não as consideremos como informantes, por não serem da Ribeira Brava, nas “**Notas**”, inserimos dados de duas bordadeiras (de casa) contactadas em diversas situações: B_BO (que vendia bordados numa feira do Funchal) e A_MG (uma agente de bordados, sindicalista). Consideramos importante a inclusão destas informações porque nos quer, agora, parecer que, pese embora a variação linguística, vários dados da Ribeira Brava para o Bordado da Madeira acabam por se assemelhar aos dos restantes concelhos do

arquipélago. A actividade enquanto Bordado da Madeira é a mesma, apesar de se notarem diferenças. Por serem breves e pontuais, esses apontamentos, obtidos fora das gravações e das referências bibliográficas, constituem apenas notas no glossário. Sucintamente, de acordo com estas informações suplementares, comprovamos que há alterações nas denominações de alguns elementos da Ribeira Brava para outros concelhos, havendo variação linguística. Dessa forma, intensifica-se a necessidade de aprofundar este tema, alargando-o ao arquipélago, o que não é nosso objectivo na presente investigação. As notas, quando existem, são o último elemento da entrada.

Obviamente, quando registamos entradas terminológicas, há necessidade de recorrer a abreviaturas. Listamos, a seguir, as que empregamos no glossário, cuja maioria é comum aos dicionários da Língua Portuguesa consultados, nomeadamente a referência principal: *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea* da Academia das Ciências de Lisboa.

Abreviaturas do glossário:

<i>adj.</i> – Adjectivo;	<i>part. pas.</i> – Particípio passado
<i>adv.</i> – Advérbio;	<i>pl.</i> – Plural
<i>ant.</i> – Antigo	<i>pop.</i> – Popular
<i>ár.</i> – Árabe	<i>port.</i> – Português
<i>art. def.</i> – Artigo definido	<i>prep.</i> – Preposição
<i>b. lat.</i> – Baixo latim	<i>pron.</i> – Pronominal
<i>cast.</i> – Castelhana	<i>pron. dem.</i> – Pronome demonstrativo
<i>cat.</i> – Catalão	<i>prov.</i> – Provençal
<i>cf.</i> – Confrontar	<i>rep. def. de</i> – Reprodução da definição de
<i>conj.</i> – Conjunção	<i>rep. ínt.</i> – Reprodução integral de
<i>contr.</i> – Contracção	<i>s.</i> – Substantivo
<i>Deriv. regres.</i> – Derivado regressivo	<i>suf.</i> – Sufixo
<i>dim.</i> – Diminutivo	<i>top.</i> – Topónimo
<i>expr.</i> – Expressão	<i>v.</i> – Verbo
<i>f.</i> – Feminino	<i>v.i.</i> – Verbo Intransitivo
<i>fr.</i> – Francês	<i>v.t.</i> – Verbo Transitivo
<i>frânc.</i> – Frâncico	* – “forma não atestada, reconstituída segundo regras fonéticas e morfológicas. ex.: tenção ¹ (Do lat. * <i>tentio, -ōnis.</i>)” (rep. ínt. Academia das Ciências de Lisboa, 2001: XXXVII)
<i>gal.</i> – Galego	
<i>germ.</i> – Germânico	
<i>gr.</i> – Grego	
<i>infl.</i> – Influência	
<i>it.</i> – Italiano	
<i>lat.</i> – Latim	
<i>m.</i> – Masculino	
<i>mal.</i> – Malaio	

4.2. Entradas alfabeticamente organizadas

A

Abada [ɐbáðɐ] s.f. (De *aba* + suf. *-ada*) – É uma cavidade formada com o **pano de bordar**. Muitas vezes, é utilizada para colocar os instrumentos necessários para **bordar**: “(...) punha-se os óculos, assim, na abada, a **agulha** na abada e a **tesoura** (...).” (S_MD_2).

Aceitar [ɐsɛjtar] v.t. (Do lat. *acceptāre*, frequentativo de *accipere* ‘receber’) – Receber a remuneração do seu **trabalho**, isto é, o dinheiro dos bordados executados. As bordadeiras não só falam no pouco reconhecimento e na pouca remuneração do seu trabalho, como também no tempo que demoram a obter o **ganho** do mesmo: “Toalhas grandíssimas (...) p’a aceitar aquilo de uma vez, dez ou quinze contos já era bom, mas o tempo que elas levavo p’a fazer uma toalha dessas, ah meu Deus.” (S_MD_2).

Afinçar a agulha [ɐfɨkár ɐ ɐgúlɐ] expr. (Do lat. *a* ou *A* + *fincar*/ + art. def. f./ + Do lat. **acucūla*, dim. de *acus* ‘agulha’) – Movimento inerente ao acto de **bordar**. Por vezes, pode ser mais fácil devido ao **tecido** utilizado. Tecidos mais grossos, como o **linho**, dificultam este acto devido à rigidez do material. Tecidos mais finos, como o **organdi**, facilitam o espetar da agulha: “Para mim, agora, é o vestido de noiva que é aquele fininho (...) uma pessoa num instante afinça a agulha.” (C_MDS_2).

Agência [ɐʒɛsjɐ] s.f. (Do b. lat. *agentia*, de *agens*, *-entis*, part. pres. de *agere* ‘fazer’ pelo fr. *agence* ou it. *agenzia*) – “Agência de bordados” (GOUVEIA, 1959: 28) – A casa do/da **agente**: “Íamos buscar ao Campanário. Às vezes, à Ribeira Brava (...). Tínhamos que nos deslocar à casa da senhora que ia ao Funchal buscar. Levava uma hora, hora e meia, a pé p’a chegar à agência (...).” (R_AS_1).

Agente [ɐʒɛti] s.m., s.f. (Do lat. *agens*, *-entis*, part. pres. do *agere* ‘fazer’) – “agentes dos campos” (SOLEDADE, 1957: 12)/ “agentes distribuidoras” (KLUT, 2003: 38) – A pessoa que distribui, pelas bordadeiras, as peças que deverão ser bordadas. Normalmente, é uma mulher que exerce esta função, também designada por “**senhora**”. Contudo, poderá haver homens que o sejam. Usualmente, as casas de bordados têm agentes por todo o arquipélago. Facilitam a tarefa a muitas bordadeiras porque se encarregam da distribuição dos tecidos para **bordar** – “Dar à bordadeira” – (C_MS_1). Desta forma, as bordadeiras poupam, uma vez que não se deslocam à **casa de bordados**. Quem é responsável por esta tarefa recebe 10% do trabalho que distribui e costuma “**ter as suas bordadeiras**” (C_MS_1): “as agentes, como a gente chamava naquele tempo, as que io buscar, mas, agora, não tem quem vá buscar. Prontes! (...).” (cf. *caixeiro*; *dar bordados*; *fábrica*; *peça*). **Nota:** Usamos, sobretudo, o feminino porque corresponde à realidade que encontramos na Ribeira Brava.

Aguentar o pano [ɐgwɛtar u pɛnu] expr. (Do it. *agguantare* ‘agarrar’, de *guanto* ‘luva’/ + art. def. m./ + Do lat. *pannus*) – Cada **bordadeira** tem a sua forma de segurar no **tecido** para **bordar**. Porém, o jeito adquire-se com a prática. Quando se trata de bordados muito grandes, as bordadeiras costumam prender as pontas ao centro do bordado para que seja mais fácil segurar o pano. À medida que vão acabando determinadas partes, prendem-nas e vão soltando as que bordarão a seguir. Os **panos**

grandes estão associados a muito **trabalho**, exigindo a sua conclusão muito tempo e dedicação. As bordadeiras, ao prenderem as pontas, à medida que vão bordando, estão a proteger essa parte do bordado, que têm de manter limpa e conservada: “(...) explicavam para aguentar o pano como é que se punha a agulha c’ a não ia furar o dedo.” (C_MDS_2) (*cf. pegar no pano*).

Agulha [əɣúɫə] s.f. (Do lat. **acucūla*, dim. de *acus* ‘agulha’) – “agulhinha direitinha” (C_MS_1) – Ferramenta utilizada para **bordar**. Tem duas extremidades, uma pontiaguda – “**bico**” (S_OF_2) – e outra com um buraco – “**rabo da agulha**” (S_OF_2) – onde se enfia a **linha**: “os materiais (...) tem que ser o essencial que é a agulha, o didal, a tesoura e as linhas.” (C_MDS_2).

Almofada [aɫmufáðə] s.f. (Do ár. *al-mukhaddâ* ‘travesseiro’) – “espécie de almofada” (ESCOLA B+S PADRE MANUEL ÁLVARES, 2007: 109) – Outro nome dado ao que usualmente se considera ser a **boneca**. É utilizada para embeber na tinta e auxiliar no processo de **estampar**. (*cf. KLUT, 2003: 35*).

Ana [éɲə] s.m. (De origem obscura) – Ponto pertencente à categoria dos “arrendados” (*cf. Decreto Legislativo Regional n.º 7/91/M, 1991*). Para a sua execução, é necessário tirar fios no sentido horizontal do **tecido**, de acordo com o tamanho do **ponto** pretendido. Os fios retirados ficam paralelos e a aparência final traduz uma sequência linear com pontos no lado superior e no lado inferior. No centro, encontram-se puxados os fios do tecido que formam uma espécie de linha com Vs contínuos. Este ponto não é dos mais utilizados no **Bordado da Madeira**, sendo, por vezes, até desconhecido para algumas bordadeiras: “Este ponto raramente aparece nos desenhos de conceção moderna, a não ser em certos desenhos de blusas. Usa-se muito como ponto auxiliar de costura, especialmente na roupa de cama.” (JARDIM, s/d.b). (*cf. ponto ana*).

Anil [əníɫ] s.m. (Do ár. an-nil, do persa nīl) – Trata-se de um dos compostos da mistura a utilizar no processo de **estampar**. Concede a cor azul a essa composição. É também empregue no processo da lavagem para clarear os bordados. (*cf. lavador, eira; parafina; pedra; petróleo²*).

Apanhar a claridade [əpəɲár ə kləridádi] expr. (Talvez do cast. *apañar*/ + art. def. f./ + Do lat. *claritas, -ātis*) – As bordadeiras preferem espaços muito iluminados para **bordar**. Assim, não necessitam de esforçar tanto a visão como em espaços com menos iluminação. Grande parte das vezes, as bordadeiras optam pelo exterior das casas, encostadas às entradas, debaixo das vinhas, nos terreiros e terraços, ou no interior bem junto às janelas: “Ai! Quando ’tá sol, é na rua. Quando ’tá chuva, é dentro de casa, ao pé da janela, p’ a apilhar a claridade. (...) Se ’tiver bonzinho, vai à rua um pedacinho, ao sol, também nem muito, mas, quando ’tá chuva, ou assim frio, é dentro de casa, ao pé da janela para apanhar claridade”. (C_MDS_2).

Apilhar a claridade [əpíɫár ə kləridádi] expr. (De origem obscura/ + art. def. f./ + Do lat. *claritas, -ātis*) – Apilhar ou “**apanhar a claridade**” significam exactamente o mesmo.

Apontamento [əpõtemétu] s.m. (De *apontar* + suf. *-mento*) – Pequena aplicação em **Bordado da Madeira**. É quando um **tecido** apresenta um **desenho** simples, com alguma dispersão entre os pontos, ou seja, quando vem com pouco **trabalho** para

bordar. Este aspecto torna o trabalho mais simples, mas com um toque especial e único do Bordado da Madeira. Há bordadeiras que personalizam roupas com alguns elementos (apontamentos) do Bordado da Madeira. Aparecia nas **toalhas**, nos lençóis, nas almofadas, entre outras peças: “gostava muito de bordar os meus lençóis, as minhas almofadas. Fazia uns corações; tirava uns fios de arrendado e lá (...) fazia uns folhinhos em volta disso (...)” (R_AS_1); “(...) comprei lençóis; bordei; (...) bordava; fazia uns raminhos. Quando a pessoa entendesse, mesmo da nossa cabeça, fazia uns desenhinhos (...)” (S_MD_2); “Faz parte de mim [Hugo Santos] e acho que já não consigo fazer nada sem meter um bocadinho de Bordado. Nem que seja um pequeno apontamento.” (PEREIRA, 1997: 30) (*cf. vira*).

Arrematar [əRimətár] v.t. (Forma expressiva de *rematar*) – “Arramatar” (S_OF_2) – Acto de concluir um **ponto do bordado**. É executado no avesso do **tecido** bordado para que a **linha** do ponto acabado de fazer não se solte, permanecendo sempre da mesma forma, sem se **desmanchar**. Normalmente, este acto consiste em dar um ou dois pontos de **caseado**. Porém, não é uma norma. Cada **bordadeira** tem a sua forma específica de **bordar** e “arrematar”: “faz-se o garanito e volta-se o bordado p’a gente arramatar no lado (...) de trás qu’ é por causa da linha não fugir. Tem que dar dois pontos de caseado atrás, qu’ é p’a linha não fugir.” (S_OF_2).

Arrendado [əRêdádu] s.m. (Do part. pas. do v. *arrendar*) – “Arrendado de caseado; arrendado às carreiras; arrendado aviado” (R_AS_1) – **Ponto** que, na sua execução, leva à retirada de fios do **tecido**. Pode assumir formatos diferentes, dependendo do sentido, do tamanho e da forma em que é executado, merecendo designações distintas. As mais conhecidas e utilizadas, devido ao aspecto final, são **latadinha**, **olho de passarinho** e **cruzinha**. Qualquer que seja o tipo de arrendado é, na maioria das vezes, arrematado com o **ponto de cordão**: “(...) gasta-se mais tempo que é o arrendado. É p’a tirar o fio e p’a bordar.” (C_MS_1); “tirava fios de arrendado, fazia duas vezes a oito e fazia duma vez.” (S_MR_1) (*cf. arrematar; CALDEIRA, 1993: 10; PESTANA, 1970: 29; ponto arrendado; SILVA, 1950: 9; SOUSA, 1950: 22; VIEIRA, 2006: 98*). **Nota:** Em *Ilha da Madeira – Volume II*, de Eduardo Antonino Pestana, 1970, os três tipos de arrendado apresentados são: “latadinha”; “fundinho de cesto” e “olho de passarinho”. Assim sendo, cruzinha e fundinho de cesto correspondem ao mesmo devido ao formato: o efeito de cruzar os fios, utilizado na construção dos cestos e na própria designação de “cruzinha” – “de cruzar”.

Arte (de bordar) [árti] s.f. (Do lat. *ars, artis* ‘habilidade’, ‘arte’) – “arte de manejar a agulha” (GOUVEIA, 1959: 123)/ “arte de bordar” (CLODE, 1986: 250)/ “arte de bem bordar” (ARAÚJO, 2006: 58)/ “arte regional madeirense” (JARDIM, 30-1-2007: 2) – Muitas vezes, o bordado é referido e classificado como “arte”, que parte, das mãos das bordadeiras: “o bordado (...) é uma arte que dá muito trabalho e é muito valorizada, mas as bordadeiras (...) sofrem (...). São pouco recompensadas. É o que eu vejo de perto” (C_SS_3); “eu vejo é cada vez menos jovens se interessarem em aprender esta arte, que, p’ra mim, é uma arte (...)” (T_VG_2) (*cf. bordar*).

Associação dos Produtores de Bordados, Tapeçarias e Obras de Vime da Madeira – Instituição que sucede ao Grémio dos Industriais de Bordados da Madeira. Esta associação visava promover a defesa dos produtos a que dizia respeito, em que se incluía o Bordado da Madeira. Almejava fazer o que lhe fosse possível para conseguir evoluções nas técnicas, nos materiais, mas também económicas e sociais. Para serem associados, os interessados deviam inscrever-se e exercer funções, no arquipélago, nas

áreas que esta instituição abrangia. As informações referentes à orgânica, aos direitos/deveres dos associados, às competências, às convocatórias e aos demais aspectos necessários ao desenvolvimento e ao funcionamento desta associação estão descritos no estatuto emitido a 1 de Setembro de 1998, intitulado *Organizações de Trabalho – Associação dos Produtores de Bordados Tapeçarias e Obras de Vime da Madeira*: “O 25 de Abril de 1974 destronou o regime e as estruturas económicas criadas pelo Estado Novo e consideradas como seu sustentáculo. Os grémios do regime deram lugar às Associações, surgindo no caso do Bordado da Madeira a Associação de Produtores de Bordado Tapeçarias e Artesanato e Obra de Vimes da Madeira [sic]” (VIEIRA, 2006: 59). (cf. *Organizações de trabalho, de 1 de Setembro de 1998*).

Atrás [ɐtráf] s.m. (Do lat. *ad trans* ‘para lá’) – “Atraz” (INSTITUTO DO VINHO, DO BORDADO E DO ARTESANATO DA MADEIRA, s/d) – **Ponto** executado no **lado do avesso** do tecido a bordar. É, igualmente, conhecido como o “**avesso do corda**”. Se, no **lado direito**, se fizer o **ponto corda**, no **lado do avesso**, obtém-se o **atrás** e *vice-versa*. (cf. *ponto picado*).

Avesso do corda [ɐvésu du kórdɐ] s.m. (Do lat. *adversus* ‘oposto’ / + Contr. da prep. *de* com forma do art. def. *o* e com forma do pron. dem. *o* / + Do lat. *chorda* < gr. < χορδή) – O mesmo que “**atrás**”.

Aviar [ɐvjár] v.t. (De art.def.f. + *via* + suf. *-ar*) – “aviar o trabalho” (T_CF_1) – Este verbo é utilizado no sentido de “despachar” o **bordado**, de o “acabar”. Está associado a momentos em que havia **pressa** para que o bordado ficasse concluído: “Não qu’a gente tinha-se mandados. Nunca se bordava o dia inteiro, que não se podia bordar o dia inteiro, ou, se fosse p’a aviar (...), que a gente roubasse aquele dia p’a bordar o dia inteiro.” (C_MS_1).

Avistar nas montras [ɐviʃtár nəʒ mótɾɐʃ] expr. (De art. def. f. *-a* + *vista* + suf. *-ar* / + pl. de *na* / + Do fr. *montre*) – Os bordados, depois de passarem por todos os processos que a indústria requer, são postos à venda. É nas montras que as bordadeiras apreciam os seus trabalhos completamente finalizados e onde também comparam os valores. O que recebem é sempre muito inferior ao valor que a **peça** finalizada apresenta: “(...) A gente borda uma trança, duas tranças, de linha por dez euros e a gente avista-se nas montras a vender oitenta, cem euros, e a gente diz: ai! o que a gente borda tão barato e eles vendem uma fortuna.” (C_MDS_2).

B

Balaio (do bordado) [bɐlájɐ] s.m. (Do fr. *balai* ‘vassoura’) – O mesmo que **cesto**: (...) “agarravam [as bordadeiras] na cesta de vimes ‘no balaio do bordado’ (contendo as linhas, o dedal, a agulha, a tesoura e o bordado) e rumavam em direcção à casa da vizinha!” (ARAÚJO, 2006: 59).

Banco, a [bɛ́ku, ɐ] s.m., s.f. (Do germ. *bank*) – “banquinha” (C_MS_1) / “Banquinho baixinho” (C_SS_3) – Preferencialmente, as bordadeiras optam por assentos baixos para executarem o seu labor. Sentam-se muito perto do chão, para poderem ter as pernas dobradas e pousarem o **bordado** sobre os joelhos. Por vezes, sentam-se no próprio chão. No centro da **roda**, era costume as bordadeiras colocarem um assento – “banquinha” (C_MS_1) – para suportar a estrutura que provia a iluminação: “uma

banquinha c'a luzinha do meio e a gente ia-se bordando à roda da luzinha" (C_MS_1); "d'um bom banquinho para não ficar com dores nas costas e nas ancas, que isto é muito tempo sentada (...)" (R_AS_1) (cf. *saca*). **Nota:** Nas freguesias da Ribeira Brava e do Campanário, descobrimos um assento destinado especificamente a esta actividade. Foi criado pelos maridos das próprias bordadeiras e, contrariamente à noção geral de "banco/banca", tem encosto.

Bandeja [bẽdẽzɐ] s.f. (Deriv. regres. de *bandejar*) – É quando o **bordado** serve como base de uma bandeja, sendo emoldurado. É colocado um vidro para o proteger. Há também quem use o termo "**travessa**" para se referir à "bandeja": "Bordei um relógio e uma bandeja e centros [de mesa]." (T_FS_3). **Nota:** A bandeja é utilizada para diferentes fins: decoração, base de copos ou garrafas, entre outros. Geralmente, utiliza-se em ocasiões especiais.

Barra [báɾɐ] s.f. (Talvez do lat. vulgar **barra* 'divisória') – Tira bordada que é adicionada aos lençóis e às toalhas de banho: "As mulheres começaram por fazer barras para lençóis e camisas onde utilizavam os pontos de corda, atrás, caseado, cordão, arrendado, etc. (...)" (SILVA, 2006: 83) (cf. *CLODE*, 1970: 31).

Bastido [bɛʃtídu] s.m. (Talvez de *basto* + suf. *-ido*) – "bastidas" (C_SS_3)/ "bastida" (S_MR_1)/ "bastidinhos" (S_MD_2)/ "abastido" (PESTANA, 1970: 12) – Ponto pertencente à categoria dos "lançados sobre urdidura". (cf. *Decreto Legislativo Regional n.º 7/91/M, 1991*). Este **ponto** necessita de **urdidura** para adquirir o relevo que lhe é característico. Após esta fase, é coberto com a **linha** de bordar. É um dos pontos considerados difíceis de fazer, devido a estas duas fases e, sobretudo, à perfeição que exige para que a forma fique homogénea, isto é, toda com o mesmo relevo. Derivaram deste ponto o **garanito** e as **folhas fechadas**. O bastido pode ser feito com o **caseado**, como se de apenas um ponto se tratasse. Nesse caso, diz-se "caseado a bastido." (cf. *CALDEIRA*, 1993: 16; *PESTANA*, 1970: 39; *ponto bastido*; *ponto cheio*; *SILVA*, 1950: 15; *SOUSA*, 1950: 29).

Bastidor [bɛʃtidór] s.m. (Do ant. *bastir*, do fr. ant. *bastir*, hoje *bâtir* 'alinhavar' + suf. *-dor*) – Era um acessório utilizado, no passado, para segurar e esticar o **bordado**, contribuindo para **bordar** em melhores condições. Pode ser circular ou rectangular. Consiste em duas peças, geralmente de madeira, que se sobrepõem e encaixam perfeitamente. O bordado é colocado entre as duas peças e há um parafuso que permite ajustar o **tecido**. (cf. *IVBAM*, *Setembro de 2010*: 6). **Nota:** Também usado na tapeçaria.

Beira (do pano) [bẽjɾɐ] s.f. (Talvez redução de *ribeira*) – Margem do **tecido**. Alguns pontos do **bordado** são feitos na margem do tecido. Outros acabam mesmo por ser a própria margem, como no caso do **caseado**: "Na beira tinha aquela pasta de garanitos e ponto corda e ilhozes." (S_MD_2) (cf. *ilhó*; *pasta*).

Bico (da agulha) [bíku] s.m. (Do lat. *beccus*) – "bico" (S_OF_2) – Trata-se da extremidade pontiaguda da **agulha**. É a que contacta primeiro com o **tecido**: "onde o rabo da agulha saía tinha que entrar o bico outra vez." (S_OF_2).

Bico e folha [bíku i fóʎɐ] expr. (Do lat. *beccus*/ + conj. / + Do lat. *folia*, pl. de *folium*) – "Um dos efeitos decorativos empregados nos bordados da Madeira" (rep. def. de *SOUSA*, 1950: 33). **Nota:** Será um ponto de bordar. Porque o nome é composto por "bico" e "folha", julgamos ser uma **folha fechada**.

Bico e folha arcada [bíku i fólɐ ɐrkáðɐ] expr. (Do lat. *beccus*/ + conj. / + Do lat. *folia*, pl. de *folium*/ + Do it. *arcata*) – “caseado liso ou bastido de uma só «queda» (um arco ou curva) e que em cada extremidade tem uma folha aberta.” (rep. def. de PESTANA, 1970: 42).

Bico-Ilhó [biku-iłó] s.m. (Do lat. *beccus*/ + Talvez do lat. **oculiōlus*, dim. de *ocūlus* ‘olho’) – “Particularidade dos bordados” (rep. def. de SILVA, 1950: 17). **Nota:** Poderá ser um ponto de bordar. Dado o nome ser composto por “bico” e “ilhó”, pensamos que seja o mesmo que uma **folha aberta**.

Bila [bíɫɐ] s.f. (De origem obscura) – É um **candeeiro** a **petróleo**: “A bila (...) candeeiro à [sic] petróleo, que era utilizada como único meio de iluminação” (ESCOLA B+S PADRE MANUEL ÁLVARES, 2009: 106). **Nota:** A fotografia apresentada para ilustrar a bila tem vários tipos de candeeiros, incluindo o que algumas informantes designaram por “bruxinha” e “feiticeirinha”. Assim sendo, cremos que “bila” é sinónimo de “candeeiro”.

Bilhardar [biłɐrdár] v.i. (Do fr. *billarder*) – “Bilhardava-se” (R_AS_1) – Verbo muito associado às bordadeiras devido ao retrato social pintado há muito. A **bordadeira** junta-se com as vizinhas tanto de noite como de dia e, enquanto borda, conversa. Durante o dia, no exterior das casas, tudo se vê, ouve e comenta. “Bilhardavam” acerca dos últimos acontecimentos ocorridos, mas não se resumia a isso. Falavam, desabafavam, cantavam e contavam histórias em que estavam envolvidas ou de que tiveram conhecimento. (cf. *cantiga; capítulo II, ponto 2.1, da presente dissertação; FREITAS, 2007: 22*).

Bilhete [biłéti] s.m. (Do fr. ant. *billete* ‘documento’, hoje *billet*) – “Bilhete do bordado” (S_MD_2) – Peça de papel que vem com o bordado. Nele, constam: a firma do dador de trabalho, o número de ordem, o desenho, a medida, o artigo, as peças, as linhas, os pontos, o preço, o registo, o controlo, o tecido, a data de saída, o prazo de execução e o representante) (cf. *Decreto Legislativo Regional n.º 12/93/M, 1993*). Após o **bordado** estar feito, a **bordadeira** preenche o bilhete e prega-o, com um ponto de bordado, na margem do tecido. O próximo passo é encaminhar o bordado para a **agente** que o levará para a **casa de bordados**. Posteriormente, parte do bilhete é devolvida à bordadeira com o pagamento do trabalho – “preço marcado no talão” (GOUVEIA, 1959: 58): “(...) a gente abria o bordado e aquilo tinha um bilhete e a gente já se tira o bilhete e... Ai Jesus! Este é mal pago. Se eu sabia, não trazia este. Trazia outro mais bem pago, mas o que era mais mal pago era mais fácil de fazer e o que era mais bem pago (...) era mais reles de fazer”. (S_MD_2).

Bola de algodão [bólɐ di ałgudéw] s.f. (Do lat. *bullā*/ + Do lat. *de*/ + Do ár. *al-qutún*) – Outro nome atribuído à **boneca**. (cf. *almofada*).

Bomboteiro [bõbutéjru] s.m. (Talvez do inglês *bumboat*) – “bamboteiro” (SILVA, 1950: 14; PESTANA, 1970: 37) – No Funchal, homem que, num pequeno barco, se ia aproximando dos navios que não chegavam a aportar, para mostrar produtos regionais como o **Bordado da Madeira**. (cf. *CALDEIRA, 1993: 21; FIGUEIREDO, 1913: 293; FIGUEIREDO, Dezembro de 2011: 107; MENESES, SILVA, 1998:161; PESTANA: 1954; PESTANA, 1970: 44; SOUSA, 1950: 35-36*). **Nota:** Cândido Figueiredo, no *Novo*

Dicionário da Língua Portuguesa, 1913, e Luís de Sousa, em *Dizeres da Ilha da Madeira*, 1950, afirmam que o termo “bomboteiro” vem do inglês *bumboat*.

Boneca [bunékɐ] s.f. (Talvez ligado à forma carinhosa latina *monna* + suf. *-eca*, como o gal. *moneca* e o cast. *muñeca*) – “bonequinha” (T_DS_2)/ “uma boneca de pano” (ESCOLA B+S PADRE MANUEL ÁLVARES, 2009: 108) – É um pedaço de pano enrolado e amarrado, composto por duas partes. A parte superior é onde se agarra. A parte de baixo, uma espécie de bola, é embebida em **petróleo** e **anil**. Serve para “**tirar o desenho**”: “um bocadinho de tecido. Enrolamos muito bem e torcemos e amarramos com um atilhinho e fica assim tipo uma bonequinha”. (T_DS_2) (*cf. almofada; bola de algodão*). **Nota:** No processo de estampagem em azulejos, é utilizado um objecto com a mesma função que a boneca tem na **indústria de bordados**, mas, nessa situação, é denominado “fantasma”.

Borda [bórdɐ] s.f. (Do francês. *bord* ‘lado do navio’, pelo fr. *bord*) – O mesmo que **beira** (do pano). (*cf. obra*).

Bordadal [burdɐdál] s.m. (Talvez de *bordado* + suf. *-al*) – “Bordado à mão de muito trabalho. – Este trabalho tem um *bordadal*. *Nan* faz conta fazê-lo.” (rep. def. de CALDEIRA, 1993: 21).

Bordadeira [burdɐdɛjrɐ] s.f. (De *bordar* + suf. *-eira*) – “mulher dos bordados”; “broadadeiras”; “infeliz da operária das agências rurais”; “digraçada da bordadeira” (GOUVEIA, 1959: 11, 32, 37, 72)/ “a artesã Bordadeira” (JARDIM, 3-01-2007: 3)/ “bordadeiras tradicionais” (JARDIM, s/d.c: 8) – A mulher que borda executando o seu **trabalho** manualmente: “era muitas horas de trabalho. A vida da bordadeira era muito cansativa, muito, muito, muito, muito cansativa, mesmo porque começava as dores de costas, começava um braço (...). Começava a doer também da gente se ficar curvadas e até dores de estômgo dava”. (R_AS_1); “A vida da bordadeira é feita de munta lágrima. Mal sabem esses milionários que passam por qui nui vapores de recreio canto custa cada toalha das muito arrendadas qu’ eles compram, dando muitos contos de réis.” (GOUVEIA, 1959: 72) (*cf. Bordadeira de casa*). **Nota:** Outrora, era profissão de grande parte das mulheres madeirenses. Continua a haver bordadeiras, mas cada vez menos se dedicam a este labor. A Madeira, enquanto ilha, contava, em 1862, com 1029 bordadeiras; em 1906, com 32000; em 1981, com 20000 e, em 2001, com 6000 (VIEIRA, 1999). De acordo com dados disponibilizados pelo **IVBAM**, em 2008, havia, na ilha, 3928 bordadeiras e, em 2012, 3498. No decorrer de 2014, das cerca de 3000 bordadeiras que se estimava existirem, apenas 1690 obtiveram remuneração por esta actividade. A maioria aceitava este trabalho numa época em que a mulher tinha de ficar em casa, para os afazeres domésticos, da família e da agricultura. Mediante a difícil situação económica de muitas famílias, a mulher ainda encontrava tempo para colaborar para o orçamento familiar, bordando. É certo que o seu contributo era uma pequena quantia, mas esta era importante.

Bordadeira de campo [burdɐdɛjrɐ di kɛpu] s.f. (De *bordar* + suf. *-eira*/ + Do lat. *de/* + Do lat. *campus*) – “bordadeira de campo da ilha da Madeira” (*Portaria nº 775/73, 1973*) – É a **bordadeira** que vive nas zonas rurais, sendo “campo” o que não é “cidade” (Funchal). Deve ter mais de catorze anos e **bordar** em casa, seja para uma ou mais empresas da indústria. (*cf. Portaria nº 775/73, 1973; SILVA, 1982: 43*). **Nota:** Pode haver excepções, mas, no meio rural, as bordadeiras fazem do **bordado** a sua profissão,

bordando nos tempos que sobram das restantes actividades domésticas e agrícolas. A maioria exerce a actividade, quase sempre, por necessidade. Portanto, bordadeira de campo é, em parte, sinónimo de **bordadeira de casa (bordadeira manual de bordados)**, mas, por viverem fora da cidade do Funchal (única até há pouco tempo), são assim conhecidas. O que altera é apenas a forma como são designadas. A profissão e as condições de trabalho são as mesmas. Outras designações encontradas são: **bordadeira doméstica, bordadeira domiciliária, bordadeira rural**.

Bordadeira de casa [burðədɛjɾɐ di kázɐ] s.f. (De *bordar* + suf. *-eira/* + Do lat. *de/* + Do lat. *casa* 'cabana') – É a profissional que borda em casa e para a **casa de bordados**. Esta categoria divide-se em dois tipos: a **bordadeira manual de bordados** e a bordadeira manual de tapeçaria (tela). A executora do **Bordado da Madeira** é a **bordadeira manual de bordados**. (cf. *casa; Decreto Legislativo Regional n.º 12/93/M, 1993*). **Nota:** Esta designação, bastante técnica, é a que mais utilizamos no decorrer do trabalho porque refere uma categoria profissional encontrada em legislação. Por vezes, nomeadamente no título, usamos o termo genérico “bordadeira”, visto que é mais comum para referir a profissional que executa o bordado. Para contemplar as duas vertentes (lazer/ actividade profissional), associamos as duas recorrendo aos parênteses: “bordadeira (de casa)”.

Bordadeira doméstica [burðədɛjɾɐ dumɛʃtikɐ] s.f. (De *bordar* + suf. *-eira/* + Do lat. *domestĭcus*) – Outro nome utilizado para referir a **bordadeira de casa**. A utilização do termo “doméstica” indica o local de trabalho, a própria casa. (cf. *SILVA, 1982: 43*).

Bordadeira doméstica da Madeira e [do] Porto Santo – [burðədɛjɾɐ dumɛʃtikɐ dɐ mɛdɛjɾɐ i du pórtu sɛ̃tu] s.f. (De *bordar* + suf. *-eira/* + Do lat. *domestĭcus/* + Contr. da prep. *de* com forma do art. def. *a* e com forma do pron. dem. *a/* + Topónimo Madeira/ + conj./ + Contr. da prep. *de* com forma do art. def. *o* e com forma do pron. dem. *a/* + Topónimo Porto Santo) – Designação utilizada como sinónima de **bordadeira de casa**, especificando apenas as ilhas do arquipélago onde as bordadeiras exercem a sua actividade. (cf. *Decreto Regional n.º 9/78/M, 1978*). **Nota:** Esta foi a única referência explícita encontrada para as bordadeiras do Porto Santo.

Bordadeira domiciliária [burðədɛjɾɐ dumisiljárjɐ] s.f. (De *bordar* + suf. *-eira/* + De *domicĭlio* + suf. *-ária*) – O mesmo que **bordadeira de casa**. (cf. *bordadeira doméstica; SILVA, 1982: 43*).

Bordadeira em actividade [burðədɛjɾɐ ɛj ɐtividádi] expr. (De *bordar* + suf. *-eira/* + Do lat. *in* 'em/' + Do lat. *activitas, -ātis*) – Toda a bordadeira que está devidamente inscrita na Segurança Social. Dessa forma, está colectada com a profissão de **bordadeira de casa**. **Nota:** Nem todas as bordadeiras em actividade auferem remuneração. Dados disponibilizados pelo **IVBAM** revelam que o número de bordadeiras em actividade é sempre maior do que o número de bordadeiras que realmente recebem remuneração do **bordado**. Isto pode dever-se à inexistência de **trabalho** para todas as bordadeiras ou ao não exercício da actividade por outros aspectos relacionados com a própria **bordadeira**. Para exemplo, segundo o **IVBAM**, em 2010, das 3823 bordadeiras em actividade, apenas 2605 executaram trabalho ao longo do ano. A diferença aumenta anualmente, sendo que, em 2013, das 3376 em actividade apenas 1749 realizaram trabalho. (cf. *capítulo I, da presente dissertação*).

Bordadeira manual de bordados [burðədɛjɾɐ mənwát di burdádu] s.f. (De *bordar* + suf. *-eira/* + Do lat. *manualis/* + Do lat. *de/* + s. pl. de *bordado*) – É um tipo de **bordadeira de casa**. Trata-se da **bordadeira** que, manualmente, executa o **Bordado da Madeira**, tendo em conta aspectos definidos por lei, como os pontos e os tecidos. Entre estes devem estar os seguintes: algodão, **linho**, **organdi**, fibras sintéticas ou artificiais, lã e seda natural. O tecido chega às mãos da sua executora já **estampado** e com as linhas para a sua execução definidas, não havendo margem para a criatividade da bordadeira. (cf. *Decreto Legislativo Regional n.º 12/93/M; tecido de algodão*).

Bordadeira profissional [burðədɛjɾɐ prufisjunát] s.f. (De *bordar* + suf. *-eira/* + Do lat. *professio, -ōnis* 'profissão' + suf. *-al*) – “bordadeiras profissionais” (SANTOS, 1907: 3) – Mulher para quem o **bordado** é a principal ocupação diária. Em princípio, reside na cidade, no Funchal, sobretudo em Santa Maria Maior e S. Gonçalo. Difere da **bordadeira rural** pelo local de residência, pelo tempo de dedicação ao bordado e, também, pelos rendimentos que auferir. Uma vez que não se dedica a outras actividades, tendo mais tempo para bordar, recebe mais que a bordadeira que vive nas zonas rurais. (cf. *SANTOS, 1907: 3*). **Nota:** Em tempos, era opcional trabalharem nas fábricas. As residentes no Funchal, próximas destes estabelecimentos, escolhiam ir para lá trabalhar, porque tinham melhores condições, tendo direito a uma refeição aquando do descanso. Actualmente, as bordadeiras trabalham em casa. No entanto, há fábricas/lojas de bordados que colocam uma bordadeira à entrada, que serve para atrair potenciais compradores, especialmente turistas.

Bordadeira rural [burðədɛjɾɐ rurát] s.f. (De *bordar* + suf. *-eira/* + Do lat. *tardio rurālis*) – “bordadeiras ruraes” (SANTOS, 1907: 3) – Mulher que borda, residindo em zonas rurais. Um sinónimo é **bordadeira de campo**. Difere da **bordadeira profissional**, na medida em que trabalha em casa, no tempo que sobra das restantes actividades. Por viver longe da cidade, onde se encontram as fábricas, beneficia do trabalho da **agente**, que se encarrega de lhe entregar os tecidos para **bordar** e os recolhe após a sua execução, entregando-os na **casa de bordados**. (cf. *SANTOS, 1907: 3*). **Nota:** Muitas bordadeiras rurais poderão nunca ter entrado numa **fábrica de bordados**, devido à existência da agente que serve de intermediária.

Bordadeiro [burðədɛjɾu] s.m. (De *bordar* + suf. *-eiro*) – Homem que borda, sem ser profissionalmente. **Nota:** Muitos filhos ajudavam as mães a bordar. Não sendo algo muito conhecido, acontecia muitas vezes. Na ausência de filhas e com muito **trabalho** para realizar, os filhos auxiliavam as mães nos pontos mais simples. Houve homens que fizeram do **bordado** profissão – **bordadeiro de casa**.

Bordadeiro de casa [burðədɛjɾu di kázɐ] s.m. (De *bordar* + suf. *-eiro/* + Do lat. *de/* + Do lat. *casa* 'cabana') – Homem que tinha como profissão o **bordar**. O mesmo que **bordador**. (cf. *bordadeira de casa; bordadeiro; bordado*). **Nota:** Como a lei prevê que esta profissão seja apenas feminina, houve casos em que foi difícil atribuir a reforma a estes profissionais que dedicaram toda a vida a bordar. Segundo o IVBAM, «“no sistema constam dois senhores”, coletados como ‘bordadeiros de casa’, sendo que um deles esteve em atividade até setembro de 1994 e outro até 1999.» (s/a, 2015b).

Bordado [burdádu] s.m. (Do part. pas. do v. *bordar*) – “bordado de cor” (C_MS_1)/ “bordadinho” (R_HR_3); “bordados pequenos; bordados grandes” (S_JS_1)/ “brodado” (GOUVEIA, 1959: 34)/ “broslado ou bordado?” (JARDIM, 4-01-2007: 1) – Material de

trabalho da bordadeira. Para referir o **Bordado da Madeira**, é utilizada, maioritariamente, apenas a designação de “bordado”. As bordadeiras designam o **tecido** com o **desenho** estampado de “bordado”. Porém, “bordado” é aquilo que a bordadeira já bordou, ou seja, o trabalho final, as linhas sobrepostas ao desenho. **Nota:** O bordado pode ser de várias cores. As mais escuras, como o vermelho, o preto e o azul, são mais difíceis de trabalhar e as mais claras, como o creme e o branco, são mais fáceis de manusear. O tamanho do tecido a bordar também influencia o tempo de execução do Bordado da Madeira. Os “bordados pequenos” estão associados a uma conclusão mais rápida relativamente aos “bordados grandes”, o que é lógico. Por exemplo, os lenços são “bordado pequeno” e a **toalha** é “bordado grande”: “O bordado é como tudo. Enquanto não se sabe é difícil, mas, depois, é como tudo. É como aprender a ler.” (R_AS_1).

Bordado aberto [burdádu ɐbértu] s.m. (Do part. pas. do v. *bordar*/ + Do lat. *apertus*, part. pas. de *aperīre*) – “todo o bordado em que as folhas e os ilhós do desenho são primeiro urdidos, depois cortados e finalmente bordados e furalhados.” (rep. def. de PESTANA, 1970: 44) (*cf. furalhar*).

Bordado da Madeira [burdádu dɐ medéjɾɐ] s.m. (Do part. pas. do v. *bordar*/ + Contr. da prep. *de* com forma do art. def. *a* e com forma do pron. dem. *a*/ + topónimo Madeira) – “bordados madeirenses” (MENESES, SILVA, 1998: 162)/ “bordado tradicional; bordado típico” (JARDIM, 3-01-2007: 2)/ “bordado (...) típico da Madeira” (JARDIM, s/d.c: 8) – Para ser Bordado da Madeira, há algumas directrizes que têm de ser cumpridas. Uma definição de “Bordado da Madeira” surge no decreto legislativo regional n.º 7/91/M. Aí, é explicitado, no artigo 1º, que tem de ser um bordado realizado totalmente à mão e com aspectos específicos no que diz respeito ao **desenho**, aos pontos e às matérias-primas. Tudo tem de estar em conformidade com o disposto neste decreto. O Bordado da Madeira pode ser dividido em três tipos: bordados antigos (os primeiros a surgir que seguiam a criatividade e simplicidade das bordadeiras que bordavam por si), os bordados clássicos (que eram desenhados e estampados, exigindo mais trabalho que os anteriores) e, por fim, os bordados modernos (aqueles que se adaptam às preferências e ao consumo de mercado) (JARDIM, s/d.a). Ao longo dos tempos, foi recebendo influências de outros géneros de bordado, a nível mundial. A mais notada é a do bordado inglês. No entanto, bordados como o “renascença, richelieu e veneziano” também o influenciaram. (CLODE, 1970: 33-34). Antigamente, era, essencialmente, bordado sobre “algodão cassa, cambraia ou linho” (CLODE, 1986: 250), sendo a principal **linha** aplicada a linha branca. Foi havendo alterações no que concerne aos tecidos e às cores das linhas. (*cf. capítulo I, ponto 1.1, da presente dissertação*). **Nota:** Os adjectivos “típico”, “tradicional”, “regional” e “madeirense” são-lhe frequentemente associados. Verifica-se, cada vez mais, uma necessidade de inovar, mas nunca perdendo a identidade do que representa o verdadeiro e único Bordado da Madeira.

Bordado de canalha [burdádu di kənálɐ] expr. (Do part. pas. do v. *bordar*/ + Do lat. *de*/ + Do lat. vulgar *canalia*, de *canis* ‘cão’ ou do it. *canaglia*) – É o mesmo que **bordado simples**. São os bordados constituídos por pontos considerados simples de executar como o **ponto corda** e os garanitos. Estes são dos primeiros a serem ensinados às crianças, isto é, “à canalha”, daí a expressão “bordados de canalha”. São, portanto, considerados os mais fáceis de executar: “Ah, hoje, este é fácil (...). Até a gente dizia que era bordado de canalha que era os tais pontos de corda (...) que o pontinho de corda é tão fácil de fazer q’alquer criança aprende.” (S_MD_2) (*cf. bordado*).

Bordado de entregue [burdádu di êtrégi] s.m. (Do part. pas. do v. *bordar*/ + Do lat. *de*/ + Deriv. regres. de *entregar*) – “bordados entregues” (S_MD_2) – É o **bordado** que é feito para a **casa de bordados**. Representa aquele que a **bordadeira** recebe da **agente** e que, depois de concluído, é devolvido à casa de bordados através dessa intermediária.

Bordado inferior [burdádu ãfiriór] expr. (Do part. pas. do v. *bordar*/ + Do lat. *inferior*, *-ōris*) – Caracteriza o **bordado** que, por algum motivo, não agrada à **bordadeira**. Quer seja pelo tamanho, pela cor, pelos pontos que tem desenhado, pelo **tecido** ou até pelo preço. Pontos como o **arrendado**, o **bastido** e o **caseado** contribuem, muitas vezes, para esta designação, uma vez que são os mais trabalhosos, ou seja, requerem mais tempo para a sua execução. Concluído o bordado, pode também ser considerado “inferior”, se o seu aspecto não for cuidado e os pontos não estiverem bem executados: “(...) tem o bordado arrendado. Eh, assim bordado mais (...) inferior (...) gasta-se mais tempo que é o arrendado é p’a tirar o fio e p’a bordar (...). Também o bastido (...) quer-se deitado (...) quer-se urdido e também a gente gasta-se mais tempo a fazer (...)” (C_MS_1) (cf. *somenos*).

Bordador [burdədór] s.m. (De *bordar* + suf. *-dor*) – É aquele que tem por profissão o **bordar**. O mesmo que **bordadeiro de casa**: “Nunca ninguém pensou que havia também bordadores, homens que bordavam na Madeira, venceu [Egídio Oliveira].” (s/a, 2015b). (cf. FERREIRA, SOARES, 2000: 966).

Bordado simples [burdádu síplif] s.m. (Do part. pas. do v. *bordar*/ + Do lat. *simplex*, *-īcis*) – São os bordados de maior facilidade na execução. Isso pode dever-se a dois aspectos. O **bordado** apresenta pouco **trabalho** ou, então, a constituição desse trabalho é, sobretudo, baseada em pontos de fácil execução, como o **ponto corda**. É o contrário de um bordado considerado **carregado**. Tem o mesmo sentido de “**bordado de canalha**”. (cf. *apontamento*).

Bordar [burdár] v.t. (Do fr. *broder*) – Preencher um desenho estampado com linha, utilizando para esse efeito a **agulha**. Nos pontos que necessitam de **urdidura**, é hábito considerar-se o “**bordar**” apenas a segunda fase da execução. A primeira fase consiste em “**urdir**” ou “**deitar**”. O bordar é, portanto, a última camada do **ponto** que fica exposta. Em vez de dizerem que vão “bordar”, algumas bordadeiras reforçam essa ideia, utilizando a expressão “bordar o bordado” (C_MS_1). Podem bordar para a **casa de bordados** – **bordado de entregue** – ou para consumo próprio, “bordar p’ra casa” (C_MS_1) (cf. *bordadeira*). **Nota:** Cada vez mais, o conceito de “bordar” está associado aos tempos livres, “bordar para passar o tempo” (C_MS_1/ C_AR_1). As jovens que ainda se interessam por este acto apenas lhe dedicam os tempos livres. Não pensam nesta arte como profissão. As mulheres mais experientes e que foram bordadeiras toda a vida falam, agora, em actividade de lazer, uma vez que as suas capacidades, sobretudo visuais, já não permitem a dedicação de outrora. Após a reforma, bordam, quando podem, para ajudar as filhas. Trata-se de uma inversão de papéis, uma vez que, no passado, eram as filhas que aprendiam os pontos mais fáceis e ajudavam as mães e avós, aprendendo os restantes paulatinamente. Era o que as bordadeiras pretendiam para as iniciantes: “bordar já despachadinha” (C_AR_1). Queriam que as aprendizes fossem capazes de bordar os pontos principais e fizessem o **trabalho** sem necessitar de grandes auxílios.

Bordar como seda [burdár kómu sédɐ] expr. (Do fr. *broder/* + Do lat. *quomodo* 'de que modo'/ + Do lat. *seta*) – Consiste em **bordar** muito bem, com delicadeza e perfeição. Pode estar associado ao tipo de **linha** utilizado, nomeadamente as linhas de seda, que são frágeis e, geralmente, mais bonitas que as normais. Porém, pode dizer-se “bordar como seda” mesmo tratando-se de linhas normais. O que está realmente implícito nesta expressão não são os materiais utilizados, mas a perfeição da execução do trabalho: “tem aqui uma rapariga (...) a Adelina. Ela borda lindamente. Aquilo parece que (...) aquilo é seda. Parece que ela não tocou nelas, naquele bastido, naquele caseado.” (S_OF_2).

Bordar de agulha [burdár di egúlvɐ] expr. (Do fr. *broder/* + Do lat. *de/* + Do lat. **acucūla*, dim. de *acus* 'agulha') – À partida, supõe-se que **bordar** exija a utilização de uma **agulha**. Todavia, há quem especifique o tipo de agulha na designação do bordar, como, por exemplo, “bordar de agulha de croché”, referindo-se a “fazer croché”. Assim, a expressão “bordar de agulha” aplica-se ao **Bordado da Madeira**.

Botar [butár] v.t. (Do germ. **bōtan* 'golpear', pelo fr. medieval *bouter* 'empurrar') – É utilizado como sinónimo de “colocar”, “pôr”: “O mais difícil é quando eles [os desenhadores] botam bastante caseado, bastidos, pau, arrendado (...)” (C_MDS_2) (cf. SILVA, 1950: 20).

Bruixinha [bruʃjɨvɐ] s.f. (Dim. de *bruxa*) – Pequena lamparina de lata que as bordadeiras utilizavam de noite para iluminar o espaço onde bordavam. Esta era colocada ao centro e as bordadeiras sentavam-se em seu redor. No interior, colocavam **petróleo**¹ e uma **torcida**. Com o aparecimento da luz eléctrica deixou de se usar. É também conhecida por “**feiticeirinha**” ou “**luz de folha**”. (cf. EÇA, 1998: 117; *roda*). **Nota:** Esta designação foi passando de geração em geração. Actualmente, dizem-na porque as bordadeiras mais idosas sempre a usaram. Não há explicação, que se saiba, para este nome. Por ser utilizada durante a noite, poderá ter a ver com a hipótese de afastar as bruxas, que as bordadeiras acreditavam existir. Conhecidas por aparecerem à noite, elas não viriam com a iluminação que este objecto possibilitava. No concelho da Ponta do Sol, a informante A_MG contou que este objecto era identificado por “feiticeira”, “polícia” ou “catano”. Acrescentou que era “polícia” porque sinalizava o local onde as mulheres se encontravam a bordar, como compete ao polícia sinalizar, no exercício da sua profissão. Já “catano” tem que ver com a composição do material deste objecto, que não era frágil. Podia cair e entortar que continuava a funcionar. Era pequeno, o que facilitava também o seu transporte de casa em casa.

Buraco [buráku] s.m. (Talvez do port. ant. *furaco*, do lat. *forāmen*, *ñis*) – É o resultado de um tecido que ficou roto. Se a bordadeira romper o tecido, originando um furo, estraga-o, sendo motivo para a sua não comercialização. Isso coloca em causa o bom nome da marca **Bordado da Madeira**. (cf. *picotar*). **Nota:** Existem pontos como o **ilhó** e o **oficial** que requerem aberturas. O que não se confunde com o tecido roto por inadvertência ou descuido.

Buscar bordados [buʃkár burdáduʃ] expr. (De origem obscura/ + Do part. pas. do v. *bordar*) – É o que faz a **agente** quando vai à **casa de bordados** com o objectivo de trazer os trabalhos a executar – “buscar os bordados” (R_MP_1) – para as bordadeiras. Esta expressão pode ainda ser utilizada quando a bordadeira se dirige à casa da agente – **agência**, normalmente, para receber o **bordado** – “buscar o seu bordado”: “Elas [as

agentes] vão ao Funchal às casas de bordado; trazem e nós íamos às casas delas buscar [o bordado].” (T_VG_2).

C

Caixa¹ [kájʃvɐ] s.f. (Do lat. *capsa*. pelo prov. *caissa*) – “caixa dos bordados” (T_VG_2) – Termo utilizado como referência à “caixa de previdência” e “caixa de reforma”: “(...) o que faz eu bordar é que sempre fui acostumada nisto e ’tou acostumada e também p’a... p’a... caixa... p’a descontos... p’a caixa”. (R_MA_2); “Todos os meses, metia bordados p’a caixa. Todos os meses, tinha-se que meter bordados.” (T_CF_1). **Nota:** Por vezes, este termo surge associado aos verbos “meter” (“meter bordados para a caixa”) e “mandar” (“mandar bordados para a caixa”).

Caixa² [kájʃvɐ] s.f. (Do lat. *capsa*. pelo prov. *caissa*) – “Caixinha” (C_MDS_2) – O mesmo que “**banco**”. Assento baixo. **Nota:** Algumas bordadeiras costumam utilizar, como assento, caixas resistentes que tenham por casa. As mais usuais são aquelas que armazenam e transportam garrafas, como as “grades de cerveja”.

Caixeiro, a [kajʃéjru, v] s.m., s.f. (De *caixa* + suf. *-eiro, -eira*) – “caixeiros de bordados”/ “representantes de qualquer casa de negócio” (GOUVEIA, 1959: 49, 95) – Representante da casa de bordados que servia de intermediário entre esta e as bordadeiras. No passado, as casas de bordados empregavam homens para executar o papel de caixeiros. A estes, competia-lhes visitar os diferentes concelhos e distribuir as peças para **bordar** e recolher os bordados. Por vezes, permaneciam dias no mesmo local, sobretudo nos mais distantes. Já que a frequência com que lá iam era reduzida, tinham sempre um grande número de mulheres à sua espera. As bordadeiras esperavam pelo seu **ganho** e por mais **trabalho**. A visita do caixeiro nem sempre era bem vista, devido ao **desconto** que ele aplicava aos bordados: “(...) – O dono da Casa é do tempo em que os caixeiros ganhavam o que queriam? (...) Não sei se seria daqueles que também enriqueceram à sombra das bordadeiras. (...) – Um tio meu, contou-me que os bordados que iam para o campo levavam um preço fixo, mas à medida que se tornava urgente o trabalho, os industriais viam-se na obrigação de compensar a bordadeira conforme o valor da obra. Estes aumentos de uma maneira geral não chegavam às agências e às bordadeiras. Houve caixeiro que recebia os bordados feitos e guardava-os em sua casa 8 e 15 dias à espera do aumento.” (GOUVEIA, 1959: 183). **Nota:** O caixeiro foi sendo substituído pela **agente**. A diferença entre ambos reside na forma de contratação. Enquanto o caixeiro era destacado pela **fábrica**, agora, a agente disponibiliza-se para ser intermediária. Provavelmente por questões práticas, os caixeiros eram homens. Actualmente, são as mulheres que mais se dispõem para serem intermediárias. Por isso, algumas bordadeiras usam o termo “caixeira”: “eles io ao Funchal, lá, às casas (...). As pessoas que se encarregavo io lá buscar e levavo os [bordados] qu’a gente fazio e daí trazio p’a fazer (...). A gente ia-se à casa da caixeira.” (S_MD_2).

Cama do bordado [kémɐ du burdádu] s.f. (Do lat. tardio *cama*/ + Contr. da prep. *de* com forma do art. def. *o* e com forma do pron. dem. *o*/ + Do part. pas. do v. *bordar*) – Concluído o bordado, o tecido é lavado e engomado. Para facilitar o acto de engomar, é hábito colocar-se uma toalha, ou outro tecido, à partida, por baixo do **bordado**, para ganhar mais qualidade, perdendo vincos. A essa toalha é costume chamar-se “cama do

bordado”. (cf. *engomador, eira*). **Nota:** É como se o bordado “descansasse” na toalha, para reaparecer renovado.

Cambraia [kẽbrájɐ] s.f. (De *Cambray*, top.) – Um dos tipos de **linho** mais usado para bordar. É considerado dos mais leves. (cf. *CLODE*, 1970: 35; *tecido*).

Candeeiro [kẽdjẽjru] s.m. (Do lat. **candelarium*) – “candeeiro de vidro” (S_OF_2)/ “candeeiro a petrole”; “candeeiro de folha” (S_MD_2)/ “candeeiro a petróleo” (T_DS_2)/ “candeeiro de petrol” (GOUVEIA, 1959: 72) – Havia os “candeeiros de folha” (também conhecidos por “**bruxinha**”, “**luz de folha**” e “**feiticeirinha**”) e os candeeiros de vidro, associados a quem tivesse mais recursos financeiros. Qualquer um necessitava de **petróleo**¹, ou outro combustível, e de uma **torcida**: “Ah, meu Deus, vezes que eu bordei à noite e não era com estas luzes d’agora (...); era um candeeiro a petrole, um candeeiro a petrole... e nem sequer era daqueles de vidro que há gente que tinha aqueles de vidro (...). Era um candeeiro de folha e acendio, ligavo a torcida (...)”. (S_MD_2). (cf. *óleo de baleia*).

Canelo, a [kẽnélu, kẽnélɐ] s.m., s.f. (De *canela*/ Do lat. *cannella*, dim. de ‘*cana*’) – “canelados” (ESCOLA B+S PADRE MANUEL ÁLVARES, 2009: 105)/ “canelas de Richelieu” (JARDIM, s/d.b) – É a parte do **oficial** e do **richelieu** que é recortada, ficando suspensa do **tecido**: “(...) observou a colcha, puxou do lápis e experimentou o richelieu rebentando uma «canela».” (GOUVEIA, 1959: 35) (cf. *CALDEIRA*, 1993: 28; *ponto*; *SOUSA*, 1950: 44). **Nota:** Como são várias partes, usa-se frequentemente o plural, havendo quem substitua os nomes de “oficial” e “richelieu” por “canelas”, “canelos” ou “canelados”.

Cantiga [kẽtígɐ] s.f. (Do lat. *cantica*, pl. de *canticum* ‘cântico’) – “cantiguinhas soltas” (C_MS_1) – Conjunto de quadras que as bordadeiras cantavam enquanto trabalhavam: “Olhe! Cantava-se de rijo. Havia cá músicas. Era de rijo a cantar... a cantar e, altas vozes (...). A gente cantava-se juntas na mesma cantiga. Era uma alegria (...)”. (C_AR_1) (cf. *bordadeira; capítulo II, ponto 3, da presente dissertação*). **Nota:** Às bordadeiras, associa-se o facto de estarem muitas horas sentadas. Para quebrar o silêncio e a monotonia da actividade, havia quem cantasse. As cantigas, mais as de carácter popular, eram, muitas vezes, inventadas na hora, como os “despiques”, e podiam ser sobre qualquer vivência do dia-a-dia. Cantavam também músicas religiosas e outras populares que toda a gente conhecia.

Cardada [kẽrdádɐ] s.f. (Talvez de *carda* + suf. *da*) – “Tecido de lã, de linho, de baeta de cores (indústria caseira).” (rep. def. de *SOUSA*, 1950: 46). **Nota:** *Carda*, segundo o *Dicionário da Academia das Ciências de Lisboa*, 2001, pode significar: “1. Instrumento para desenredar ou pentear lã, algodão, linho ou outra fibra têxtil, constituído por uma pequena prancha de madeira, provida de pontas metálicas; instrumento para cardar. 2. *Ind.* Máquina destinada a cardar as fibras têxteis, passando estas por vários cilindros giratórios, convenientemente distanciados, revestidos de couro e com numerosas agulhas metálicas de diversas grossuras. 3. Operação em que se limpam, separam, desenredam e penteiam as fibras têxteis, para serem mais fáceis de fiar; acção de cardar ~ *CARDAGEM*” – (ACADEMIA DAS CIÊNCIAS DE LISBOA, 2001: 695). Em qualquer das acepções, há uma ligação ao tecido, à sua construção. Assim sendo, o género de tecido que a cardada representa pode resultar desses processos.

Carregado [kɐɾɨgádu] adj. (Do part. pas. do v. *carregar*) – O mesmo que **chagado**, **chapado** e **pastado**. Quando o **bordado** apresenta um **desenho** muito concentrado, com muitos pontos juntos, diz-se que está “carregado”. É um bordado considerado, geralmente, mais difícil de fazer, devido à sua complexidade. Opõe-se ao bordado considerado simples: “Já compra com o desenho que quer (...) ou mais simples ou mais carregado. É assim”. (C_MDS_2). (cf. *bordado simples*).

Carreiro [kɐɾéjru] s.m. (De *carro* + suf. *-eiro*) – Peça de formato, geralmente, cilíndrico e em plástico, onde está enrolada uma **linha** que pode ter até vários metros. Nas duas extremidades, esta peça possui uma superfície maior, o que permite reter a linha e evitar que saia dali. É mais da área da costura. Porém, há bordadeiras que o utilizam, desenrolando e cortando a linha no tamanho pretendido. (cf. *carro de linhas*).

Carro de linhas [káru di líɲɐʃ] s.m. (Do lat. *carrus*/ + Do lat. *de*/ + Do lat. *linea*) – O mesmo que **carreiro**. Poderá também ser conhecido pelos diminutivos: “carrinho”; “carrinho de linhas”: “Carro – carretel de linha; Notas: A. M. [Dicionário de Augusto Moreno, Edição de 1948] diz que esta definição [carro – carretel de linha] é de origem madeirense” (rep. def. de SOUSA, 1950: 47). (cf. *linha de carro*).

Casa de bordados [káʒɐ di burdáduʃ] s.f. (Do lat. *casa* ‘cabana’/ + Do lat. *de*/ + Do part. pas. do v. *bordar*) – “casa de bordado” (S_MD_2)/ “casa dos bordados” (C_SR_3) – Corresponde à fabrica. Em substituição de “casa de bordados”, pode usar-se apenas “casa”. Outra designação possível é “casa do Funchal” (C_MS_1), isto devido à quase totalidade estar sediada no Funchal: “É mal pago. É uma digrécia. Cá os bordados da casa é uma tristeza!” (C_AR_1). **Nota:** Embora as casas de bordados se concentrem no Funchal, o IVBAM regista uma casa no concelho da Ribeira Brava, fundada em 1980, para a qual não há outra informação.

Caseado [kɐʒjádu] s.m. (Do part. pas. do v. *casear*) – É um dos pontos pertencente à categoria dos “lançados sobre urdidura” (cf. *Decreto Legislativo Regional n.º 7/91/M, 1991*). O caseado é conhecido por ser um **ponto** para os contornos e motivos de recorte – “ponto de recorte” (SOLEDADE, 1957: 13). É utilizado na execução do **richelieu**. Consideram-se dois tipos de caseado: o caseado liso e o caseado bastido. O caseado liso é aquele que segue uma linha recta, sendo também conhecido como “caseado normal” (C_SR_3)/ “caseado fino” (R_MM_2)/ “caseado simples” (S_OF_2)/ “caseado” (T_CF_1). O caseado bastido possui umas curvas – “**pancinha**” (S_OF_2) – que lhe conferem um formato diferente. A estas curvas, associa-se a forma de uma unha, pois, eram, outrora, assim desenhadas. (JARDIM, s/d.c: 1) Este último é também conhecido como: “caseado de unha” (C_AR_1)/ “caseado grosso” (R_MM_2)/ “caseado a bastido” (S_JS_1)/ “caseado de bastido” (T_RV_1). (cf. CALDEIRA, 1993: 30; *ponto de recorte*; SILVA, 1950: 30; SOUSA, 1950: 48).

Casear [kɐʒjár] v. (De *casa* + suf. *-ear*) – Fazer **caseado**.

Casula [kɐʒúle] s.f. (Do lat. *casūla* ‘casinha’, pelo b. lat. *casubla* ‘capa com capuz’) – Circunferência dividida em quatro. Essa divisão apresenta quatro semicírculos que se encostam nos extremos. Derivou do ponto conhecido como **folha aberta**. O nome deve-se ao formato que o ponto assume porque a sua execução é usualmente em **cordão**. Registam-se outras designações possíveis: “cavaca” (R_MM_2) e “gregas” (C_AR_1). (cf. *quadro*¹).

Cavaca [kəvákə] s.f. (Talvez do lat. *cavus* 'côncavo') – **Ponto** pertencente à categoria dos “lançados sobre urdidura” (cf. *Decreto Legislativo Regional n.º 7/91/M, 1991*). O mesmo que **casula**. (cf. *SOUSA, 1950: 48*).

Cerzidor, eira [sirzidór, éjrɐ] s.m., s.f. (De *cerzir* + suf. *-dor, -deira*) – “Serzideiras” (KLUT, 2003: 38) – Quem cerze. Pessoa responsável por finalizar alguns aspectos, para que o tecido bordado fique perfeito. Cose e acerta o que falta. Conta com o auxílio do/da **consertador, eira** que auxilia nessa tarefa. (cf. *Convenções Colectivas de Trabalho, 2003; costureiro, a; fábrica*). **Nota:** Apesar de ser apresentado o termo nos dois géneros, verifica-se uma predominância do sexo feminino nesta actividade.

Cesto [séʃtu] s.m. (De *cesta*) – “cesto de vimes” (C_MDS_2)/ “cestinho”; “cesto de vime” (C_MS_1)/ “cesta de vimes” (ARAÚJO, 2006: 59) – É o recipiente, geralmente feito de vime, que serve para guardar todo o material utilizado pelas bordadeiras: **agulha, tesoura**, o próprio **tecido** do bordado, **linha**, etc. **Nota:** Porque a maioria das bordadeiras usa o termo “cesto”, é registado como entrada neste glossário. Contudo, algumas também empregam o feminino “cesta”, que é, aqui, apresentado como variante, embora não sejam o mesmo, já que o “cesto” é uma cesta grande.

Chagado [ʃəgádu] adj. (Do part. pas. do v. *chagar*) – O mesmo que **carregado, chapado** e **pastado**. Caracteriza o **bordado** com muitos motivos próximos para **bordar**, ou seja, que vai exigir muito trabalho.

Chão [ʃéw] s.m. (Do lat. *planum*) – É um **ponto** do **Bordado da Madeira**. A forma de fazer este ponto é idêntica à do **bastido**. A diferença é que não necessita de **urdidura** e os lançados são mais compridos. Assemelha-se a pontos executados à máquina, devido à inexistência de relevo. Esse facto teve impacto na atribuição do nome: é “chão” aquilo que é plano, sem relevo. (cf. *HOLMAN, WALKER, 1987: 52; ponto chão*).

Chapa¹ [ʃápɐ] s.f. (Do fr. *chape*, do b. lat. *cappa*) – É o **desenho** já picotado no papel vegetal. A chapa é utilizada no processo de **estampagem**, como meio transmissor do desenho para o **tecido**. Pode ser inúmeras vezes utilizada. Quando fica estragada, recorre-se novamente ao original para produzir uma nova cópia, outra chapa. Desta forma o **original** fica preservado: “chapas de papel vegetal transparente” (JARDIM, s/d.a).

Chapa² [ʃápɐ] s.f. (Do fr. *chape*, do b. lat. *cappa*) – Quando os tecidos entregues às bordadeiras tinham um **desenho** que previa várias cores, era hábito facultar uma chapa. Consiste numa réplica colorida do desenho **estampado**, tendo a bordadeira de a reproduzir no tecido. (cf. *interpretação do desenho; VIEIRA, 2006: 88*). **Nota:** Quando o desenho não apresenta grandes complicações, nem muita variedade de cores, a **agente** informa a **bordadeira**, não havendo a entrega da chapa², o que tem acontecido cada vez mais.

Chapado [ʃəpádu] adj. (Do part. pas. do v. *chapar*) – “enchapeirado” (S_MD_2) – O mesmo que **carregado, chagado** e **pastado**: “Chapado...com bastante trabalho”. (C_MDS_2). **Nota:** Esta designação pode advir do contacto com a **chapa²** entregue à bordadeira.

Chinês [ʃinés] s.m. (De *China*, top. + suf. -ês) – “é um entrelaçando [sic] pequeno que lembra o ponto «francês». É usado principalmente nos lenços.” (rep. def. de CLODE, 1970: 36). **Nota:** De acordo com a informante P_MG, esta designação é atribuída ao **ponto ana**.

Cobrir [kubrír] v.t. (Do lat. *cooperire*) – Consiste em tapar a **urdidura**. Há alguns pontos no **Bordado da Madeira** que necessitam de urdidura. A primeira camada, resultante do **urdir**, é, depois, sobreposta com **linha**, para a conclusão do **ponto**. Nessa última fase, a linha que fica exposta é a que serviu para esconder (cobrir) a urdidura.

Consertador, eira [kõsirtədór, éjɾɐ] s.m., s.f. (*consertar* + suf. -dor, -deira) – É quem rectifica detalhes do **bordado**, depois de estar pronto, lavado e engomado, se necessitar de um último arranjo (conserto). Na fábrica, a pessoa que tem essa tarefa associa-se à **cerzideira**, para fazer os últimos ajustes, a fim de o bordado seguir para a **dobradeira**, antes de ser comercializado. (cf. *consertar*; *Convenções Colectivas de Trabalho*, 2003; *costureira*; *KLUT*, 2003: 38). **Nota:** Apesar de os termos relativos às profissões serem apresentados como entradas com dois géneros, usa-se predominantemente o feminino por serem essencialmente as mulheres quem executa essas tarefas.

Consertar¹ [kõsirtár] v.t. (Do lat. *concertare* ‘combater’) – Quando o **bordado** terminado ficou mal feito ou apresenta falhas não é aceite na **casa de bordados**. É reencaminhado para a **bordadeira** que o terá de emendar. A casa de bordados não o aceitará, a não ser mediante o seu conserto. A bordadeira, ao recusar-se a refazê-lo, terá de pagar o bordado à empresa: “Esse bordado veio p’a eu consertar, mas eu não quis consertar. Paguei o tecido e fiquei com ele.” (S_JS_1).

Consertar² [kõsirtár] v.t. (Do lat. *concertare* ‘combater’) – Na **fábrica**, existe uma pessoa, **consertador/eira**, que está encarregue de acertar algum aspecto que tenha sofrido alterações no processo industrial.

Contador, a [kõtədór, ɐ] s.m., s.f. (De *contar* + suf. -dor, -dora) – Quem é responsável pela **contagem dos pontos**. Este trabalho exige muita atenção e precisão para que os pontos sejam todos contados e correctamente apontados. Os valores correspondentes a cada **desenho** são escritos numa margem da folha em que figura. Qualquer erro na contagem reflecte-se no valor que a **bordadeira** irá receber. (cf. *Convenções Colectivas de Trabalho*, 2003; capítulo III, *desenho 1*, da presente dissertação; *fábrica*; *KLUT*, 2003: 51; *pontos industriais*).

Contagem (dos pontos) [kõtázẽj] s.f. (De *contar* + suf. -agem) – A quantificação do número de pontos é realizada na fábrica com o objectivo de avaliar, monetariamente, cada **desenho**, antes de ser bordado. Este processo é realizado sobre a **chapa**¹ e com um **curvímetro**. (cf. *contador, ora*; *Decreto Legislativo Regional n.º 12/93/M*, 1993). **Nota:** Para a contagem, há uma base revista e alterada anualmente em portaria, visando uma adequada remuneração do trabalho das bordadeiras. Aí, constam os valores correspondentes a cada género de **ponto**, calculados por metro de ponto ou por unidade. Depois, é necessário multiplicar os valores pela quantidade de pontos presente no tecido para bordar. Os pontos contados são os “**pontos industriais**” e não coincidem com os que a **bordadeira** dá. Por exemplo, um metro de **cordão** bordado corresponde a 50 pontos industriais e um metro de **corda** equivale a 25 pontos industriais.

Copiador, a [kupjedór, órɐ] s.m., s.f. (De *copiar* + suf. *-dor, -dora*) – É quem reproduz o **desenho**, originando vários exemplares. Este processo serve para proteger o **original**. (cf. *chapa*¹; *Convenções Colectivas de Trabalho, 2003; capítulo III, desenho 1 e desenho 2, da presente dissertação; fábrica*).

Corda [kórdɐ] s.m. (Do lat. *chorda* < gr. < χορδή) – Trata-se de um ponto pertencente à categoria dos “outros” (cf. *Decreto Legislativo Regional n.º 7/91/M, 1991*). Para a sua concretização, a **agulha** entra no buraco criado pelo último ponto, assemelhando-se o resultado a uma corda. (cf. *ponto corda; ponto meia-légua*). **Nota:** Fica bem **feito**, quando os pontos dados são pequenos. É utilizado, frequentemente, para os contornos, os ramos e os caules de flores, os principais motivos do **Bordado da Madeira**. Considerado o primeiro ponto que deve ser ensinado a quem é iniciado na **arte** do Bordado da Madeira, muito pela sua simplicidade e facilidade de execução.

Cordão [kurdéw] s.m. (Do fr. ant. *cordon*) – **Ponto** pertencente à categoria dos “lançados sobre urdidura” (cf. *Decreto Legislativo Regional n.º 7/91/M, 1991*). É utilizado, por vezes, em situações semelhantes ao “**corda**”, mas distingue-se dele na medida em que necessita de **urdidura** e é mais volumoso. Aplica-se quando é necessário um maior preenchimento do **desenho**. Cordão e **pau** são, exactamente, o mesmo ponto apenas diferem na designação. Está na base de outros pontos como o **oficial**, a folha, o **ilhó** e a **cavaca**. (cf. *CALDEIRA, 1993: 37; folha aberta; folha fechada; ponto de cordão; SOUSA, 1950: 54*).

Corrico [kuríku] s.m. (Deriv. regres. de *corricar*) – Esta designação era dada quando as bordadeiras iam para a casa das vizinhas **bordar**: “Quando ia-se bordar à casa das vizinhas dizia-se que era o corrico” (S_JS_1). (cf. *CALDEIRA, 1993: 38; corriteira; SILVA, 1950: 35*). **Nota:** O nome poderá estar associado ao “acto de correr”, já que parecem ter a mesma raíz. Essa ideia também está implícita em algumas referências bibliográficas. No *Elucidário Madeirense*, “corrico” é referido como pertencente à linguagem dos pescadores, sendo um processo de pesca. Todavia, na mesma obra, é possível encontrar o termo “corricar”: “Significa também, em linguagem familiar, fazer rapidamente pequenos percursos em variadas direcções.” (rep. def. de MENESES, SILVA, 1998: 319-320). Em *Dizeres da Ilha*, de Luís de Sousa, 1950, é apresentado o termo: “corricona – Diz-se do indivíduo, do sexo feminino, que não se aquieta, que não se acomoda.” (rep. def. de SOUSA, 1950: 55). O masculino deste termo é “Corricão”. (cf. *SOUSA, 1950: 55*).

Corriteira [kuritéjɾɐ] s.f. (Talvez de *corricar* + *-eira*) – O mesmo que **corrico**: “era uma pressa (...) era uma corriteira todos os dias tinha que ir p’a casa de uma vizinha bordar” (S_OF_2).

Costas [kóʃtɐʃ] s.f.pl. (De *costa*) – É o termo utilizado para referir o **lado do avesso do tecido**, ou seja, a parte de trás – “as costas”. Neste lado, executam-se alguns pontos do **Bordado da Madeira** (como o **atrás**). É onde se finalizam os pontos com o **arrematar**. (cf. *ponto*).

Costureiro, a [kuʃturéjɾu, ɐ] s.m., s.f. (De *costura* + suf. *-eiro, -eira*) – Na **fábrica**, quem cerze e conserta recebe, igualmente, a designação de costureiro/a. (cf. *cerzidor, eira; consertador, eira*).

Cramar [krɐmár] v.i. (Alteração de *clamar*) – Sinónimo de “reclamar”. É o que muitas bordadeiras fazem relativamente ao bordado: “Porque eles (...) eles também vendem [o bordado] muito caro e não sei (...) e tudo crama”. (C_MS_1). (cf. FIGUEIREDO, *Dezembro de 2011*: 117; FREITAS, 2007: 130; SILVA, 1950: 36; SOUSA, 1950: 56; PESTANA, 1970: 62).

Criador, a [kriədór, ə] s.m., s.f. (Do lat. *creātor, ōris*) – Quem concebe o desenho para as peças a bordar. É o primeiro elemento responsável no processo de produção do **Bordado da Madeira**. É das mãos do criador/a que têm origem os desenhos do Bordado da Madeira, os originais. Uma designação sinónima é **desenhador, a**. (cf. *fábrica*; KLUT, 2003: 30; *original*).

Crivo [krívu] s.m. (Do lat. *cribrum*) – É um **ponto** pertencente à categoria dos “arrendados” (cf. *Decreto Legislativo Regional n.º 7/91/M, 1991*). O mesmo que **arrendado**.

Crocada [krokádɐ] s.f. (Talvez corruptela de “*croque*”) – “crocada” (C_MS_1)/ “crócada” (CALDEIRA, 1993: 39)/ “cròcada” (PESTANA, 1970: 63)/ “crocadas” (SOUSA, 1950: 56) – Pancada na cabeça em jeito de repreensão por algum **ponto** mal **feito** no **bordado**: “Com sete anos a minha mãe já me pôs a bordar ponto de corda e garanitos. Levava crotchadas da cabeça”. (C_MS_1) (cf. CALDEIRA, 1993: 183; *croque*; SILVA, 1950: 29, 37).

Croque [krókɨ] s.m. (Do fr. *croc*) – “Crocões” (R_MM_2) – É uma pequena pancada na cabeça. Parece ser sinónimo de **crocada**: “Sim, mas não é fácil aprender a bordar. É preciso paciência e muitos crocões eu levei na cabeça que não sabia e a mãe insistia porque naquele tempo não é como agora que é baboseirinha. Aprende é que aprende já, que tens de aprender já. Era assim (...)” (R_MM_2); “quando eu achava que ’tava mal feito (...) dava um croque (...)”. (S_MR_1). (cf. PESTANA, 1970: 63; SILVA, 1950: 29, 37).

Cruzinha [kruzíɲa] s.m. (Dim. de *cruz*) – É um tipo de **arrendado**, normalmente feito em diagonal. A sua execução assemelha-se à do ponto cruz, uma vez que se vão formando cruces a cada **ponto**. É necessária a retirada de fios do tecido. O mais usual é tirar dois e deixar três fios, mas isso depende do tamanho do ponto que se pretende. Quantos mais fios se tiram, mais pequeno fica o ponto. (cf. VIEIRA, 2006: 98). **Nota**: Este tipo de arrendado já está em desuso, uma vez que poucas pessoas o conhecem e o sabem explicar. Quem o identifica descreve-o com dificuldade porque se tem deixado de bordar. Porém, por comparação de algumas indicações recolhidas, é possível associá-lo ao arrendado aviado. A definição de PESTANA (1970: 29) para “o fundinho de cesto”, remete para o “arrendado cruzinha”.

Cu da agulha [kú dɐ əgúlɐ] s.m. (Do lat. *culus*/ + Contr. da prep. *de* com forma do art. def. *a* e com forma do pron. dem. *a/* + Do lat. **acucūla*, dim. de *acus* ‘agulha’) – O mesmo que **rabo da agulha**: “Parte inferior da agulha. – Enfia a linha no cú [sic] da agulha” (rep. def. de CALDEIRA, 1993: 39). (cf. *agulha*).

Curvímetro [kurvímitru] s.m. (Talvez de *curva* + *metro*) – Aparelho utilizado na **contagem** dos **pontos industriais**. Tem um cabo, onde se agarra, e um mostrador que serve para ver as medidas contadas. A parte que percorre o **desenho** para contar os

pontos é cilíndrica, com circunferência de 9,5 cm, e cada volta que essa parte dá corresponde a um metro. (SOLEDADE, 1957: 11): “o curvímetero, usado na leitura de mapas de navegação (para calcular a extensão de linhas curvas). Pensa-se que terá sido introduzido na indústria de bordados pelos Sírios.” (KLUT, 2003: 34) (cf. *ponto*).

D

Dador de trabalho [dɔdɔr di trɛbálu] expr. (Do lat. *dator*, -ōris/ + Do lat. *de/* + Do lat. *tripalium* ‘instrumento de tortura formado de três paus’) – O que fornece os trabalhos, ou seja, o **industrial de bordados**. Dador no sentido de oferecer **trabalho**. (cf. *bilhete*; *Decreto Legislativo Regional n.º 12/93/M, 1993*).

Dar bordados [dár burdáduʃ] expr. (Do lat. *dāre/* + s.pl. derivado do part. pas. do v. *bordar*) – Acto da **agente** que consiste em entregar os tecidos para **bordar** às bordadeiras. Não significa “dar”, no verdadeiro sentido da palavra, mas distribuir o **trabalho** às bordadeiras para que estas o executem e o devolvam à agente, que o devolverá à **casa de bordados**. Outras expressões com o mesmo significado são: “Dar à bordadeira; entregar à bordadeira”. (C_MS_1).

Dar conta dos bordados [dár kóte duʒ burdáduʃ] expr. (Do lat. *dāre/* + Deriv. regres. de *contar/* + pl. de *do/* + s.pl. derivado do part. pas. do v. *bordar*) – A **agente** recebe os bordados da **fábrica** e tem de os entregar às bordadeiras, ou seja, é responsável pela distribuição, recolha e regresso à fábrica da peça. Esta expressão significa assumir a responsabilidade de levar o trabalho por fazer e de o devolver executado, em boas condições: “Ninguém sabia como dava conta dos bordados que lhe eram confiados, contudo não se lhe conheciam falhas.” (VERÍSSIMO, 1997: 11).

Dar pontos [dár pótuʃ] expr. (Do lat. *dāre/* + Do lat. *punctum* ‘picada’, ‘ponto’) – Ceder os seus **pontos** para outra pessoa. (cf. *KLUT, 2003: 49*). **Nota:** As bordadeiras partilham os seus pontos com outras, ou até mesmo com mulheres que não façam do bordado profissão. Acordam entre si, e ambas ficam a beneficiar. A que cede os pontos geralmente recebe um valor monetário. A que os recebe fica com os **descontos** para a Segurança Social.

Didal [didál] s.m. (Do lat. *digitāle*, de *digītus* ‘dedo’) – “Didal” (C_MS_1; C_MDS_2)/ “didale” (S_OF_2); “Didales”; “Didaís” (S_MD_2) – É uma protecção de metal colocada no dedo médio, na mão direita, com a finalidade de empurrar a **agulha**: “didales piqueninhos que havia sempre p’ a crianças começar a aprender e comprava os didaís”. (S_MD_2). (cf. *CALDEIRA, 1993: 43*).

Dedeira [didéjɾɐ] s.f. (De *dedo* + suf. *-eira*) – “dedeira p’o dedo” (S_OF_2) – Trata-se de uma protecção colocada no dedo indicador da mão esquerda, que segurava o tecido, para o proteger de possíveis picadelas. Para este efeito, há quem utilize fita-cola enrolada no dedo, um pedaço de plástico ou outro material: “uma coisa que faziam com um bocadinho de pele, a dedeira”. (S_AC_3).

Deitar [dejtár] v.t. (Do lat. *dejectāre*, frequentativo de *dejiçere* ‘precipitar’) – É a acção realizada no primeiro revestimento exigido por alguns pontos, designadamente os que necessitam do relevo que lhes é característico, como o **bastido** e o **caseado**. Depois desta camada de linha dada, inicia-se a acção de a sobrepor, que é identificada, nestes

casos, como o **bordar**. A parte que foi deitada fica escondida devido à segunda camada. Sinónimo de **urdir**. (cf. *cobrir*; *ponto*). **Nota:** Frequentemente, também se usa este verbo substantivado: “o deitar demorou mais”, acontecendo o mesmo com outros verbos.

Deitar o bordado a perder [dɛjtár u burdádu ɐ pirdér] expr. (Do lat. *dejectāre*, frequentativo de *dejiċċere* ‘precipitar’/ + art. def. m./ + s.m./ + prep./ + Do lat. *perċċere*) – Estragar o **bordado** ou não gostar do produto final. Quando se trata de bordados para a **casa de bordados**, as bordadeiras não podem alterar o **trabalho**. Devem executar o que está desenhado (cf. capítulo III, desenho 1 e desenho 2, da presente dissertação) e com as linhas estipuladas. Se alteraram algo, estragaram o bordado. Para uso próprio, a **bordadeira** pode mudar o que quiser, **tecido**, cores, pontos. Em qualquer das situações, concluído o trabalho, a bordadeira forma uma opinião relativamente ao resultado obtido. Faz uma apreciação, bem como outras bordadeiras que o vejam, dizendo, por vezes, que determinado factor, seja um **ponto** ou uma cor da **linha**, “deitou o bordado a perder”, isto é, o bordado ficaria mais bonito sem esse aspecto, não significando que o bordado está mal **feito**.

Deixar o bordado da mão [dɛjʃár u burdádu dɐ mɛw] expr. (Do port. ant. *leixari*, do lat. *laxāre* ‘afrouxar’/ + s./ + Contr. da prep. *de* com forma do art. def. *a* e com forma do pron. dem. *a/* + Do lat. *manus*) – Não **bordar**. Abandonar a profissão de bordadeira. Dedicar-se a outra actividade que não o **bordado**: “Hoje em dia, há pessoas que já sabem bordar bastante bem e já vão trabalhar para casas de limpeza e deixam o bordado da mão. Por isso, aqui no sítio onde eu vivo, acho que vai acabar.” (C_MDS_2).

Desconto [diʃkótu] s.m. (Deriv. regres. de *descontar*) – Corresponde ao valor da **peça** bordada, definido através da **contagem**, que é reduzido por alguma razão a comunicar à **bordadeira**. **Nota:** Quando o **bordado**, aos olhos de quem o recebe, não está em boas condições, é feito o desconto em função do valor do estrago. Se for uma má execução dos pontos, a **bordadeira** terá de os **consertar**. O desconto relativo ao dinheiro que deveria receber poderá também ser devido ao atraso no prazo de entrega do **trabalho**: “(...) se não fora o desconto, ainda era a casa Farraba uma das melhores em pagar a bordadeira, bem que o dinheiro não compensasse os dias de trabalho e as noites de serão.”; “(...) cando foi entregar duas dúzias de lenços e uma camisa, passava já um dia do prazo marcado. Devia arreceber oitenta patacas e só lhe dero metade.” (GOUVEIA, 1959: 58, 72).

Descontos [diʃkótuʃ] s.m.pl. (Deriv. regres. de *descontar*) – “descontos da caixa” (S_JS_1)/ “descontos p’a caixa” (R_MA_2) – Corresponde à parte da remuneração da bordadeira que deve ser remetida para a Segurança Social, por forma a manter a sua situação profissional regularizada. Apenas assim, a trabalhadora poderá auferir de pensão de velhice ou de invalidez. (cf. *caixa*¹).

Desenhador, a [dizɛɲədór, ɐ] s.m., s.f. (De *desenhar* + suf. *-dor, -dora*) – A pessoa que cria os originais do **Bordado da Madeira**. O mesmo que **criador**: “Actualmente, o próprio desenhador condensa a função de copião, contador e de picotador, obviamente por motivos que se prendem com a redução de pessoal.” (KLUT, 2003: 33); “(...) os desenhadores madeirenses, verdadeiros artistas, que ao longo do século passado e deste século compuseram milhares de desenhos sob a influência determinante de uma ilha

onde reina a beleza, mas também sob influências multiculturais e de movimentos artísticos.” (IVBAM, s/d: 9) (cf. *copiador, a; contador, a; fábrica; picotador, a*).

Desenho [dizénu] s.m. (Deriv. regres. de *desenhar*) – O que está representado no papel e **tecido** que, posteriormente, vai ser bordado: “A maioria das pessoas já compra o bordado já feito, só falta a elaboração de (...) fazer o bordado. Mas já vem (...) o tecido com o desenho (...)” (C_SS_3); “O desenho é a alma do Bordado Madeira. Os movimentos da natureza são emprestados ao bordado, conferindo às peças um carácter único, romântico e requintado.” (IVBAM, s/d: 9) (cf. *fábrica; original*). **Nota:** A composição do desenho do **Bordado da Madeira** é apontada no decreto legislativo regional n.º 7/91/M. O artigo 2.º, do referido decreto, indica que o desenho tem componentes florais e figurativas, organizadas de diferentes formas. A execução de tais elementos pode ser através de dois grupos de pontos distintos, os arrendados e os **lançados sobre urdidura**. Para o processo de obtenção do desenho, quem cria recorre a materiais como réguas, esquadros e compassos. O desenho, geralmente, é simétrico e, por isso, basta ao seu criador fazer uma parte e reproduzi-la para concluir todo o desenho. As fábricas guardam os originais no próprio arquivo e vão utilizando a **chapa**¹ para conceber as cópias necessárias. Assim, o desenho está sempre salvaguardado.

Desmanchar [dizmẽjár] v.t. (Do ant. fr. *desmancher*, hoje *démancher* ‘tirar o cabo do instrumento’) – Acção de desfazer os pontos mal dados para os voltar a bordar convenientemente. Quando um **bordado** é considerado mal **feito**, a **bordadeira** terá de desfazer o **trabalho** que já havia sido executado no **tecido** e de o **refazer**: “Eles [verificadores] mandam o bordado p’a trás (...) P’a desmanchar e tornar a fazer.” (C_MDS_2).

Dia trocado [díɐ trukádu] expr. (Do lat. *dies*, pelo lat. vulgar **dia/* + Do part. pas. do v. *trocar*) – Refere-se ao tempo, normalmente um dia, em que, voluntariamente, bordadeiras trabalham para ajudar uma companheira em situação de necessidade ou, simplesmente, porque o solicitou. Contudo, ela terá de ajudar, noutros dias, quem a ajudou. Assim, o **trabalho** rendia mais: “se ajuntavo acolá a bordar e eu ajudava. Por exemplo, ajudava esta, ela já me ajudava a mim e fazia-se muito trabalho os dias trocados e também vendo as outras fazere (...) Ajuntavam-se tudo na mesma casa. Faz de conta, isto aqui era uma casa de bordadeiras. Um dia era p’ra mim; um dia era p’a outra bordadeira (...) qu’elas achavo qu’assim que rendia mais o bordado. Todas a bordar no mesmo, mais depressa fazia-se o bordado”. (S_MD_2). **Nota:** É “dia trocado” porque, em vez de se dedicarem ao próprio trabalho, naquele dia, bordam todas apenas para uma pessoa. Acontece depois o contrário, a troca, e ela ajuda quem para ela bordou. Dessa forma, a **bordadeira** que é auxiliada vê o trabalho concluído com rapidez.

Dinheirão [dijɛjrẽw] s.m. (De *dinheiro* + suf. *-ão*, aumentativo) – Grande quantia de dinheiro obtida pela venda do bordado, que, na opinião da bordadeira, contrasta com a sua remuneração: “Sim, eh! Eles pagam pouco à gente, e p’a vender, é um dinheirão.” (C_MS_1). (cf. *avistar nas montras; linhume*).

Dobrador, eira [dubrədór, éjrɛ] s.m., s.f. (dobrar + suf. *-dor, -deira*) – É a pessoa responsável por ajeitar o **bordado** finalizado, antes de ser embalado e comercializado. Para dobrar o bordado, existem técnicas a utilizar que têm em conta o tamanho e a forma de cada **peça**. (cf. *Convenções Colectivas de Trabalho, 2003; embalador,a*;

fábrica; KLUT, 2003: 38). **Nota:** São essencialmente as mulheres que executam esta actividade. No entanto, consideram-se os dois géneros.

Dote [dóti] s.m. (Do lat. *dos, dōtis*) – “dotezinho” (S_MD_2) – Conjunto de bens que as jovens bordadeiras compravam para si com o dinheiro que ganhavam no **bordado** e que eram destinados ao próprio casamento. Havia colchas, cobertores, lençóis, toalhas, entre outros bens considerados essenciais para o matrimónio. Era guardado em malas, conhecidas como “baús” e “arcas”. Termo utilizado como sinónimo de **enxoval**: “Ah, não se bordava p’a gente o que se bordava era p’a se ganhar qualquer coisa p’a comprar o dote”. (C_MS_1); “(...) era p’a guardar p’a, depois, ter o dote, ter a mala p’o dote. Agora, já ninguém faz isso (...). Era p’a comprar um cobertor ou um jogo de lençol p’a ficar guardado”. (R_MM_2); “As ‘meninas prendadas’ da Nobreza aprendiam a arte de bem bordar para a confecção do próprio dote. As classes mais desfavorecidas faziam-no para poderem ganhar a vida, ‘vida de Bordadeira’.” (ARAÚJO, 2006: 58) (*cf. mala*). **Nota:** No dote, poderia haver elementos bordados pelas próprias bordadeiras, mas eram escassos. Ao bordarem para si mesmas, não conseguiriam ganhar dinheiro para comprar o dote. Se ficassem com as peças que bordavam, o dote era mais pequeno do que se fosse com peças compradas, isso devido ao tempo de execução das peças bordadas e à ausência de rendimento para investir. É costume associar o dote aos bens que os pais ofereciam às filhas para o matrimónio, isto nas classes mais abastadas. Pelo contrário, as bordadeiras referem “dote” como algo que conseguiram fruto do seu trabalho. Contudo, algumas contam que, desde cedo, em vez de trabalharem fora de casa, ajudavam os pais no campo. Como recompensa, eles iam “oferecendo”, como forma de pagamento, peças para compor o dote.

E

Embalador, a [ẽbɛlədór, órɐ] s.m., s.f. (De *embalar* + suf. *-dor, -dora*) – É quem empacota os bordados, para serem comercializados. Depois dos bordados terem o **selo de garantia**, colocado no **IVBAM**, regressam novamente à **fábrica** a que pertencem e são embalados. (*cf. KLUT, 2003: 40*).

Enfiar a agulha [ẽfjár v ɛgúlɐ] expr. (De *en-* + *fio* + suf. *-ar/* + art. def. *f./* + Do lat.**acucūla*, dim. de *acus* ‘agulha’) – Passar a **linha** pela extremidade da **agulha** que possui um buraco, o **cu da agulha**, como na costura. Há quem humedeça a linha para que este processo seja mais fácil. Por vezes, quando a linha começa a esfiapar-se, é necessário utilizar este método: “Mal eu sabia enfiar a agulha. Não sabia como é que se enfiava. Às vezes, até punha a ponta ao contrário e pronto”. (R_AS_1) (*cf. CALDEIRA, 1993: 53; esfiapar; ponta da agulha*).

Engomador, eira [ẽgumədór, ɛjrɐ] s.m., s.f. (De *engomar* + suf. *-dor, -deira*) – Quem passa o bordado a ferro, após a lavagem. O engomar é para endireitar os vincos do tecido bordado que foi lavado. O bordado é passado a ferro pelo **lado do avesso**. A fim de facilitar a engomagem, é hábito colocarem uma toalha por baixo do bordado – **cama do bordado**. Quanto mais acolchoada for, mais fácil é engomar. (*cf. Convenções Colectivas de Trabalho, 2003; fábrica; KLUT, 2003: 38; lavador, eira*). **Nota:** Nas fábricas, são as mulheres que, salvo excepção, executam esta tarefa.

Enxergar [ẽʃirgár] v.t. (De origem obscura) – Refere-se à vista, ao acto de ver para bordar: “Ainda hoje, se fosse a tirar fios... mas não enxergo. Tirei bastantes [fios para o

arrendado]. Eu tive semanas mais de três semanas [a tirar fios] (...). Só ao sábado e ao domingo não, que era p'a vida de casa (...)" (S_MR_1). (cf. *apanhar a claridade; apilhar a claridade; bruxinha; candeeiro; feiticeirinha; luz de folha; PESTANA, 1970: 70*). **Nota:** É um dos aspectos mais importantes para a **bordadeira**, uma vez que é fundamental para o seu **trabalho** porque, sem ver, não consegue **bordar**. Com o esforço diário para bordar, de dia e de noite, muitas bordadeiras vão perdendo a visão, o que as pode levar a deixar de bordar relativamente cedo.

Enxoval [ẽʃuvál] s.m. (Do ár. *ax-xauar* 'dote de casamento') – “enxovalzinho” (S_MD_2) – Sinónimo de **dote**. **Nota:** As gerações mais novas utilizam o termo “enxoval” em detrimento de “dote”. Muitas vezes, ambos os termos são empregados para referir a mesma coisa. Enquanto, para umas bordadeiras, o enxoval foi comprado com o dinheiro do próprio trabalho, para outras, era oferecido. Para umas, não havia muitos elementos bordados; para outras, esses predominavam. A designação e o conteúdo do enxoval/dote depende muito da economia familiar.

Escada [iʃkádɐ] s.m. (Do lat. **scalāta*, de *scala* 'escada') – É um **ponto** pertencente à categoria dos “arrendados” (cf. *Decreto Legislativo Regional n.º 7/91/M, 1991*). Para a sua execução, é necessário retirar fios do **tecido** como acontece com o **ana** e o **arrendado**. O nome está relacionado com o seu aspecto porque, uma vez concluído, se parece com uma escada. (cf. *ponto escada; SOUSA, 1950: 69*).

Escangalhar [iʃkẽgɐlár] v.t. (De *es* + *cangalho* + suf. *-ar*) – O mesmo que **desmanchar**: “Às vezes, vinha p'a trás [o bordado], p'a escangalhar e p'a tornar a bordar” (C_MS_1).

Esfiapar [iʃfjɐpár] v.t., v.pron. (De *es-* + *fiapo* + suf. *-ar*) – O que acontece com os tecidos quando se desfazem, por qualquer motivo, havendo alguns com maior propensão para isso. (cf. *enfiar a agulha; linha*). **Nota:** A **bordadeira** deve ter um cuidado acrescido com o tecido que se desfaz facilmente para não pôr em causa o produto final. Nessas situações, primeiro, borda o lado com maior probabilidade de se esfiapar, para que o **desenho** fique já salvaguardado. Se não for assim, a bordadeira poderia, depois, não conseguir **bordar**, devido à perda de **tecido**, resultante do esfiapamento. No caso das linhas, quando estas começam a esfiapar-se é hábito humedecer a ponta e, assim, travar a sua destruição.

Esguião-de-linho [iʒgjẽw di línu] s.m. (De origem obscura/ + Do lat. *de/* + Do lat. *linum*) – “esguião” (CÉSAR, 1985: 195) – “pano, julgo que de procedência irlandesa, em que se praticam todas as espécies de bordado da Madeira. É mais alvo, mais rijo e menos flexível que o linho da mesma procedência.” (rep. def. de PESTANA, 1970: 70).

Esponja [iʃpõʒɐ] s.f. (Do lat. *spongia* < *σπογγία*) – É uma designação atribuída à **boneca**. (cf. *Instituto do Vinho, do Bordado e do Artesanato da Madeira, s/d*).

Estampado [iʃtẽpádu] adj. (Do part. pas. do v. *estampar*) – É quando o **desenho** já está impresso no **pano**. Os tecidos entregues às bordadeiras vêm todos estampados. “Sim, vinha o desenho. Ero lá estampados, na casa dos bordados” (S_MD_2); “Sim, já vem estampado; já vem desenhado”. (T_DS_2). **Nota:** Para uso próprio, há bordadeiras que compram o tecido sem desenho e optam por fazer a estampagem de forma caseira, chamando a isso **tirar o desenho**.

Estampador, eira [iʃtẽpədór, éjɾɐ] s.m., s.f. (*estampar* + suf. *-dor, -deira*) – Quem reproduz o desenho do papel para o tecido, procedendo segundo as técnicas estabelecidas. (*cf. estampar; fábrica*).

Estampagem [iʃtẽpázẽj] s.f. (Do fr. *estampage*) – É o processo de marcar o **tecido** com o **desenho** que será **bordado**. (*cf. estampar*).

Estampar [iʃtẽpár] v.t. (Do fr. *estamper*, do it. *stampare*) – É o acto de imprimir o **desenho** no **tecido**. O método de estampar implica colocar a **chapa**¹ em cima do tecido; embeber a **boneca** no **petróleo**² e na **graxa**, para, por fim, passar sobre a chapa¹.

Estrela [iʃtrélɐ] s.f. (Do lat. *stella*) – “estrelas abertas; estrelas a bastido; estrela de garanitos” (C_AR_1) – Conjunto de pontos que tem o formato de uma estrela, de onde lhe vem o nome. Pode ser concretizado de vários modos. **Nota:** Normalmente, é um conjunto de garanitos, de quantidade variável, tendo o mais comum cinco. Os garanitos constituem uma roda, formando uma estrela. Se, no centro da roda, for bordado um **garanito**, trata-se de uma estrela fechada ou de uma **solteira**, mudando apenas o sentido em que a linha é bordada. Pelo mesmo motivo, se, no centro da roda, ficar um **ilhó**, será uma estrela aberta ou uma viúva. O sentido pelo qual a linha segue é fundamental para não se confundir a estrela aberta com a viúva e a estrela fechada com a solteira. Na estrela, bordam-se os pontos de lado, enquanto, na viúva e na solteira, se bordam para dentro. Pode haver estrelas de garanitos, estrelas de bastidos (folhas fechadas) ou estrelas de folhas abertas. (*cf. folha aberta; SOUSA, 1950: 72*).

F

Fábrica (de bordados) [fábrikɐ] s.f. (Do lat. *fabrīca* ‘fabricação’, ‘ofício’) – Espaço onde se concretiza a quase totalidade das fases de produção da **indústria de bordados**. Fora deste edifício, contribuem as bordadeiras e os elementos do **IVBAM**, a quem cabe certificar a qualidade das peças bordadas. Consequentemente, é onde se concentra o maior número de intervenientes do processo. Actualmente, devido, sobretudo, a problemas económicos, as diversas funções (cerzir; consertar; contar; copiar; costurar; criar; desenhar; dobrar; embalar; engomar; estampar; lavar; passar; picotar; recortar; verificar) podem ser executadas pela mesma pessoa. No conjunto dos trabalhadores, há uma predominância de elementos do sexo feminino. Em alguns casos, apenas o patrão é do sexo masculino. **Nota:** Ainda é possível conhecer o interior deste espaço, dado algumas fábricas abrirem gratuitamente as portas aos visitantes para mostrarem os seus produtos.

Fazenda [fɛzẽdɐ] s.f. (Do lat. *facienda*, forma do gerundivo de *facēre* ‘fazer’) – É o nome atribuído ao **pano**, qualquer que seja o género deste. (*cf. PESTANA, 1970: 75*).

Feiticeirinha [fɛjtisɛjɾĩɲɐ] s.f. (Dim. de *feiticeira*) – O mesmo que **bruxinha**: “ah, não, e antigamente qu’aquilo era só (...) feiticeirinhas, que chamavo feiticeirinhas uma luzinha em folha (...)”. (S_OF_2). **Nota:** De acordo com A_MG, este objecto é entre outros nomes, conhecido por “feiticeira”.

Feito (bem/mal) [fɛjtu] adj. (Do lat. *factus*, part. pas. de *facēre*) – O **bordado** pode dizer-se bem feito porque cumpre com os parâmetros estabelecidos: a cor das linhas, a confecção dos pontos e a boa aparência do **tecido**. Quando um aspecto não cumpre com

os requisitos, o bordado está mal feito. Nessa situação, terá de ser refeito ou consertado. Se o problema está na execução, pode referir-se que o **ponto** está mal feito, utilizando os termos **grado**, **ralo**, **miúdo**. Este último adjectivo também pode indicar uma qualidade do ponto: “Ponto corda (...) bem feito e mal feito – como é bem feito? – miudinho, miudinho, miudinho e c’ma é o grado? Ponto meia légua (...) que era mal feito, (...) era os pontos meia légua” (S_OF_2) (cf. *consertar*; *ponto meia légua*; *refazer*; *retulinhado*).

Fita [fítɐ] s.f. (Talvez de *ficta*, part. pas. de *figĕre* ‘fixar’) – É um pedaço de tecido estreito com o formato de tira. **Nota:** Algumas bordadeiras optavam por prender a tesoura numa tira de tecido, a fita, para a pendurarem ao pescoço. Dessa forma, não a perdiam, estando sempre ao seu alcance: “punha-se os óculos, assim, na abada, a agulha, na abada, e a tesoura, muitos punho no pescoço (...)” (S_MD_2); “Todas elas tinham ao pescoço uma estreita fita de onde pendia, enfiada, pequena tesoura, poisada no regaço” (GOUVEIA, 1959: 29).

Folha aberta [fólɐ ɐbértɐ] s.f. (Do lat. *folia*, pl. de *folĭum*/ + De *aberto*) – “Fôlha aberta” (HOLMAN, WALKER, 1987: 47; PESTANA, 1970: 77) – É o **ponto do Bordado da Madeira** com formato de folha. Na sua execução, o tecido é recortado. Ao bordar, a **agulha** vai passando sempre nesse recorte, possibilitando ter, no final, uma folha bordada com o centro recortado. O ponto que se executa na folha aberta é o **cordão**. Várias folhas abertas em torno de um ilhó formam uma **estrela**. Este ponto é também conhecido como: “bastido aberto”; “folhas” (C_AR_1)/ “ilhó à bastido” (R_AS_1)/ “abertas” (R_HR_3)/ “uvas” (T_CF_1)/ “abertos” (T_VG_2). (cf. *folha fechada*; SOUSA, 1950: 78). **Nota:** Assemelha-se ao **ilhó**, distinguindo-se apenas no formato. Enquanto o ilhó é redondo, a folha aberta apresenta dois bicos.

Folha fechada [fólɐ fɨʃádɐ] s.f. (Do lat. *folia*, pl. de *folĭum*/ + Do part. pas. do v. *fechar*) – “Fôlha fechada” (HOLMAN, WALKER, 1987: 48; PESTANA, 1970: 77) – Apresenta o formato de uma folha, sendo bordada com **bastido**. É fechada porque, ao contrário do que acontece com a **folha aberta**, nesta, o tecido não é recortado. Todo o **desenho** da folha é preenchido com **linha**. Há outras designações para este **ponto**: “folhas”; “folhas à bastido” (C_GR_2)/ “fechadas” (R_HR_3)/ “bastido” (S_MR_1)/ “folha bastida” (SOUSA, 1950: 78).

“Fôlha partida” [fólɐ pɐrtídɐ] s.f. (Do lat. *folia*, pl. de *folĭum*/ + Do part. pas. f. de *partir*) – “desenho de bordado, de forma ovóide, a imitar uma folha de planta, bordado metade em relevo (ou bastido) e metade em aberto” (rep. def. de PESTANA, 1970: 78). **Nota:** A descrição vai ao encontro de **folha aberta**.

Francês [frɛsɛ] s.m. (De *França*, top. + suf. *-ês*) – **Ponto** pertencente à categoria dos “outros” (cf. *Decreto Legislativo Regional n.º 7/91/M, 1991*). A elaboração deste ponto, usualmente, prevê a ligação de dois tecidos, parecendo ser um “**remendo**”, o que explica algumas das designações que lhe são atribuídas. Pode também ser utilizado na **beira do tecido**, como contorno de todo o **desenho**. (cf. *obra*; *ponto francês*; SOUSA, 1950: 78).

Fura-ilhó [fure-ilós] s.m. (De *furar* + *ilhó*) – “furalhó” (CLODE, 1970: 35)/ “frólho; furólhó; furalhó” (PESTANA, 1970: 79)/ “furailhó” (SOUSA, 1950: 79) – Utensílio usado na elaboração de ilhós. Pode ser de marfim, osso ou até de madeira de buxo, tendo a forma de cone. (cf. CALDEIRA, 1993: 70; JARDIM, s.d.b.; SILVA, 1950: 57;

SOUSA, 1950: 79). **Nota:** Para que este instrumento desempenhasse devidamente a sua função, necessitava de ter a ponta sempre aguçada para furar o pano e criar, assim, os buracos característicos dos ilhós. Devido à dificuldade de manter a ponta bicuda, as bordadeiras passaram a utilizar o bico da **tesoura** em sua substituição, deixando de usar este objecto. Actualmente, este utensílio serve apenas para o acabamento dos bordados. Na **fábrica**, introduzem-no nos ilhós para os arredondar.

Furalhar [furelár] v. (De furar + ilhó +suf. -ar) – “Usar do furalhó.” (rep. def. de: SILVA, 1950: 57) (cf. *fura-ilhó*; PESTANA, 1970: 79).

Furar o dedo [furár u dédu] expr. (Do lat. *forāre*/ + art. def. m./ + Do lat. *digitus*) – É uma consequência do acto de bordar: “ensinar como pegar na agulha para não furar o dedo” (C_MDS_2); “Também se furava os dedos.” (S_MD_2). **Nota:** Sendo a **agulha** um dos principais instrumentos de trabalho, é normal que, por vezes, as bordadeiras atinjam os dedos com ela. Esta expressão é mais associada a quem inicia a **arte** de bordar, devido à inexperiência. Com a prática, adquire-se mais habilidade, que ajuda a evitar picadelas, mas não deixam de ocorrer. Para evitar furar os dedos, algumas bordadeiras utilizam uma **dedeira**.

G

Ganho [gánu] s.m. (Deriv. regres. de *ganhar*) – “ganho do ponto d’agulha” (CALDEIRA, 1993: 191) – É o dinheiro que as bordadeiras recebem do **bordado** que tenham realizado: “não havia outro ganho”. (S_MR_1) (cf. CALDEIRA, 1993: 71; 191). **Nota:** Por pouco que seja, trata-se, grande parte das vezes, da única fonte de rendimento das bordadeiras, daí a sujeição, para algumas bordadeiras, a este **trabalho**.

Garanito [gəranítu] s.m. (De origem obscura) – “[garanitos] bolinhas de linhas de oito pontos cada” (ESCOLA B+S PADRE MANUEL ÁLVARES, 2009: 103) – É o **ponto** em forma de círculo que é todo preenchido. Garanito ou **granito** são as duas formas possíveis de identificação deste. Há três tipos de garanitos (INSTITUTO DO VINHO, DO BORDADO E DO ARTESANATO DA MADEIRA, s/d): garanitos seguidos, garanitos rematados e garanitos bastidos. São garanitos seguidos, quando se borda um e de seguida se passa para outro sem rematar. Designam-se garanitos rematados, quando são executados individualmente e rematados um a um. O espaço entre eles é superior ao diâmetro de um deles. Os garanitos bastidos – “Garanito à bastido” (C_AR_1)/ “garanito chão” (R_AS_1)/ “garanito bastido” (T_RV_1) – é quando são maiores que os anteriores, necessitando de **urdidura** para terem relevo. Há quem refira que, nesse caso, é um garanito bordado duas vezes: “é aquele garanito que é bordado duas vezes, para o seu tamanho ser duplicado” (C_AR_1); “granitos (...) eu gosto mais é de fazer o francês que é o mais fácil também e o ponto corda e os garanitos (...)”. (R_HR_3) (cf. *arrematar*; CALDEIRA, 1993: 71; PESTANA, 1970: 80; *ponto garanito*; SILVA, 1950: 59). **Nota:** Ana Maria Dias D’Amaral Gonçalves, em *Subsídios para o estudo da terminologia dos bordados (palavras e coisas)*, refere para a etimologia deste termo o seguinte: “Consultando um dicionário francês, encontramos, s.u. granité – 1. Qui présente des grains comme le granit. 2. Etoffe de laine à gros grains. O granité deve ser uma imitação desse tecido de que se fala na segunda acepção.” (GONÇALES, 1954: 99).

Gastar uma linha [gəʃtár úmɐ líɲɐ] expr. (Do lat. *vastāre* 'arruinar', com infl. do germ. *wōstan* 'desperdiçar' / + Do lat. *unus* / + Do lat. *linea*) – Expressão utilizada para dizer que alguém vai **bordar**. Quando as bordadeiras dizem que vão “gastar uma linha”, querem dizer que vão bordar. Gastar, utilizar, linhas é inseparável do acto de bordar.

Gradilha [grədílɐ] s.m. (De origem obscura) – **Ponto** utilizado pelas bordadeiras nos bordados para uso próprio. **Nota:** Não foi encontrada informação sobre este ponto. Quem o referiu fê-lo, dizendo que, no passado, ainda havia esse ponto. Todavia, já não se lembram de como se faz. Pode tratar-se de uma corruptela de “**grilhão**”, tendo em conta que várias vezes os associaram.

Grado (ponto) [grádu] adj. (Do lat. *grānatus* 'abundante em grãos') – É o adjetivo utilizado para caracterizar o ponto que excede o tamanho normal. Contrário de **miúdo**: “(...) o arrendado está grado” (GOUVEIA, 1959: 34) (cf. *arrendado*; *feito*). **Nota:** No caso do **corda**, quando está grado, há quem o indique como “**ponto meia légua**”. O tamanho dos pontos deve ser respeitado, para que a qualidade do bordado, e até dos próprios pontos, se mantenha.

Granito [grənítu] s.m. (Do it. *granito*) – O mesmo que **garanito**. É um **ponto** pertencente à categoria dos “outros” (cf. *Decreto Legislativo Regional n.º 7/91/M, 1991*): “a gente ainda fazia aqueles granitos (...) p’a gente ’tar lá distraídos”. (S_LV_3). (cf. SOUSA, 1950: 83).

Graxa [gráʃɐ] s.f (Do lat. vulgar *grassia*, de *crassus* 'gordo') – Substância utilizada no acto de **estampar**: “graxa (um composto de anil, petróleo e parafina)” (KLUT, 2003: 35); “Agostinho Vasconcelos [era funcionário do IBTAM], (...) inventou uma graxa azul para estampagem do bordado madeira. Este novo produto tem a vantagem de sair facilmente na lavagem, evitando assim o desgaste do tecido. O produto, composto essencialmente de produtos naturais, não leva parafina, o que lhe dá a característica acima mencionada.” (s/a, 4-9-1993: 4). **Nota:** A **boneca** é embebida em graxa e **petróleo**² para passar sobre a **chapa**¹ e deixar o **desenho** marcado no **tecido**.

Grega [gréɣɐ] s.f. (De grego) – O mesmo que **casula**: “Grega – Desenho de bordado.” (SILVA, 1950: 62). (cf. *obra*; *PESTANA, 1970: 82*; *ponto*; *SOUSA, 1950: 83*).

Grémio dos Industriais de Bordados da Madeira – Instituição privada fundada em 1935, a 20 de Julho, pelo decreto-lei n.º 25:643. Nela, deviam estar inscritos todos os industriais de bordados que exercessem funções no arquipélago. O Grémio dos Industriais de Bordados da Madeira pretendia restaurar o sector do **bordado**, por forma a voltar ao auge do passado. Ambicionava acabar com a crise que a **indústria de bordados** atravessava naquela época. Em 1958, o Grémio dos Industriais de Bordados da Madeira tomou a iniciativa de dar publicidade à situação que atravessava, comparando-a com os tempos anteriores à sua criação. Daí, resultou uma publicação – *Indústria de Bordados da Madeira – Apontamentos, 1958* – afirmando uma nova fase, onde não se conhecem crises periódicas, como as que sucederam no passado. A indústria de bordados atingiu o patamar de uma das maiores indústrias da Madeira, alcançando também o valor mais alto relativamente à exportação. Houve uma melhoria das condições laborais, que se reflectiu nos salários e nos valores atribuídos aos pontos de **bordar**, em 1958 superiores aos de 1935. A 12 de Setembro de 1974, é publicado no Diário do Governo o decreto-lei n.º 443/74, que extingue as organizações corporativas

que se encontravam dependentes do Ministério da Economia. São vários os organismos extintos com este decreto-lei. Neles, inclui-se o Grémio dos Industriais de Bordados da Madeira.

Grilhão [grilɐw̃] s.m. (Do cast. *grillón*) – **Ponto** utilizado pelas bordadeiras nos bordados que produzem para proveito caseiro. Na sua execução, é dado um ponto de **caseado** para a frente e dois são feitos para trás, de forma a que um sobreponha o outro e vá criando saliências. (*cf. gradilha; ponto grilhão*). **Nota:** É um ponto que caiu em desuso e é difícil haver alguém que o saiba explicar de forma pormenorizada.

Guardanapo [gwardɐnapu] s.m. (Do fr. *garde-nappe*) – É um **bordado** pequeno com a finalidade expressa na própria designação: ser um “guardanapo”. **Nota:** Geralmente, apenas uma das pontas do guardanapo é bordada, sendo, por isso, também designado por “**pontas**”. As bordadeiras, ao receberem guardanapos para **bordar**, dizem, com alguma frequência, que têm *x* número de pontas para bordar, em vez de dizer *x* guardanapos para bordar.

I

Ilhó [iɫɔ] s.m. (Talvez do lat. **oculiōlus*, dim. de *ocūlus* ‘olho’) – “ilhozes” (S_MR_1) – É um **ponto** pertencente à categoria dos “lançados sobre urdidura” (*cf. Decreto Legislativo Regional n.º 7/91/M, 1991*). Tem o formato de um círculo. Obriga a recortar o **tecido** no centro, onde passa a **agulha**, a cada ponto que é dado. É feito em **ponto de cordão**. De acordo com o **IVBAM** (INSTITUTO DO VINHO, DO BORDADO E DO ARTESANATO DA MADEIRA, s/d), há dois tipos de ilhós: ilhó aberto, geralmente mencionado apenas como “ilhó”, e ilhó aberto de grega, conhecido como: “ilhó à bastido” (C_AR_1)/ “ilhó com pau” (R_MM_2)/ “ilhó grosso” (S_JS_1)/ “ilhó bastido” (SOUSA, 1950: 85)/ “ilhó barbado” (KLUT, 2003: 123)/ “gregas” (JARDIM, s/d.c: 1). Este último diverge do “ilhó normal” por ter uma parte do círculo com **bastido**, tornando essa parte mais grossa. (*cf. CALDEIRA, 1993: 75; FIGUEIREDO, Dezembro de 2011: 135; PESTANA, 1970: 84; SOUSA, 1950: 85*).

Indústria (de bordados) [idústriɐ] s.f. (Do lat. *industria*) – “maior indústria transformadora da Madeira” (GRÉMIO DOS INDUSTRIAIS DE BORDADOS DA MADEIRA, 1958: 6) – Engloba tudo o que tem a ver com o **bordado**. Todas as suas fases de concepção, desde a criação do desenho à fase de comercialização. Não diz respeito apenas ao que é feito no interior da **fábrica**. A actividade das bordadeiras é parte integrante da concepção do bordado, fazendo parte da sua indústria.

Industrial (de bordados) [iduʃtriál] s.m. (De indústria + suf. *-al*) – O responsável, seja dirigente ou até proprietário, de uma **fábrica** de bordados.

Instituto do Bordado, Tapeçarias e Artesanato da Madeira (IBTAM) – É a instituição que sucede ao **Grémio dos Industriais de Bordados da Madeira**, tendo sido criada três anos após a extinção deste último, pelo Decreto Regional n.º 2/77/M, de 3 de Março. A envolvente deste organismo é aprovada e explicitada, em 1978, no Decreto Regional n.º 7/78/M. Destacam-se, das suas acções, a introdução no sector da apreciação técnica em 1986, a criação do sistema de autenticação e da marca “**Bordado da Madeira**”, em 1990. Em 1991 e 1996, houve alterações na regulamentação respeitante às políticas de produção e comercialização. Em 2006, o IBTAM é

substituído pelo **Instituto do Vinho, do Bordado e do Artesanato da Madeira (IVBAM)**.

Instituto do Vinho, do Bordado e do Artesanato da Madeira (IVBAM) – Criada, em 2006, pelo Decreto Legislativo Regional n.º 18/2006/M, esta instituição é resultante da fusão do Instituto do Vinho da Madeira com o **Instituto do Bordado, Tapeçarias e Artesanato da Madeira (IBTAM)**. É o organismo que, actualmente, é responsável pelo sector do Bordado da Madeira e do Vinho da Madeira. Nos seus objectivos, incluem-se a promoção e a divulgação, interna e externamente, desses dois elementos da Região Autónoma da Madeira. (*cf. Grémio dos Industriais de Bordados da Madeira*).

Interpretação do desenho [itirpitesẽw du dizénu] expr. (Do lat. *interpretatio*, *ōnis/* + Contr. da prep. *de* com forma do art. def. *o* e com forma do pron. dem. *o/* + Deriv. regres. de *desenhar*) – Capacidade das bordadeiras associarem cada **risco** do desenho ao ponto de bordar correspondente. As bordadeiras, ao receberem os tecidos para bordar, têm de entender, através do que está desenhado, o que devem fazer. Cada **risco**, cada forma, corresponde a um **ponto**, que, por sua vez, tem as próprias regras de concepção. (*cf. capítulo III, desenho 2 e figura 1, da presente dissertação; chapa*²). **Nota:** As bordadeiras vão assimilando, desde pequenas, as formas dos riscos aos pontos. Um círculo é um **garanito**. Se, no interior, o círculo tiver um traço, significa que deve ser recortado, passando a ser um **ilhó**. O/a **agente** pode resolver alguma dúvida da bordadeira, sobre os pontos que deve executar, mas, com a experiência, basta à bordadeira observar o desenho e consegue decifrar (interpretar) o que deve fazer.

J

Jogo [zógu] s.m. (Do lat. *jocus* 'divertimento') – É um conjunto de bordados com o mesmo desenho. Geralmente, designa-se por “jogo” um conjunto de três tapetes, um para a cómoda e dois para as mesinhas de cabeceira: “É três tapetinhos: é um tapetinho mais grande e dois mais pequeninhos”. (C_MS_1) (*cf. tapete*).

L

Lado direito [ládu diréjtu] s.m. (Do lat. *latus*, *-ēris/* + Do lat. *directus*) – Corresponde à parte do **tecido** onde está **estampado** o **desenho**, a que é exibida. A maioria dos pontos do **Bordado da Madeira** é elaborada neste lado do tecido. Contudo, há excepções. (*cf. lado do avesso; ponto*).

Lado do avesso [ládu du vésu] s.m. (Do lat. *latus*, *-ēris/* + Contr. da prep. *de* com forma do art. def. *o* e com forma do pron. dem. *o/* + Do lat. *adversus* 'oposto') – São as “**costas**” do **tecido estampado**, parte que geralmente não é exibida. É no lado do avesso que se arremata o **bordado** e se executam alguns pontos como o **atrás** e o **sombra**. É também deste lado que se deve engomar o bordado. (*cf. arrematar; lado direito; ponto; engomador, eira*).

Lamparina [lẽperínẽ] s.f. (Talvez do cast. *lamparín*, de *lámpara*, do lat. *lampāda*) – “Lamparina” (S_OF_2) – É o mesmo que **bruxinha**, **feiticeirinha** e **luz de folha**.

Lançados sobre a urdidura [lẽsáduʃ sóbri v urdidurẽ] s.m.pl. (Do part. pas. do v. *lançar/* + Do lat. *super/* + art. def. *f./* + De *urdir* + suf. *-dura*) – São pontos cuja

execução é feita em duas fases: o **urdir** e o **bordar**. Nesta categoria, inserem-se o **cordão**, o **bastido**, o **caseado**, o **ilhó**, a **cavaca**, o **oficial** e o **richelieu**. (cf. *Decreto Legislativo Regional n.º 7/91/M, 1991; ponto; urdidura*).

Latadinha [lætədínɐ] s.m. (Dim. de *latada*) – Tipo de **arrendado**. Executa-se na horizontal e tem um efeito mais simples que o **cruzinha**, uma vez que não se cruzam os pontos. É necessário retirar fios. Esse acto determina o tamanho dos pontos. Quanto menos fios se tira maior é o ponto. (cf. *VIEIRA, 2006: 98*). **Nota:** Como para o **cruzinha**, a identificação e a explicação deste ponto foram difíceis de encontrar. É um **ponto** que se vai perdendo. Pelas escassas informações obtidas junto das entrevistadas, este ponto é também designado por “arrendado trocado”.

Lavador, eira [lævədór, éjrɐ] s.m., s.f. (De *lavar* + suf. *-dor, -deira*) – É o responsável por tirar nódoas e sujidades que os bordados possam apresentar. (cf. *Convenções Colectivas de Trabalho, 2003; fábrica; KLUT, 2003: 38*). **Nota:** As máquinas de lavar tornaram-se substitutas desta fase do processo industrial do **bordado**. No entanto, há excepções. Alguns bordados são colocados num alguidar, com água, sabão e um pouco de **anil**. O **sal de azedas**, utilizado pelas bordadeiras na lavagem caseira, não é usado em grandes quantidades nas fábricas. Aí, recorrem a este ácido em pequenas quantidades e nem sempre o fazem. A sua utilização implica o uso de luvas, o que pode atrasar o processo de lavagem. Além disso, o material do bordado é o mais natural possível e a utilização de químicos acaba por interferir com esse aspecto. Evitar o uso de químicos no processo contribui para uma maior durabilidade do material.

Lençol de noiva [lɛ̃sól di nójvɐ] s.m. (Do lat. pop. *lenteõlus*, por *lineteõlum* ‘tecido de linho’ + Do lat. *de/* + Do lat. vulgar **novius*, de *novus* ‘novo’, com base em *nuptus novus* ‘recém-casado’) – É o lençol bordado para o dia de casamento que fazia parte do **dote/enxoval**. Eram as próprias noivas a bordá-lo e algumas até o desenhavam. Também conhecido por “lençol do casamento”, era, para muitas mulheres, a única peça bordada no seu dote/enxoval: “(...) tinha sempre algumas ideias qu’eu desenhava c’as minhas mãos; c’um lápis fazia desenhos nos (...) lençóis de noiva.” (R_AS_1); “(...) o lençol que eu me casei, eu ’tou certa como se fosse hoje, era bordado com uma linha meia branca e uma rendinha na beira (...)”. (S_MD_2); “Tinha o lençol, então, o lençol do casamento (...) Quem é que não tinha o lençol naquele tempo? Tinha que ter (...)”. (T_DS_2). **Nota:** Os materiais bordados são vistos como produtos de luxo. As bordadeiras optavam por se dedicar para a **casa de bordados**, pois, se investissem o tempo a **bordar** para consumo próprio, não recebiam dinheiro e, dessa forma, não conseguiam comprar outros bens necessários, não bordados.

Lenços [lɛ̃suf] s.m.pl. (Do lat. pop. *lenteum*, por *lineteum* ‘pano de linho’) – “Dúzia de lenços”; “doze pontas” (S_OF_2) – São uns bordados pequenos com a finalidade de lenço das mãos em que, geralmente, apenas uma das pontas é bordada. Também conhecido por “pontas de lenços” ou até “**pontas**”, devido a bordar-se, exclusivamente, uma das pontas. Como para os guardanapos, é hábito as bordadeiras quantificarem o trabalho pelo número de pontas que têm de **bordar**: “quando, depois, ele vai p’a cidade trouxe o dinheiro todo da dúzia de lenços. Era doze pontas”. (S_OF_2) (cf. *guardanapo*). **Nota:** As bordadeiras recebiam para bordar os lenços à dúzia. Todavia, quando estes são expostos para venda, geralmente, são-no de forma individual.

Letras [létrɐʃ] s.f.pl. (Do lat. *littĕra*) – São **lenços** em que, numa das pontas, há uma letra do abecedário para **bordar**. Usualmente, o bordado desse lenço tem apenas essa letra numa **beira**, daí a designação de “letras”. Podem também ser chamadas “lenços” ou “**pontas**”. (cf. *Nota de lenços*).

Linha [líɲɐ] s.f. (Do lat. *linea*) – “linhinha” (R_AS_1)/ “linha trocada” (S_OF_2)/ – Trata-se do fio que se coloca na **agulha**, sendo o material que dá forma ao **bordado**. No **Bordado da Madeira**, inicialmente, utilizavam-se as linhas brancas para **bordar** sobre o branco do tecido. As tendências foram mudando e passou-se a utilizar a linha azul. A linha castanha remonta ao séc. XX (CLODE, 1986: 250). Certos aspectos da linha influenciam o seu manuseamento. Há as ditas “linhas normais” e as “linhas de seda”. O bordar com linha de seda exige mais cuidado, uma vez que esta é conhecida por ser uma linha mais frágil, partindo com facilidade. Devido à sua delicadeza, há quem passe cera (de vela) na linha de seda para que não rebente. Cada aglomerado de linhas, seja uma **trança** ou **negalho**, está devidamente identificado com o número da cor da linha: “Os negalhos de linha dobrada são presos por um cabresto com indicações de marca, cor e espessura.” (KLUT, 2003: 48) (cf. *enfiar a agulha; linha de carro; SILVA, 1982: 69-80; VIEIRA, 2010: 129-130*). **Nota:** O Bordado da Madeira tradicional associa-se, sobretudo, às linhas normais, sendo as de seda utilizadas frequentemente para trabalhos mais inovadores, como vestidos festivos. A cor da linha influencia o trabalho. Linhas mais escuras dificultam a tarefa de bordar devido à exigência que provocam na visão. Em oposição, cores mais próximas do branco facilitam a elaboração do bordado. Quando é necessário **urdir**, há quem opte por utilizar linha diferente da de bordar. Nessa situação, será mais difícil cobrir a **primeira camada**. Quando ambas as linhas (de urdir e de bordar) são iguais, é mais difícil notar falhas no bordado. Como o objectivo da linha de urdir é dar relevo, a bordadeira, mediante os materiais que possui, é que decide as que aplica. A gama de cores das linhas é vasta, mas, para os bordados da **casa de bordados**, as bordadeiras não têm escolha. As linhas estão inicialmente estabelecidas e cabe-lhes seguir esse requisito. Elas podem saber um ou outro número correspondente a determinada cor das linhas que mais usam. No entanto, não é algo de muita importância. Apenas na hora de comprar para uso próprio é necessário saber as características da linha para que não se confundam variedades. Actualmente, a casa de bordados concede às bordadeiras as linhas que devem utilizar no seu trabalho. Contudo, no passado, não se processava assim. As bordadeiras tinham de pagar as linhas que iam utilizar. Isso acontecia para que a bordadeira não beneficiasse das sobras, utilizando-as para proveito próprio. Os fornecedores consideravam ser muito difícil a separação exacta da quantidade de linhas necessária. Assim sendo, a bordadeira pagava-as e ficava com o que restasse. Entre 1976 a 1987, foram várias as tentativas de acabar com esta situação por parte do **Sindicato dos Trabalhadores da Indústria de Bordados, Tapeçarias, Têxteis e Artesanato da Região Autónoma da Madeira**. Em 1987, fica resolvida, sendo considerada responsabilidade das empresas conceder as linhas às bordadeiras para o exercício da sua profissão.

Linha de carro [líɲɐ di káru] s.f. (Do lat. *linea*/ + Do lat. *de*/ + Do lat. *carrus*) – É a **linha** que vem no **carreiro/carro de linhas**. (cf. *JARDIM, s/d.b; negalho; trança*). **Nota:** Geralmente, as linhas compram-se num **negalho** ou numa **trança**, para a execução do **Bordado da Madeira**. Apesar de estarem mais associadas à costura, as linhas que vêm no carreiro, também conhecido como carro de linhas, são igualmente objecto de utilização por algumas bordadeiras.

Linhal [lijál] s.m. (De *linho* + suf. *-al*) – Grande quantidade de linhas. (cf. *linhume*).

Linha mecê [línɐ misé] s.f. (Do lat. *linea*/ + corruptela de *D.M.C*) – “linha de bordar da marca D.M.C” (rep. def. de PESTANA, 1970: 92).

Linho [líju] s.m. (Do lat. *linum*) – “pano de linho” (C_MDS_2)/ “tecido de linho” (C_SS_3)/ “toalha de linho” (S_OF_2) – Género de tecido muito usado no bordado madeirense típico, sendo, por isso, dos mais associados ao **Bordado da Madeira**. Usualmente, é considerado um dos tecidos mais difíceis de **bordar**, devido à sua composição, isto é, por ser um tecido grosso: “pano rijo”. (C_MS_1); “Os linhos mais leves são conhecidos por morim ou cambraia e existem muitas cores.” (CLODE, 1970: 35). (cf. *cambraia*; *morim*). **Nota:** Na **fábrica**, os bordados de linho são lavados a uma temperatura de 50° Celsius.

Linho da terra [líju de térvɐ] s.m. (Do lat. *linum*/ + Contr. da prep. *de* com forma do art. def. *a* e com forma do pron. dem. *a*/ + Do lat. *terra*) – “Diz-se do linho produzido na Madeira” (rep. def. de SOUSA, 1950: 90) (cf. PESTANA, 1970: 92).

Linho do porto [líju du pórtu] s.m. (Do lat. *linum*/ + Contr. da prep. *de* com forma do art. def. *o* e com forma do pron. dem. *o*/ + Do lat. *portus*) – “linho não fabricado na Madeira. Adquire-se nas lojas de fazendas.” (rep. def. de PESTANA, 1970: 92).

Linho favo [líju fávu] s.m. (Do lat. *linum*/ + Do lat. *favus*) – “O linho cujas superfícies não são lisas.” (rep. def. de PESTANA, 1970: 92).

Linhume [lijúme] s.m. (Talvez de *linha* + suf. *-ume*) – É um termo muito utilizado para referir a grande quantidade de linhas gasta num **bordado** grande: “comprar linha ... e ãa toalha destas gasta um linhume!” (GOUVEIA, 1959: 96) (cf. *linhal*). **Nota:** “Outra invenção regional é o uso original do aumentativo *-ume* em vez de *-ão*, que indica um colectivo, como se deduz do extracto transcrito – «[...] o dinheirume gasto nei linhas [...]» – e da afirmação «[...] ãa toalha destas gasta um linhume!» (LCM, 96). Estas formas, *dinheirume* e *linhume*, são mais doces e mais fechadas do que as correntes. Expressam, sobretudo, um profundo *queixume*: cada *tostão* gasto faz falta numa «vida cara como lume!» (rep. ínt. de FREITAS, 2007: 23).

Luz de folha [lúz di fólvɐ] s.f. (Do lat. *lux, lucis*/ + Do lat. *de*/ + Do lat. *folia*, pl. de *folium*) – “Luzinha de folha”; “luzinha de petróleo de folha”; “luzinha a bordar” (C_MS_1)/ “Luzinha em folha” (S_OF_2) – Sinónimo de **bruxinha** e **feiticeirinha**. **Nota:** Folha é o mesmo que folha de zinco.

Luz de petróleo [lúz di pitrólju] s.f. (Do lat. *lux, lucis*/ + Do lat. *de*/ + Do b. lat. *petroleum* ‘azeite que corre das pedras’) – “luzinha de petróleo” (T_VG_2) – Quando na caracterização da luz utilizada para bordar à noite não surge o termo “folha”, é porque se trata de um **candeeiro** melhor, por exemplo, de vidro: “(...) era todos à volta de uma luz de petróleo não havia electricidade”; (R_MM_2); “à noite, (...) bordavam à volta de uma luz de petróleo. Agora, não há essa necessidade (...)”. (R_HR_3). (cf. *bruxinha*; *feiticeirinha*; *luz de folha*).

M

Maço [másu] s.m. (De “maça”) – “maço de trabalho” (S_JS_1) – É um conjunto de peças com a mesma finalidade. Essas podem ser utilizadas juntas, como no caso de um vestido (composto por as mangas, o peito, as costas e a saia), ou vendidas em separado como os **lenços**.

Mala [málɐ] s.f. (Do fr. *malle*) – “mala de folha” (C_MS_1) – É o local onde se guardavam as peças, bordadas ou não, para o **dote/enxoval** e onde se conservavam ao longo da vida quando não eram usadas. Também conhecida por “baú” ou “arca”: “(...) mercava-se uma mala de folha, e tinha uma chavinha. A gente o que ia-se comprando, ia-se metendo dentro daquela mala.” (C_MS_1).

Mandado [mẽdádu] s.m. (Do part. pas. do v. *mandar*) – “Mandadinho” (C_MS_1)/ “Mandalife” (SILVA, 1950: 76) – “Fazer um mandado” é executar alguma coisa; fazer alguma actividade. Comumente, este termo é utilizado para referir as actividades agrícolas, muitas vezes executadas com alguma rapidez, para sobrar mais tempo para dedicar ao bordado: “Sim, sim, a gente (...) ia-se p’a fazenda (...) e fazia-se o mandadinho depressa p’a se vir bordar um pedacinho. Às vezes, deixava-se alguma coisa atrás p’a se bordar”. (C_MS_1) (cf. CALDEIRA, 1993: 88; PESTANA, 1970: 94; SILVA, 1950: 76).

Máquina de picotar [mákinɐ di pikutár] s.f. (Do lat. *machina* + Do lat. *de* + Do fr. *picoter*) – “maquinetas de picotar” (JARDIM, s/d.c: 4) – Instrumento que o **picotador** utiliza para executar o seu trabalho: **picotar o desenho** no papel vegetal.

Marcas o bordado [mærkár u burdádu] expr. (De *marca* + suf. *-ar* + art. def. m./ + Do part. pas. do v. *bordar*) – “marcava uma pastinha” (C_MS_1); “Marcaçãozinha” (S_JS_1) – É programar o trabalho a realizar num certo período. Fazia-se principalmente, de manhã, prevendo o trabalho apenas para o dia: “Sim, a minha mãe (...) marcava o bordado p’a gente se bordar, quando se ’tava c’as vacas (...). Marcava uma pastinha. (...) um bordadinho tinha uma pastinha e a gente tinha-se que fazer aquilo e, então, p’a se vir p’a casa”. (C_MS_1); “tinha sempre aquele tempozinho de bordado. Às vezes, eu punha uma marcaçãozinha e esta marcaçãozinha é p’ra hoje, enquanto eu não tivesse isto; eu não me deitava”. (S_JS_1) (cf. *pasta*).

Marcas o desenho [mærkár u dizénu] expr. (De *marca* + suf. *-ar* + art. def. m./ + Deriv. regres. de *desenhar*) – Corresponde ao acto de a **bordadeira** imprimir o **desenho** no tecido de forma caseira. Utilizado com o mesmo sentido da expressão “**tirar o desenho**”.

Matiz [mætíʃ] s.m. (Do cast. *matiz*) – “matis” (JARDIM, s/d.c: 8) – É um **ponto** pertencente à categoria dos “outros” (cf. *Decreto Legislativo Regional n.º 7/91/M, 1991*). Usa-se, sobretudo, em flores e para preenchimento. É constituído por pontos longos e por outros pequenos. Geralmente, é feito com tons da mesma cor para transmitir o efeito de graduação. (cf. *ponto matiz*).

Meada [miádɐ] s.f. (De *meado*) – Conjunto de linhas enoveladas. Por vezes, a agente distribui o mesmo negalho por várias bordadeiras. Assim, “meada” caracteriza a forma como são apresentadas as linhas, isto é, num conjunto sem qualquer tipo de

identificação. Isso acontece para que a bordadeira não beneficie das sobras. (cf. REBELO, 2012-2013: 128-129).

Metal [mitál] s.m. (Do cat. *metall*, do lat. *metallum*) – Objecto utilizado no processo de **estampagem**. Serve para prender a **chapa**¹, já em cima do **pano** a estampar. O objectivo é segurar a chapa¹ para que o **desenho** fique correctamente estampado, sem falhas. Geralmente, tem o formato de um rectângulo. Porém, a forma e o objecto em si podem sofrer alterações. O importante é cumprirem sempre essa função.

Miúdo (ponto) [miúdu] adj. (Do lat. *minūtus*, part. pas. de *minuere* 'diminuir') – “miudinho” (S_OF_2) – Oposto de **grado**. Há determinados pontos do **Bordado da Madeira** que exigem uma execução minuciosa e em **ponto** pequeno, ou seja, miúdo. Diz-se, nesses casos, que o ponto está bem **feito**. O **ponto corda** é um exemplo disso. Quando está miúdo, está bem feito. (cf. *corda*).

Molhão [mołêw] s.m. (Talvez de “pôr de molho”) – Instrumento utilizado para auxiliar na engomagem. Serve para humedecer a peça que vai ser passada a ferro, facilitando esse processo. A união de sobras de **tecido**, retalhos, resultantes do processo de recortar, forma aquilo a que chamam molhão: “simples amontoado de tiras de linho demolhados em água.” (KLUT, 2003: 38). (cf. *retalho*).

Morim [murí] s.m. (Do mal. *muri*) – É um tipo de **linho**. Considerado, juntamente com a **cambráia**, um dos géneros de linho mais leves. (cf. CLODE, 1970: 35).

N

Naperão [nəpirêw] s.m. (Do fr. *napperon*) – “Naperãozinhos pequeninos” (S_MD_2) – Espécie de bordado pequeno para colocar sobre os móveis. (cf. *tapete*).

Negalho [niɡálu] s.m. (Talvez do lat. **ligacūlum*, de *ligāre* 'ligar') – É uma pequena porção de linhas. Dois negalhos equivale a uma trança: “(...) um negalho é (...) um aglomerado de linhas (...). A trança equivale a dois negalhos juntos” (C_SS_3). (cf. *linha; meada*). **Nota:** Eduardo Antonino Pestana, em *Ilha da Madeira II*, regista: “negalho de linhas: «meada de linhas».” (PESTANA, 1970: 100).

Ninharia [niɲeríe] s.f. (Do cast. *niñería* 'infantilidade') – Designação atribuída à pouca remuneração que as bordadeiras auferem. É o oposto do valor de venda do **Bordado da Madeira, dinheirão**: “Num lado da ilha, em casa, de manhã até pela noite adiante, raparigas desde os quinze anos sacrificam a vista, curvando-se sobre o bordado para, ao fim de contas, receberem uma ninharia (...)” (FREITAS, 2007: 12).

Nó na ponta da linha [nó nɐ pótɐ dɐ líɲɐ] expr. (Do lat. *nodus*/ + Contr. da prep. *em* com forma do art. def. *a*, com forma do pron. dem. *a* e com o pron.dem. *a/* + Do lat. *puncta*, do part. pas. de *pungĕre* 'picar'/ + Contr. da prep. *de* com forma do art. def. *a* e com forma do pron. dem. *a/* + Do lat. *linea*) – Laço dado na ponta maior da linha para que, logo no primeiro **ponto**, a linha fique presa ao **tecido**. Para alguns pontos, como no caso do **francês**, é necessário dar esse nó: “Mesmo p'a fazer o francês, a gente temos que dar um nó na ponta da linha qu'ê pa ele prender (...)”. (S_OF_2) (cf. *pontas da linha*).

O

Obra [óbrɐ] s.f. (Do lat. *opĕra* 'trabalho') – A obra corresponde a todos os pontos presentes no tecido que vai ser bordado à exceção do que rodeia a **beira** do **pano**. Associa-se este termo a um **tecido** em que toda a sua **borda** é para **casear** ou fazer **ponto francês**. Dessa forma, diz-se que tudo o que está para dentro do caseado, ou do ponto francês, é obra: “Minha mãe, cá, fazia a obra (...) e eu só fazia o francês [contorno de todo o desenho estampado]”. (S_OF_2). **Nota:** Na Ponta do Sol, segundo A_MG, “grega” é o nome que se dá à obra.

Oficial [ofisjál] s.m. (Do lat. *officialis* 'ao serviço dum magistrado', com base em *officium* 'dever') – “ofecial/ oficial d’obra” (PESTANA, 1970: 101) – É um **ponto** pertencente à categoria dos “lançados sobre urdidura” (cf. *Decreto Legislativo Regional n.º 7/91/M, 1991*). É executado em **ponto cordão**, servindo o nome “oficial” para designar a sua forma. Exige que partes sejam recortadas e os buracos daí originados têm de ser inferiores a 0,5 cm². (cf. CALDEIRA, 1993: 102; *cordão; pau; SOUSA, 1950: 101*). **Nota:** Às partes recortadas, que ficam suspensas, como acontece no **richelieu**, chamam-se **canela/o**, por isso, este ponto é também conhecido como **canelas/os**.

Oficina [ofisínɐ] s.f. (Do lat. *officīna*) – “officina” (SANTOS, 1907: 13)/ “oficinas dos industriais” (Decreto-lei n.º 25 643, 1935: 1042) – O mesmo que **fábrica**. **Nota:** Cândido Figueiredo, no *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*, define “*officina*” como: “Lugar, onde se exerce um ofício: *officina de caldeireiro*. Laboratório. Lugar, onde se guardam os utensílios de uma indústria ou arte. (...) Fig. Lugar, em que há grandes transformações. (Lat. *Officina*)” (FIGUEIREDO, 1913: 1407).

Óleo de baleia [ólju di bɛlɛjɐ] s.m. (Do lat. *oleum*/ + Do lat. *del* + Do lat. *balaena*) – Substância utilizada como combustível para prover iluminação às bordadeiras, para que bordassem pela noite dentro. É um substituto do **petróleo**¹. Utilizavam o que havia: “Óleo de baleia era numa vasilhinha que a gente punha-se com uma trocida e aquilho largava um fumo e aquilho enjoava a peixe dentro de casa. Era uma tristeza. Era uma digracia”. (C_AR_1) (cf. *bruxinha; feiticeirinha; luz de folha; torcida*).

Olho de passarinho [ólu di pɛsɐrínju] s.m. (Do lat. *ocūlus*/ + Do lat. *del* + De *pássaro* + suf. *-inho*) – “ôlho-de-passarinho” (PESTANA, 1970: 101) – Tipo de **arrendado**. É necessário tirar fios para a sua execução. Quanto maior se pretende o ponto, menos fios se tiram. O mais usual é tirar dois fios e deixar três. (cf. *arrendado; VIEIRA, 2006: 98*). **Nota:** O nome deste ponto pode dever-se ao seu aspecto, com pequenas partes arredondadas, assemelhando-se a um olho. Apesar de saberem que existe, são poucas as mulheres que o executam e o saibam explicar. Uma vendedora de bordados, B_BO, natural da Boaventura, identificou este ponto como “olho de peixe”.

Organdi [ɔrgɛ̃di] s.m. (Do fr. *organdi*) – “argandi”; “organde” (S_OF_2)/ “organdy” (CLODE, 1970: 35) – É um género de **tecido**. É também conhecido como: “**Paninho mais fraquinho**” (C_MS_1); “**pano de vestido de noiva**” (C_MDS_2); “**tecido dos fininhos, tipo de véu**” (C_SS_3). **Nota:** Na **fábrica**, os bordados desta composição são lavados a 30° Celsius.

Original [orizínál] s.m. (Do lat. *originālis*) “originais” (JARDIM, s/d.c: 5) – É o primeiro **desenho**, que servirá, depois, para fazer outras cópias. Cada **fábrica** tem o seu

arquivo de desenhos, onde constam todos os seus originais (cf. capítulo III, desenho 1 e desenho 2, da presente dissertação). Estes apenas são utilizados quando é necessário fazer uma nova cópia, a **chapa**¹. Arquivam-se para que se mantenham em boas condições: “O desenhador, ao elaborar um original, toma em consideração três factores que se irão repercutir na medida final da peça: a medida do desenho; a medida do corte do tecido atendendo à possibilidade de encolhimento deste, devido ao número de pontos (quanto maior for o seu numero [sic], maior o encolhimento) e a uma segunda possibilidade de encolhimento devido à lavagem.” (KLUT, 2003: 30) (cf. *criador*, a).

P

Pancada nos dedos [pẽkádɐ nuʒ déduʃ] expr. (De *panca* + suf. *-ada* + pl. de *no* + Do lat. *digitus*) – Punição por alguma falha no acto da aprendizagem. Podia ser substituída por uma **crocada**/um **croque**: “E, às vezes, ah, se ia torto ainda comia uma pancada nos dedos (...). Ah! Parece que não, que ninguém merece também não saber e levar as pancadas nos dedos”. (C_MDS_2). **Nota: Bordar** exige muita paciência e perfeição. Estes castigos corporais seriam chamadas de atenção para a actividade e um motivo de maior empenho e concentração.

Pancinha [pẽsínɐ] s.f. (dim. de *pança*) (S_OF_2) – Nome atribuído à curva que o **caseado** apresenta. Cada curva é uma pancinha. **Nota:** Não é empregue enquanto diminutivo.

Paninho [pɛníɲu] s.m. (dim. de *pano*) – “pedacinhos de pano” (T_VG_2) – É um pedaço de **pano** que se dá à criança para a sua iniciação ao **Bordado da Madeira**: “o seu paninho para aprender a trabalhar (...) que tinha que ser num paninho. Não era no bordado directamente. Ca não, a gente deitava o bordado todo a perder”. (R_AS_1); “Eu lembro-me. Quando era pequena, a minha mãe dava-me paninhos, à gente [irmãs]” (S_LV_3); “Quando eu andava na escola, a senhora professora arranjou uns paninhos pequinhos e deu um a cada uma p’ a bordar o seu”. (S_JS_1). **Nota:** A forma diminutiva não vale por si mesma porque o termo é usado assim, indicando o tamanho reduzido do tecido e o facto de ser algo sem valor porque se destinava às crianças.

Paninho mais fraquinho [pɛníɲu májʃ frɛkíɲu] expr. (dim. de *pano* + Do lat. *magis* + dim. de *fraco*) – Expressão utilizada para o **organdi**.

Pano [pénu] s.m. (Do lat. *pannus*) – É a base do **bordado**, na qual vai ser **estampado** o **desenho**. É sinónimo de **tecido**. Podem destacar-se dois tipos de pano: um é mais grosso (por exemplo, o **linho**) e, em oposição, um outro mais fino (por exemplo, o **organdi**).

Pano alinhado [pénu ɛlɪɲádu] s.m. (Do lat. *pannus* + Do part. pas. do v. *alinhar*) – “pano que imita o linho” (rep. def. de PESTANA, 1970: 103).

Pano de bordar [pénu di burdár] s.m. (Do lat. *pannus* + Do lat. *de* + Do fr. *broder*) – É o que as bordadeiras costumam colocar sobre o colo e os joelhos, sendo também conhecido como “**pano dos joelhos**”. Este pano funciona como protecção do **bordado** e é sobre ele que colocam os materiais, as linhas, a tesoura, entre outros. Qualquer **pano** serve para este efeito. A única exigência é estar limpo: “a gente põe um pano que é uma

toalha que a gente põe nos joelhos e põe-se o bordado para não sujar (...) à vez que 'teje limpinho é qualquer coisa". (C_MDS_2). (cf. *xaile, xale*).

Pano de vestido de noiva [pénu di viʃtídu di nójvɐ] expr. (Do lat. *pannus*/ + Do lat. *de*/ + Do lat. *vestītus*, part. pas. de *vestīre* 'vestir'/ + Do lat. *de*/ + Do lat. vulgar **novius*, de *novus* 'novo', com base em *nuptus novus* 'recém-casado') – Expressão utilizada para designar o **organdi**.

Pano dos joelhos [pénu duʒ ʒwéluʃ] expr. (Do lat. *pannus*/ + pl. *do*/ + Do ant. *geolho*, do lat. *genucūlum*, dim. de *genu* 'joelho') – “mantinha sobre os joelhos” (ARAÚJO, 2006: 59) – Outra designação dada a **pano de bordar**. (cf. *xaile, xale*).

Papel de cetim [pɐpɛ́ɫ di sití] s.m. (Do cat. *paper*, do lat. *papyrus*/ + Do lat. *de*/ + Do ár. *zaitūnī* 'da cidade de Zaitūn <onde se fabricava este tecido>') – Material utilizado para fazer moldes de roupa de criança. **Nota:** As crianças vestiam esses moldes, para acertar as medidas, visando um produto final perfeito. As fábricas é que os possuíam, para que fossem feitas encomendas à medida. Os moldes são conhecidos pelo próprio nome do produto que os constitui, o papel de cetim.

Parafina [pɐrɛfínɐ] s.f. (Do lat. *parum affīnis* 'com pouca afinidade', pelo fr. *paraffine*) – É um dos elementos que, com **petróleo**² e **anil**, forma o composto empregue para **estampar** os desenhos. (cf. *graxa*).

“**Passadeiras**” [pɐsɛdɛjɾɐ] s.f.pl. (pl. de *passadeira*) – Outro nome dado ao **canelo**/à **canela**. (cf. *JARDIM, s/d.b*).

Passador, eira [pɐsɛdór, éjɾɐ] s.m., s.f. (De *passar* + suf. *-dor, -deira*) – A pessoa que engoma o **bordado** pela segunda vez. Utilizam como auxiliar um **molhão**. (cf. *Convenções Colectivas de Trabalho, 2003; engomador, eira; fábrica; KLUT, 2003: 38*). **Nota:** Actividade mais executada por mulheres do que por homens, embora a profissão englobe os dois géneros.

Passar o dedal no bordado [pɛsár u didál nu burdádu] expr. (Do lat. vulgar **passāre*, de *passus* 'passo'/ + art. def. m./ + Do lat. *digitāle*, de *digitus* 'dedo'/ + Contr. da prep. *em* com forma do art. def. *o*, com forma do pron. dem. *o* e com o pron.dem. *o*/ + Do part. pas. do v. *bordar*) – É um gesto que as bordadeiras fazem, após a conclusão do **bordado**. Faz-se do **lado do avesso**. Pretende-se, com isso, que o bordado fique o mais direito possível. **Nota:** As bordadeiras fazem este gesto numa tentativa de “engomar” o bordado. Não é costume passar o bordado a ferro, em casa, depois de terminado o **trabalho**, quando este se destina à **casa de bordados**. Há, porém, quem o faça. É na **fábrica** que isso se deve processar pelas mãos do/da **engomador/deira**. As bordadeiras passam o dedal no bordado para que o seu trabalho fique o mais apresentável possível.

Pasta [pástɐ] s.f. (Do lat. *pasta* < gr. *πάστη* 'massa de farinha') – “Pastinha” (C_MS_1)/ “pastinha de garanitos” (C_AR_1) – Corresponde a um aglomerado de pontos muito próximos uns dos outros. É utilizado para caracterizar uma parte do **bordado**: “Na beira tinha aquela pasta de garanitos e ponto corda e ilhozes”. (S_MD_2) (cf. *beira; pastado; ponto*).

Pastado [pɐʃtádu] adj. (Do part. pas. do v. *pastar*) – O mesmo que **carregado**, **chagado** e **chapado**. É da mesma família de “**pasta**”. Enquanto “**pasta**” se refere a uma parte, “**pastado**” caracteriza o **bordado** na sua totalidade. Um bordado pastado é aquele que apresenta um **desenho** elaborado, com muito trabalho.

Pastinha [pɐʃtínɐ] s.f. (Dim. de *pasta*) – “Um dos efeitos decorativos empregados nos bordados da Madeira.” (rep. def. de SOUSA, 1950: 105). **Nota:** Este termo, que não funciona como um diminutivo, foi, igualmente, referido com o seguinte sentido, registado anteriormente em “**marcar o bordado**”: “Sim, a minha mãe (...) marcava o bordado p’a gente se bordar, quando se ’tava c’as vacas (...). Marcava uma pastinha. (...) um bordadinho tinha uma pastinha e a gente tinha-se que fazer aquilo e, então, p’a se vir p’a casa.” (C_MS_1).

Pau [páw] s.m. (Do lat. *palus*) – O mesmo que **cordão**. A atribuição do nome deve-se, por associação, ao facto de este **ponto** ser utilizado para preencher no **desenho** os caules, ramos e troncos, isto é, os paus presentes no desenho. (cf. SOUSA, 1950: 106).

Peça [pése] s.f. (Do celta **pettia* ‘pedaço’) – É o **pano** destinado ao **bordado**. Tanto pode significar apenas o pano, como o pano já **estampado**: “p’a comprar o bordado desenhado era muito caro. Então, assim, ia ao Funchal. Trazia a peça (...) e desenhava já outros que eu tinha bordado (...). O dinheiro que eu dava p’la peça desenhada dava p’a eu comprar a peça e tirar o desenho”. (S_MD_2).

Pé-de-flor [pé-di-flór] s.m. (Do lat. *pes, pedis*/ + Do lat. *de*/ + Do lat. *flos, floris*) – “pé de flor” (SOLEDADE, 1957: 13/ VIEIRA, 2006: 96) – O mesmo que **corda**. (cf. CLODE, 1970: 35). **Nota:** De acordo com informações de A_MG, esta designação é atribuída não ao corda, mas ao que algumas informantes dizem ser o **ponto à ilharga**. Apesar de serem visualmente muito idênticos [o corda e o ponto à ilharga], diferem, contudo, na forma de execução.

Pedra [pédɾɐ] s.f. (Do lat. *petra*) – “pedra de anilhe” (C_MS_1)/ “pedra de anil” (C_SS_3)/ “pedrinha” (C_GR_2)/ “pedra de desenho” (S_MD_2) – Representa o objecto que as bordadeiras utilizam para copiar um **desenho** de forma caseira. Esta pedra pode ser comprada ou feita em casa. A designação de pedra de **anil** advém do seu processo de formação. Derrete-se uma vela e junta-se uma substância corante azul, o anil, deixa-se arrefecer esta mistura para depois a moldar. Geralmente faz-se uma bola, ou algo com o formato idêntico a uma pedra: “A gente pega numa vela derrete-se deita-se um pedacinho de anilhe dei bota-se num papel e a pedra fica dura e fica tingida”. (C_MDS_2).

Pegar no pano [pigár nu pénu] expr. (Do lat. *picāre*, de *pix, picis* ‘pez’/ + Contr. da prep. *em* com forma do art. def. *o*, com forma do pron. dem. *o* e com o pron. dem. *o*/ + Do lat. *pannus*) – Expressão sinónima de **aguentar o pano**: “(...) ensinar como pegar no pano; ensinar como pegar na agulha, para não furar o dedo. Primeiro, é explicar e, dei, ir à prática” (C_MDS_2).

Pespointo [pi]pótu] s.m. (Do lat. *post* ‘depois de’ + *punctum* ‘ponto’) – “prespointo” (C_AR_1)/ “pospointo”; “bispointo” (CLODE, 1970: 36) – É um **ponto** pertencente à categoria dos “outros” (cf. Decreto Legislativo Regional n.º 7/91/M, 1991). Corresponde a vários pontos soltos, com, aproximadamente, a mesma distância entre si. Também é

conhecido por “**ponto picado**”, sendo utilizado, sobretudo, para fazer o efeito de sombra no bordado: “o ponto de máquina feito à mão.” (rep. def. de PESTANA, 1970: 106) (cf. SOUSA, 1950: 108).

Petróleo¹ [pitróljju] s.m. (Do b. lat. *petroleum* ‘azeite que corre das pedras’) – “pertole” (C_MS_1)/ “petrole” (S_MD_2)/ “petrol” (PESTANA, 1970: 106) – Era o elemento imprescindível para que os antigos candeeiros pudessem funcionar. Na sua ausência, quem tinha, recorria ao **óleo de baleia**. (cf. *bruxinha; candeeiro; feiticeirinha; luz de folha; luz de petróleo*).

Petróleo² [pitróljju] s.m. (Do b. lat. *petroleum* ‘azeite que corre das pedras’) – Com o **anil** e a **parafina**, o petróleo fazia também parte dos compostos utilizados para obter a mistura usada no processo de **estampagem**, o que permitia que o **desenho** ficasse marcado no **tecido**.

Picar o dedo [pikár u dédu] expr. (Do lat. **piccare*, de **piccus*, forma expressiva de *picus* ‘picanço’/ + art. def. m./ + Do lat. *digītus*) – Significa o mesmo que “**furar o dedo**”: “(...) e há quem não queira picar o dedo usa uma dedeira qu’a gente costuma fazer com um plasticozinho que a gente dobra e faz” (T_VG_2) (cf. *dedeira*).

Picotador, a [pikutədór, ə] s.m, s.f. (*picotar* + suf. *-dor, -dora*) – Profissional que opera com a **máquina de picotar**. (cf. *desenhador, a*).

Picotagem [pikutázẽj] s.f. (Do fr. *picotage*) – “percurssão [sic] punctiforme” (KLUT, 2003: 33) – Processo de perfurar todo o desenho com a **máquina de picotar**, utilizada pelo **picotador, a**. Esta fase possibilita a transmissão do **desenho**, por meio de um corante azul, para o próprio **tecido**. (cf. *picotar*).

Picotar [pikutár] v.t. (Do fr. *picoter*) – É o acto de perfurar todo o desenho. Faz parte de uma das fases de obtenção do **bordado** nas fábricas: **picotagem**. (cf. CALDEIRA, 1993: 112; SANTOS, 2005: 50). **Nota:** As bordadeiras, quando estampam um **desenho** de forma caseira (“**tirar o desenho**”), recorrem à **agulha** para picar todas as figuras, previamente desenhadas numa folha, na maioria das vezes, de papel vegetal. São os buracos originados que permitem, na fase seguinte, que o corante azul (aplicado através da **pedra** ou da **boneca**) contacte com o **tecido**, deixando-o marcado com o desenho.

Ponta da agulha [póte de egúlɐ] s.f. (Do lat. *puncta*, do part. pas. de *pungĕre* ‘picar’/ + Contr. da prep. *de* com forma do art. def. *a* e com forma do pron. dem. *a*/ + Do lat. **acucūla*, dim. de *acus* ‘agulha’) – “ponta” (R_AS_1) – Trata-se de outro nome para mencionar o **bico da agulha**. (cf. *agulha; cu da agulha; rabo da agulha*).

Pontas [póteʃ] s.f.pl. (pl. de *ponta*) – Designação dada a alguns tecidos, como o **guardanapo** e as **letras**. Isso acontece porque a parte para **bordar** se encontra, geralmente, numa ponta.

Pontas da linha [póteʃ de líɲɐ] s.f.pl. (pl. de *ponta*/ + Contr. da prep. *de* com forma do art. def. *a* e com forma do pron. dem. *a*/ + Do lat. *linea*) – Cada **linha** tem duas pontas. Uma delas é utilizada para **enfiar a agulha**. Depois de enfiada, fica sempre uma ponta maior que a outra. A ponta maior vai ficando presa ao **tecido**, sendo a ponta mais pequena a que possibilita aumentar ou diminuir o tamanho da linha. Não é frequente as

duas pontas serem do mesmo tamanho. Se se usar a linha dobrada (as duas pontas ao mesmo nível) o **ponto** fica com o dobro da espessura. (*cf. nó na ponta da linha*).

Ponto [pótu] s.m. (Do lat. *punctum* 'picada', 'ponto') – A cada formato do **desenho do Bordado da Madeira** está associado um nome. Qualquer que seja a forma é conhecida por ser um **ponto** distinto do bordado. Há pontos em que o seu nome não é antecedido pelo substantivo “ponto”. Outros há, que o são mas, popularmente não, omite-se. De acordo com o decreto legislativo regional n.º 7/91/M, existem três classes de pontos: os “arrendados”, os “lançados sobre urdidura” e “outros”. Os “arrendados” referem-se aos pontos: **ana, crivo e escada**. Na classe dos “lançados sobre a urdidura”, encontram-se os pontos: **cordão, bastido, caseado, ilhó, cavaca, oficial e richelieu**. No último grupo, “outros”, incluem-se os seguintes pontos: **pesponto, francês, sombra, corda, granito e matiz**. Segundo a página do **IVBAM**, na *internet*, são dezoito os principais pontos do Bordado da Madeira: arrendado, ana, escada, corda, **atraz** [sic], bastido, caseado liso e caseado bastido, **chão**, cordão, francês, **folha aberta** e **folha fechada**, granitos, ilhó aberto e fechado, matiz, oficial, pesponto, richelieu e sombra. Há ainda, a juntar a estes, os enunciados pelas bordadeiras. Alguns são outras formas de referir os já mencionados. Outros são utilizados apenas nos bordados para consumo próprio: **canelo, casula, estrela, gradilha, grega, pau, ponto à ilharga, ponto grillão, ponto de laçada, ponto lenço, ponto picado, quadro, viúva e solteira**. Qualquer que seja o ponto presente no bordado, é-lhe atribuído um valor mediante o que se chama “**contagem dos pontos**” e, no desenho, é representado por um tipo de traço específico.

Ponto à ilharga [pótu a ilárgø] s. (Do lat. *punctum* 'picada', 'ponto' + Contr. da prep. *a* com forma do art. def. *o*, com forma do pron. dem. *a* e com o pron. dem. *o* + Talvez do lat. **iliarica*, de *ilia* 'ilhargas') – Visualmente, é idêntico ao **corda**. Porém, a sua elaboração é diferente. Enquanto no corda os pontos se seguem uns atrás dos outros, no último buraco que o ponto deixou; no ponto à ilharga, recua-se até meio do ponto anterior e retoma-se aí, iniciando o próximo. O ponto à ilharga é utilizado quando se pretende que o ponto fique mais grosso e mais saliente. (*cf. ponto*). **Nota:** Este ponto é assim designado devido à sua execução. Eduardo Antonino Pestana, em *Ilha da Madeira*, apresenta: “à ilharga de: ao lado de.” (*rep. def. de PESTANA, 1970: 18*).

Ponto Ana [pótu éne] s.m. (Do lat. *punctum* 'picada', 'ponto' + De origem obscura) – O mesmo que **ana**: “para obter este ornato, vulgar nas roupas femininas, tiram-se três, quatro ou cinco fios do pano que se trabalha, depois, com a agulha e linha muito fina, que iguale o fio da fazenda, tomam-se três, quatro ou cinco fios dos que ficaram e vão-se fazendo pontos sucessivos, cujo conjunto lembra um gradeado.” (*rep. def. de PESTANA, 1970: 108*).

“**Ponto Ana dúai vezes**” [pótu éne dúej vézi] expr. (Corruptela de: “duas” em “Ponto Ana duas vezes”) – “são dois carreiros de ponto Ana intervalados por um pequenino espaço de fazenda, cujos fios ficam intactos e sobre o qual se passa a linha com que se faz este ponto.” (*rep. def. de PESTANA, 1970: 108*) (*cf. ana; ponto ana*).

Ponto arrendado [pótu ɐrɛdádɨ] s.m. (Do lat. *punctum* 'picada', 'ponto' + Do part. pas. do v. *arrendar*) – O mesmo que **arrendado**. (*cf. IVBAM, s/d: 96*).

Ponto atrás [pótu ɐtráf] s.m. (Do lat. *punctum* 'picada', 'ponto'/ + Do lat. *ad trans* 'para lá') – É um **ponto** também conhecido como **atrás** e **avesso do corda**: “se fizer o ponto corda no direito, a parte do avesso fica o ponto atrás.” (S_OF_2).

Ponto bastido [pótu bæfídu] s.m. (Do lat. *punctum* 'picada', 'ponto'/ + De origem obscura) – O mesmo que **bastido**. (cf. *IVBAM*, s/d: 96).

Ponto caseado liso [pótu kezjádu lízu] s.m. (Do lat. *punctum* 'picada', 'ponto'/ + Do part. pas. do v. *casear*/ + Do gr. λισσόζ) – O mesmo que **caseado liso**. (cf. *IVBAM*, s/d: 96).

Ponto chão [pótu ʃéw] s.m. (Do lat. *punctum* 'picada', 'ponto'/ + Do lat. *planum*) – Apesar de também ser conhecido apenas como “**chão**”, este **ponto** é mais referido como “ponto chão”: “o ponto chão, a gente fazia uma rosinha. Tava desejando ver outra feita. Agradava muito.” (S_JS_1).

Ponto cheio [pótu ʃéju] s.m. (Do lat. *punctum* 'picada', 'ponto'/ + Do lat. *plenus*) – O mesmo que **bastido**. (cf. *JARDIM*, s/d.b).

Ponto corda [pótu kórde] s.m. (Do lat. *punctum* 'picada', 'ponto'/ + Do lat. *chorda* < gr. < χορδή) – “ponto de corda” (R_AS_1)/ “pontinho de corda” (S_MD_2) – O mesmo que **corda**, sendo apenas acrescentado **ponto**: “tem bastante ponto. Sei fazer eles todos: os garanitos, o ponto corda. Tem variedade. (C_MDS_2).

Ponto de areia [pótu di ɐréjɐ] s.m. (Do lat. *punctum* 'picada', 'ponto'/ + Do lat. *de/* + Do lat. *arēna*) – Outro nome utilizado para referir o **pesponto**. (cf. *SOLEDADE*, 1957: 13; *VIEIRA*, 2006: 96, 102).

Ponto de cetim [pótu di sitĩ] s.m. (Do lat. *punctum* 'picada', 'ponto'/ + Do lat. *de/* + Do ár. *zaitūnī* 'da cidade de *Zaitūn* <onde se fabricava este tecido>') – Nome atribuído ao **ponto** que é executado sobre a **urdidura**. É também conhecido como “**ponto lançado**”.

Ponto de cordão [pótu di kurdéw] s.m. (Do lat. *punctum* 'picada', 'ponto'/ + Do lat. *de/* + Do fr. ant. *cordon*) – É o mesmo ponto que **cordão**. (cf. *CLODE*, 1986: 250; *SANTOS*, 2003: 20).

Ponto de laçada [pótu di læsáde] s.m. (Do lat. *punctum* 'picada', 'ponto'/ + Do lat. *de/* + De *laço* + suf. *-ada*) – É um **ponto** utilizado pelas bordadeiras para proveito caseiro. A **agulha** passa no meio da **linha**, dando uma laçada. Utiliza-se para caules no desenho de folhas/plantas e contornos. O aspecto deste ponto assemelha-se a uma espécie de trança.

Ponto de recorte [pótu di rikórti] s.m. (Do lat. *punctum* 'picada', 'ponto'/ + Do lat. *de/* + Deriv. regres. de *recortar*) – Outra designação atribuída ao **caseado**: “caseado recortado” (S_JS_1). (cf. *SOLEDADE*, 1957: 13; *VIEIRA*, 2006: 96).

Ponto dezoito [pótu dizójtɐ] s.m. (Do lat. *punctum* 'picada', 'ponto'/ + Do lat. *decem ac octo* 'dez e oito') – Outro nome atribuído ao “**francês**”. **Nota**: Algumas informantes recordaram que a mãe e a avó o designavam como francês. Referiram, ainda, que se

devia ao número da linha empregue para a execução deste **ponto**. Na conversa com a agente A_MG, este ponto também foi mencionado. Contudo, a sua designação não foi, na altura, explicada por desconhecimento.

Ponto escada [pótu iʃkádɐ] s.m. (Do lat. *punctum* 'picada', 'ponto'/ + Do lat. **scalāta*, de *scala* 'escada') – “ponto de escadia” (C_MS_1)/ “ponto escadia” (S_OF_2) – Outra forma de referir o “**escada**”. “Ponto escada” é a forma mais usual.

Ponto francês [pótu frēséʃ] s.m. (Do lat. *punctum* 'picada', 'ponto'/ + De França, top. + suf. -ês) – O mesmo que **francês**: “no continente, ponto paris”. (SOLEDADE, 1957: 13) (cf. CALDEIRA, 1993: 115).

Ponto garanito [pótu geranítu] s.m. (Do lat. *punctum* 'picada', 'ponto'/ + De origem obscura) – Outra designação possível para **garanito**. (cf. IVBAM, s/d: 97).

Ponto grilhão [pótu grilẽw] s.m. (Do lat. *punctum* 'picada', 'ponto'/ + Do cast. *grillón*) – É o mesmo que **grilhão**.

Ponto lançado [pótu lãsádu] s.m. (Do lat. *punctum* 'picada', 'ponto'/ + Do part. pas. do v. *lançar*) – É outro nome possível para o **ponto de cetim**.

Ponto lenço [pótu lésu] s.m. (Do lat. *punctum* 'picada', 'ponto'/ + Do lat. pop. *lenteum*, por *linteum* 'pano de linho') – Define os pontos que são bordados nos lenços. Não se trata de nenhum **ponto** específico, mas de uma atribuição de nome a um conjunto de pontos devido à sua utilização, neste caso, nos **lenços**.

Ponto matiz [pótu metís] s.m. (Do lat. *punctum* 'picada', 'ponto'/ + Do cast. *matiz*) – “ponto mateus” (S_JS_1) – O mesmo que **matiz**: “O segredo do ponto matiz consiste em começar da parte de fora do desenho para o centro, do tom mais claro para o mais escuro. Tal e qual como se estivéssemos a matizar flores e folhas ... numa tela a óleo.” (ESCOLA B+S PADRE MANUEL ÁLVARES, 2009: 104) (cf. SANTOS, 2003: 21).

Ponto meia légua [pótu méjɐ légwɐ] s.m. (Do lat. *punctum* 'picada', 'ponto'/ + De meio/ + Do lat. tardio *leuca*) – É quando o **ponto** está **grado**. Este nome é utilizado para caracterizar o **ponto corda**, se não está bem **feito**. Os pontos executados são maiores que o devido; designa-se o resultado por “meia légua”, ironizando sobre a grandeza do ponto e considerando-o mal feito. (cf. *ralo*).

Ponto pau [pótu páw] s.m. (Do lat. *punctum* 'picada', 'ponto'/ + Do lat. *palus*) – Outro nome para “cordão”/“pau”. Não é muito usual, mas há quem coloque o termo **ponto** antes do substantivo **pau**.

Ponto picado [pótu pikádu] s.m. (Do lat. *punctum* 'picada', 'ponto'/ + Do part. pas. do v. *picar*) – É o nome conferido a pontos como o **pesponto** e o **atrás**. É “ponto picado” por não ser seguido, por haver, usualmente, um **ponto** intercalado por um espaço, ou seja, os pontos não se tocam. Trata-se de uma característica visível nos pontos associados a esta designação.

Ponto richelieu [pótu riʃilycé] s.m. (Do lat. *punctum* 'picada', 'ponto'/ + Terá derivado do n. Armand Jean du Plessis Richelieu) – O mesmo que **richelieu**. (cf. IVBAM, s/d: 97).

Ponto sombra [pótu sóbrɐ] s.m. (Do lat. *punctum* 'picada', 'ponto'/ + Do ant. *solombra*, talvez do lat. *sol* 'sol' + *umbra* 'sombra') – **Ponto** pertencente à categoria dos “outros” (cf. *Decreto Legislativo Regional n.º 7/91/M, 1991*). É maioritariamente conhecido como ponto sombra. Porém, há quem o aponte apenas como “**sombra**”. Efectua-se no avesso do bordado, em efeito X, ou seja cruzando os pontos, para que no **lado direito** do **tecido** que está a ser bordado apareça esse efeito sombreado. É sobretudo bordado em tecidos finos. (cf. *lado do avesso; revés; SANTOS, 2003: 22*).

Pontos [pótu] s.m.pl. (pl. de *ponto*) – “pontos p’a caixa” (S_OF_2) – Usa-se no sentido de **descontos**. **Bordar** para ter pontos é manter a situação regularizada na Segurança Social, descontando, para, em caso de necessidade, auferir de pensão de invalidez, ou de velhice: “a gente bordava qu’era por causa da gente ter pontos p’a caixa e p’a ganhar algum dinheiro (...). Era p’a casa de bordados. Era p’a dar pontos p’a gente ter a caixa”. (R_MM_2) (cf. *caixa¹; dar pontos*).

Pontos industriais [pótuz ɪduʃtriáj] s.m.pl. (pl. de *ponto*/ + De indústria + suf. *-ais*) – É o resultado da **contagem (dos pontos)**. São contados no original diferindo dos pontos que a bordadeira dá. A determinado número de pontos industriais, corresponde um pagamento pré-estabelecido. Anualmente, são alterados os valores procurando uma melhoria nos rendimentos da **bordadeira**. Na tabela em que constam, os preços correspondem a 100 pontos industriais. Por exemplo, 100 pontos de “bordados executados sobre tecidos de algodão não especificados” valem 1,82€ e “bordados executados com linha de seda sobre tecidos de seda natural” valem 2,56€. (Portaria n.º 121-A/2013, 23 de Dezembro): “Quanto mais difícil for a execução dos pontos de bordar, maior o número de pontos industriais atribuídos a esses pontos reais, distinguindo-os por grau de dificuldade e criando simultaneamente uma especificidade de trabalho entre as bordadeiras.” (KLUT, 2003: 51) (cf. *Decreto Legislativo Regional n.º 12/93/M, 1993; ponto*).

Prémio de qualidade [prémju di kwelidádi] s.m. (Do lat. *praemium*/ + Do lat. *de*/ + Do lat. *qualitas, ātis* 'qualidade') – Recompensa atribuída, anualmente, às bordadeiras profissionais que se distingam em algum **bordado**. **Nota:** É necessária uma candidatura a este prémio, feita pela própria **bordadeira**, pela **agente** ou até pelo próprio **produtor (de bordados)**. Depois, o **IVBAM** encarrega-se de verificar a autoria e as condições de trabalho da candidata, visitando-a de forma não anunciada. Os elementos do bordado analisados são “**Qualidade de Urdidura**”, “**Interpretação do desenho**” e “**Qualidade do Ponto de cetim** (lançado)”. A primeira classificação atribuída é quantitativa, sendo a classificação final qualitativa (7.00-8.50: Bom; 8.51-9.50: Muito Bom; ≥ 9.51: Excelente). Este prémio tem por objectivo reconhecer o trabalho das bordadeiras profissionais e incentivar a continuação nesta profissão.

(à) **Pressa no trabalho** [prése nu trɛbálu] expr. (Do lat. *pressa*, f. do part. pas. de *premēre* 'apertar'/ + contr. da prep. *em* com o art. *o* ou pron. *o*/ + Do lat. *tripalium* 'instrumento de tortura formado de três paus') – “pressa de trabalho” (R_AS_1)/ “trabalho à pressa” (S_JS_1)/ “bordados à pressa” (T_VG_2) – Designa a forma como alguns trabalhos necessitam de ser realizados, com alguma rapidez: “(...) Tinha uma pressa no trabalho. Agora, já não há pressa de trabalho... que a gente não vence. Naquele tempo, já vinha aquela pressa. A senhora tem que fazer este trabalho até tal dia.” (R_AS_1); “Quando eu tinha trabalho à pressa, a semana que eu bordava mais, mingava sempre um quilho”. (S_JS_1); “Deixa-me despachar! Estes bordados têm

pressa, é p'rá aviar.” (ARAÚJO, 2006: 59). **Nota:** Usualmente, as bordadeiras têm um prazo para a entrega do trabalho concluído. Por vezes, esse prazo pode ser reduzido, o que exige mais empenho e muitas horas de dedicação. Acontece quando a **casa de bordados**, por algum motivo, por exemplo encomendas de última hora ou falta de determinado material, não consegue prover, antecipadamente, o **trabalho**. Isso exigiria alguma pressa para a concretização do trabalho. A preposição empregue na expressão, com diversas variantes, pode ser “em” ou “de”, quando a locução finaliza por “trabalho”.

Pressaria [prisɐ́riɐ] s.f. (Talvez de pressa + suf. *-ria*) – Com o mesmo sentido de **pressa no trabalho**. Corresponde aos momentos em que a bordadeira tem mais labor, tendo, por vezes, que recorrer a outras colegas para conseguir terminar de bordar o **trabalho** previsto a tempo: “(...) quando era p'a bordar uma toalha, à pressaria, a senhora fazia metade da toalha, e eu metade (...)” (S_OF_2).

Primeira camada [priméjɾɐ kɐmádɐ] s.f. (De *primeiro/* + De *cama* + suf. *-ada*) – Primeiro revestimento de que alguns pontos, como o **caseado** e o **cordão**, necessitam. No sentido de **deitar**: “nas bastidas, (...) podemos dizer que há duas fases para a elaboração destas. Primeiro, tem que ser efectuada a primeira camada, que é, diz-se que é o deitar. Depois, a segunda, que é fazer mesmo, para ficar o trabalho terminado. O mesmo não se verifica nos garanitos, que é feito numa (...) fase só”. (C_SS_3).

Produtor (de bordados) s.m. [prɔdutor] (Do lat. *productor*, *-ōris*) – Aquele que é responsável pela produção dos bordados. Nome também utilizado para o **industrial de bordados**.

Puxar pela agulha [puʃár péle ɐgúɫɐ] expr. (Do lat. *pulsāre* 'empurrar'/ contr. por + art. *a/* + Do lat.**acucūla*, dim. de *acus* 'agulha') – “puxar pl'agulha”/ “puxar por'agulha” (CALDEIRA, 1993: 165) – Expressão utilizada com o mesmo significado de **bordar**. Enfatiza o movimento inerente ao acto de bordar: “(...) esta coisa de puxar a agulha com pressa cansa muito”. (S_JS_1) (CALDEIRA, 1993: 165). (cf. *pressaria; sentar-se*).

Q

Quadro₁ [kwádru] s.m. (Do lat. *quadrum* 'quadrado') – É o mesmo que **casula**. (cf. *ponto*).

Quadro₂ [kwádru] s.m. (Do lat. *quadrum* 'quadrado') – Uma finalidade do **bordado**. Peça bordada que, é emoldurada e colocada numa parede para decoração.

Qualidade de urdidura [kwelidádi di urdidúɾɐ] expr. (Do lat. *qualitas*, *ātis* 'qualidade'/ + Do lat. *de/* + De *urdir* + suf. *-dura*) – É um dos parâmetros analisados nos bordados a concurso para o **prémio de qualidade** que distingue bordadeiras. **Nota:** Uma boa **urdidura** é essencial para que o **bordado** fique bonito e com relevo nos pontos essenciais. Apesar de ser sobreposta, não ficando visível, uma boa urdidura reflecte-se na execução do ponto: bem **feito**. Cada **bordadeira** tem a sua própria forma de **urdir**.

Qualidade do ponto de cetim [kwelidádi du pótu di sitĩ] expr. (Do lat. *qualitas, ātis* 'qualidade'/ + Contr. da prep. *de* com forma do art. def. *o* e com forma do pron. dem. *o/* + Do lat. *punctum* 'picada', 'ponto'/ + Do lat. *de/* + Do ár. *zaitūnī* 'da cidade de Zaitūn < onde se fabricava este tecido >') – Trata-se de um dos critérios avaliados no **prémio de qualidade**. (cf. *ponto de cetim; qualidade de urdidura*).

Questal do negalho [kiʃtɐl du niɡálu] s.m. (De origem obscura/ + Contr. da prep. *de* com forma do art. def. *o* e com forma do pron. dem. *o/* + Talvez do lat. **ligacūlum*, de *ligāre* 'ligar') – “costal, a porção de linha do negalho com que se amarra este”. (rep. def de PESTANA, 1970: 111) (cf. *negalho*).

R

“Rabanho de melheres” [ɾɐbɐ̃nu di miłéɾɐʃ] expr. (Corruptela de *rebanho/* + Do lat. *de/* + Corruptela do pl. de *mulher*) – Trata-se de um expressão atribuída ao conjunto de mulheres que se reunia de noite, em roda, para **bordar** em torno de um **candeeiro** ou outro objecto destinado a iluminar o espaço. “Rabanho” refere-se à quantidade de pessoas, conjunto de pessoas: “Era com uma luzinha de pertole de folha e um rabanho de melheres... eh, cinco, seis, à roda daquela luzinha, a bordar”. (C_MS_1) (cf. *bruxinha; feiticeirinha; luz de folha; roda*).

Rabo da agulha [rábu dɐ ɐɡúλɐ] s.m. (Do lat. *rāpum* 'rábano'/ + Contr. da prep. *de* com forma do art. def. *a* e com forma do pron. dem. *a/* + Do lat. **acucūla*, dim. de *acus* 'agulha') – É a extremidade da **agulha** que tem um buraco onde se coloca a **linha**. O mesmo que **cu da agulha**.

Ralo (ponto) [Rálu] adj. (Do lat. *rārus* 'pouco denso) – É quando os pontos não estão bem feitos, apresentando uma distância entre si superior ao que é considerado normal. Coloca em causa a qualidade do ponto e por sua vez do bordado: “O bisponto está ralo (...)” (GOUVEIA, 1959: 34) (cf. *feito; grado; pesponto; ponto*).

Receber [ɾisibér] v.t. (Do lat. *recipere*) – “arreceber” (S_OF_2) – É ganhar o valor monetário correspondente ao **trabalho** executado. O mesmo que **aceitar**: “Pois é! Mas se a gente não se tem outro rendimento, temos de se esforçar, para receber alguma coisa” (C_MDS_2); “(...) mas é muito mal pago e, depois, leva-se um ano p’ a receber” (T_DS_2). (cf. *ganho*).

Recortador, eira [ɾikurtədór, éjɾɐ] s.m., s.f. (De recortar + suf. *-dor, -deira*) – É o responsável por recortar as partes do bordado que alguns pontos exigem, como o **oficial** e o **richelieu**. Remenda também outros aspectos que não estejam devidamente concluídos. (cf. *Convenções Colectivas de Trabalho, 2003; KLUT, 2003: 38; recortar o bordado*). **Nota:** Apesar de ser apresentado o género masculino para essa função, é uma tarefa mais associada às mulheres.

Recortar o bordado [ɾikurtár u burdádu] expr. (De *re-* + *cortar/* + art. def. *m./* + Do part. pas. do v. *bordar*) – É retirar os excedentes de pano da **borda** do **tecido** e de alguns pontos que o necessitem, como o **oficial** e o **richelieu**. Esses só podem ser recortados após o trabalho finalizado, pois, isso facilita o manuseamento do tecido. (cf. *bordadeira; fábrica; ponto; recortador, eira*). **Nota:** Consiste numa função mais

associada às fábricas. Porém, as bordadeiras, quando bordam por conta própria, acabam por executar esta tarefa.

Refazer [Rifêzér] v.t. (De *re-* + *fazer*) – Acto de voltar a fazer o **bordado**. (cf. *desmanchar*).

Remediar [Rimidjár] v.t. (Do lat. *remediare* 'curar') – “Arremediando” (C_MS_1) – A vida das bordadeiras foi, frequentemente, marcada por uma existência de dificuldades. Com famílias numerosas e rendimentos reduzidos, era imperativo arranjar soluções (remediar-se) para satisfazer as necessidades do dia-a-dia. Faziam-no com a alimentação, fraca, com o vestuário, reduzido, com os bens, mínimos, e com as condições de trabalho, deficitárias: “Ah, p’a não se gastar pertole, uma vez, um punha uã luzinha de pertole; outro dia, outro punha uã luzinha de pertole e a gente ia-se arremediando pouco a pouco”. (C_MS_1).

Remendo [Rimêdu] s.m. (Deriv. regres. de *remendar*) – “remendo pregado” (C_GR_2)/ “remendos” (C_SR_3)/ “remendo bordado” (R_AS_1)/ “ramendos” (R_MM_2)/ “Ramendinhos” (S_OF_2) – São pequenos pedaços de **tecido** que são sobrepostos ao **bordado** e contornados pelo **francês**. Por ter esse efeito, há quem se refira ao próprio **ponto** como remendo, em vez de francês.

Render [Rêdér] v.t. (Do lat. vulgar **rendĕre*, alteração de *reddĕre* 'restituir') – As bordadeiras consideram que alguns bordados são mais fáceis de executar que outros. Essa facilidade permite que digam que o **bordado** rendeu, ou seja que o terminaram rápido. Nos casos em que a dificuldade do trabalho é maior, as bordadeiras dizem que o bordado não está rendendo, parecendo interminável. Todavia, tinham de continuar a dedicar-se à tarefa, uma vez que o trabalho teria de ser totalmente executado: “Rende; uns rendem mais que outros” (C_AR_1); “era sempre a olhar p’o bordado p’a que rendesse também.” (S_MD_2) (cf. *dia trocado*).

Retalho [Ritálu] s.m. (Deriv. regres. de *retalhar*) – Peça de tecido recortado do **bordado** já concluído, por não ter qualquer utilidade (cf. *recortar o bordado*). **Nota:** Os retalhos podem ser aproveitados para outros fins, como, por exemplo, para o **molhão**.

Retulinhado [Ritulijnádu] adj. (De origem obscura) – “Retulinhado – Bordado mal feito.” (rep. def. de SILVA, 1950: 102) (cf. *bordado; feito*).

Revés [Rivêf] s.m. (Do lat. *reversus*, part. pas. de *revertĕre* 'voltar') – Outra designação possível para o **ponto sombra**. (cf. SOLEDADE, 1957: 13).

Richelieu [Riʃilycé] s.m. (Terá derivado do n. Armand Jean du Plessis Richelieu) – “canelo” (C_MDS_2)/ “caseado no ar” (S_MR_1)/ “caseado recortado” (S_MR_1) – É um **ponto** pertencente à categoria dos “lançados sobre urdidura” (cf. *Decreto Legislativo Regional n.º 7/91/M, 1991*). O ponto executado é o **caseado**, sendo, muitas vezes, identificado como “caseado”, em vez de “richelieu”. O tecido fica com partes suspensas. Como acontece no **oficial**, dá-se-lhe o nome de canelas. Isso explica que, com frequência, seja utilizado o termo “canelos/canelas” em substituição de “richelieu”. (cf. *canelo, a; ponto richelieu; SANTOS, 2003: 34; SOUSA, 1950: 120*).

Risco [Ríʃku] s.m. (Deriv. regres. de *riscar*) – Cada traço do **desenho** é um risco. Ao desenho, no seu todo, correspondem inúmeros riscos; daí muitas vezes o termo

“risco”/“riscos” ser utilizado para mencionar o próprio desenho: “Mãos que bordam o ‘risco’”. (JARDIM, s/d.c: 7); “As bordadeiras (...), apresentavam à nova freguesia os ‘riscos’ que faziam parte do seu monstúrio de rotina. E assim se escolhiam os desenhos.” (CLODE, 1986: 254); “O Copiador reproduz tecnicamente os desenhos (vulgarmente denominados riscos) em um ou mais exemplares.” (KLUT, 2003: 31); “Risco – Desenho de bordados.” (SILVA, 1950: 103).

Roda [Ródɔ] s.f. (Do lat. *rota*) – Disposição segundo a qual as bordadeiras se sentavam quando se reuniam para bordar, sobretudo à noite. No centro do círculo formado, estava algo que as iluminasse, frequentemente um **candeeiro**. Assim, conseguiam todas iluminar, dentro do possível, o seu **bordado**, para verem o que estavam a fazer. Nessa roda, passavam algumas horas, bordando, cantando, falando para que a noite passasse e o sono não chegasse: “a gente cantava de roda da luz (...)” (R_AS_1); “umas quatro, ou cinco, ou seis mulheres... às vezes, até dez! Tudo ali assentado numa roda a bordar” (S_MR_1); “(...) eu bordava, mas não havia luz. Era à roda dum candeeiro (...)”. (T_RV_1) (cf. *bordadeira; bordar; bruxinha; cantiga; feitiçeira; luz de folha*).

Roseta [Ruzétɔ] s.f. (De *rosa* + suf. *-eta* ou do fr. *rosette*) – É o mesmo que **estrela** aberta. (cf. CLODE, 1970: 33, 36).

S

Saca [sáke] s.f. (De *saco*) – “Saquinha” (C_MS_1)/ “Saca de musgo” (C_MDS_2) – Outrora, era o que servia de assento de algumas bordadeiras. Funcionava como uma almofada para não se sentarem directamente no chão. Havia quem a enchesse com musgo ou lã de ovelha, visando mais conforto: “Ah sentava-se dua saquinha do chão. Estendia-se uma saquinha e assentava-se do chão. Não havia cadeiras, nem almofadas. Era assentadinhas do chão (...)”. (C_MS_1); “Antes a gente fazia uma saca de musgo. Enxia-se uma saca de musgo, um pano por cima e sentava-se para ficar confortável (...). Há quem pusesse lã de ovelha, quem tinha (...). Dependia de quem tivesse lã de ovelha. Enchia. Quem não tivesse, fazia de musgo.” (C_MDS_2); “Iam [as bordadeiras] buscar uma pele seca de carneiro ou uma almofada feita de palha de milho, ou ainda a tradicional cadeira de vimes (para as mais velhas (...)).” (ARAÚJO, 2006: 59). (cf. *sentar-se*). **Nota:** O “musgo” utilizado para encher a “saca” era o “musgo do pinheiro”: “agulhas do pinheiro”.

Sacos [sáku] s.m.pl. (Do lat. *saccus* < gr. *σάκκος*) – Nome atribuído a uma espécie de almofadas bordadas: “era uns sacos qu’era as fronhas (...) é como se fosse uma almofada mas aquilo era assim um saco comprido e assim na beira tinha aquela pasta de granitos e ponto corda e ilhozes (...)”. (S_MD_2) (cf. *granito; ilhó; pasta; ponto corda*).

Sal de azedas [sál di ɐzédɔ] s.m. (Do lat. *sal, salis*/ + Do lat. *de*/ + De *azedo*) “sal azedo” (C_MDS_2) – É uma substância utilizada na lavagem do **bordado**, após a sua conclusão, para tirar os vestígios de tinta do **desenho** que não foram totalmente sobrepostos com **linha**. Usa-se também para limpar algumas nódoas: “sal de azedas (Ácido Oxálico).” (KLUT, 2003: 38); “Oxalato ácido de potássio” (*Dicionário Priberam*, 2008, consultado a 7-05-2015) (cf. *lavador, eira*).

Secção de selagem [sekséw di silázẽj] s.f. (Do lat. *sectio*, -ōnis 'corte'/ + Do lat. *de/* + De *selar* + suf. -agem) – No IVBAM é o local onde é verificada a qualidade do **bordado**, para, depois, ser comprovada com a aposição do **selo de garantia**. (cf. *fábrica*; KLUT, 2003: 39). **Nota:** As fábricas têm de transportar os bordados até ao IVBAM, para que seja feita a selagem. Quando as peças bordadas são em grandes quantidades, pontualmente, os funcionários do IVBAM podem deslocar-se às fábricas para esta tarefa.

Selo de garantia [sélu di gerẽtív] s.m. (Do lat. *sigillum/* + Do lat. *de/* + Do fr. *garantie*) “Sêlo de Garantia” (JARDIM, s/d.c: 8)/ “selo de certificação” (Instituto do Vinho, do Bordado e do Artesanato da Madeira, s/d) – Elemento que comprova a autenticidade da marca **Bordado da Madeira**. É com a publicação, a 8 de Dezembro de 1938, do decreto-lei n.º 29:241, que o **Grémio dos Industriais de Bordados da Madeira** cria o selo de garantia. Os bordados apenas poderiam ser vendidos a nível regional na presença deste selo, sendo gratuita a sua aposição e a sua ausência era motivo de apreensão dos bordados. Com o despacho DD4794, de 13 de Setembro de 1973, passa também a ser obrigatória, a presença desse selo, para os bordados que vão ser vendidos no Continente. Actualmente, a verificação da qualidade dos bordados e a aposição do selo de garantia são da responsabilidade do IVBAM. A partir do ano de 2000, o selo de chumbo, até então utilizado, foi substituído por um selo holográfico. Este selo certifica que o produto é autêntico: “O selo acima referido já contou com diversas formas de apresentação: i) selo de chumbo com a indicação do ano da certificação; ii) selo de chumbo com o elemento figurativo a que se refere a marca de garantia aprovada pela Resolução do Governo Regional da Madeira n.º 384/79, de 29 de novembro; iii) Selo holográfico contendo o elemento figurativo a que se refere a marca de garantia aprovada pela Resolução do Governo Regional da Madeira n.º 384/79, de 29 de novembro e uma breve mensagem em diversas líguas; e iv) a que se encontra em vigor em tudo semelhante a anterior mas que a cada selo faz corresponder um número de serie.” (rep. ínt. de Informação não publicada, cedida pelo IVBAM); “O selo holográfico aufere uma nota de modernidade, para além da necessidade de ser retirado de circulação o chumbo, considerado nalguns mercados, como ofensivo ao meio ambiente.” (KLUT, 2003: 39).

Senhor, a [sjnór, -e] s.m., s.f. (Do lat. *senior*, -ōris 'mais velho') – O mesmo que **agente**: “Senhora da casa [de bordados]” (C_AR_1); “Tinha uma senhora que ia buscar os bordados e, chegava aqui, distribuía pelas bordadeiras.” (S_JS_1); “era um senhor que ia ao Funchal buscar o bordado.” (S_OF_2).

Sentar-se [sẽtár-si] v. pron. (Do lat. vulgar **sentāre*, de *sedēre* 'sentar') – “assentada” (C_MDS_2)/ “assante-se” (ARAÚJO, 2006: 59) – Utilizado como sinónimo de “**bordar**”. Bordar exige que as **bordadeiras** estejam sentadas em algum lugar. Muitas bordadeiras dizem apenas que se vão sentar, quando vão bordar. Ao dizerem “vou-me sentar”, subentende-se que “vou bordar”: “(...) quando é preciso uma pessoa senta-se o dia inteiro se for preciso (...) A vez que se sente bem assentada, já tá lá”. (C_MDS_2). (cf. *banco*; *caixa*²; CALDEIRA, 1993: 1; PEREIRA, 1970: 3; *saca*).

Sindicato dos Trabalhadores da Indústria de Bordados da Madeira – Resultante da união de um grupo de funcionários de empresas do sector existentes, este sindicato é fundado em 1937, no mês de Março. Em 1974, esta associação sindical passa a designar-se Sindicato Livre da Indústria de Bordados da Madeira. É constituído por

trabalhadores pertencentes à **indústria de bordados**, representando as **bordadeiras de casa**, as operárias que trabalham na **fábrica**, os trabalhadores dos serviços técnicos e os empregados de escritório. Encontramos em 1976, a 2 de Julho, os Estatutos do Sindicato Livre dos Empregados e Operárias da Indústria de Bordados da Madeira. Não sabendo como se processou esta mudança, sabemos que este sindicato tem por objectivos: “a) Defender e promover, por todos os meios ao seu alcance, os interesses colectivos dos associados; b) Promover, em estreita cooperação com as restantes organizações sindicais, a libertação a todos os níveis da classe trabalhadora; c) Criar a solidariedade entre todos os seus membros, desenvolvendo a sua consciência sindical; d) Estudar todas as questões que interessam aos associados e procurar solução para elas; e) Promover e organizar acções com vista à satisfação das justas reivindicações expressas pela vontade colectiva.” (cf. Estatutos do Sindicato Livre dos Empregados e Operárias da Indústria de Bordados da Madeira, de 2 de Julho de 1976: 6741): “Todas [bordadeiras e trabalhadoras das empresas] foram importantes para manter o sindicato como a maior organização de mulheres que alguma vez a Madeira já teve e, talvez esteja enganada, acho que nunca mais vai ter”. (VIEIRA, 2010: 109) (cf. também: VIEIRA, 2010: 39). **Nota:** No Decreto Legislativo Regional n.º 23/90/M de 26 de Setembro, sobre o IBTAM, o sindicato é referido como: Sindicato dos Trabalhadores da Indústria de Bordados, Tapeçarias, Têxteis e Artesanato da Região Autónoma da Madeira. No decreto que antecede este, em que é aprovada e explicada a envolvente do IBTAM, apenas são referidos “sindicatos”, não sendo especificado qualquer nome. Mais recentemente, para exemplo, em 2006, no Decreto Legislativo Regional n.º 18/2006/M, que aprova a orgânica do IVBAM, volta a ser referido o Sindicato dos Trabalhadores da Indústria de Bordados, Tapeçarias, Têxteis e Artesanato da Região Autónoma da Madeira. Juntamente com outros sindicatos de Portugal, este é representado pela Federação dos Sindicatos dos Trabalhadores Têxteis, Lanifícios, Vestuário, Calçado e Peles de Portugal.

Sociedade José Júlio Rodrigues de Protecção às Bordadeiras Madeirenses – Sobre esta sociedade, apenas foi possível saber o seguinte: “A protecção aos profissionais do sector aconteceu já em 1894 com a criação da Sociedade José Júlio Rodrigues de Protecção às Bordadeiras Madeirenses. Sobre esta associação de beneficência pouco se sabe. A partir de Dezembro de 1907 por iniciativa dos alemães tivemos iniciativas semelhantes.” (rep. ínt. de VIEIRA, 2006: 71); “Como primeira forma de organizar este sector fundou-se, em 1894, uma associação de beneficência denominada «Sociedade José Julio Rodrigues de Protecção às Bordadeiras Madeirenses». O bordado, usado para cobrir mesas de príncipes e de gomens [sic] abastados da Europa, passou, então a ser um sector importante da economia, adquirindo [sic] fama mundial.” (rep. ínt. de Câmara Municipal da Ribeira Brava, s/d).

Solteira [sołtɛjɾɐ] s.f. (Do lat. *solitarius* ‘que vive só’) – É um conjunto de seis garanitos, ou melhor, de cinco em redor de um, formando uma espécie de flor. A composição da solteira é idêntica à da **viúva**. A diferença é o que está no centro dos cinco garanitos. Na solteira, há um **garanito** e, na viúva, um **ilhó**. (cf. *ponto*).

Sombra [sôbrɐ] s.m. (Do ant. *solombra*, talvez do lat. *sol* ‘sol’ + *umbra* ‘sombra’) – Corresponde àquilo que também se chama **ponto sombra**. Difere apenas no acréscimo do elemento “**ponto**”. (cf. SOUSA, 1950: 124).

Somenos [suménuʃ] adj. (De *so-* + *menos*) – “Semeninho” (C_MS_1)/ “semenos/somenos” (SOUSA, 1950: 123) – Algo “somenos” não é bom. Tem pouca qualidade.

Dizer que um bordado é “somenos” significa que é um **bordado inferior**: “O que era melhorzinho era p’a quem bordava melhor. O que era mais semeninho era p’a quem bordava mais semeninho”. (C_MS_1) (cf. CALDEIRA, 1993: 129; FIGUEIREDO, Dezembro de 2011: 161; PESTANA, 1970: 118).

T

Tapete [təpéti] s.m. (Do lat. *tapes*, *-ētis* < gr. *τάπης*, *-ητος*) – “tapetes”; “tapetinho” (C_MS_1) – Trata-se de um elemento de um conjunto de bordados que constituem um todo. Usualmente, são três. (cf. *jogo*).

Tecido [tisídu] s.m. (Do part. pas. do v. *tecer*) – É sinónimo de **pano**: “Os tecidos usados na indústria do bordado são: linho, a seda natural, o organdy e o algodão.” (CLODE, 1970: 35).

Tecido de algodão [tisídu di alɣudéw] s.m. (Do part. pas. do v. *tecer*/ + Do lat. *de*/ + Do ár. *al-qutún*) – Tipo de **tecido** utilizado na indústria de Bordados da Madeira: “(...) pode ser pesado ou leve e usa-se muito nos lenços e roupas de criança. É o menos utilizado.” (CLODE, 1970: 35).

Ter as suas bordadeiras [tér əʃ súɛz burdədéjɾɐʃ] expr. (Do lat. *tenēre* ‘segurar’/ + art. def. f. pl./ + possessivo. f. pl./ + De *bordar* + suf. *-eiras*) – “tinha as suas freguesas” (VERÍSSIMO, 1997: 11) – Expressão utilizada como referência às bordadeiras com que a **agente** conta frequentemente como se fosse uma equipa, distribuindo-lhes os bordados e os respectivos pagamentos. As agentes conhecem o trabalho das “suas” bordadeiras – “tinha as bordadeiras, as suas” (C_MS_1). Por vezes, a agente pode ter bordados específicos para algumas, uma vez que conhece as suas qualidades, na rapidez de execução, na delicadeza do trabalho ou na especialidade em determinados pontos do bordado: “Às vezes, elas [as bordadeiras] brigavam e, às vezes, ela [a agente] guardava um bordadinho que fosse assim melhorzinho e que queria mais bem feito. Ela escondia antes de chegar e, depois, dava-me.” (S_JS_1).

Tesoura [tizóre] s.f. (Do lat. *tonsonia* ‘tesoura de tosquiar’) – “Tesoira” (C_MS_1) – É a ferramenta utilizada pela **bordadeira** para cortar as linhas e recortar o tecido a bordar. (cf. *fura-ilhó*; *linha*; *recortador*, *eira*; *recortar o bordado*).

Tirar o desenho [tirár u dizénu] expr. (De b. lat. *tirare*/ + art. def. m./ + Deriv. regres. de *desenhar*) – “retirar o desenho” (C_SS_3)/ “Faz-se o desenho” (C_MS_1)/ “desenho tiradinho” (C_AR_1) – É o acto de copiar o **desenho** de um bordado para um **tecido** em branco (sem desenho) que, posteriormente, será para **bordar**. Quando as bordadeiras gostam de determinado desenho de bordado, sabendo que poderá ser difícil reencontrá-lo, optam pela cópia caseira do mesmo. Conhecem-se dois procedimentos distintos para essa tarefa. Há quem prefira utilizar uma **pedra** e passe, directamente, o desenho do bordado para o outro tecido. Outro processo é usual quando o desenho já está numa folha de papel (cf. *capítulo III, desenho 1 e desenho 2, da presente dissertação*). Recorre-se, neste caso, a uma folha de papel vegetal. Neste segundo processo, é necessário **picotar** todo o desenho da folha. Depois, coloca-se este sobre o tecido onde vai constar e passa-se uma **boneca**. A pedra pode, também, ser utilizada, neste segundo processo, em substituição da boneca: “(...) colocamos um (...) bordado já feito, bem esticadinho, numa mesa direitinha (...). Depois, colocamos o tecido que comprámos em

cima do bordado e, com a pedra, passamos e, conforme vai passando a pedra nas elevações, fica marcado o desenho” (C_SS_3); “(...) e também há quem fazia o desenho. Desenhava. Fazia com um lápis o desenho no papel vegetal e, depois, pegava-se numa agulha, picava-se. Picava-se de roda e, depois, arranjava-se anilhe molhado no petróleo e passava-se em cima e ficava tudo pintado no tecido”. (C_GR_2) (*cf. estampado*).

Tirar risco [tirár Rí[ku] expr. (De b. lat. *tirare/* + Deriv. regres. de *riscar*) – “Copiar ou desenhar modelos para bordados” (rep. def. de CALDEIRA, 1993: 137) (*cf. copiadador, a; desenhador, a; tirar o desenho*). **Nota:** Vai ao encontro do que definimos como “**tirar o desenho**”, processo utilizado pelas bordadeiras, e **estampar**, acto usado nas fábricas.

Toalha [twáɫɐ] s.f. (Do prov. *toalha*, do frânc. *thwahlja*) – “Toalhas” (C_MS_1)/ “toalhas de dois metros e meio” (R_AS_1); (S_OF_2)/ “toalhinha” (S_MR_1)/ “toalhas grandíssimas” (S_MD_2)/ “Toalha de linho”; “Toalha de argandi”; (S_OF_2)/ “toalhas de banho”; “toalhas de mesa” (S_AC_3) – Por norma, a “toalha de mesa” representa um **bordado** grande: “lembro-me que minha madrasta bordava toalhas enormes por meia dúzia de escudos qu’era uma coisa... era pouco e, depois, vendiam aquelas toalhas no Funchal por fortunas (...)”. (S_AC_3). (*cf. toalha de borda; toalha para entregue*).

Toalha de borda [twáɫɐ di bórdɐ] expr. (Do prov. *toalha*, do frânc. *thwahlja/* + Do lat. *de/* + Do frânc. *bord* ‘lado do navio’, pelo fr. *bord*) – É a **toalha** que as bordadeiras faziam para terceiros. Não era para a **casa de bordados**. Por esse motivo, podia ser mais bem paga, uma vez que não ocorriam os **descontos** para a Segurança Social. Representava um rendimento extra, além do que as bordadeiras recebiam da casa de bordados.

Toalha para entregue [twáɫɐ péɾɐ êtréɟi] expr. (Do prov. *toalha*, do frânc. *thwahlja/* + Do ant. *pera*, do lat. *per ad/* + Deriv. regres. de *entregar*) – É a toalha bordada para a **casa de bordados**. Opõe-se a **toalha de borda**. Tem o mesmo sentido que **bordado de entregue**. A diferença reside na explicitação da peça bordada: uma toalha.

Torcida [tursídɐ] s.f. (De *torcido*) – “trocida” (C_MS_1; C_AR_1) – Elemento necessário para que a **bruxinha** e outros tipos de candeeiros funcionem. Pode ser comprada ou feita, manualmente, em casa. Podem servir como uma torcida um pedaço de pano, um pedaço de uma corda de malha ou, ainda, um conjunto de linhas. É o elemento que contacta com a base e o cimo do **candeeiro**. A parte que contacta com a base serve de condutora do petróleo¹ até ao cimo, onde fica acesa. É o que permite a iluminação porque o lume, a queima da torcida, se mantém.

Trabalho [trɛbáɫu] s.m. (Do lat. *tripalium* ‘instrumento de tortura formado de três paus’) – “trabalho da agulha” (VIEIRA, 2006: 13) – Corresponde ao acto de **bordar**. As bordadeiras utilizam o termo “trabalho” como referência ao **bordado** ou ao **desenho** que o **tecido** apresenta e que têm de bordar. Indica igualmente o bordado já feito, o trabalho realizado: “(...) a gente só faz o trabalho” (C_MDS_2); “O bordado tem de ser feito durante aquelas horas (...). Ela [mãe] tem que organizar o seu dia que consiga elaborar o trabalho p’as horas que ele [o dador de trabalho] precisa do trabalho”. (C_SS_3); “Ah! Senhora, tem que fazer este trabalho até tal dia. Ora, se a gente vai fazendo, limpar uma casa, ir à fazenda e a gente não consegue fazer esse trabalho. Antão, nessa altura, tínhamos que, à noite, qu’aplicar toda a gente. Era assim. Não era

eu (era toda a gente); já tenho 74 anos”. (R_AS_1); “Às vezes, a gente fazia os trabalhos melhores à noite. O ponto corda era o que era melhor. Os garanitos o qu’era melhor à noite. Não enxergava tanto como p’lo dia. Então, de dia, a gente fazia o qu’era pior: o caseado, bastidos”. (S_MD_2); “Na indústria de bordados da Madeira, o trabalho (bordado) é pago por tarefa.” (Grémio dos Industriais de Bordados da Madeira, 1958: 12).

Trança [trɛ̃sɐ] s.f. (Talvez de provincianismo *tres* ou De *trançar*) – É uma porção de linhas enovelada. Equivale a dois negalhos. (cf. *linha*; *negalho*).

Trapo [trápu] s.m. (Do lat. tardio *drappus* ‘pano’) – “trapinho” (C_AR_1) – O mesmo que **paninho**: “Primeiro, comecei a fazer nuns paninhos, assim, nuns trapinhos. Depois, então, eu comecei a fazer no bordado mesmo.” (R_HR_3).

Travessa [trɛvɛsɐ] s.f. (Do lat. *transversa*, f. de *transversus* ‘que atravessa’) – Sinónimo de **bandeja**.

Tubo de vidro com farinha [túbu di vídru kɔ̃ fɛrĩnɐ] expr. (Do lat. *tubus*/ + Do lat. *de*/ + Do lat. *vitrum*/ + Do lat. *cum*/ + Do lat. *farīna*) – Colocavam-se as agulhas dentro de um tubo de vidro que contivesse farinha. Dessa forma, as agulhas não ficavam ferrugentas, mantendo-se sempre em condições de serem utilizadas. “o tudo de vidro (contendo farinha) assim, elas não enferrujam (...)” (ESCOLA B+S PADRE MANUEL ÁLVARES, 2009: 106).

U

Urdidura [urdidúre] s.f (De *urdir* + suf. *-dura*) – É o resultado do processo de **urdir**. O mesmo que **primeira camada**.

Urdir [urdír] v.t. (Do lat. *ordīri*) – Sinónimo de **deitar**.

V

Verificador, eira [vɛrifikədór, éjre] s.m, s.f. (De *verificar* + suf. *-dor, -deira*) – Quem recebe os bordados, depois de executados pelas bordadeiras, e certifica se tudo está bem feito. Caso a peça não respeite os padrões exigidos, poderá voltar às mãos da **bordadeira** para que esta o conserte. Pode ocorrer **desconto** mediante um trabalho de menor qualidade, ou seja, por estar mal **feito**. (cf. *consertar*; *Convenções Colectivas de Trabalho*, 2003; *KLUT*, 2003: 38).

Vida de casa [vídɐ di kázɐ] expr. (Do lat. *vita*/ + Do lat. *de*/ + Do lat. *casa* ‘cabana’) – “vidinha de casa” (C_MS_1) – Utiliza-se no sentido de executar as tarefas domésticas. Enquanto **mandado** se aplica ao trabalhar no campo, vida de casa refere-se ao contexto doméstico, aos afazeres na própria casa: “Sim, fazia-se a vidinha de casa e o pedacinho que ficava bordava-se de dia. Não dava tempo, bordava-se à noite p’a ajudar”. (C_MS_1); “Era o que as mulheres faziam. Era em casa (...) a vida de casa e o bordado.” (C_MDS_2).

Vir para trás [vír pɛrɛ trá] expr. (Do lat. *venīre*/ + Do ant. *pera*, do lat. *per ad*/ + Do lat. *trans* ‘além de’, ‘após’) – Significa que o **bordado** não foi aceite pela **casa de**

bordados por não estar como pretendido. Perante tal situação, a bordadeira terá de o **consertar**: “E quando a gente, às vezes, fazia-se o bordado e chegava à casa e eles não queriam... que vinha p’a trás, p’a gente arranjar a modo (...).” (S_OF_2).

Vira [vírɐ] s.f. (Do lat. **veria*, de *viria* ‘espécie de bracelete de homem’) – “viras” (S_MD_2)/ “viras de lençóis” (CLODE, 1970: 36) – Representa a parte superior do lençol que é bordada. Ao contrário do que acontece com a **barra**, na vira, não se adiciona nada ao tecido, borda-se directamente nele. Pode ser designado por “vira” o lençol com essa parte bordada e as duas fronhas que formam um conjunto porque também possuíam apontamentos bordados. (*cf.* *apontamento*; *sacos*).

Viúva [vjúvɐ] s.f. (De *viúvo*) – Refere-se ao conjunto de cinco garanitos, formando uma espécie de flor. A composição da viúva é idêntica à da **solteira**, a diferença é o que está no centro dos cinco garanitos. Na viúva, é um **ilhó** e, na solteira, é um **garanito**. (*cf.* *ponto*; SOUSA, 1950: 135).

Viver da agulha [vivér dɐ əgúlɐ] expr. (Do lat. *vivĕre*/ + Contr. da prep. *de* com forma do art. def. *a* e com forma do pron. dem. *a*/ + Do lat. **acucŭla*, dim. de *acus* ‘agulha’) – Ter como profissão a **arte de bordar** porque advinha daí o único rendimento monetário: “(...) Antigamente, era melhor, vivia-se do bordado; agora, não dá p’a viver. Aquilho é memo p’a te aguentar a caixa (...), a reforma um dia mais tarde (...)” (T_DS_2); “A gente pobre cuma eu, as que ’tão aqui e mais, e mais, que vem noutras semanas vive da agulha.”; “A agulha dá-me comer. Enquanto tiver que bordar não preciso de esmolas.” (GOUVEIA, 1959: 35, 164) (*cf.* *bordar*; *caixa*¹).

Viver do ponto d’agulha [vivér du põtu d’əgúlɐ] expr. (Do lat. *vivĕre*/ + Contr. da prep. *de* com forma do art. def. *o* e com forma do pron. dem. *o*/ + Do lat. *punctum* ‘picada’, ‘ponto’/ + preposição “de” + artigo “a”/ + Do lat. **acucŭla*, dim. de *acus* ‘agulha’) – “Viver do bordado. – De qu’ é qu’ ela vive? – Ela vive do *ponto d’agulha*.” (rep. def. de CALDEIRA, 1993: 147). **Nota**: Expressão com o mesmo sentido da que indicámos ser “**viver da agulha**”.

X

Xaile [ʃájli] s.m. (Do persa *xāl*) – “xalinhos nas pernas” (T_RV_1) – O mesmo que **pano de bordar**: “olhe pode tar sol e calor, calor, eu tenho de ter as pernas abafadas. Não me dá jeito, e eu descanso com o bordado aqui”. (C_AR_1).

CAPÍTULO III – Análise dos materiais sistematizados

Sistematizados os dados recolhidos, impõe-se uma análise genérica destes. Devido ao reduzido número de composições tradicionais compiladas, esta observação centra-se no glossário (cf. capítulo II, ponto 4.2, da presente dissertação). Todavia, esses textos, essencialmente constituídos por quadras soltas, mereciam um estudo linguístico aprofundado (relação oralidade-escrita, ortografia, sujeito da enunciação predominante, regionalismos, toponímia, etc.). Uma parte da herança das bordadeiras de casa da Ribeira Brava é, sem dúvida, representada por este brevíssimo cancionero, mas a sua manifestação já requer um grande esforço de memória das informantes, deixando a sua expressão de ter alguma naturalidade. Duas delas, C_AR_1 e C_GR_2, facultaram, inclusive, as quadras escritas e não era o que pretendíamos. Entre outros motivos, nomeadamente porque a extensão deste trabalho de investigação é limitada, e uma vez que o vocabulário se revelou ser a herança patrimonial fundamental, a análise foca-se no léxico recolhido, na terminologia do Bordado da Madeira.

No ponto 1 do presente capítulo, “Análise geral do glossário”, procedemos a uma abordagem quantitativa global das mais de 300 entradas reunidas. No sentido de comprovar a necessidade do estudo dos aspectos linguísticos e culturais da actividade de bordadeira (de casa), recorremos a gráficos e tabelas, para diferenciar fontes (bordadeiras (de casa)/bibliografia) e situações de comunicação (fábrica e bibliografia/casa das bordadeiras) das ocorrências registadas. Considerando que muitos termos do glossário já não estão em uso (por exemplo: “dia trocado”, “bruxinha”, “toalha de borda”, “toalha para entregue”, etc.), julgamos importante fazer um apanhado das respostas à pergunta do questionário relativa ao futuro do Bordado da Madeira. Isso surge no ponto 2, intitulado “O futuro do Bordado da Madeira”. Apresentamos a diversidade de opiniões das informantes sobre o futuro da actividade, a fim de fazer um balanço. Embora esta abordagem já tenha sido equacionada no capítulo II, com base nas referências citadas, interessa-nos, agora, saber até que ponto as informantes divergem das opiniões dos estudiosos consultados ou com elas convergem. As diferentes perspectivas destas profissionais, ilustradas com excertos das gravações, são importantes para compreender em que fase está o Bordado da Madeira e se se comprova ou não, do ponto de vista das informantes, a sua possível extinção. Pensamos que o que pode estar em causa não é o desaparecimento do Bordado da Madeira em si, o que

ninguém quer que aconteça, mas o processo de produção tradicional e a sua transmissão patrimonial de geração em geração, no seio da família.

1. Análise geral do Glossário

Foram vários os aspectos tidos em conta nesta análise do léxico do Bordado da Madeira. Por um lado, separamos a quantidade de informação resultante do contacto com as informantes do concelho da Ribeira Brava (perspectiva local) e, por outro, a proveniente da bibliografia consultada, assumindo uma dimensão essencialmente regional, mas sempre que possível com incidência local. A partir desta divisão, encadeiam-se outras: quantas entradas dizem respeito apenas ao exterior da fábrica, quantas estão relacionadas com o interior e quantas são comuns a ambas as realidades. Contabilizamos as entradas que dizem respeito a termos/expressões únicos e as que são variações. Por exemplo, a entrada “ponto cordão” relaciona-se com as entradas “cordão” e “pau”, correspondendo estas duas a variações da primeira, enquanto há casos em que isso não sucede. Outros elementos foram igualmente alvo de análise, incidindo a reflexão sobre os valores apresentados nos gráficos e nas tabelas que se encontram *infra*.

Por forma a entender a quantidade de entradas do glossário, em cada uma das letras do abecedário, sintetizamos os resultados no gráfico 3. Nele, é possível observar algumas disparidades quanto ao número de entradas por letra. Por um lado, temos letras que apenas possuem uma entrada, como por exemplo, a letra “J”. Por outro, há-as com mais de 40, como é o caso da letra “B”. Além destas duas possibilidades, certas letras (“H”, “K”, “W”, “Y” e “Z”) não possuem entradas. Por uma questão de tratamento da informação, não constam do gráfico 3.

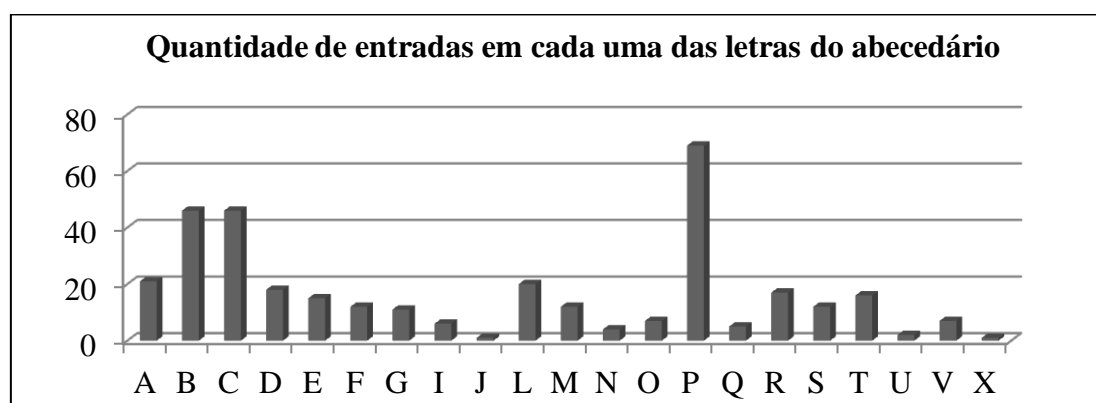


Gráfico 3. Número de entradas, a partir de um registo, para as letras do abecedário

No glossário, a letra “P” é a que mais entradas possui. Uma explicação plausível para essa situação prende-se com a quantidade de nomes iniciada por “ponto”. Muitas vezes, esses nomes usam-se sem essa indicação (o “ana”, o “corda”, o “cordão”, entre outros), mas, frequentemente, empregam-se com ela (o “ponto ana”, o “ponto corda”, o “ponto cordão”, entre outros). Como explicámos, referimos as duas formas de designar esses pontos, mas não damos realce às variantes, salvo se não se usam com a palavra “ponto”. Por exemplo, do glossário, consta a entrada “granito”, mas não “ponto granito”. Este caso é uma excepção. Uma vez que o bordado se faz com diversos tipos de pontos, é normal que esse lexema apareça em várias designações, contendo, por isso, a letra “P” o maior número de entradas assinaladas. Inclui quer os pontos de bordar que, segundo o IVBAM, são os que devem ser aplicados ao Bordado da Madeira, quer os que as bordadeiras (de casa) do concelho da Ribeira Brava executam e não são considerados por este instituto, quer, por fim, outros recolhidos nas referências bibliográficas, que não são mencionados pelas duas fontes anteriormente indicadas. Logo, são muitos os nomes que têm a preceder a sua designação o substantivo “ponto”. Portanto, como fica claro, justifica-se a maior quantidade de entradas para “P”.

Podem parecer insignificante a abordagem do número de entradas por letra. No entanto, esta análise permite visualizar a distribuição do léxico recolhido e compreender que determinadas letras em início de palavra são mais comuns que outras para o Bordado da Madeira, assim como para o vocabulário comum. Outra abordagem que poderá parecer pouco significativa, mas que, a nível linguístico, tem interesse é contabilizar, separadamente, a percentagem de termos (“Palavra própria de certo registo de língua, campo de conhecimento ou actividade; unidade lexical de uma terminologia”) e expressões (“grupo de palavras”)¹⁸ existente no glossário (cf. gráfico 4). Apesar de a diferenciação nem sempre ser fácil de estabelecer, já que uma sequência de palavras (cf. definição de “expressão”) pode corresponder a um termo (“bordadeira de casa”, “ponto corda”), a quantidade de expressões considerada é inferior (15%) à de termos registados (85%). Um detalhe interessante é verificar que grande parte das expressões inicia com um verbo: “dar bordados”, “ter as suas bordadeiras”, “viver da agulha”. Todavia, não as contabilizamos na classe dos verbos, uma vez que o verbo isolado não tem o mesmo significado que quando é usado no contexto dos elementos subsequentes, que formam a expressão no seu todo. Desta maneira, “dar”, por si só, não significa o mesmo que “dar

¹⁸ As definições de “termo” e “expressão” foram retiradas do dicionário da Academia das Ciências de Lisboa, 2001.

bordados”, visto que, nesta última ocorrência, a bordadeira não pode ficar com os bordados que lhe são “dados” pela agente. O verbo “dar” tem o sentido de “entregar para ser devolvido, depois do trabalho executado”. Embora a maioria das expressões registadas comece com um verbo, não pertence à classe dos verbos por constituir uma locução que ultrapassa o significado do próprio verbo. Assim sendo, importa também averiguar a organização do léxico segundo as categorias morfológicas tradicionais, excluindo obviamente as expressões e as designações das seis instituições relacionadas com o Bordado da Madeira. Estas, muitas vezes, surgem sob a forma de sigla e correspondem a nomes próprios.

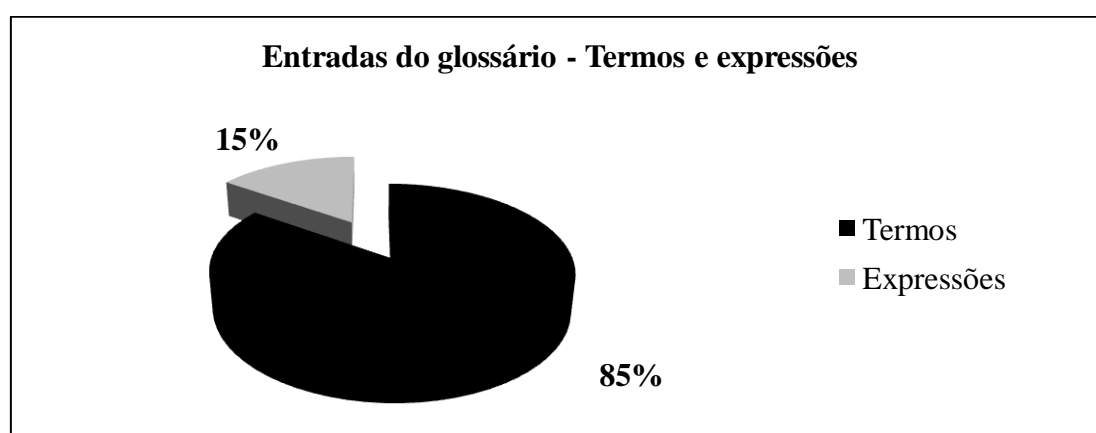


Gráfico 4. Percentagem de termos e expressões existentes no glossário

Das três classes morfológicas existentes no glossário (adjectivos, substantivos e verbos), a dos substantivos, com 254 entradas, é largamente superior às duas outras, o que não admira porque os nomes correspondem essencialmente a designações de objectos concretos, como materiais (tecidos, linhas), processos (estampagem, picotagem), instrumentos (agulha, dedal, fita, tesoura), etc. Estes resultados tornam-se evidentes na tabela 8.

Classificação morfológica dos termos registados			
Adjectivos	Substantivos	Verbos	Total
11	254	25	290 + 58 ¹⁹ = 348

Tabela 8. Quantidade de entradas do glossário de acordo com a classificação morfológica

¹⁹ Corresponde à soma das seis entradas relativas às instituições e as expressões (52 no total), visto que não foram classificadas morfológicamente.

Os adjectivos referem-se, sobretudo, à qualidade do bordado (pastado, carregado, somenos), enquanto os verbos remetem para o modo de bordar e acções que dele derivam (consertar, refazer, recortar). As percentagens do gráfico 5 confirmam que, no glossário, tendo em conta todas as entradas, os substantivos são predominantes, o que mostra que a profissão de bordadeira de casa e o Bordado da Madeira se reportam a uma actividade concreta. Os nomes das “coisas” são importantes, assumindo muitos destes uma dimensão local e regional. Por exemplo, no Campanário, registámos essencialmente “bruxinha”, enquanto, na Serra de Água, se usa preferencialmente “feiticeirinha” para algo que, na zona da Ponta do Sol, segundo informação recolhida, é conhecido como “catano” e “polícia”. Pelas definições estabelecidas, parece-nos que há termos como “mandado”, “travessa”, “pano dos joelhos” e “bordado de canalha” com dimensão regional.



Gráfico 5. Percentagens de entradas do glossário segundo a sua classificação

Todas as entradas incluídas no glossário resultaram do contacto com informantes e da pesquisa bibliográfica, como já foi anteriormente evidenciado. Para entendermos quantas das 348 entradas foram conseguidas em cada uma das fontes de informação, apresentamos a tabela 9 e o gráfico 6. Como é possível verificar nesta tabela, 229 entradas do glossário são resultantes da aplicação do questionário às informantes e as restantes 119 provêm de fontes bibliográficas, perfazendo, assim, um total de 348 entradas. A maioria tem, portanto, cariz local, provindo das gravações realizadas no concelho da Ribeira Brava, com, porém, uma influência regional.

Proveniência da informação que consta no glossário		
Contacto com informantes	Bibliografia consultada	Total
229	119	348

Tabela 9. Quantidade de entradas do glossário do Bordado da Madeira

No gráfico 6, é notório que a maioria das entradas do glossário (66%) é fruto do contacto com as entrevistadas. Elas são a base desta investigação e era o que pretendíamos. Para enriquecimento da recolha, decidimos incluir informações provenientes de outras fontes, correspondendo esses dados a 34% do que está patente no glossário e que confirma dados facultados pelas informantes. Convém referir que as informantes transmitiram conhecimentos não só da sua actividade, mas de outras fases da indústria de bordados. Em paralelo, na revisão bibliográfica, fomos conhecendo aspectos que dizem respeito ao bordar e à bordadeira (de casa). Nesse sentido, nesta análise, decidimos diferenciar quais as designações do glossário ligadas ao interior da fábrica e ao exterior desta.

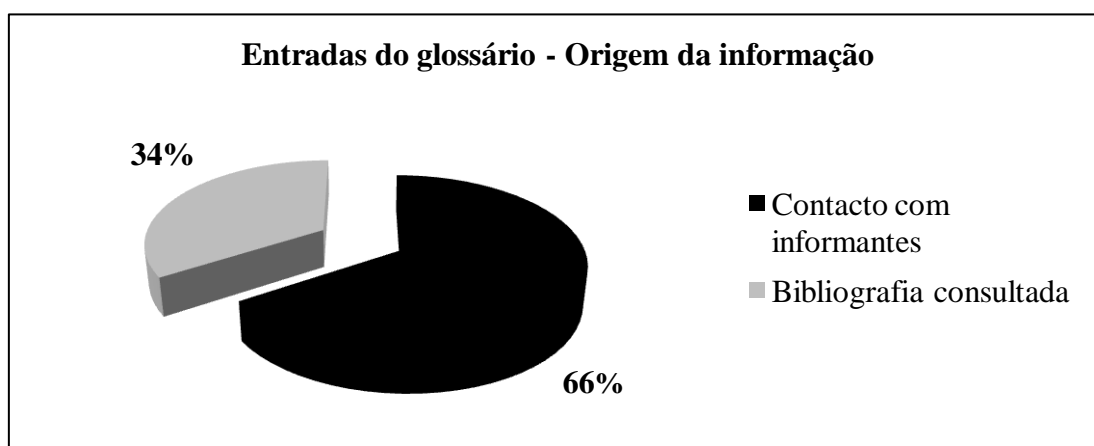


Gráfico 6. Percentagens de entradas do glossário segundo a origem da informação

Consideramos fazerem parte do interior da fábrica alguns aspectos que não o são verdadeiramente, mas que se enquadram no processo industrial e figuram no glossário, como, por exemplo, o “selo de garantia” porque é, na maioria dos casos, colocado nas instalações do IVBAM. As próprias instituições ligadas a este sector, extintas ou ainda a funcionar, como o Grémio dos Industriais de Bordados da Madeira, o IBTAM e o IVBAM, são contabilizadas como parte integrante do processo industrial. Os elementos predominantemente ligados à actividade das bordadeiras (de casa) estão associados ao

“exterior da fábrica”. Como há entradas que se podem incluir nestas duas categorias, optamos por os inserir na categoria designada “Ambos” (cf. tabela 10). Neste item, colocamos apenas as entradas que têm a mesma possibilidade de utilização, dentro e fora da fábrica, como acontece com: “bilhete”, “desenho” e “tecido”. Deparamo-nos com casos que integram uma das fases, interior ou exterior da fábrica, mas que, pontualmente, aparecem na outra fase. Vejamos o caso de “arrematar” ou de “refazer”. Podemos, à partida, associá-los ao exterior da fábrica, uma vez que as bordadeiras (de casa) são responsáveis por estes actos. Todavia, excepcionalmente, na fábrica, pode acontecer que seja necessário “arrematar” algum ponto, que, durante o processo industrial, se tenha estragado, ou, até, “refazê-lo”. Não inserimos este tipo de entradas no parâmetro “Ambos”, por considerarmos ser ocasional o uso destes termos nas duas situações. Na tabela 10, está patente a quantidade de entradas para cada uma das três categorias que estabelecemos, de acordo com os ambientes de comunicação em que normalmente ocorrem essas designações.

Entradas do glossário segundo o ambiente			
Exterior da fábrica de bordados/ bordadeiras (de casa)	Fábrica de bordados/ Processo industrial	Ambos	Total
262	51	35	348

Tabela 10. Divisão das entradas do glossário pertencentes ao exterior da fábrica e/ou ao interior desta

Como foi apresentado no gráfico 6, a maior parte da informação do glossário (66%) proveio da vertente prática da investigação, estando maioritariamente dependente das bordadeiras (de casa) e da sua actividade. Dessa forma, justifica-se a predominância de entradas, 262, associadas ao exterior da fábrica de bordados/bordadeiras (de casa). As percentagens dos dados visíveis no gráfico 7 são esclarecedoras.

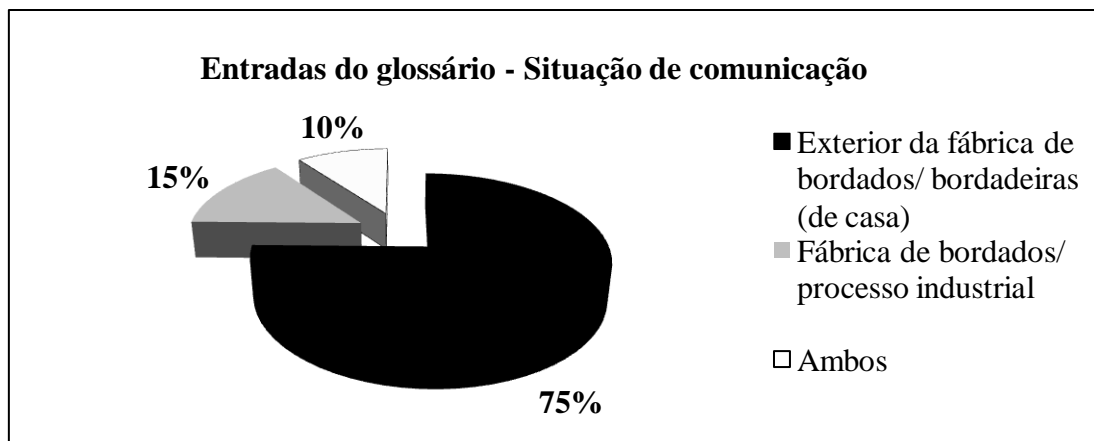


Gráfico 7. Percentagem das entradas relacionadas com o exterior e o interior da fábrica

Assim, traduzindo os números para percentagens, verificamos que 75% do glossário incide sobre o que é realizado no exterior da fábrica de bordados, mais precisamente, sob a alçada da bordadeira (de casa). Relativamente à abordagem do que é feito dentro da fábrica, no processo industrial, o léxico recolhido corresponde a 15% do glossário. Observamos que 10% dos termos/expressões que fazem parte da indústria de bordados são usados tanto no interior da fábrica como no exterior. O número elevado de entradas associado ao exterior da fábrica, ou seja, às bordadeiras (de casa), é justificável pela quantidade de informantes entrevistadas e pela rica diversidade de respostas obtidas. Para definir a mesma realidade, os termos/as expressões variaram frequentemente, revelando uma riqueza linguística considerável, havendo sinónimos com entrada própria e variantes sem entrada. Nas quatro freguesias estudadas, fomos apercebendo que, para caracterizar uma determinada realidade, são utilizados nomes/expressões diferentes estabelecendo relações de sinonímia entre eles, daí estarem correlacionados. Por exemplo, acontece com “caixeiro, a”, “senhor, a”, “agente” que se referem à “pessoa que é intermediária entre a casa de bordados e as bordadeiras de casa”. São sinónimos para os quais não encontramos variantes. A sinonímia ocorre com outras entradas, como “banco/banca”, “caixa²” e “saca” porque remetem para “o assento das bordadeiras (de casa)”. Possuem, por isso, entrada própria. Contrariamente aos termos referentes ao “intermediário”, os relacionados com o “assento” têm variantes que não constituem entrada, mas que revelam uma grande diversidade lexical: “banquinha”, “banquinho baixinho”, “caixinha”, “saquinha” e “saca de musgo”. A variação relacionada com a sinonímia foi incluída no glossário, daí, muitas vezes, surgir na descrição do termo/da expressão a abreviatura “cf.” (confrontar). Isso acontece para que

se entenda que este tipo de entrada representa uma forma distinta de identificação de algo já referido e definido com outra denominação. Esta abreviatura também é usada para estabelecer conexões entre termos, por exemplo: em “beira”, surge “*cf. ilhó; pasta*”.

O mais usual é associarmos variações linguísticas a diferentes grupos sociais e profissionais. Habitualmente, consideramos que, dentro do mesmo grupo, “todos se entendem” e utilizam um vocabulário comum. No entanto, a linguagem deste grupo pode variar a nível geográfico, incluindo a nível local, num concelho. Com exemplos concretos do nosso estudo, verificamos que há muito para analisar e preservar, a nível linguístico, dentro de um grupo profissional como o das bordadeiras de casa, porque, nas quatro freguesias do concelho da Ribeira Brava, nem todos os membros do grupo usam o mesmo léxico. A expressão “o dia trocado” surgiu na Serra de Água e não a registámos nas restantes, embora essa realidade fizesse parte do dia-a-dia das bordadeiras de casa, que não lhe davam um nome específico. Nestas condições, encontramos mais casos como os termos: “chapado” (um bordado carregado), “carreiro” (carro de linhas), “corrico” (ir bordar para casa alheia) e “boneca” (utensílio utilizado durante a estampagem). Cada um deles ocorreu apenas num ponto de inquérito, para exemplo: “chapado” – no Campanário, “carreiro” – na Ribeira Brava, “corrico” – na Serra de Água e “boneca” – na Tabua. Pressupomos que cada um deles possa ter um termo equivalente nas restantes freguesias, mesmo se não conseguimos atestá-lo. Portanto, haverá variação lexical dentro do grupo das bordadeiras (de casa) da Ribeira Brava.

Para comprovar esta hipótese, subdividimos as 229 entradas do glossário provenientes das gravações em termos/expressões com uma única manifestação, isto é, que surgem “isolados”, e os que estabelecem com outros relações de proximidade porque estão “correlacionados”. Aqueles estão isolados porque surgem sem qualquer relação de sinonímia com outros presentes no glossário. A sua definição é específica, não se ligando directamente com outras entradas. É o caso de “dedeira” (registado nas quatro freguesias) que se poderia confundir com “dedal” (identificado em todas as freguesias) porque remetem ambos para “dedo”. Todavia, aquele não estabelece qualquer relação de sinonímia com este termo, já que equivale à protecção do dedo indicador que segura o pano na mão esquerda para evitar as picadelas, enquanto o “dedal” se coloca num dos dedos da mão direita para empurrar a agulha. Contrariamente aos elementos das entradas classificados como “isolados”, os termos/expressões

“correlacionados” indicam existir alguma equivalência, total ou parcial entre eles, a nível de definição. Por exemplo, “pontas” (tecidos pequenos com um motivo bordado na beira) remete para “lenços” (bordados pequenos com um motivo numa ponta que têm a finalidade de lenços das mãos), para “guardanapo” (bordados pequenos com um motivo numa ponta, tendo a finalidade de guardanapo) e para “letras” (lenços das mãos que têm uma inicial bordada numa das pontas). Realçamos os valores numéricos destes dois tipos de termos/expressões na tabela 11 e no gráfico 8.

Entradas do glossário – Relações entre termos/expressões		
“Isolados”	“Correlacionados”	Total
118	111	229

Tabela 11. Termos/expressões “isolados” e “correlacionados” no conjunto da informação resultante do contacto com as entrevistadas

A diferença entre as entradas correspondentes a termos/expressões “isolados” (118) e “correlacionados” (111) não é significativa, como notamos na tabela 11. Na terminologia que constitui o glossário, a informação não redundante, isto é, os elementos “isolados”, é tão relevante quanto a que estabelece correlações, podendo ser encaradas como repetições, embora sob designações diferentes devido a detalhes que fazem a diferença. Estes dois subconjuntos de termos merecem ambos ser estudados devido à diversidade entre pontos geográficos do mesmo concelho. Além dos termos que apenas registámos numa freguesia (cf. *supra*: “chapado”, “carreiro”, “corrico” e “boneca”), temos de assinalar o vocabulário das diversas freguesias que correspondem a sinónimos, o que já fizemos.

O subconjunto de vocabulário “isolado” apenas possui mais 7 entradas do que o “correlacionado”. Essa diferença equivale a 4%, levando a que aquele assuma uma maior presença no glossário, mesmo se por pouco, como é visível no gráfico 8. Daqui se pode retirar que há um vasto campo a percorrer para que tudo o que corresponda à linguagem de um determinado grupo profissional seja estudado. Verificamos que a variação linguística aumenta, como seria de esperar, com a distância geográfica entre as informantes, mesmo que sejam parte integrante de um mesmo grupo. No nosso caso, o estudo abordava quatro freguesias, entre as quais verificamos haver aspectos linguísticos específicos de cada uma, como anteriormente realçámos. Seria pertinente

fazer um tratamento linguístico por freguesia, mas isso constituiria outra temática e uma investigação distinta da que pretendemos.

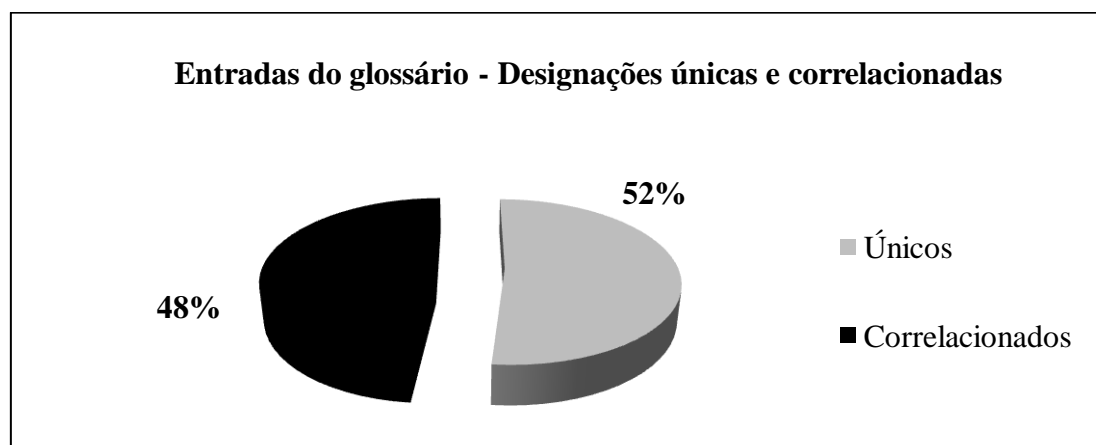


Gráfico 8. Divisão das entradas do glossário para a informação das entrevistadas

Das 111 correlações contabilizadas (cf. tabela 11), optamos por discriminar quais as que dizem respeito à caracterização do bordado, aos materiais que as bordadeiras (de casa) utilizam e aos pontos do bordado por serem os tópicos temáticos mais relevantes. Reagrupamos os restantes termos, incluindo-os na categoria “outros”. No seguimento do que até aqui temos apresentado, recorreremos a uma tabela e a um gráfico (cf. tabela 12 e gráfico 9) para uma melhor visualização e comparação de valores.

Entradas do glossário – Exterior da fábrica				
Aspectos do bordado/ caracterização	Materiais utilizados pelas bordadeiras (de casa)	Pontos de bordar	Outros	Total
19	24	29	39	111

Tabela 12. Divisão por temáticas das entradas referentes ao exterior da fábrica

Por ser tematicamente vasta, a categoria “outros” apresenta o maior número de entradas (cf. tabela 12: 39 entradas), correspondendo a 35% do total do léxico com correlações (cf. gráfico 9). Depois, segue-se o tópico “pontos de bordar” com 29 entradas, equivalendo a 22% (cf. gráfico 9) das 111 entradas originadas a partir dos questionários. A diferença percentual entre os “pontos de bordar” e os “materiais utilizados pelas

bordadeiras (de casa)” é apenas de 4%, o que corresponde a 5 entradas, no total das 111 referentes ao assunto em discussão.

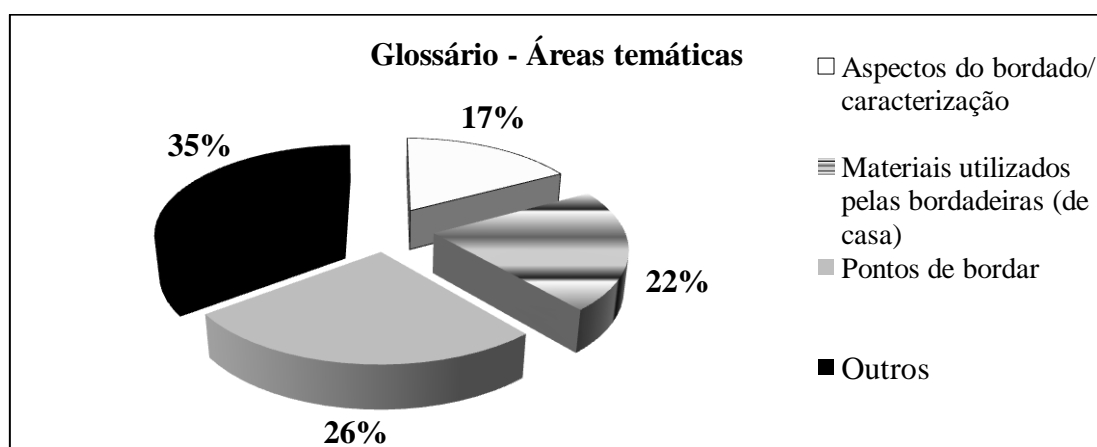


Gráfico 9. Percentagem das entradas organizadas por áreas temáticas

Porque os “pontos de bordar” constituem provavelmente o subtema mais importante do Bordado da Madeira, justificando a necessidade de preservação de todo este património linguístico, recolhido nos questionários e na pesquisa bibliográfica, apresentamos dados relativos à sua presença em todo o glossário, incluindo percentagens. Para ilustrar a quantidade de “pontos de bordar” definida, expomos os dados na tabela 13 e as percentagens no gráfico 10.

	Pontos de bordar	Restantes entradas	Total de entradas
Contacto com as informantes	42	187	229
Bibliografia consultada	32	87	119
Total	74	274	348

Tabela 13. Quantidade de entradas referentes a “pontos de bordar”

Como podemos constatar com os valores presentes na tabela 13, no total de 348 entradas, 74 dizem respeito a “pontos de bordar”. Desta forma, este tópico representa 21% da informação que o glossário comporta, o que é considerável.

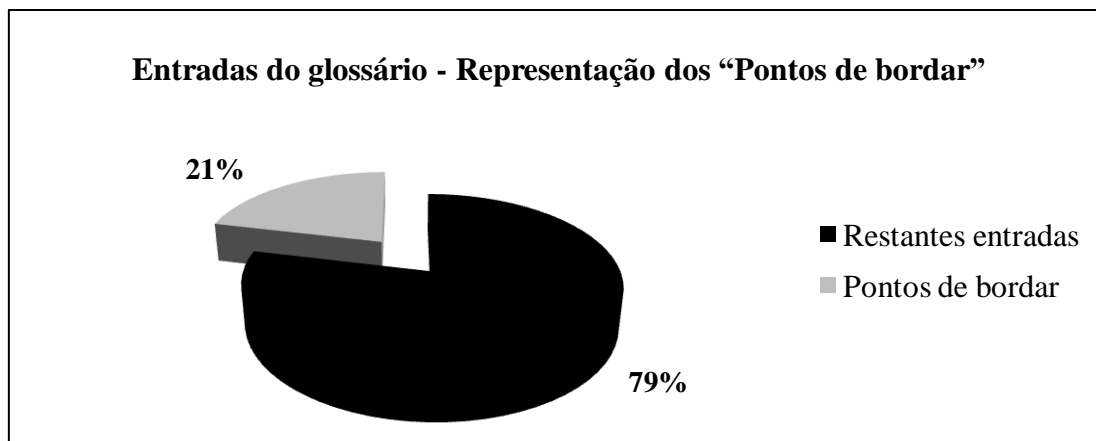


Gráfico 10. Percentagem das entradas relativas aos “pontos de bordar”

É possível comparar a percentagem das entradas dos “pontos de bordar” constituídas a partir da informação obtida no trabalho de campo (cf. gráfico 11), nas gravações, com as fundadas nas referências bibliográficas (cf. gráfico 12), isto é, obtidas nas leituras para fazer o ponto da situação do Bordado da Madeira (cf. gráfico 6). Convém lembrar que o universo de ambas as vertentes é diferente. Os dados relativos aos “pontos de bordar” são em maior número nas gravações do que nas referências porque, enquanto o trabalho de campo remete para 229 entradas, a bibliografia consultada aponta para 119 (cf. tabela 13). Os dois gráficos seguintes permitem visualizar a presença dos “pontos de bordar” relativamente à restante informação para ambos os tipos de fonte.

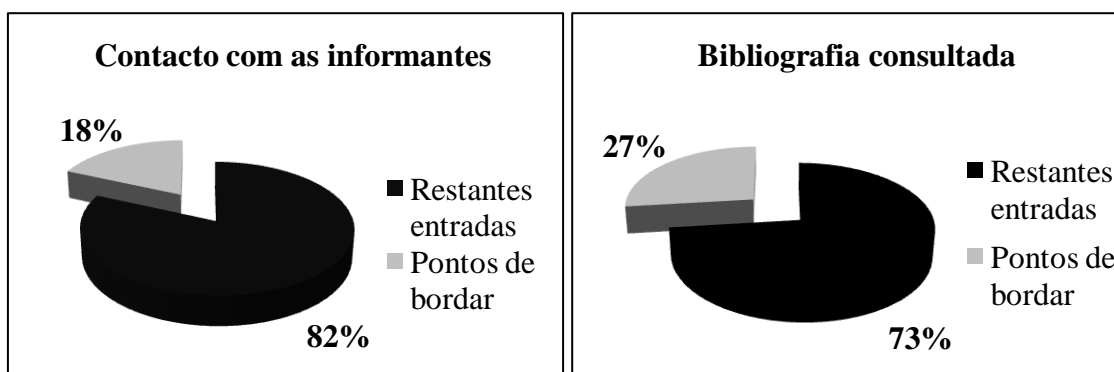


Gráfico 11 e 12. Percentagem de entradas dos “pontos de bordar” por fonte de informação

Da observação do gráfico 11, verificamos que 18% das entradas resultantes do contacto com as informantes dizem respeito a “pontos de bordar”. No que concerne à bibliografia consultada, os “pontos de bordar” equivalem a 27% da informação. Foi

através da aplicação do questionário e conversando com as informantes que conseguimos 42 nomes de “pontos de bordar”. Com a bibliografia, congregamos 32 entradas sobre esse assunto que não foram registadas aquando da aplicação do questionário. Os números que referimos correspondem a entradas que podem ser “únicas”, ou seja, “termos isolados” (cf. por exemplo: “bico e folha arcada”, encontrado em PESTANA, 1970: 42, e “cruzinha”, atestado por VIEIRA, 2006: 98) ou resultantes de variação, quer contextual (cf. por exemplo: “crivo”, registado nomeadamente na legislação, como sinónimo de “arrendado”, termo detectado em múltiplos contextos, tanto na bibliografia como nas gravações), quer a nível do significante (cf. por exemplo: “garanito” e “granito” que são variantes). Para os “pontos de bordar”, na tabela 14, contabilizamos as entradas com uma única designação e as que apresentam várias, isto é, outras formas de nomeação, quer para o parâmetro “contacto com as informantes”, quer para a “bibliografia consultada”.

	Uma designação	Várias designações	Total
Contacto com as informantes	13	29	42
Bibliografia consultada	8	24	32
Total	21	53	74

Tabela 14. Os “pontos de bordar” e a quantidade de designações existente no glossário

O contacto com as informantes possibilitou o registo de 229 entradas do glossário. Através da consulta bibliográfica, adicionamos a esta informação 119 entradas (cf. tabela 9). Uma vez que a recolha através dos questionários é maior, justifica-se que, quando comparadas as duas situações (contacto com as informantes/consulta bibliográfica), os dados correspondentes ao contacto com as informantes sejam superiores, tanto para o parâmetro “uma designação” como para “várias designações”, o que é visível no gráfico 13. Dos questionários, provêm 42 nomes de “pontos de bordar”, onde se incluem as variações. A partir das leituras realizadas, adicionamos 32 entradas relativas a esta temática. O número de termos com várias designações, em ambas as fontes de informação, é superior ao número das entradas com apenas uma designação (cf. gráfico 13).

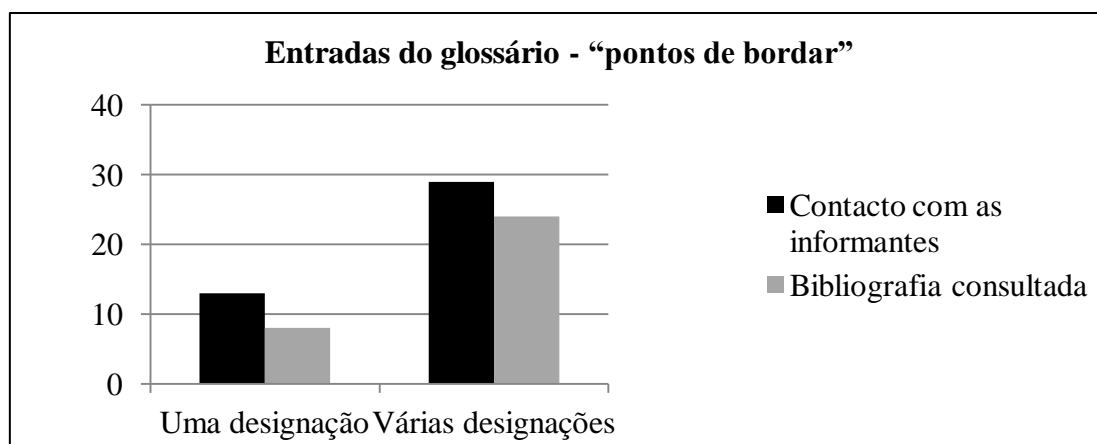


Gráfico 13. Quantidade de designações dos “pontos de bordar” por fonte de informação

Na totalidade do glossário, é possível aceder a 21 termos de “pontos de bordar” que têm uma única entrada (cf. “termos isolados”). No entanto, em 53 casos, encontramos nomes em que a definição se ajusta a outras entradas, ou seja, há formas distintas de referência a um mesmo elemento (cf. tabela 14). Consequentemente, tendo em conta os dados tratados da tabela 11 à 14 e do gráfico 8 ao 13, é possível verificar que as entradas do glossário, quer para os “pontos de bordar”, quer para outros tópicos temáticos se relacionam frequentemente umas com as outras, estabelecendo “correlações”. Isso explica-se, sobretudo, devido ao tema geral congregador de todas as entradas ser apenas um, o Bordado da Madeira, e porque os dados foram recolhidos em vários tipos de fontes, assim como em diversos pontos de inquéritos, embora num mesmo concelho. A variação linguística justifica-se pela existência destes vários factores, pese embora a unicidade do tema.

Voltando às entradas que foram fruto do contacto com as entrevistadas, separamos as que foram registadas apenas numa das freguesias, revelando serem “curiosas” devido a esse facto, das que, à partida, são do conhecimento geral, e associadas às bordadeiras (de casa), por exemplo “agulha”, “linhas”, “tipos de tecido”, entre outros. Desta forma, realçamos as entradas do glossário com carácter local e que, provavelmente para o falante comum, em algumas situações de comunicação, apenas a sua indicação não é suficiente para as associar ao bordado. As entradas locais, seleccionadas segundo esta perspectiva, estão presentes na tabela 16, enquanto na 15, surge a quantidade destes dados em cada uma das freguesias do concelho da Ribeira Brava. O tratamento destes dados é, essencialmente, global e numérico, por não ser viável, de momento, uma profunda abordagem qualitativa das entradas do glossário.

Termos/ expressões locais	
Campanário	16
Ribeira Brava	3
Serra de Água	11
Tabua	2
Total	32

Tabela 15. Quantidade de termos/expressões registados apenas numa freguesia

Foi na freguesia do Campanário que recolhemos um maior número de termos/expressões que não registamos nas outras freguesias, e que terão incidência local. As freguesias da Serra de Água e da Tabua foram as que contribuíram com um menor número de dados, tendo em conta a perspectiva aqui tomada. Na tabela 16, expomos os termos que correspondem a estes números. Os valores que antecedem os termos/expressões dizem respeito à geração da informante que os mencionou (1 – 1ª geração; 2 – 2ª geração; 3 – 3ª geração). Destas ocorrências, apenas numa situação, a de “saca”, o nome foi indicado por duas informantes de gerações diferentes. Apesar dos dados se reportarem por vezes a um número reduzido de informantes, pelos conhecimentos adquiridos e pelo contacto com outras bordadeiras que não foram informantes, acreditamos que todos os dados do glossário fazem parte da linguagem das bordadeiras (de casa), apesar de a variação linguística existir quer numa freguesia, quer no concelho da Ribeira Brava, quer na RAM.

Vocábulos “mais curiosos” registados apenas numa das freguesias			
Campanário	Ribeira Brava	Serra de Água	Tabua
1 - Bordado inferior	2 - Carreiro	2 - Bordado de canalha	2 - Boneca
2 - Carregado	2 - Gradilha	2 - Bordado de entregue	1 - Ponto
2 - Chagado	2 - Pano dos	1 - Bordar de agulha	dezoito
2 - Chapado	joelhos	1 - Corrico	
1 - Luz de folha		2 - Dia trocado	
1 - Meada		2 - Feiticeirinha	
1 - Óleo de baleia		2 - Pancinha	
2 - Paninho mais fraquinho		2 - Ponto meia légua	
3 - Pano de bordar		2 - Pressaria	
2 - Pano de vestido de noiva		2 - Sacos	
2 - Pastado		2 - Toalha para entregue	
1 - Ponto à ilharga			
1 - Quadro ¹			
1 - “Rabanho de melheres”			
1; 2 - Saca			
1 - Toalha de borda			

Tabela 16. Entradas do glossário mencionadas apenas numa das quatro freguesias

Na tabela 16, observamos que a terceira geração foi a que menos contribuiu com vocábulos “curiosos”. É apenas na freguesia do Campanário que se encontra um exemplo de um termo referido por uma informante representativa da terceira geração. Para uma melhor percepção da quantidade de dados referida por informantes da primeira e da segunda geração, apresentamos o gráfico 14. Incluímos a informação respeitante à terceira geração para atestar a discrepância de conhecimentos linguísticos a nível geracional.

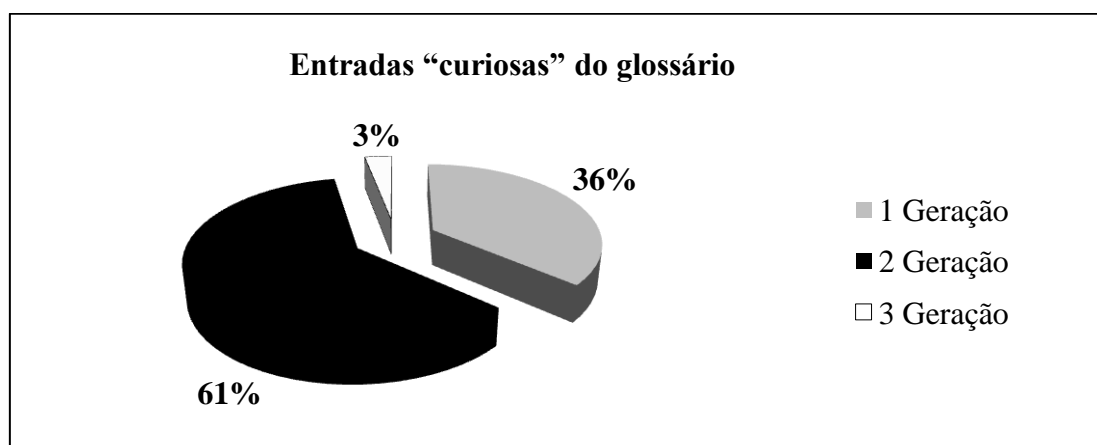


Gráfico 14. Percentagem das “entradas curiosas” por geração

Pelo gráfico 14, verificamos que há uma real perda de informação na transmissão do saber do Bordado da Madeira de geração em geração. Não só a terceira geração não revelou dominar estes termos, como a informação que conseguimos obter dessas mulheres são, sobretudo, conhecimentos gerais, muito do que, à partida, qualquer falante associa à actividade de bordadeira. Poucas são as jovens que hoje se dedicam ao bordado como profissão. Apreendem as tradições no convívio, vendo e ouvindo as bordadeiras (de casa) da família a executar o seu trabalho. A segunda geração foi a que mais proferiu termos/expressões que não se repetiram noutras freguesias. Inicialmente, pensámos que tal iria suceder com as informantes da primeira geração. Seria assim porque elas teriam um contacto mais longo com a actividade e, por sua vez, mais informações únicas sobre a mesma. A verdade é que 61% das expressões “mais curiosas” vieram das informantes da segunda geração. Será que o esquecimento pode ser indicado como motivo para a não menção dessas informações pelas entrevistadas mais idosas? Pode ser uma explicação para o facto. Contudo, não a conseguimos

comprovar. O certo é que a segunda geração aprendeu com a geração que a antecedeu e os conhecimentos linguísticos que tem também foram adquiridos do mesmo modo.

Com os dados relativos às três gerações de bordadeiras (cf. gráfico 14), damos por finalizada a análise geral do glossário, embora, como é lógico, houvesse mais detalhes a abordar. O tratamento da informação em gráficos e tabelas permitiu realçar alguns aspectos das entradas do glossário. Queríamos mostrar que existe uma enorme quantidade de informação que deve ser criteriosamente investigada por forma a compilar o maior número de termos e expressões possível. Esta análise é apenas uma amostra do que pode ser feito com os dados sistematizados no glossário. Não deveríamos perder as várias formas de nomear aspectos, correspondentes a este grupo profissional. A linguagem deste grupo continua a merecer investigação. Com o presente trabalho, conseguimos ter conhecimento de alguma variação linguística local e cremos que, alargando a amostra a toda a RAM, se conseguirá recolher uma maior variedade deste rico património. Importa, portanto, preservar muito do que já está em desuso, embora se ligue a um produto artesanal considerado património regional: o Bordado da Madeira.

2. O futuro do Bordado da Madeira

A profissão de bordadeira de casa é frequentemente encarada como em vias de extinção (cf. capítulo I, ponto 2, da presente dissertação). As mulheres que se ocupam deste trabalho não têm opiniões unânimes sobre esta questão. Todavia, pelo menos de acordo com as informantes, predomina a ideia de que a profissão vai desaparecer, como aconteceu com outros labores, nomeadamente o de boieiro e o de borracheiro. Conseguimos quantificar as opiniões das entrevistadas sobre o futuro da profissão de bordadeira de casa e até do próprio Bordado da Madeira. Remetemos, sobretudo, para a questão número dezoito do questionário (cf. capítulo II, ponto 1, da presente dissertação). No gráfico 15, prevalece a ideia de que a profissão de bordadeira de casa está em risco. Isso comprova a opinião de alguns autores, o que ficou registado no capítulo I. Na nossa amostra, 75% das informantes considera que a profissão de bordadeira de casa vai desaparecer. Elas não tiveram dificuldades em afirmar que esta profissão não é o que era e que, se as condições não se alterarem, o fim está traçado. Julgamos, no entanto, que não será tanto o Bordado da Madeira em si (o saber fazer e o produto final) que irá desaparecer. Será mais a tradição de comunicar este saber (o saber

dizer: o património cultural e linguístico), com tudo o que lhe está associado, designadamente o cancionero, que se extinguirá. É importante lembrar que já há organismos a formar bordadeiras para não deixar morrer o produto artesanal tão característico da RAM. As opiniões das informantes deixam antever esta hipótese (cf. gráfico 15), visto que, para a maioria vai desaparecer a profissão. É pelo menos a interpretação que fazemos das diversas opiniões que recolhemos.

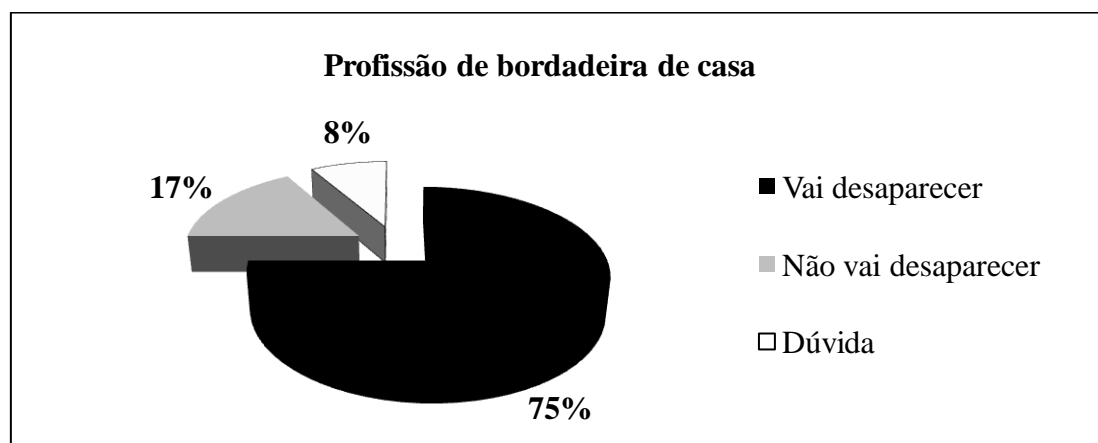


Gráfico 15. O futuro da profissão de bordadeira de casa segundo as informantes

As declarações das informantes são explícitas e apontam para a extinção da profissão de bordadeira de casa e, conseqüentemente, do Bordado da Madeira porque, na perspectiva delas, com as novas gerações, acaba a tradição, o saber fazer e o saber dizer. Estas opiniões vêm-se intensificando no tempo. Seguem-se alguns exemplos que comprovam a tendência para o desaparecimento e ilustram os 75% registados no gráfico 15: “(...) a gente borda, mas quem recebe os lucros é quem vende. Por isso, não há bordadeiras que queiram aprender (...) Elas preferem ’tar paradas do que aprender a bordar porque ganham pouco (...). Pelo menos, no meu sítio, penso que sim [refere-se à possibilidade de deixar de haver bordadeiras (de casa)] porque quem sabe bordar já tem quarenta, quarenta e tal, e as novas, nenhuma sabe bordar, nem sequer ponto de corda.” (C_MDS_2); “Penso que sim, [que a profissão pode desaparecer] porque não vejo ninguém interessado nesta arte e vejo um descontentamento por parte das bordadeiras, o que não incentiva os mais jovens a enveredar nesta profissão.” (C_SS_3); “[o bordado tradicional] ’tá-se a perder. No caso de as pessoas idosas morrerem, estes mais novos não querem saber disso. E é isso, morre assim. Morre porque as pessoas morrem. Acaba.” (C_GR_2); “O bordado tem muito valor, tem muito valor, mas, é muito mal

pago, muito mal paguinho ... pode acabar, que vai estas velhas ... tenho até uma neta ali acima, uma bisneta, que eu quero lhe ensinar e ela diz: Avó, deixe-me estudar. (...). Eu penso que vai acabar.” (C_AR_1); “Eu acho que sim (...) porque estes novos não querem aprender” (C_SR_3); “Eu acho que sim [que a profissão pode acabar], porque esta juventude já não quer bordar e acabando os velhinhos ... Agora é outras coisa p’a eles [jovens] mais à base de computadores e internet e vão-se acostumando àquilo e já não se acostumam ao bordado... Já tem outros estudos. Já não estudo com’a gente, qu’antes era só a quarta classe que a gente dava. Dava mais quem podia, mas, agora, eles dão mais estudos. Já não se dedico a isto [ao bordado] (...). Se ninguém aprender, se esta juventude não aprender, claro que vai acabando” (R_MA_2); “(...) as novas [raparigas] não querem bordar, nem sabem bordar (...). Não há interesse nisso (...). Penso que, quando acabar a minha geração, já não vai haver ninguém que borde” (R_MM_2); “(...) ninguém vê estas rapariguinhas novas [a bordar], que eu cá comecei com sete anos a aprender, mas, agora vê-se estas mulheres com quinze, dezasseis, mai’ não puxo a atenção (...). Pode o bordado acabar (...) porque as pessoas querem ocupar o seu tempo, vão bordando e pondo dentro das gavetas e mais tarde dá p’a mostrar a netos e bisnetos. Pode não se perder isto agora, mais daqui a uns anos que essa canalha nova, rapariguinhas novas (...) que saibam bordar não sabem. Não sabem, não senhora. Só quem tiver os seus bordados dentro duma mala, como eles diz, ou dentro das gavetas (...) já se tira e já se amostra o que a gente fazia” (S_MD_2); “ora acabar já acabou (...).” (S_OF_2); “(...) acabando estas pessoas idosas as novas não bordam” (T_RV_1); “penso que sim [que a profissão pode desaparecer], não há raparigas, não há novas a bordar, é as pessoas antigas. A juventude já não ’tá a bordar.” (T_CF_1); “sim ’tá a perder, [importância o bordado tradicional] e isto porque na nossa geração quase ninguém sabe, quase ninguém borda e aos poucos e poucos vai perdendo o valor e vai desaparecendo (...). Se não for investido nesta geração, penso que perde-se. Vai acabar.” (R_HR_3).

Porém, algumas bordadeiras (de casa), 17% das informantes do gráfico 15, mesmo considerando que as quantidades de produção e até de bordadeiras (de casa) estão a decrescer a passos largos, pensam que esta tradição se irá manter. Damos a conhecer trechos das gravações que indicam isso: “[Acha que vão acabar as bordadeiras?] penso que não, eu penso que vai ficar sempre umas pessoazinhas que vão bordar (...).” (S_JS_1); “(...) há mais pessoas de idade a bordar que novas, é verdade (...). Acabar talvez não. Sempre fica, mas menos gente a bordar, acho que sim”

(S_LV_3); “Não, penso que não, que nunca vai acabar, porque vai haver sempre pessoas que gostam. E essas pessoas sempre vão ensinar as suas filhas. E geralmente, aquela pessoa que já gosta de uma coisa, de certeza que as filhas tem as mesmas raízes e vão gostar” (T_VG_2); “(...) não, não creio [que vá desaparecer esta actividade] porque é assim: vai passar da avó p’a filha, da mãe p’a filha (...) aquelas jovens qu’a mãe já bordava antigamente, como no meu caso, vão ensinando de hoje p’a amanhã. Eu tenho filhas, também vou ensinar a elas o que os meus avós ensinaram à minha mãe” (T_MLP_3).

Algumas, sendo mais cautelosas, não afirmam categoricamente a extinção do Bordado da Madeira e das bordadeiras de casa porque não querem que desapareçam. Assim, 8 % das informantes foram opinando neste sentido, uma vez que esta actividade representa muito do que fizeram as suas avós e mães, durante toda a vida. Damos a conhecer alguns desses pontos de vista, através de excertos de transcrições das gravações: “[Acha que, a profissão de bordadeira vai desaparecer?] Ai, oxalá que não! Oxalá que não, qu’ é pena. Ah, mas ainda tem [quem borde]. Ainda bordam. É complicado que ’tá muitas poucas jovens a aprender. Isso cá é verdade.” (S_AC_3); “não sei eles dize que vai acabar quem é que sabe (...)” (R_MP_1).

Destes três pontos de vista colhidos no contacto com as informantes, a dúvida permanece, mas o que esperamos que suceda é que, obviamente, este produto artesanal e esta profissão se mantenham e, com eles, tudo o que representa a nossa cultura. É importante, a nível identitário, reviver, ou pelo menos conhecer e lembrar, os costumes das nossas avós, bisavós, trisavós, etc. Não só conhecer e lembrar, como também despertar o interesse das novas gerações pelo que foi o dia-a-dia das bordadeiras (de casa). Embora, como podemos constatar com a citação que segue, a profissão de bordadeira (de casa) ainda seja encarada como “injusta” e de muito sofrimento:

Vida de bordadeira é difícil e quase nunca lhe é reconhecido o devido valor. Estas mulheres são verdadeiras mestres naquilo que fazem, têm a técnica e a perícia para executarem a sua obra que contribui, juntamente com o vinho, para a divulgação turística da nossa ilha por todo o mundo (...) Este ofício está a desaparecer, é preciso recuperá-lo antes que acabe. Urge valorizar tudo o que é tradição, tudo o que é nosso, tudo o que é belo, a nossa identidade. (ARAÚJO, 2006: 60)

A questão principal, que cremos levar ao desaparecimento desta profissão, é o desinteresse da juventude pela arte do Bordado da Madeira, devido, sobretudo, ao pouco rendimento monetário que a ela está associado. Vejamos o que algumas informantes disseram a este propósito e que parece ter acompanhado as bordadeiras de casa ao longo dos tempos: “o bordado não perdeu importância, as pessoas é que se dedicaram a outra

coisa, porque dá mais, tem mais rendimento. Pode ser na agricultura. Pode ser que vão p'ra fora. O bordado não dá p'ra sustentar, nem vestir, nem calçar. Com'a é que vão viver d'um bordado? Eu acho que o bordado não devia de acabar. Devia de continuar o bordado. Devia de continuar, mas devia de ser recompensado, mais do que aquilo que 'tá sendo.” (R_AS_1); “é a tal coisa não é muito valorizado [o bordado] e acho que não dá para viver só de trabalhar nisso” (T_FS_3); “Não dá. O bordado não dá p'ra sustentar uma casa, nem uma pessoa.” (T_CF_1); “[E ser bordadeira a tempo inteiro?] Nunca porque não é uma coisa que a pessoa possa viver, sobreviver, daquilo, porque a pessoa tem que habituar a fazer as duas coisas porque se não, não dá.” (T_MLP_3).

Como incentivar as gerações mais novas a prestar atenção a este labor? Como minimizar a distância entre as mulheres que possuem os saberes desta actividade e as que não se interessam por eles? A informante R_AS_1 considera que: “(...) a juventude anda nas escolas e não se dedica ao bordado. Mas, se não tivesse as estradas, não tivesse carros, não tivesse nada, o qu'elas iam fazer? Igualmente com' antigamente...”. Esta informante referiu que seria importante incentivar os mais jovens a aprenderem um pouco de tudo, sobretudo com as pessoas mais idosas, que vivenciaram e têm conhecimentos originais. Isto porque coloca a hipótese de a vida poder mudar e do que era feito no passado voltar, novamente, a ser valorizado ou até mesmo a ser o único meio de subsistência para muitas pessoas: “pode dar uma volta bastante grande e a gente não sabe de qu' é que a pessoa vai viver” (R_AS_1). Como apontámos no ponto 1.3, os aspectos tradicionais deverão ser entendidos como investimentos, contribuindo para diminuir o fosso entre gerações, preservar a identidade comunitária e contribuir para uma melhoria das condições actuais. Quem sabe se isso não será uma alternativa ao desemprego que enfrentamos... O certo é que o ambiente actual parece não propiciar o contacto com os idosos, acabando por promover uma perda de informação, de dia para dia, mais acentuada e irreversível. Outras opiniões sobre o assunto, como o exemplo que se segue, corroboram isso:

A pressa, a tecnologia, a ambição dos dias que correm sufocam o tempo que deveríamos dedicar aos idosos que têm muitas coisas para contar, muita sabedoria para passar, bastava apenas prestar um pouco de atenção ou (em jeito de sugestão) abrir um espaço nas escolas em que os jovens e os idosos pudessem conviver para a troca de saberes, a fim de não deixar morrer, entre outras coisas, o nosso tão amado BORDADO MADEIRA. (ARAÚJO, 2006: 60)

É urgente investir, enquanto é possível, nos elementos artesanais e procurar uma solução para, pelo menos, diminuir a perda de informação ao longo dos tempos. É necessário, portanto, continuar a promover o ensino do bordar como têm feito as Casas

do Povo, entre outros organismos. Aliás, no passado, o Grémio dos Industriais de Bordados da Madeira, criou uma iniciativa que deveria ser recuperada e aplicada devido às suas repercussões: “O grémio, para além da função reguladora do sector, actuava no sentido da defesa, promovendo o ensino do bordar às jovens, com escolas criadas em Câmara de Lobos e Machico.” (VIEIRA, 2006: 58) (cf. Fundo de previdência social, art. 49.º- art. 51.º, do Decreto-lei n.º 25:643 de 20 de Julho de 1935). Foram essas “escolas infantis que permitiram o ensino do trabalho da agulha a mais de 691 crianças. E, mais tarde em 1961, apoiou-se as bordadeiras através da construção de um bairro residencial com 30 moradias.” (VIEIRA, 2006: 72). Várias são as opiniões que se centram a favor do ensino do bordar, especialmente dos que estão por dentro do sector e encaram a possibilidade do seu fim. Para exemplo, damos a conhecer a opinião de José Barreto, empresário e proprietário de uma empresa de Bordado da Madeira: “Na minha modesta opinião, o futuro do bordado terá também de passar por uma saída profissional a partir duma escola.” (IVBAM, Julho de 2013: 38).

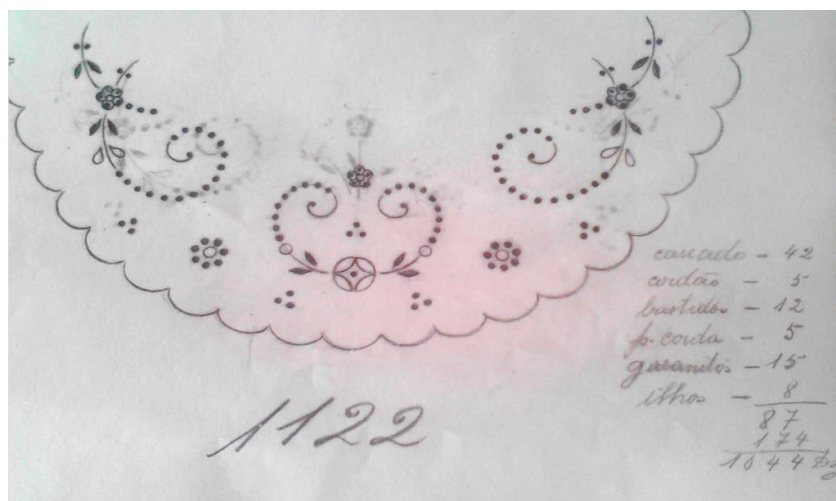
É necessário valorizar, preservar a profissão de bordadeira de casa e arranjar formas de recuperar a quantidade de mulheres que ela abrangia no passado. Obrigatoriamente, a questão do valor a auferir, tema recorrente e que pode suscitar controvérsia, tem de ser equacionada. Apesar de argumentarem que não se pode aumentar o valor que a bordadeira de casa recebe, porque tal incrementaria o preço do Bordado da Madeira, a actual situação não pode permanecer. Mesmo com as pequenas melhorias, de ano para ano, através da legislação sobre os valores a pagar por pontos de bordar, é incomportável a situação económico-financeira de muitas bordadeiras de casa. Segundo um industrial de bordados: “Quando a bordadeira for bem paga, não há bordados. Infelizmente, a bordadeira nunca foi reconhecida. Tenho muita pena nisso. Muita pena, pode ter a certeza, porque ela é o coração do bordado. As bordadeiras são o coração do bordado”²⁰. Para que esta profissão continue a criar obras de arte é necessário incentivar as bordadeiras (de casa) e reconhecer o seu trabalho porque só assim é que as gerações mais novas se podem interessar por tal actividade. O Bordado da Madeira é património, mas sem bordadeiras não há bordado. Logo, daí se vê a importância das mesmas e da sua actividade. O seu estudo, em que se inclui a sua linguagem, é uma forma de valorização.

²⁰ Esta frase foi proferida por um empresário/ dono de uma fábrica de bordados. Tal aconteceu no decorrer de uma entrevista, realizada a 20-05-2014, para a unidade curricular, História das Instituições Regionais, sob o tema: O Grémio dos Industriais de Bordados da Madeira (1935-1974). Essa unidade curricular pertence ao plano de estudos do 2ª Ciclo em que esta dissertação se insere.

No concelho da Ribeira Brava, e tendo em conta os dados colhidos no terreno, julgamos que a profissão de bordadeira de casa acabará com as mulheres que representam a segunda geração nesta investigação. São as que actualmente ainda se dedicam a este trabalho, pertencendo à faixa etária que ronda os quarenta anos. As netas das bordadeiras de casa mais idosas contactadas conhecem alguns aspectos do bordado e da própria actividade das avós. Todavia, é muito pouco relativamente à amplitude que esta arte atinge. A título exemplificativo podemos considerar o caso da interpretação do desenho estampado no tecido que é entregue às bordadeiras (de casa) para produzirem um Bordado da Madeira.

Habitualmente analfabetas, as bordadeiras de casa sempre conseguiram, através da observação do desenho e da aprendizagem que fizeram com as mães, descodificar os diferentes pontos de bordar que deviam executar. Este processo de comunicação não verbal é um saber que se perderá, tornando-se os desenhos apenas isso para as novas gerações. As jovens reconhecem tratar-se de Bordado da Madeira, mas não sabem fazer a ligação da grande maioria dos traços criados pelos desenhadores com os correspondentes pontos de bordar. Conseguem identificar os pontos de bordar mais comuns que, geralmente, são os primeiros a ser ensinados, como o garanito e o ponto corda. Porém, acabam por os confundir com outros pontos de bordar, uma vez que a diferença no desenho pode ser mínima. Alguns pontos de bordar são mais fáceis de identificar pela forma que possuem. No desenho, o ilhó distingue-se do garanito pela existência de um ponto ou um traço no centro do círculo. Com este sinal, a bordadeira experiente sabe que tem de recortar o tecido para bordar um ilhó, não o confundindo com um garanito. O desenho da folha pode suscitar dificuldades de interpretação para quem não souber ler os traços do criador. A confusão reside, frequentemente, em distinguir se a folha a bordar é aberta ou fechada. Mais uma vez, a diferença é feita através de um pequeno traço no centro da folha, que indica que o tecido tem de ser recortado, originando uma folha aberta. Outra forma possível de identificação deste motivo é através do limite marcado. Sendo o centro branco, é uma folha aberta. Pelo contrário, se a folha estiver sombreada, é uma folha fechada. Por vezes, o desenho pode induzir em erro, por não haver distinção nestes pequenos detalhes. Nestas situações, a agente comunica à bordadeira de casa qual o ponto que deve ser executado. Os originais (cf. glossário) contêm na margem as indicações dos pontos juntamente com o valor correspondente a cada um. No entanto, essas informações não são passadas para o

tecido. O desenho 1 é um exemplo de um original²¹ com os dados registados na margem do papel que não serão bordados.

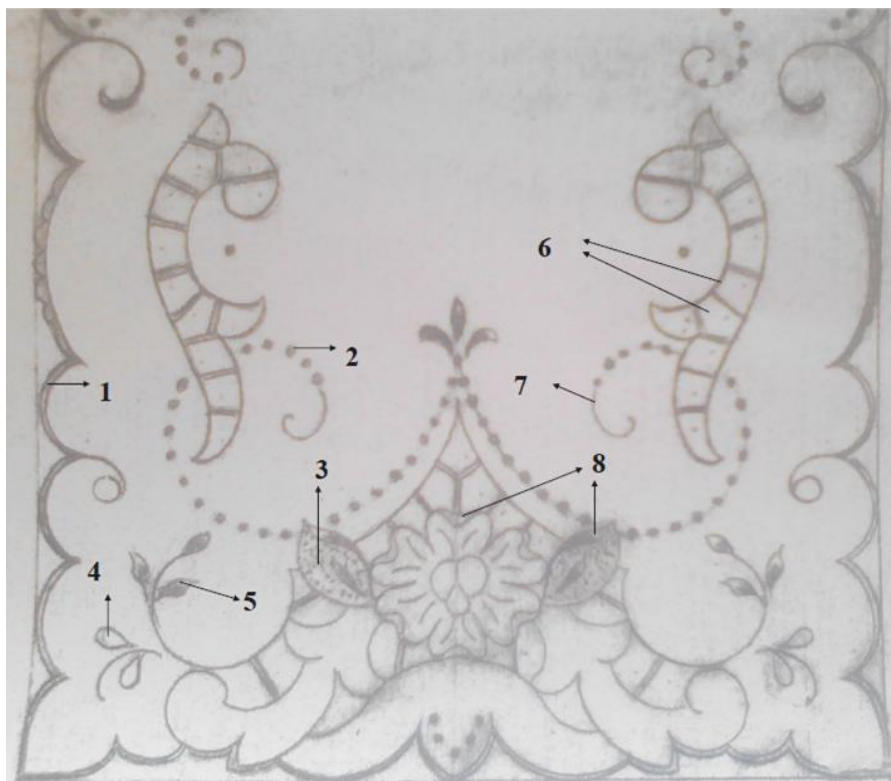


Desenho 1. Cópia de parte de um original de Bordado da Madeira

Para uma melhor percepção do que anteriormente foi explicado sobre a facilidade em confundir os pontos de bordar para quem não souber decifrar o código desse processo comunicativo não verbal, dispomos o desenho 2. Nele, é possível visualizar a que correspondem os traços de parte de um desenho do Bordado da Madeira. Optamos por colocar apenas uma metade de desenho, uma vez que a outra é uma reprodução desta, já que, como acontece normalmente, as figuras representadas são compostas por duas partes simétricas. No desenho 1, não estão representados todos os pontos de bordar. Aliás, salvo raríssimas exceções, um exemplar do Bordado da Madeira não possui todos os tipos de pontos. É assim porque alguns têm idêntica finalidade (representar o caule de uma planta, por exemplo) e não interessa ao criador integrá-los no mesmo bordado. Por exemplo, o contorno dos bordados, geralmente, é feito em caseado ou ponto francês. Logo, apenas um destes pontos é utilizado. Todavia, não sendo utilizados no contorno, estes pontos podem figurar noutros elementos. Não há uma regra para a presença dos pontos de bordar; isso dependerá do gosto do desenhador e do comprador que pode encomendar o bordado. Há pontos que são frequentes por caracterizarem o

²¹ Os desenhos 1, 2 e a figura 1 (salvo o símbolo 5 da figura 1, que resulta de uma fotografia própria a um desenho estampado no tecido a que tivemos acesso) foram recolhidos no Arquivo Regional da Madeira (“Ficheiros de desenhos de toalhas, naperons e centros de mesa (5000) – Cota 137-140”) e pertenciam à Casa de bordados João Caldeira Leal & C.ª Lda.

Bordado da Madeira. Deste modo, existem bordados em que prevalecem pontos que exigem recorte, como o richelieu, o ilhó e a folha aberta, que são mais conhecidos como “bordados abertos” (cf. glossário: “bordado aberto”). Em oposição, surgem outros que dão mais realce aos “pontos fechados”, sendo, por isso, considerados “bordados fechados”. Nestes últimos, os pontos mais característicos são o caseado, o garanito e o bastido porque aparecem em maior número.



Legenda:

- 1- Caseado
- 2- Garanito
- 3- Pesponto
- 4- Folha aberta
- 5- Folha Fechada
- 6- Richelieu
- 7- Ponto corda
- 8- Cordão

Desenho 2. Visualização da identificação de alguns pontos de bordar

Há pontos de bordar cuja designação se deve ao formato que assumem, como a estrela. Este é um motivo que pode ser concretizado através de vários pontos (cf. glossário: estrela). No desenho 2, assinalamos o formato de alguns pontos. Por exemplo, o oficial é feito em cordão (cf. número 8, na legenda) e o atrás é realizado com ponto corda (cf. número 7, na legenda), sendo executado no lado do avesso. Aos pontos marcados no desenho 2, acrescentamos o ponto escada, o ponto ana, o ponto francês, o ilhó e o ponto sombra porque não estavam contemplados. Por não termos conseguido um desenho em que os pudéssemos visualizar a todos, por meio de vários desenhos, ilustramos cada um deles com o seu símbolo representativo. Assim, conseguimos dar a conhecer os diferentes traços que as bordadeiras mais antigas conseguiam identificar pela simples

interpretação do desenho do criador estampado no tecido e que as jovens bordadeiras revelam ignorar.

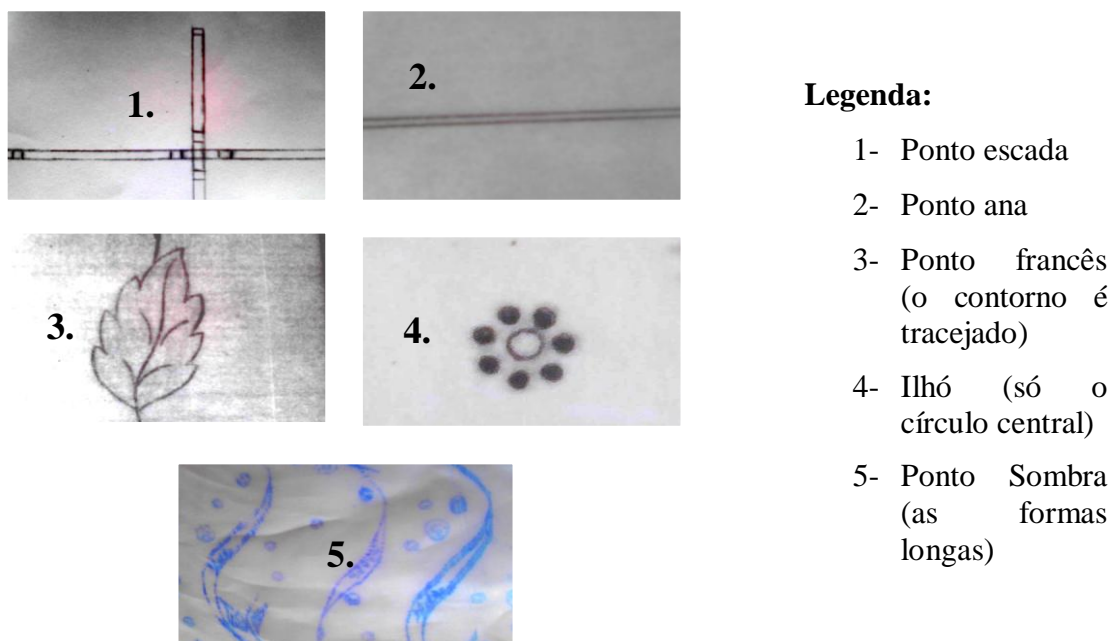


Figura 1. Símbolos de alguns pontos do Bordado da Madeira

A provável extinção da profissão de bordadeira de casa nos moldes tradicionais poderá acarretar dificuldades de interpretação dos traços dos diversos pontos do desenho. A comunicação não verbal que se manifesta na interpretação dos “riscos” deverá ser substituída por uma comunicação verbal.

O interesse em conhecer melhor a arte de bordar e em aprender o ofício foi substituído por outros saberes e tecnologias. Há, no entanto, exceções à regra. Queremos com isto referir que algumas jovens ainda se interessam por esta temática e dispensam algum tempo para aprender mais e praticar o próprio acto de bordar. Porém, também é certo que o fazem por gosto, por lazer, nunca pensando que seja uma ocupação a tempo inteiro. Consideramos, mais uma vez, que esta profissão precisa de incentivos para que esta situação se inverta. Por isso, pensamos que não chegam as formações organizadas pelas Casas do Povo do concelho da Ribeira Brava, nem de outros organismos da RAM. Essas, embora permitam um contacto incipiente com o Bordado da Madeira porque são apenas um desvendar de informações e práticas, têm mérito. As motivações para aumentar o número de bordadeiras de casa devem passar, como referimos anteriormente, por outros meios, nomeadamente por uma melhor

remuneração do trabalho. De qualquer forma, as jovens da Ribeira Brava podem através dessas formações, sobretudo as que não têm familiares nesta actividade, contactar um pouco com este trabalho e ganhar gosto pelo mesmo. Assim, a tradição da transmissão oral pode vir a extinguir-se, mas o Bordado da Madeira como produto artesanal não desaparecerá enquanto houver quem o execute. Aliás, as notícias sobre a sua promoção em feiras internacionais têm sido constantes.

Conclusão

Tendo em conta o exposto e a reflexão realizadas, em síntese, nesta dissertação sobre o Bordado da Madeira enquanto património regional e local, a base de todo o trabalho, o seu fio condutor, são as bordadeiras (de casa) madeirenses da Ribeira Brava. Interessa registar a sua herança, o que deixam às gerações vindouras, além das obras que realizam ao bordar, fazendo sobressair o património linguístico: um reduzido cancionero e um glossário.

Para contextualizar esta actividade, referimos, em traços gerais, a história do Bordado da Madeira. Incidimos, sobretudo, no que está mais relacionado com estas protagonistas. Todas as informações são importantes para conhecer este grupo profissional e as alterações por que passa ao longo dos tempos, incluindo, maioritariamente, as modificações legislativas. O tratamento dos poucos dados estatísticos existentes dá uma panorâmica da evolução desta actividade regional tradicional. A realidade cultural, social e económica das bordadeiras (de casa) é tida em conta para o enquadramento da temática, através de legislação e de bibliografia geral, entre outros recursos. É o caso das respostas que resultaram do questionário aplicado e que permitiram traçar um pequeno historial das vivências e dos conhecimentos das bordadeiras (de casa). Por exemplo, pelo questionário, no que concerne aos pontos do Bordado da Madeira, as informantes revelaram gostar de fazer mais uns que outros, devido à sua facilidade de execução, tendo, por vezes, formas próprias de identificar os nomes dos pontos. Alguma desta nomenclatura vai-se perdendo, mas há bordadeiras (de casa) que conservam as designações como as avós as usavam. Contudo, explicar o porquê dos nomes é mais difícil, sendo, muitas vezes, impossível chegar à sua origem. Quanto a este detalhe, tendo em conta a nossa amostra, as bordadeiras mais novas revelam conhecer apenas os pontos de bordar mais comuns, sobretudo o garanito e o ponto corda, os primeiros a serem ensinados, devido à sua facilidade. A principal consequência desse reduzido conhecimento relativamente ao Bordado da Madeira tende a resultar no apagamento de um património tradicional. Aliás, a interpretação do desenho, um meio de comunicação não verbal da actividade de bordar, fruto do olhar das bordadeiras para o desenho estampado, é revelador disso mesmo, quando se apresenta às jovens bordadeiras contactadas.

O trabalho desenvolvido acerca da tradição de bordar transmitida de geração em geração permite-nos, como aspirávamos inicialmente, contactar com diversas

bordadeiras (de casa) que contaram as suas vidas, alargando conhecimentos. Notamos, entre elas, semelhanças, mas também diferenças na forma de estar e de falar. Pelo discurso das vinte e quatro informantes gravadas, confirmamos muitas ideias generalizadas e descobrimos alguns detalhes menos comuns. Muitas bordadeiras não se dedicam apenas a bordar e isso é sabido. No entanto, consideram-se bordadeiras de casa, uma vez que é desse trabalho que conseguem o seu principal rendimento. Iniciaram o bordar muito novas, como confirmam as respostas dadas pelas informantes. Ficamos a saber que isso acontecia dos seis aos quinze anos. Neste intervalo etário, as informantes da primeira geração encontram-se mais próximas dos seis anos e, pelo contrário, as informantes da terceira geração mais próximas dos quinze anos. Tem havido um claro adiamento no primeiro contacto com esta actividade, devido às mudanças culturais e às circunstâncias históricas, o que não surpreende. O bordar continua a exigir sentar-se durante horas, uma posição bastante estática. De acordo com as informantes, há uma preferência por assentos baixos. Descobrir que, a par da evolução dos materiais de iluminação, os assentos das bordadeiras também se foram diferenciando ao longo dos tempos, chama a atenção porque as alterações culturais têm implicações linguísticas. No glossário do Bordado da Madeira, é possível observar exemplos disso mesmo, por meio da variação linguística. Compilamos o vocabulário a que tivemos acesso e cremos que haverá mais a acrescentar. Conseguimos entender que há diversidade linguística no concelho da Ribeira Brava (e que ela existirá em toda a RAM) porque reunimos exemplos de vários nomes utilizados para designar uma mesma realidade, nomeadamente a dos assentos, embora haja dados mencionados por informantes de apenas uma freguesia.

Para reflexão que motivasse a pesquisa, são algumas as questões colocadas ao longo do trabalho, às quais quisemos, sempre que possível, dar resposta. Naturalmente, sendo o património linguístico o ponto central, a pergunta fundamental prende-se com a existência de uma linguagem própria das bordadeiras (de casa). A resposta obtida é afirmativa. No decorrer deste estudo, comprovamos que o grupo analisado revela ter conhecimentos linguísticos específicos acerca da profissão, possuindo, por exemplo, formas próprias de nomear diversos pontos que lhe são inerentes.

Outra questão tratada prende-se com a extinção ou não da profissão e, conseqüentemente, do Bordado da Madeira, ou seja, a tradição familiar de transmitir esta arte artesanal. Além de colher as diferentes opiniões expressas na bibliografia, interessa ter em conta as perspectivas das informantes sobre o futuro deste património

regional. Fica comprovado o decréscimo do número de mulheres que se dedica, profissionalmente, a bordar, acentuando-se de ano para ano, embora haja uma estabilização. As bordadeiras de casa mais idosas, geralmente, não escolheram livremente a profissão e, pelas dificuldades que sentiram, não têm vontade que suas descendentes sigam este rumo. A história do Bordado da Madeira apresenta-se como cíclica. Inicialmente, o bordar era um trabalho de lazer e apenas para as mulheres de classe social mais alta. As de baixa condição, ao ajudá-las, foram aprendendo e, depois, repetiam em casa esse trabalho. Passou, assim, de uma actividade de lazer de um número populacional reduzido para uma necessidade de muitas mulheres, que viam ali o seu único rendimento. Voltamos, actualmente, a uma fase em que as mulheres mais jovens, como as fidalgas do passado, só bordam nos tempos livres, por lazer. Estaremos perante um ciclo? O futuro da tradição do Bordado da Madeira parece ameaçado, mas, segundo as circunstâncias, pode renascer, com, evidentemente, modificações.

Esta investigação, concentrando-se no presente, no século XXI, ao estudar o Bordado da Madeira enquanto património, segue uma perspectiva temporal, remetendo, sobretudo, para o século XX. Nela, é feito o contraponto entre o passado e o presente, para compreender o futuro. Em qualquer época, quando a bordadeira (de casa) encontra um lugar que lhe agrada, confortável e com claridade, geralmente, adopta-o como local para bordar, seja em casa ou no exterior desta. Antigamente, havia dias em que o mudava para se reunir com outras mulheres. Alternadamente, as bordadeiras iam de casa em casa, pela vizinhança. Estes ajuntamentos são passado. Hoje, a reunião das bordadeiras (de casa) é, quando acontece, apenas com elementos da família. Dessa forma, perde-se uma tradição oral e um património constituído por histórias, contos, lendas, canções, quadras, etc. que preenchiam as noites das bordadeiras (de casa) reunidas para bordar. No presente, o dia da bordadeira (de casa) é mais calmo que no passado. Ela continua a dedicar-se a várias actividades, nomeadamente à agricultura e aos trabalhos domésticos, mas bordar é o trabalho principal. As múltiplas actividades que fazia diminuía-lhe o tempo de dedicação ao bordado, influenciando depois o ritmo acelerado de trabalho para a sua conclusão, que tinha um prazo curto. Algo mudou. Deixou de bordar de noite e a pressa que havia para terminar os bordados é menor. No passado, a nível de trabalho feminino, as opções eram reduzidas, sendo o bordado alvo profissional de muitas mulheres. Actualmente, as circunstâncias são outras e as jovens mulheres estão cada vez mais distantes deste labor. Todavia, há aspectos que ainda se mantêm. Em algumas famílias, a tradição de ensinar a bordar mantém-se e é

maioritariamente a mãe quem ensina às filhas. A avó, em alguns casos, assume um papel fundamental neste ensinamento. A forma de ensinar também se mantém. É, sobretudo, através da observação e da prática, mais do que pela explicação. Contudo, há que registar que as punições, os castigos físicos, deixaram de existir. Já não há a mesma necessidade de outrora: de as filhas aprenderem rapidamente para depois contribuírem para o orçamento familiar. Hoje, o bordar por lazer predomina nas gerações mais novas, como indicaram as nossas informantes representativas da terceira geração. O tempo de dedicação ao bordado diminuiu, e esse decréscimo, gradualmente, poderá levar ao desaparecimento da actividade enquanto profissão. Apesar de algumas informantes referirem que gostam de bordar, têm de enveredar por outras actividades para conseguirem um rendimento maior. O bordado passa, assim, a ser uma actividade, maioritariamente, realizada nos tempos livres. A tradição vai sofrendo alterações, mas há aspectos incontornáveis, como a utilização de alguns materiais. Os tecidos, as linhas, a agulha serão sempre necessários para produzir este artesanato. Os bordados para a casa de bordados são entregues às bordadeiras de casa, juntamente com as linhas, para que o executem, o que nem sempre foi assim. A agente é a intermediária entre as bordadeiras de casa e a fábrica, substituindo o caixeiro. Quando os bordados são para particulares, o trabalho é acordado entre a própria bordadeira (de casa) e quem encomendar o produto. Geralmente, nesta última situação, o valor do trabalho é considerável. No entanto, não é contabilizado para a Segurança Social. Podem mudar os métodos, os nomes atribuídos aos materiais e todo o processo. Há até aspectos do bordado que vão acompanhando as tendências da moda: cores, linhas, tecido, entre outros, mas, uma coisa é garantida, as bordadeiras (de casa) serão sempre imprescindíveis no processo criativo do Bordado da Madeira. Merecem, por isso, o quanto antes, mais valorização que se repercuta na remuneração.

Apesar de o IVBAM considerar que, para as necessidades actuais, as bordadeiras de casa existentes são suficientes, do nosso contacto com algumas delas, concluímos que poucas mulheres se interessam, actualmente, por esta profissão, o que levará ao seu desaparecimento progressivo. O problema central prende-se com a remuneração do trabalho. Pela amostra deste estudo, o descontentamento face a essa situação é bem visível. Por esse e outros aspectos, muitas informantes consideram que o Bordado da Madeira poderá desaparecer, devido à inexistência de quem o queira executar. Porém, há também indicações, por exemplo do IVBAM, que a situação está controlada e caso haja uma maior necessidade de mão-de-obra, é possível consegui-la através de

formações. As informantes indicam estarem disponíveis para ensinar quem queira aprender a bordar, ensinando as mais jovens e inculcando o gosto pelo Bordado da Madeira. É pela mão delas que a tradição se mantém. Percebemos que a situação é crítica, uma vez que as gerações mais novas não se interessam por conhecer os saberes tradicionais, junto dos familiares que têm tanto para ensinar e contar. O bordado não é excepção porque assume cada vez mais um papel secundário, no sentido de não conseguir motivar as mais jovens para esta profissão. Urge arranjar formas de manter viva esta profissão nos moldes em que se conhece, mas com melhores condições de trabalho, porque, apesar de ainda ter executantes, as existentes na casa dos quarenta anos, são, possivelmente a última linhagem. Importa, portanto: Agir em todos os aspectos; recuperar iniciativa; interligar os jovens às actividades artesanais; inculcar desde cedo a importância da cultura de um povo e da sua preservação; insistir na necessidade de intervenção nesta área e de actuação por forma a conseguir reunir os netos com os “avós”, os mais idosos, para conservar os seus conhecimentos e as suas técnicas. Apenas dessa forma se vai a tempo de reaver o que nunca deveria deixar de existir e que é o espelho do “nosso” povo: as tradições populares. O Bordado da Madeira enquanto tradição familiar tem de ser preservado porque o que era esse trabalho deixou de ser. As suas circunstâncias alteraram-se. Há, portanto, um património cultural e linguístico em risco (*cf. Rebelo, 2012, Termos do carro de bois, do linho e do arado*).

Esperamos que este trabalho seja entendido como um contributo para preservar a diversidade cultural regional e local (sobretudo um património linguístico referente à terminologia do Bordado da Madeira) que se vê forçada a ceder a culturas e aspectos globais que concorrem para um mundo homogéneo. cremos que a diferença identifica e é importante conservar as tradições no que têm de mais genuíno, estudando-as para as conhecer mesmo se a nível tecnológico as melhorias de condições de vida sejam benéficas. A tradição familiar do Bordado da Madeira, entre tantas outras, merece ser preservada e distinguida face às renovações que a sociedade vai sofrendo e experimentando.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Academia das Ciências de Lisboa, (2001), *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea I Volume: A-F*, Lisboa, Editorial Verbo.

Academia das Ciências de Lisboa, (2001), *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea II Volume: G-Z*, Lisboa, Editorial Verbo.

ANDRADE, Irene Lucília, (1986), *Ilha que é gente*, Funchal, Secretaria Regional do Turismo e Cultura – DRAC, pp. 47-49.

ARAÚJO, Ana Lídia Pereira Garanito Freitas (2.º semestre 2006), «Memórias Bordadas», *Girão*, n.º 3, vol. II, p. 58-60.

BELL, Judith (1997), *Como realizar um projecto de investigação*, Lisboa, Gradiva.

BERNARDES, Lília (1-12-2013), «A missão de uma mulher pela reforma das bordadeiras», *Diário de Notícias*, Funchal, p. 14.

BRANCO, Dulcina (28-3-2014), «Passado e futuro do bordado Madeira», *Tribuna da Madeira*, n.º 750, Funchal, pp. 8-11.

CALDEIRA, Abel Marques (1993), *Falares da Ilha: Dicionário da Linguagem Popular Madeirense (2.ª edição)*, Funchal, Editorial Eco do Funchal.

CÉSAR, César Figueira (1985), *Ilha da Madeira Paraíso Terrestre- A sua história, povo e mentalidade - Aspecto social, económico, turístico e cultural*, Funchal, Editorial Eco do Funchal, pp. 195-196.

CHOMSKY, Noam (1975), *Reflexões sobre a linguagem*, Lisboa, edições 70. (tradução de Isabel Gonçalves. Título original: Reflections on Language).

CHOMSKY, Noam (1994), *O Conhecimento da Língua: sua Natureza, Origem e Uso*, Lisboa, Caminho – colecção universitária. (tradução de Anabela Gonçalves e Ana Teresa Alves. Título original: Knowledge of Language. Its nature, origin and use.)

CLODE, Luisa (1970), «Bordados Indústria Caseira», *Das Artes e da História da Madeira*, n.º 38 vol. VIII, Funchal, pp. 31-41.

CLODE, Luísa (1986), «Bordado Madeira – A propósito de duas exposições», *Atlântico*, n.º 8, pp. 245-255.

DIONÍSIO, Fátima Pitta (Jan-Jun. 2002), «Lágrimas Correndo Mundo - O Bordado Madeira como dor e como arte», *Islenha*, n.º 30, Funchal, edição e propriedade da Direcção Regional dos Assuntos Culturais, pp. 107-109.

DUARTE, Inês (org.), FARIA, Isabel Hub (org.), GOUVEIA, Carlos A.M. (org.), PEDRO, Emília Ribeiro (org.) (1996), *Introdução à Linguística Geral e Portuguesa*, Lisboa, Caminho.

EÇA, Maria Natália Almeida d' (1998), *Roteiro Artesão Português- Região Autónoma da Madeira*, Porto, Edição do autor, p. 117.

ECO, Humberto (1984), *Como se faz uma tese em Ciências Humanas (3ª edição)*, Lisboa, Editorial Presença.

EMONTS, Anne Martina (2015), «(Re) Apresentações Visuais de Mulheres da Madeira no Travelogue do Séc. XX», VERÍSSIMO, Nelson, SANTOS, Thierry Proença dos (editores), *Universidade da Madeira: 25 anos*, Funchal, AAUMA, pp. 191- 213.

ESCOLA B+S PADRE MANUEL ÁLVARES (2007), «Profissões - Bordadeira», *Descobrimo – Revista Anual de Análise Social*, n.º 5, Ribeira Brava, Escola B+S Padre Manuel Álvares e Câmara Municipal da Ribeira Brava, pp. 107-109.

ESCOLA B+S PADRE MANUEL ÁLVARES (2009), «Consumo e Estilos de vida – ‘viagem ao mundo das bordadeiras’», *Descobrimo – Revista Anual de Análise Social*, n.º 7, Ribeira Brava, Escola B+S Padre Manuel Álvares e Câmara Municipal da Ribeira Brava, pp. 94-108.

FERREIRA, Duarte (1992), «Bordadeiras de Câmara de Lobos – Honra, espaço e bordado», *Xarabanda*, n.º 21, Funchal, Associação Musical e Cultural Xarabanda, pp. 12-14.

FERREIRA, Vitor Wladimiro, SOARES, Maria Fernanda Martins (dir.) (2000), *Grande Dicionário Enciclopédico III – Beardsley – Carapeto*, Alfragide, Clube Internacional do Livro.

FIGUEIREDO, Ana Cristina (Dezembro de 2011), *Palavras d'aquintrodia (estudo sobre regionalismos madeirenses)*, Lisboa, Editora fonte da palavra.

FLORENÇA, Teresa, (17-12-1991), «Alinhavando no feminino um bordado de problemas: não são trabalhadoras nem recebem subsídio de Natal», *Diário de Notícias*,

Funchal, p. 4. (Consultado no Dossier temático da Biblioteca Pública Regional- “Bordado Madeira”).

FRANCO, Francisco Manoel de Mello, HOUAISS, Antônio, VILLAR, Mauro de Salles [dir.] (2003), *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*, Lisboa, Temas e Debates, p. 633.

FRANCO, José Eduardo, SOUSA, José Luís de (2008), «Questionar a cultura madeirense», José Eduardo Franco, *Cultura Madeirense – Temas e Problemas*, Porto, Campo das Letras – Editores, pp.21-23.

FREITAS, Ricardo Duarte (12-12-2013), «Roteiro histórico do bordado nasce na fábrica da "Bordal"», *Diário de Notícias*, Funchal, p. 20. (Consultado no Dossier temático da Biblioteca Pública Regional- “Bordado Madeira”).

FREITAS, Valentina Gonçalves de (2007), *A diáfora em Lágrimas Correndo Mundo de Horácio Bento de Gouveia*, Dissertação de Mestrado em Ensino da Língua e Literatura Portuguesa, Universidade da Madeira. Departamento de Estudos Romanísticos.

GONÇALVES, Ana Maria Dias D’Amaral, *Subsídios para o estudo da terminologia dos bordados (palavras e coisas)*, Dissertação para Licenciatura em Fisiologia Românica, 1954, Universidade de Lisboa, Faculdade de Letras.

GONÇALVES, João Luís Rodrigues, (2004), *Campanário- A freguesia e sua gente (1.ª edição)*, Campanário, edição da Junta de Freguesia do Campanário, p. 126.

GOUVEIA, Ana Teresa (7-7-2002), «Bordado Madeira ensinado nas escolas», *Diário de Notícias*, Funchal, pp. 4-5.

GOUVEIA, Horácio Bento (1959), *Lágrimas Correndo Mundo*, Coimbra, Coimbra Editora Limitada.

GRÉMIO DOS INDUSTRIAIS DE BORDADOS DA MADEIRA (1958), *Indústria de Bordados da Madeira – Apontamentos*, Funchal.

HOLMAN, Kathy, WALKER, Carolyn (1987), *The embroidery of Madeira*, New York, Union Square Press.

IVBAM (s/d), *Bordado Madeira: Mãos que se inspiram na Natureza*, Funchal, IVBAM.

IVBAM (Setembro de 2010), «Troca de impressões com Leandro Jardim», *Inews - Newsletter do Instituto do Vinho, do Bordado e do Artesanato da Madeira*, n.º 2, Funchal, IVBAM, pp. 4-9.

IVBAM (Maio de 2011), «Uma vida a bordar!», *Inews - Newsletter do Instituto do Vinho, do Bordado e do Artesanato da Madeira*, n.º 3, Funchal, IVBAM, pp. 42-44.

IVBAM (Dezembro de 2012), «O que é inovar no Bordado Madeira?», *Inews - Newsletter do Instituto do Vinho, do Bordado e do Artesanato da Madeira*, n.º 6, Funchal, IVBAM, pp. 33-38.

IVBAM (Julho de 2013), «Entrevista – José Barreto», *Inews - Newsletter do Instituto do Vinho, do Bordado e do Artesanato da Madeira*, n.º 7, Funchal, IVBAM, pp. 36-41.

JARDIM, Leandro (4-01-2007a), *Definição do estilo do bordado da Ilha da Madeira*. (cedido pelo IVBAM).

JARDIM, Leandro (s/d.a), *Desenho para bordados*, IBTAM- Departamento Técnico Sector do Bordado (cedido pelo IVBAM).

JARDIM, Leandro (s/d.b), *Elucidário dos pontos mais usuais nos Bordados da Madeira (texto policopiado)*.

JARDIM, Leandro (s/d.c), *Informes básicos sobre os bordados da Ilha da Madeira*, IBTAM- Departamento Técnico Sector do Bordado (cedido pelo IVBAM).

JARDIM, Leandro (3-01-2007b), *Introdução à definição do Bordado da Ilha da Madeira*. (cedido pelo IVBAM).

LAROUSSE (1994), *Nova Enciclopédia Larousse*, Círculo de Editores, Lda e Larousse, (baseado no Nouveau Larousse Encyclopédique de 1994).

LINO, Luís Sena (2 a 8-7-2000), «Os meandros do bordado», *Revista Diário de Notícias*, Funchal, p. 5.

MARTINS, Ana Correia (7-6-2002), «Memórias bordadas», *Diário de notícias (supl. Fim de semana)*, Funchal, p. 4-5.

MATEUS, Maria Helena (org.), XAVIER, Maria Francisca (org.), (s/d), *Dicionário de Termos Linguísticos - Volume 1*, Lisboa, Edições Cosmos.

MENDES, Gonçalo (Julho de 1997), «Borda, borda: ai borda rica filha», *Saber Madeira: magazine de informação*, n.º 2, pp. 34-41.

- MENESES, Carlos Azevedo de, SILVA, Padre Fernando Augusto da (1998), *Elucidário Madeirense A-E*, Funchal, Secretaria Regional de Turismo e Cultura, Direcção Regional dos Assuntos Culturais.
- OLIVEIRA, Sílvia (2-4-2000), «Bordado madeira em fase crucial: necessária uma modernização do sector», *Jornal da Madeira*, Funchal, pp. 10-11.
- PEREIRA, Fabíola, (7-12-1997), «Bordado Madeira reinou em desfile de moda», *Jornal da Madeira*, Funchal, p. 30.
- PERFEITO, Abílio Alves Bonito, *et al* (colaboradores), (2011), *Dicionário da Língua Portuguesa*, Porto, Porto Editora, p. 251.
- PESTANA, César A. (1985), *A Madeira Cultura e Paisagem*, Funchal, Editorial Eco do Funchal.
- PESTANA, Eduardo Antonino (1970), *Ilha da Madeira II – Estudos Madeirenses*, Funchal, Edição da Câmara Municipal do Funchal.
- PESTANA, Elisabeth Aurora Gundersen (1954), *Subsídios para o Estudo da Linguagem dos Bomboteiros (Funchal)*, Dissertação para licenciatura em Filologia Romântica, Universidade de Lisboa, Lisboa, Portugal.
- REBELO, Helena (2014), «Património Linguístico Madeirense: alguns Aspectos Lexicais, Fonéticos, Morfológicos e Sintácticos», MARCOS DE DIOS, Ángel (Ed.), *La Lengua Portuguesa, VOL. II Estudios Lingüísticos*, Salamaca, Ediciones Universidad de Salamanca, pp. 627-647.
- (s/a) (24-2-1990), «Aprovada em comissão: legislação para preservar qualidade e autenticidade do bordado da Madeira», *Diário de Notícias*, Funchal, p. 12.
- (s/a) (4-9-1993), «Bordado madeirense com mais qualidade: Uma graxa para estampagem do bordado, agora inventada, vai contribuir para melhorar o produto final.» *Jornal da Madeira*, Funchal, p. 4.
- (s/a) (2015a), «Ancião 'Garanito' Ganhou a vida a bordar», *Jornal da Madeira*, Funchal, p. 12.
- SANTOS, Laura (Maio de 2003), *A enciclopédia da agulha* (6ª edição), Moderna Editorial Lavoires.

SANTOS, Marisa (2-6-2002), «Preservação de uma herança: simbologia de uma indústria», *Jornal da Madeira*, Funchal, p. 21.

SANTOS, Victorino José dos (1907), *Boletim do trabalho industrial nº5*. Bordados Madeirenses, Funchal.

SAUSSURE, Ferdinand de (1971), *Curso de Linguística Geral*, Lisboa, Publicações Dom Quixote. (8.^a edição Junho de 1999) (Tradução de José Victor Adragão. Título original: Cours de Linguistique Générale).

SILVA, António Carvalho da (1994), *Das partes da gramática às componentes da descrição linguística*, Funchal.

SILVA, António Zacarias Gomes da (1982), *Bordados e tapeçarias da Madeira: estrutura, evolução económica e problemas do sector (Relatório de Setembro de 1982)*, Funchal.

SILVA, Lúcia M, (8-02-2011), «Bordado Madeira sofreu quebra de 17 por cento: em 2010 as vendas diminuíram, representando contudo um volume de negócios na ordem das 1.3 milhões de Euros», *Jornal da Madeira*, Funchal, p. 11. (Consultado no Dossier temático da Biblioteca Pública Regional- “Bordado Madeira”).

SOLEDADE, Maria da (1957), *Os Bordados da Madeira - “viagem ” numa fábrica de bordados*, Funchal, Editorial Eco do Funchal.

SOUSA, Luís de (1950), *Dizeres da Ilha da Madeira – Palavras e Locuções*, Funchal, edição Casa Figueira.

VERÍSSIMO, Nelson (19-10-1997), «Passos na Calçada: Borda, borda...», *Revista Diário*, p. 11.

VIEIRA, Alberto (12-10-2001), Lágrimas correndo mundo: o bordado Madeira, *Diário de Notícias*, Funchal, p. 20.

VIEIRA, Alberto (2006), *Bordado da Madeira*, Funchal, Bordal- Bordados da Madeira.

VIEIRA, Alberto (2007), *Madeira Embroidery*, Funchal, Bordal- Bordados da Madeira.

VIEIRA, Guida (2010), *Memórias de uma missão cumprida*, Funchal, UMAR (União de Mulheres, Alternativa e Resposta).

VILELA, Mário (1994), *Estudos de Lexicologia do Português*, Coimbra, Almedina.

LEGISLAÇÃO CONSULTADA

Convenções Colectivas de Trabalho de 3 de Março de 2003. *Jornal Oficial Número 5 Série III*. Direcção Regional do Trabalho. Secretaria dos Recursos Humanos.

Decreto-lei n.º 25:643 de 20 de Julho de 1935. *Diário do Governo n.º 166 - I Série*. Ministério do Comércio e Indústria.

Decreto-lei n.º 29:241 de 08 de Dezembro de 1938. *Diário do Governo n.º 284/38 - I Série*. Ministério do Comércio e Indústria.

Decreto-lei n.º 45080, de 20 de Junho de 1963. *Diário do Governo n.º 144 - I Série*. Ministério das Obras Públicas.

Decreto-lei n.º 443/74 de 12 de Setembro de 1974. *Diário do Governo n.º 213 - I Série*. Ministério da Economia.

Decreto Regional 2/77/M de 3 de Março de 1977. *Diário da República n.º 52 - I Série*. Assembleia Regional da Madeira.

Decreto Legislativo Regional 23/90/M de 14 de Agosto. *Diário da República n.º 223 - I Série*. Assembleia Legislativa Regional. Região Autónoma da Madeira.

Decreto Legislativo Regional n.º 7/91/M de 15 de Março. *Diário da República n.º 171 - I Série A*. Assembleia Legislativa Regional. Região Autónoma da Madeira.

Decreto Legislativo Regional n.º 14/91/M de 18 de Junho. *Diário da República n.º 137 - I Série A*. Assembleia Legislativa Regional. Região Autónoma da Madeira.

Decreto Legislativo Regional n.º 11/92/M de 21 de Abril. *Diário da República n.º 93 - I Série A*. Assembleia Legislativa Regional. Região Autónoma da Madeira.

Decreto Legislativo Regional n.º 12/93/M de 23 de Julho. *Diário da República n.º 171 - I Série A*. Assembleia Legislativa Regional. Região Autónoma da Madeira.

Decreto Legislativo Regional n.º 22/98/M de 18 de Setembro. *Diário da República n.º 216 - I Série A*. Assembleia Legislativa Regional. Região Autónoma da Madeira.

Decreto Legislativo Regional n.º 18/2006/M de 29 de Maio. *Diário da República n.º 103 - I Série A*. Assembleia Legislativa. Região Autónoma da Madeira.

Decreto Regional n.º 9/78/M de 1 de Março. *Diário da República n.º 50 - I Série*. Assembleia Regional. Região Autónoma da Madeira.

Decreto Regional 7/78/M de 28 de Fevereiro. *Diário da República n.º 49 - I Série*. Assembleia Regional da Madeira. Região Autónoma da Madeira.

Decreto Regulamentar Regional 11/86/M de 28 Junho. *Diário da República n.º 146 - I Série*. Governo Regional- Região Autónoma da Madeira.

Decreto-lei n.º 479/73 de 27 de Setembro. *Diário do Governo n.º 227 - I Série*. Ministério das Corporações e Previdência Social.

Decreto legislativo Regional n.º 2/97/M de 13 de Março. *Diário da República n.º 61 - I Série A*. Assembleia Legislativa Regional. Região Autónoma da Madeira.

Decreto Legislativo Regional n.º 25/2004/M de 20 de Agosto. *Diário da República n.º 196 - I Série A*. Assembleia Legislativa Regional. Região Autónoma da Madeira.

Despacho DD4794 de 13 de Setembro de 1973. *Diário do Governo n.º 224- I Série*. Ministério da Economia.

Estatutos – Sindicato Livre dos Empregados e Operárias da Indústria de Bordados da Madeira, de 2 de Julho de 1976. *Diário da República n.º 153 - III Série*. 3.ª Repartição da Direcção-Geral do Trabalho.

Lei n.º 55/90 de 5 de Setembro. *Diário da República n.º 205 - I Série*. Assembleia da República.

Lei n.º 43/96 de 3 de Setembro. *Diário da República n.º 204 - I Série A*. Assembleia da República.

Lei n.º 14/98 de 20 de Março. *Diário da República n.º 67 - I Série A*. Assembleia da República.

Organizações de trabalho, de 1 de Setembro de 1998. *Jornal Oficial n.º 17 - III Série*. Secretaria Regional dos Recursos Humanos. Direcção Regional do Trabalho.

Portaria n.º 775/73 de 8 de Novembro. *Diário do Governo n.º 261 - I Série*. Ministério das Corporações e Previdência Social.

Portaria n.º 42/78 de 3 de Julho. *Jornal Oficial da Região Autónoma da Madeira n.º 16 - I Série*. Secretarias Regionais dos Assuntos Sociais e Saúde e do Planeamento e Finanças.

Portaria n.º 83/79 de 13 de Agosto. *Jornal Oficial da Região Autónoma da Madeira n.º 24 - I Série*. Secretarias Regionais dos Assuntos Sociais e Saúde e do Planeamento e Finanças.

Portaria n.º 121-A/2013 de 23 de Dezembro. *Jornal Oficial da Região Autónoma da Madeira n.º 179 - I Série*. Secretarias Regionais do Ambiente e Recursos Naturais e da Educação e Recursos Humanos.

Resolução n.º 2137/86 de 6 de Novembro. *Jornal Oficial da Região Autónoma da Madeira n.º 40 - I Série*. Presidência do Governo Regional.

Resolução da Assembleia Legislativa Regional n.º 21/96/M de 5 de Setembro. *Diário da República n.º 206 I Série B*. Assembleia Legislativa Regional.

Resolução do Conselho de Ministros de 27 de Junho de 1975. *Diário da República n.º 146/75 - I Série*. Presidência do Conselho de Ministros.

Reunião Plenária de 2 de Outubro de 1997 (2.ª Sessão Legislativa 1996-1997). *Diário da Assembleia da República n.º 110 - I Série*. Assembleia da República.

RECURSOS DA WEB

Câmara Municipal da Ribeira Brava (s/d), Artesanato da Ribeira Brava [em linha], *Câmara Municipal da Ribeira Brava Web site*, Acedido em Junho 1, 2015, em <http://tinyurl.com/o83vnzj>.

CAPUTO, Ângelo Renan A. (s/d) Sociolinguística – A Língua e as suas Variações, Acedido em Março 28, 2015, em <http://www.ulbra.br/letras/files/sociolinguistica-a-lingua-e-suas-variacoes.pdf>.

COELHO, Izete Lehmkuhl, GÖRSKI, Edair Maria, MAY, Guilherme Henrique, SOUZA, Christiane Maria Nunes de (2012), Sociolinguística, Florianópolis, Universidade Federal de Santa Catarina/ LLV/ CCE/ UFSC, Acedido em Março 28, 2015, em http://ppglin.posgrad.ufsc.br/files/2013/04/Sociolingu%C3%ADstica_UFSC.pdf.

Dicionário Aurélio Beta [em linha], Acedido em Março 25, 2015, em <http://www.dicionariodoaurelio.com/bordadeira>.

Dicionário Priberam [em linha], 2008, Acedido pela última vez em Junho 1, 2015, em <http://www.priberam.pt/dlpo/Default.aspx>.

Direcção Regional de Estatística da Madeira (s/d), Estimativas da população residente (31 de dezembro), por distribuição geográfica e sexo, segundo os grupos etários, em 2014 [em linha], Direcção Regional de Estatística da Madeira *Web site*, Acedido em Julho 8, 2015, em <http://tinyurl.com/ofheepk>.

FIGUEIREDO, Cândido de (1913), Novo Dicionário da Língua Portuguesa, Acedido pela última vez em Junho 1, 2015, em <http://www.gutenberg.org/files/31552/31552-pdf.pdf>.

Grupo de Folclore da Casa do Povo da Ribeira Brava (s/d), Historial do Grupo de Folclore da Ribeira Brava [em linha], *Grupo de Folclore da Casa do Povo da Ribeira Brava Web site*, Acedido em Maio 22, 2015, em <http://folcloreribeirabrava.weebly.com/historial.html>.

Instituto do Vinho, do Bordado e do Artesanato da Madeira (s/d), Bordado Madeira desde 1850 [em linha], *Instituto do Vinho, do Bordado e do Artesanato da Madeira (IVBAM) Web site*, Acedido pela última vez em Maio 19, 2015, em <http://www.bordadomadeira.pt/pt/>.

KLUT, Ana Teresa de Macedo (2003), *Economuseu - Casa de Bordados*. Dissertação de Mestrado, Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, Lisboa, Portugal, Acedido pela última vez em Abril 14, 2015, em http://www.museologia-portugal.net/files/upload/mestrados/ana_klut.pdf.

MADEIRIL, Bravilio (2000), Baile das Bordadeiras – Grupo Folclórico da Casa do Povo da Ribeira Brava [em linha], youtube *Web site*, Acedido em Julho 10, 2015, em <https://www.youtube.com/watch?v=O00w6cUNaD8>.

PELICANO, SARA (27-04-2011). Funchal - ponto a ponto dando vida ao bordado da madeira [em linha]. Café Portugal. Acedido em Dezembro 01, 2014, em HTTP://WWW.CAFEPORUGAL.PT/PAGES/SITIOS_ARTIGO.ASPX?ID=3430.

REBELO, Helena (2012-2013) “Um Património Linguístico em Vias de Extinção ou a Sabedoria Linguística dos Idosos Analfabetos: o Arado, o Carro de Bois e o Linho” in *Confluência*, Revista do Instituto de Língua Portuguesa, ISSN 1415-7403, nº 43 – 2º

semestre de 2012 – Rio de Janeiro,105-135. Acedido em Março 26, 2015, em <http://lp.bibliopolis.info/confluencia/pdf/659.pdf>.

RTP Arquivo (27-10-1978), As Bordadeiras da Madeira [em linha]. RTP Arquivo. Acedido em Dezembro 16, 2014, em <http://www.rtp.pt/arquivo/index.php?article=138&tm=30&visual=4>.

RTP (28-11-2013), Bordadeiras da Madeira têm profissão de desgaste rápido [em linha], SapoVideos. Acedido em Dezembro 1, 2014, em <http://videos.sapo.pt/GQJuy6bs1LwzQnHUm3GP>.

(s/a) (s/d), Património Cultural Imaterial [em linha]. Comissão Nacional da UNESCO – Ministério dos Negócios Estrangeiros. Acedido em Março 26, 2015, em <http://www.unescoportugal.mne.pt/pt/temas/proteger-o-nosso-patrimonio-e-promover-a-criatividade/patrimonio-cultural-imaterial.html>.

(s/a) (2015b), «Ancião 'Garanito' viveu toda a vida do Bordado Madeira», Diário de Notícias, Acedido em Fevereiro 1, 2015, em <http://www.dnoticias.pt/actualidade/madeira/495906-anciao-garanito-viveu-toda-a-vida-do-bordado-madeira>.

SANTOS, Teresa Catarina dos (2005), *O Bordado Madeira: O processo criativo do bordado madeirense*. Dissertação de Mestrado, Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, Lisboa, Portugal. Acedido pela última vez em Maio 19, 2015, em http://www.museologia-portugal.net/files/upload/mestrados/teresa_santos_1.pdf.

SILVA, Paulo Fernando Teles de Lemos e (2006) “*Bordados Tradicionais Portugueses*”. Dissertação de Mestrado, Universidade do Minho, Portugal. Acedido pela última vez em Abril 14, 2015, em https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/6723/1/TESE_PAULO.pdf.

SILVA, P^e Fernando Augusto da (1950), Vocabulário Madeirense, Funchal, Edição da Junta Geral do Funchal. Acedido pela última vez em Maio 6, 2015, em <http://www.bprmadeira.org/imagens/documentos/File/bprdigital/ebooks/VocPopularMadd.pdf>.

UNESCO (16-11-1972), Convenção para a Protecção do Património Mundial, Cultural e Natural, Acedido em Março 27, 2015, em <http://whc.unesco.org/archive/convention-pt.pdf>.

UNESCO (17-10-2003), Convenção para a Salvaguarda do Património Cultural Imaterial. Acedido em Março 27, 2015, em <http://www.unesco.org/culture/ich/doc/src/00009-PT-Portugal-PDF.pdf>.

VIEIRA, Alberto (1999), O Bordado da Madeira- Na história e quotidiano do arquipélago, Funchal, Acedido pela última vez em Março 27, 2015, em <http://pt.calameo.com/read/0000104921244b56f0bc3>.

VIEIRA, Alberto (2004), *O Bordado da Madeira*, Funchal, CEHA-Biblioteca Digital, Acedido pela última vez em Março 27, 2015, disponível em: <http://pt.calameo.com/read/000010492a029eae76f16>.